

COISAS QUE DIFEREM

OS FUNDAMENTOS DO DISPENSACIONALISMO

C. R. STAM

PREFÁCIO

Homens de Deus como Darby, Scofield e Larkin deram já passos largos no estudo dispensacional da Bíblia, mas seria um erro supor, como alguns parecem crer, que o assunto já se encontra esgotado, pois no “dividir (ou, dividir) bem a Palavra da verdade” o campo é tão vasto como a própria Bíblia em si. Na verdade, com o passar dos anos tem-se grandemente sentido a necessidade dum outro livro sistemático sobre dispensacionalismo, ao tornar-se evidente que os escritos populares que existem actualmente sobre o assunto são insuficientes pelo menos num aspecto significativo; nomeadamente, na sua falha em apresentar clara e *consistentemente* o carácter distinto da mensagem e ministério de Paulo, como o apóstolo da presente dispensação.

A maioria dos nossos ensinadores da Bíblia tem visto, ainda que *num grau limitado*, a distinção entre o ministério de Paulo e o dos doze, mas tem ensinado *ao mesmo tempo* que Paulo laborou sob a chamada “grande comissão” dada aos outros apóstolos, que a igreja desta dispensação principiou em Pentecostes com Pedro e os onze, que “o evangelho da graça de Deus” foi proclamado antes de Paulo, etc. ... Esta falha na compreensão plena do carácter distinto do apostolado de Paulo tem contribuído muito para a confusão que existe entre os crentes fundamentalistas e tem deixado ainda muita coisa para ser clarificada pelos que desejam “a plenitude da inteligência (ou, a plena certeza da compreensão)”.

A redescoberta do lugar especial de Paulo no programa de Deus, e a ênfase cada vez maior colocada nos últimos anos sobre o que ele chama de “*o meu Evangelho, e a pregação de Jesus Cristo segundo a revelação do mistério*” tem proporcionado ao povo de Deus a chave para muitos problemas que, por terem estado tanto tempo sem resposta, causaram as grandes conferências dispensacionais bíblicas de há uma geração e que depois quase desapareceram.

No estudo das dispensações deleitamo-nos com a verdadeira *análise* bíblica. Por assim dizer, tomamos o Livro à parte,¹ não para pôr *algo* de

¹ Manejar (ou dividir) bem” em II Tim. 2:15 significa *cortar direito*.

parte, mas para examinar as suas partes separadas e notar as diferenças.

Mas também nos deleitamos com a verdadeira *síntese* bíblica no estudo das dispensações e ao vermos a harmonia perfeita de toda a Palavra de Deus. Muitas escolas bíblicas anunciam cursos de síntese bíblica que na realidade se resumem apenas a breves sumários dos sessenta e seis livros da Bíblia. Tais cursos deviam ser caracterizados como *sinopses* e não como sínteses. A síntese bíblica é um estudo sistemático do *desenrolar progressivo* da revelação de Deus e do *desenvolvimento* dos Seus tratos com os homens, como também da *unidade do Seu propósito* nesses tratos. É um estudo das dispensações *na sua relação mútua*. Assim, nenhum estudo que negue ou ignore a doutrina das dispensações é verdadeiramente síntese bíblica.

O presente volume não trata das dispensações consecutivamente mas antes do dispensacionalismo na sua relação com a mensagem e o programa de Deus para os nossos dias. Em algumas citações bíblicas são usadas letras maiúsculas para serem enfatizadas relações que doutro modo poderiam ser olvidadas. Apesar de fazermos frequentemente citações parciais de versículos, não as usamos, assim esperamos, em violação do seu verdadeiro sentido à luz dos seus contextos. São usados liberalmente sub-cabeçalhos para ajudar a clarificar os pensamentos e no fim de cada capítulo temos acrescentada uma lista de vinte perguntas como ajuda adicional aos estudiosos da Bíblia a fim de considerarem e reterem o que lêem.

Reconhecemos cheios de gratidão a ajuda de outros na preparação deste volume. Três deles apresentaram críticas *doutriniais*: Charles F. Baker de Milwaukee e Donald Elifson de Chicago; ambos bem qualificados para tratarem de assuntos dispensacionais, e J. C. O'Hair de Chicago, que provavelmente mais contribuiu para o restabelecimento da verdade dispensacional que qualquer outro nos nossos dias. É claro que com isto não implicamos que estes irmãos sancionaram necessariamente todos os detalhes deste volume como agora aparece, mas as suas críticas foram consideradas em espírito de oração e muitas das suas sugestões foram aceites.

Apesar de termos procurado tornar este livro tão compreensivo quanto possível, não se deve presumir daí que ele seja exaustivo, pois como já dissemos, o campo do estudo dispensacional é tão vasto como a própria Bíblia. Talvez ainda antes do Senhor vir arrebatá-los, o Espírito ilumine os corações e mentes de outros para verem o que nós não vimos e outros escritores melhorem e aperfeiçoem o que aqui foi escrito.

Ao publicarmos estes estudos oramos humildemente para que eles sejam para o leitor, um contributo substancial para a compreensão e gozo das Escrituras, e uma ajuda distinta no seu serviço para Cristo.

À medida que os dias se tornam cada vez mais negros possa Deus conduzir-nos a todos a um maior entendimento da Sua verdade de modo a podermos ser usados mais inteligente e eficazmente, “para a glória da Sua graça”.

CORNELIUS R. STAM

Milwaukee, Wisconsin
1 de Fevereiro de 1951

INTRODUÇÃO

DIVIDINDO BEM A PALAVRA DA VERDADE

“Procura (ou estuda para) apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem que se envergonhar, que maneja (ou divide) bem a Palavra da verdade” - II Timóteo 2:15

* * * *

Os que procuram ensinar a Palavra de Deus, dividindo-a bem, deparam frequentemente com a contestação de que *“Toda a Escritura é divinamente inspirada e é proveitosa ...”* (II Tim. 3:16). Com a citação desta passagem pretende-se afirmar que a divisão da Bíblia em dispensações e a ênfase dada às diferenças entre si constitui uma desonra para Deus, uma vez que, de Génesis 1 a Apocalipse 22, *tudo* o que ali se encontra é para nós.

Significará então isso que II Tim. 2: 15 e II Tim. 3:16 se contradizem? Decerto que não. O facto é que os dois versículos, escritos apenas com um intervalo de escassos parágrafos pelo mesmo autor, à mesma pessoa e no mesmo Livro, *completam-se* mutuamente. II Tim. 3:16 declara que *toda* a Bíblia foi dada para proveito do obreiro de Deus, enquanto que II Tim. 2:15 explica *como* esse proveito pode ser obtido por ele. Toda a Escritura é de facto proveitosa quando “bem manejada (ou, dividida)”, porém, quando é mal dividida ou nem dividida é, a verdade é transformada em mentira e torna-se *improfícua*, isto é, *nada* proveitosa. Assim, II Tim. 2:15 é a chave para II Tim. 3:16 e para a compreensão e gozo da Palavra da verdade.

A grande dificuldade jaz no facto de a maioria dos crentes se furtar ao *esforço* envolvido no *estudo* das Escrituras que tem em vista a sua divisão correcta. E, infelizmente, os seus líderes espirituais encorajam-nos muitas vezes na sua letargia.

Há alguns anos ouvimos um pregador exclaimar: “Alguns dizem, ‘Isto é para o Judeu e aquilo é para a Igreja’. Eu tomo a Bíblia *total*!”

Queria ele dizer com isso que nós não deveríamos distinguir entre o programa de Deus para Israel nos tempos do Velho Testamento e o

Seu programa para o Corpo de Cristo nos nossos dias? Certamente que não, mas deu a entender isso. Quereria com isso dizer que os que *dividem* assim a Palavra de Deus *não* crêem em toda a Bíblia? Não, mas deu essa impressão. Ele desencorajou os seus ouvintes do empenho e do esforço na divisão correcta da Palavra da verdade, ao dar a entender que os que assim fazem, rejeitam partes da Bíblia como não sendo para eles. E este pregador era representante de um grande número de líderes espirituais na Igreja hodierna!

Será de admirar que a maioria dos crentes use a Bíblia meramente para leitura devocional, negligenciando muitas vezes mesmo isso? Como se pode esperar que tenham interesse no *estudo* das Escrituras quando os seus próprios líderes falham em ser o exemplo? Basta olhar à volta para se ver isso. Onde estão os ensinadores bíblicos do passado? O que é que aconteceu às grandes conferências bíblicas do passado, que se faziam por todo o globo? Quantos pregadores *ensinam* a Palavra de Deus às suas congregações? E os missionários e evangelistas? Não há actualmente um sentimento difundido por toda a parte de que eles não necessitam de estudar demasiado a fundo as Escrituras, uma vez que “a tarefa deles é ganhar almas”?

Como resultado, a grande maioria dos crentes *compreende*, na realidade, muito pouco da Palavra de Deus. Conhecem os factos básicos da salvação, mas parecem bastante satisfeitos em permanecer ignorantes quanto às verdades preciosas que, examinadas, fariam deles *obreiros* aprovados por Deus, não necessitando de se envergonharem do seu serviço para Ele.

Mas, em vez de *estudarem* até atingirem uma melhor *compreensão* da Palavra de Deus, e de se tornarem hábeis no seu *uso*, muitos vangloriam-se de estarem satisfeitos com “as coisas simples”!

E isto, depois de Paulo ter orado fervorosamente para que os crentes tivessem o espírito de *sabedoria* e *revelação* no *conhecimento* de Cristo (Ef. 1:17), para que *conhecessem* o que era seu em Cristo (Ef. 1:18-23) e *compreendessem* a sua largura e comprimento e profundidade e altura! (Ef. 3:18). Isto, depois de todo o seu *labor* e *conflito* e *luta* para que tivessem “*a plenitude da inteligência* (ou *a completa certeza do conhecimento*)”! (Col. 1:28 - 2:2). Isto, depois de todas as suas orações para que fossem “*cheios do conhecimento* da Sua vontade, em toda a

sabedoria e inteligência espiritual (Col. 1:9). Isto, depois da sua repreensão aos bebés carnisais a quem ele só podia pregar Cristo *crucificado*, e nada mais; e a quem ele teve de alimentar somente com leite, porque não podiam digerir alimento sólido! (I Cor. 2-3).

Muitas vezes os crentes indolentes consideram-se bastante espirituais, meramente porque as suas orações afloram facilmente à flor da pele. Vangloriam-se no seu contentamento com “as coisas simples”, quando deviam envergonhar-se da sua indiferença para com a Palavra escrita. Clamam ter grande devoção para com Deus, mas negligenciam o único meio de O conhecer melhor. Professam ter fé fervorosa n’Ele, mas dificilmente descobrem o *que Ele lhes disse precisamente*. Não meditam, como David, na Palavra de Deus, dia e noite, nem como os profetas que “inquiriam e tratavam diligentemente” quanto ao seu verdadeiro significado.

Os resultados desta atitude para com a Palavra de Deus são aterradores, pois embora tal atitude possa levá-los a confiarem em Cristo para a salvação, condu-los a exercitarem, na maioria dos casos, uma fé cega, supersticiosa, que só pode desonrar a Deus. Os *sentimentos* são tomados por *factos* e os seus próprios *desejos* pela *Palavra* de Deus. Tomam uma direcção errada dizendo, “Mas eu orei fervorosamente ao Senhor quanto a isso e agora sinto-me perfeitamente em paz”. Afirmam, “O Senhor falou-me”, e referem-se a algum *sentimento* em vez de se referirem a alguma passagem das Escrituras consistentemente aplicada. Dizem descuidadamente, “Se se encontra na Bíblia, creio”, mas quando lêem a Bíblia tomam para si somente o que excita os seus corações, sem aplicarem o resto, e não sabendo exactamente porquê.

Mas os que se vangloriam no seu contentamento com “as coisas simples” e se opõem ao estudo dispensacional da Bíblia, na base de que toda ela é para nós, têm certamente ignorado o facto de que todas as Escrituras foram dadas para que o *homem* de Deus fosse *perfeito e perfeitamente instruído para a Sua obra*. (Ver II Tim. 3:17).

Existe uma grande diferença entre o “filho (menino) de Deus” e o “*homem* de Deus”, e ninguém que permaneça menino na verdade pode ser aprovado como *obreiro* para Deus ou como *soldado* de Jesus Cristo, pois os obreiros que Deus aprova devem saber como manejar

bem a Palavra da verdade e os soldados que Ele honra devem saber como empunhar a Espada do Espírito.

Simpatizamos com os que têm *começado* a estudar a Bíblia dispensacionalmente e têm ficado confusos. No seu início, o estudo de quase todas as coisas é confuso, mas quando há perseverança da nossa parte, começamos a *compreender* e a colher os frutos do nosso trabalho. Na verdade, para qualquer pessoa inteligente, as Escrituras continuam a ser confusas até que se aprenda a manejá-las ou dividi-las e a *compreendê-las* bem. E que gozo se pode comparar ao ter a compreensão mais plena da Palavra de Deus?

A respeito do grande reavivamento espiritual no tempo de Esdras, quando a lei foi lida e explicada ao povo de Israel, está escrito o seguinte:

“Então todo o povo se foi a comer, e a beber, e a enviar porções, e a fazer grandes festas; PORQUE ENTENDERAM AS PALAVRAS QUE LHES FIZERAM SABER” (Neem. 8:12).

Na manhã da ressurreição, dois discípulos iam a caminho de Emaús, cansados e com o coração partido porque o Seu Mestre tinha sido crucificado. Eles não compreendiam que segundo a Palavra profética Ele *devia* sofrer e morrer antes de entrar na glória. Então, sem que se desse a conhecer, o Senhor Jesus aproximou-se deles e explicou-lhes isso pelas Escrituras até eles entenderem, crerem e se regozijarem.

“E disseram um para o outro: PORVENTURA NÃO ARDIA EM NÓS O NOSSO CORAÇÃO QUANDO, PELO CAMINHO, NOS FALAVA, E QUANDO NOS ABRIA AS ESCRITURAS?” (Lucas 24:32).

O estudo dispensacional da Bíblia pode, no início, parecer confuso, mas na realidade ele dissipa toda a confusão, explica problemas difíceis, reconcilia aparentes contradições e confere poder ao ministério do crente.

Se entrássemos no interior duma moderna Repartição Postal dos Correios nos Estados Unidos, sem dúvida que parecer-nos-ia tudo bastante confuso. Porém, seria um erro sugerir a acumulação de toda a correspondência num canto e dividi-la indistinta e promiscuamente,

distribuindo-a a todos os que a viessem buscar como alguns fazem com a Bíblia. Os empregados da Repartição “dividem bem” a correspondência na sua distribuição e, deste modo, cada pessoa recebe o que lhe foi dirigido a si. O que aparenta ser confuso para o principiante, não é senão uma simplificação da obra a ser feita de maneira a que cada pessoa obtenha a sua própria correspondência privada.

Embora na Bíblia, aquilo que foi dirigido aos de outras dispensações nos seja dado para nossa instrução e proveito, não devemos confundir isso com a nossa correspondência particular ou cometer o erro de tomar a peito instruções dirigidas a outros.

Enquanto eu leio a correspondência que me é dirigida a mim, um amigo meu pode pôr na *minha* mão, para meu interesse ou informação, a correspondência que lhe é dirigida a *ele*. A sua correspondência e a minha podem conjuntamente servir de informação e de proveito; todavia, devo ter cuidado em não confundir as duas, esperando receber coisas que foram prometidas apenas a ele ou tomar a peito instruções que lhe foram dirigidas.

Assim, toda a Bíblia é *para* nós, mas nem toda é dirigida a nós ou escrita acerca de nós, e se queremos realmente compreendê-la e gozá-la e saber como usá-la eficazmente no serviço para Cristo, devemos ter sempre o cuidado em notar quem está a escrever, a quem, o quê, quando, e porquê.

CAPÍTULO 1

OS PRINCÍPIOS E AS DISPENSAÇÕES DE DEUS

Uma das primeiras lições que todo aquele que estuda a Bíblia deve aprender é a diferença entre os princípios e as dispensações de Deus.

Os oponentes ao dispensacionalismo têm-nos acusado muitas vezes, afirmando por exemplo, que nós ensinamos que sob o Velho Testamento os homens eram salvos pelas obras da lei, enquanto que hoje são salvos pela graça por meio da fé.

Esta acusação é pelo menos ilusória, pois nenhum dispensacionalista inteligente ensinaria que as obras da lei *em si mesmas* pudessem salvar, ou mesmo ajudar a salvar alguém.

Nós compreendemos com clareza que *“nenhuma carne será justificada diante de Deus pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado”* (Rom. 3:20). Nem sequer supomos que as obras da lei cerimonial tenham qualquer poder essencial para salvar. Não nos temos esquecido que as Escrituras também ensinam que *“é impossível que o sangue dos toiros e dos bodes tire os pecados”* (Heb. 10:4).

Não alimentamos quaisquer ilusões quanto à incapacidade total do homem em agradar a Deus pelas obras *como tal*, em qualquer época. O homem tem sido sempre salvo essencialmente pela graça de Deus, por meio da fé. Não poderia haver outro modo de ser salvo. Este é um princípio fixo o qual Hebreus 11 testemunha repetidas vezes e que deveria ser clarividente para aqueles que aceitam como factos a depravação total do homem e a infinita santidade de Deus.

Porém isto não altera o facto de que o modo de Deus tratar com os homens e os termos de aceitação estabelecidos por Ele têm sido mudados repetidas vezes através dos séculos e que a fé n'Ele seria portanto expressa de modos diferentes. Hebreus 11 também testemunha consistentemente este facto.

É mais do que certo que a fé nos aproxima de Deus, segundo o Seu plano, em qualquer altura, e procurar ganhar a Sua aceitação doutro modo certamente que seria *incredulidade* e egoísmo. Assim, apesar

das obras nunca terem salvo nem poderem salvar *como tal*, puderam uma vez salvar como *expressões de fé*.

OS PRINCÍPIOS DE DEUS

Um *princípio*, como em cima usámos a palavra, é uma regra fixa de moralidade ou de conduta. Nós respeitamos os homens de princípios; homens que se levantam pela verdade custe o que custar. Certamente que Deus possui os mais elevados princípios e nunca se desvia deles. Ele sempre odiou e odiará o pecado. O pecado sempre foi e sempre será contrário à Sua natureza santa. Nunca em qualquer época este facto se verificou duma forma mais acentuada que noutra. Semelhantemente Deus sempre se deleitou e sempre se deleitará na justiça, na misericórdia e no amor. Deus nunca se desviou, nem se desviará no mais leve grau, destes princípios.

O *princípio* da lei, ou de justiça, por exemplo, tem continuado imutável ao longo dos séculos. Em qualquer dispensação, quando o erro é cometido, o sentido de *justiça* é ofendido. Isto pode ser demonstrado duma forma simples por três exemplos bíblicos:

Caím viveu *antes* da dispensação da lei dispensada por Moisés. Caím matou o seu irmão Abel. Estava isto certo ou errado? Será que ele se meteu em dificuldades devido a isso? É claro que sim, embora a lei escrita não tivesse sido ainda dada.

David viveu *sob* a lei de Moisés. Ele também cometeu homicídio. Estava isto certo ou errado? Errado, certamente, e ele também se meteu em dificuldades devido a isso.

Tu e eu vivemos *depois* da lei, sob a dispensação da graça. Suponhamos que cometíamos o acto de homicídio. Estaria isso certo ou errado? Meter-nos-íamos em dificuldades - *com Deus*? O facto de Cristo ter levado sobre si os nossos pecados no Calvário tornará o homicídio menos errado? Contemplará Deus esse acto como menos pecaminoso porque ocorreu sob a dispensação da graça?

Talvez digas, actualmente para o verdadeiro crente a plena condenação legal do pecado foi suportada por Cristo, e, ainda que o não soubesse, David também foi perdoado na base desse fundamento. Mas o mesmo facto de que os pecados de David e os nossos foram *pagos*, em vez de passados por alto não prova que os princípios da lei e da justiça permanecem fixos?

O princípio da graça é igualmente imutável. Isso pode ser demonstrado duma forma igualmente simples por meio duma passagem bíblica: Romanos 4:1-6:

Abraão viveu antes da dispensação da lei. Como foi ele justificado? “Abraão creu a Deus e isso lhe foi imputado como justiça” (Rom. 4:3).

David viveu sob a lei. Como foi ele justificado? “Assim também David declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras” (Rom. 4:6).

Tu e eu vivemos depois da lei, sob a dispensação da graça. Como somos nós justificados? “Aquele que não pratica, mas crê n’Aquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça” (Rom. 4:5).

Ora nos casos de Abraão e de David, as obras eram *requeridas* para a salvação; enquanto que no nosso caso as obras para a salvação são claramente *proibidas*; ainda assim e apesar de tudo as passagens acima citadas evidenciam com clareza que Abraão, David e nós fomos *todos salvos essencialmente* pela graça por meio da fé e que as obras *como tais* nunca tiveram *em si* qualquer valor salvador.

AS DISPENSAÇÕES DE DEUS

O QUE É UMA DISPENSAÇÃO?

Enquanto os princípios de Deus têm a ver com o Seu *carácter*, com a Sua *natureza*, as dispensações de Deus dizem respeito às Suas *formas de tratar* com os que a Ele estão sujeitos, especialmente com o homem.

Muitas pessoas têm sido espantadas do dispensacionalismo devido ao comprimento da própria palavra, especialmente desde que alguns que

procuram dividir bem a Palavra de Deus têm sido rotulados de *Ultradispensacionalistas!* Contudo a raiz desta palavra enorme possui um significado muito simples, pois a palavra *dispensar* apenas quer dizer *distribuir*. A palavra *dispensação*, portanto, significa o *acto de dispensar ou de distribuir*, ou *aquilo que é dispensado ou distribuído*. Existem por exemplo *dispensários* médicos onde os medicamentos são *dispensados* aos pobres. Por vezes essas dispensações são conduzidas num dia particular de cada semana. Ora tal dispensação de medicamentos pode durar umas doze horas completas cada semana, porém isso não quer dizer que uma dispensação seja um período de doze horas! Ainda assim e apesar disso há alguns que quando pensam em dispensações não conseguem pensar em nada mais senão em períodos de tempo! Na verdade, um dos maiores ensinadores bíblicos da passada geração definiu uma dispensação como se segue: “Uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é provado no que respeita à obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus”.

Isso está incorrecto, pois uma dispensação *não* é um período de tempo, mas o *acto de distribuir* ou *aquilo que é distribuído*. O ensinador bíblico acima referido sem dúvida que queria dizer uma dispensação *cobre* um período de tempo.

A palavra *dispensação* não é um mero termo teológico. É muitas vezes usada na Bíblia, ainda que nem sempre seja assim traduzida. Em Efé. 3:2, por exemplo, Paulo escreve acerca da “*dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada*”. Precisamente como a dispensação da lei fora confiada a Moisés (João 1:17), a dispensação da graça de Deus foi confiada a Paulo.

O significado orgânico da palavra “*oikonomia*” - palavra original donde vem a palavra *dispensação* - é a *administração* ou *governo da casa*. Esta palavra é traduzida algumas vezes por *mordomia* na nossa versão. Isto é interessante porque a palavra *mordomo* (*oikonomos*), em vez de significar *servo*, como alguns supõem, significa antes *administrador* ou *governador da casa*. O mordomo era o *dirigente*, o *cérebro*, aquele em cujas mãos o governo da casa era depositado. Era ele que distribuía o dinheiro para as necessidades da casa, dispensava a comida e o vestuário para os servos e para as crianças, pagava os salários, etc. Tudo lhe estava entregue para que dispensasse sábia e

fielmente. Ele era o *dispenseiro* designado dos bens do seu senhor e dos negócios da casa.²

Deste modo lemos em Lucas 12:42:

“E disse o Senhor: Qual é pois o mordomo [*oikonomos*] fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a razão?”

Em Lucas 16:1-2 onde as palavras *oikonomos* e *oikonomia* são novamente traduzidas por *mordomo* e por *mordomia*, temos a mesma ideia:

“E dizia também aos Seus discípulos: Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens. E ele, chamando-o disse-lhe: Que é isto que ouço de ti? Dá contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo”.

Em I Cor. 9:16-17 esta mesma palavra é novamente traduzida por *dispensação*, e uma vez mais exprime o mesmo pensamento:

“Porque, se anuncio o evangelho não tenho de que me gloriar, pois ME É IMPOSTA ESSA OBRIGAÇÃO; e ai de mim se não anunciar o evangelho! E por isso se o faço de boa mente, terei prémio; mas, (mesmo) se de má vontade (EU DEVO FAZÊ-LO, pois) APENAS UMA DISPENSAÇÃO ME É CONFIADA”.

Notemos que em cada um desses casos a ideia de *responsabilidade* está envolvida. Foi um “mordomo *fiel e prudente*” que o Senhor procurou colocar sobre a Sua casa. O homem rico despediu o seu mordomo porque ele dissipou os seus bens. A responsabilidade pesava sobre Paulo porque “uma dispensação do evangelho” lhe tinha sido confiada.

Uma das passagens mais claras nesta relação é encontrada em I Cor. 4:1-2 onde o apóstolo Paulo diz:

² Eliezer e José eram mordomos deste tipo (Gén. 15:2; 24:2; 39:4).

“QUE OS HOMENS NOS CONSIDEREM COMO MINISTROS (SERVOS) DE CRISTO, E DISPENSEIROS DOS MISTÉRIOS DE DEUS. ALÉM DISSO, REQUER-SE NOS DISPENSEIROS DE DEUS QUE CADA UM SE ACHE FIEL”.

Mantenhamos claramente fixo nas nossas mentes este significado da palavra *dispensação*. Ao constataremos que uma dispensação envolve e denota mais *responsabilidade* que um mero período de tempo, se sinceramente desejarmos estar na vontade de Deus, procuraremos compreender com clareza e levar a cabo fielmente, a dispensação da graça de Deus que nos foi confiada.

MUDANÇAS NAS DISPENSAÇÕES DE DEUS

Deve ser evidente para o leitor menos atento das Escrituras que na queda do homem ocorreu uma grande mudança nos tratos de Deus com ele. Antes disso Adão e Eva tinham gozado comunhão ininterrupta com Deus, habitando na inocência extática, no belo jardim do Éden.

Porém agora tudo mudou. O pecado separara-os de Deus. Adão e Eva foram expulsos do jardim. Um profundo sentimento de vergonha passou a dominá-los, o qual, desde então, governaria grande parte das suas acções. Agora, envergonhados de aparecerem diante de Deus, como se encontravam, tiveram de se vestir. Adão tinha de ganhar a vida para si e para a sua família trabalhando arduamente, e Eva teria filhos com dor. Pior de tudo, o pecado entrara no mundo, e a morte pelo pecado. Certamente que tudo isto envolveu uma mudança nas responsabilidades dos homens para com Deus e com os outros.

Daqui em diante os tratos de Deus com os homens mudaram repetidas vezes. O Governo Humano foi instituído após o dilúvio, com Noé (Gen. 9:6), a dispensação da promessa começou com Abrão (Gen. 12:1-3), “a lei foi dada por Moisés” (João 1:17), “ a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo (João 1:17) e foi dispensada por Paulo, o principal dos pecadores salvo pela graça (Ef. 3:1-3).

O já mencionado representa algumas das proeminentes mudanças dispensacionais até à data, mas estas podem ser subdivididas e há ainda outras futuras.

Assim, enquanto os princípios de Deus nunca mudam, as Suas dispensações, os Seus tratos com os homens, mudam de tempos a tempos. Isto inclui mesmo os termos de aceitação para com Deus. No princípio eram requeridos sacrifícios cruentos (com sangue) (Gén. 17:14; Heb. 11:4): depois, mais tarde, foi acrescentada a circuncisão (Gén. 17:14); depois a obediência a toda a lei Mosaica foi exigida (Ex. 19:5-6; Rom. 10:5); depois “o baptismo do arrependimento para a remissão de pecados” (Mar. 1:4; Actos. 2:38) e hoje é:

“ÀQUELE QUE NÃO PRÁTICA, MAS CRÊ NAQUELE QUE JUSTIFICA O ÍMPIO, A SUA FÉ LHE É IMPUTADA COMO JUSTIÇA” (Rom. 4:5).

<u>ADÃO</u> Criado à Imagem de Deus Gén. 1:26-27	<u>ADÃO</u> Caído Em Pecado Rom. 5:12	<u>NOÉ</u> Primeiro Governador Civil Gén. 9:1-7	<u>ABRAÃO</u> Pai dos Crentes Rom. 4:9-12	<u>MOISÉS</u> O Dador da Lei João 1:17	<u>PAULO</u> Principal dos Pecadores Salvo I Tim, 1.13-16	<u>CRISTO</u> O Pastor Rei Jer. 23:5-6
<p>OS PRINCÍPIOS DE DEUS ETERNOS E IMUTÁVEIS</p> <p>Salvação sempre essencialmente pela graça por meio da fé</p>						
A DISPENSAÇÃO da INOCÊNCIA	A DISPENSAÇÃO da CONSCIÊNCIA	A DISPENSAÇÃO Do GOVERNO HUMANO	A DISPENSAÇÃO da PROMESAS	A DISPENSAÇÃO da LEI	A DISPENSAÇÃO da GRAÇA	A DISPENSAÇÃO do REINO

Gén 2:8-17 2:25	Gén 3:8-10 Rom 2:11-15	Gén 9:6 Rom 13:1	Gén 12:1-3 22:17-18	Êx 20:1-26 Gál 3:19	Rom 5:20-21 Ef 3:1-4	Is 9:6-7 2:1-9
------------------------	-------------------------------	-------------------------	----------------------------	----------------------------	-----------------------------	-----------------------

Esta carta não pretende indicar o término de qualquer dispensação, mas antes as mudanças ou avanços nos tratos de Deus para com os homens, pois algumas das dispensações ainda não terminaram. Por exemplo: apesar da chamada de Abraão ter introduzido a dispensação da promessa, não trouxe a dispensação anterior a um fim, pois o governo humano ainda hoje se encontra em vigor.

Notemos cuidadosamente que apesar de hoje Deus *recusar* obras para a salvação *requereu*-as contudo sob outras dispensações. Isto não aconteceu, como já explicámos, porque as obras *em si mesmas* pudessem salvar, mas porque elas eram a expressão de fé necessária quando assim requeridas.

A tradição diz que os homens foram sempre salvos por meio da fé no sangue derramado de Cristo; que mesmo aqueles que viveram antes da cruz tiveram de olhar pela fé, para diante, para a morte de um Cristo que havia de vir, para a salvação.

É tempo dessa falsa noção, tão profundamente enraizada nas mentes até de crentes sinceros, ser despedaçada, pois não tem a mínima base bíblica.

Não compreendamos mal. É verdade que todos os santos dos séculos passados foram salvos por meio dos *méritos* do sangue derramado de Cristo, mas não por meio da sua *fé* nesse sangue derramado. Aos santos dos séculos passados só lhes era requerido crerem no que Deus tinha revelado até eles, ou no que Ele lhes tinha revelado a *eles*. Por outras palavras, eles eram salvos simplesmente porque confiavam em Deus e criam no que Ele dizia. O plano pleno da salvação foi revelado desde então, mas as Escrituras tornam claro como a água

cristalina que esses crentes foram salvos sem mesmo terem compreendido que Cristo morreria por eles.

I Pedro 1: 10-11, apenas torna isto claro:

“DA QUAL SALVAÇÃO INQUIRIRAM E TRATARAM DILIGENTEMENTE OS PROFETAS que profetizaram da graça que vos foi dada, INDAGANDA QUE ou que ocasião de tempo O ESPÍRITO DE CRISTO, QUE ESTAVA NELES, INDICAVA, ANTERIOR-MENTE TESTIFICANDO OS SOFRIMENTOS QUE A CRISTO HAVIAM DE VIR, E A GLÓRIA QUE SE LHESS HAVIA DE SEGUIR”.

Notemos bem que eles não indagaram meramente a respeito da “ocasião de tempo”, isto é, do carácter dos tempos, durante os quais essas coisas transpirariam. Eles indagaram e inquiriram diligentemente a fim de descobrirem “O QUE ... o Espírito ... indicava”, isto é, *o que Ele queria dizer*, quando de antemão testificou “os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir”. E o versículo a seguir continua a explicar que Deus revelou-lhes que eles estavam a ministrar, não a si mesmos mas aos dum tempo futuro.

Poderia alguma coisa clarificar mais isto, que o facto de que *nem eles mesmo compreendiam* o que o Espírito queria dizer quando Ele predisse os sofrimentos de Cristo? Como é que então eles poderiam ter sido salvos por meio da fé no Seu sangue derramado?

Um indignado oponente do dispensacionalismo perguntou-nos uma vez: “Quereis dizer-nos que Moisés mandou edificar o tabernáculo com a sua porta, as suas cortinas, o seu altar e pia de cobre, a sua mesa dos pães da proposição, o seu castiçal e altar de incenso, a sua arca do concerto e propiciatório, e não *Ihes disse que todas estas coisas eram típicas de Cristo e da Sua obra consumada?*”

A nossa réplica foi simplesmente, “*O que dizem as Escrituras?*” Há alguma indício, qualquer que seja, de que Moisés lhes disse que aquelas coisas apontavam para Cristo ou que ele próprio tinha alguma ideia acerca do seu significado? Nós *agora* sabemos que aquelas coisas eram típicas de Cristo e da Sua obra redentora, e regozijamo-nos ao vermos que Deus teve sempre isso em mente; que a cruz não constituiu nem um acidente nem um remédio, porém essa revelação

encontra-se visivelmente *ausente* do registo do Velho Testamento. Não há qualquer indício de que mesmo Moisés soubesse, muito menos ensinasse, que aquelas coisas eram típicas de Cristo.³

Se é verdade que Moisés e os profetas conheciam e compreendiam algo acerca da morte futura de Cristo e tinham de confiar no Seu sangue derramado para a sua salvação, isso não deveria ser verdade também em relação aos doze apóstolos? Ainda assim e apesar de tudo, eles trabalharam com Cristo durante um tempo considerável, pregando o Evangelho do reino, antes mesmo que Ele *princípiosse* a dizer-lhes que Ele deveria sofrer e morrer, e quando Ele lhes disse, Pedro repreendeu-O pela Sua atitude “derrotista”!

Mateus 16:21-21: “Desde então começou Jesus a mostrar aos Seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. E Pedro, tomando-O de parte, começou a repreendê-l’O, dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isso”.

Mais tarde, quando Ele lhes disse de novo que essas coisas deveriam acontecer, como preditas pelos profetas, eles não tinham a mais leve ideia do que Ele lhes dizia. Este facto é imprimido em nós por meio de uma ênfase tripla em Lucas 18:34:

³ É algumas vezes presumido de Deut. 18:15-19 que Moisés deve ter tido um bom grau de conhecimento acerca do redentor que havia de vir, mas isto é acrescentar às Escrituras. Aqui não há nada acerca dum *Redentor*. Esta passagem declara meramente que Deus deu a Israel um *Profeta* a quem eles deveriam dar ouvidos ou sofreriam as consequências. Deve ser disto assumido que Moisés ensinou o seu povo a confiar na futura morte de Cristo para a sua salvação? E se aos próprios profetas que mais tarde *predisseram* a morte de Cristo não lhes foi permitido compreenderem as suas próprias predições e as dos outros, havemos nós de supor que Moisés compreendeu *mais* do que aquilo que lhes foi revelado a eles? Tenhamos cuidado em assumirmos que os santos do Velho Testamento “devem ter compreendido” aquelas coisas, e perguntemos sempre, “*O que dizem as Escrituras?*”.

1. **“E ELES NADA DISTO ENTENDIAM:**
2. **“E ESTA PALAVRA LHE ERA ENCOBERTA,**
3. **“NÃO PERCEBIAM O QUE SE LHE DIZIA.”**

Nesta altura eles estavam associados a Cristo, pregando o Evangelho do reino e operando milagres, há pelo menos dois anos, ainda assim e apesar disso, não sabiam sequer que Ele havia de sofrer e morrer. Significará isto que nenhum deles estava salvo? Certamente que não. Simplesmente confirma o que Pedro diz acerca dos profetas inquirirem e tratarem diligentemente o que o Espírito, que falava por meio deles, queria dizer quando testificava de antemão os sofrimentos de Cristo e a glória que se lhes deveria seguir.

Pode surpreender alguns dos nossos leitores a descoberta de que mesmo após a ressurreição em Pentecostes, o próprio Pedro não viu na morte de Cristo o que nós hoje vemos nela. É certo que ele agora conhecia a crucificação como um facto histórico, mas ele não baseou qualquer oferta de salvação nesse facto. Na verdade, ele culpou Israel por isso e quando os seus ouvintes foram convencidos dos seus pecados e perguntaram o que deviam fazer, ele replicou:

“ARREPENDEI-VOS, E CADA UM DE VÓS SEJA BAPTIZADO EM NOME DE JESUS CRISTO, PARA PERDÃO DE PECADOS ...”
(Actos 2:38).

Isto aconteceu porque ele se encontrava fora da vontade de Deus ou cego pela incredulidade? Não, ele estava “cheio do Espírito Santo” (Actos 2:4). Aconteceu simplesmente que “o tempo devido” ainda não tinha chegado para que essas coisas se tornassem conhecidas.

Isto leva-nos de novo à importância do reconhecimento do ministério distinto de Paulo. Não é antes de Paulo que temos aquilo que é propriamente chamado “a pregação da cruz”. É ele que diz primeiro:

“MAS AGORA SE MANIFESTOU SEM A LEI A JUSTIÇA DE DEUS ...

“Isto é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem ...

“SENDO JUSTIFICADOS GRATUITAMENTE PELA SUA GRAÇA, PELA REDENÇÃO QUE HÁ EM CRISTO JESUS,

“Ao qual Deus propôs para propiciação PELA FÉ NO SEU SANGUE, para demonstrar A SUA JUSTIÇA PELA REMISSÃO DOS PECADOS DANTES COMETIDOS, ⁴ sob a paciência de Deus;

“Para demonstração da Sua justiça NESTE TEMPO PRESENTE, para que Ele seja JUSTO E JUSTIFICADOR DAQUELES QUE TÊM FÉ EM JESUS” (Rom. 3:21-26).

Era a isto que Paulo se referia pela

“FÉ QUE SE HAVIA DE MANIFESTAR” (Gál. 3:23).

Era a isto que ele se referia quando escreveu de Cristo:

“O Qual se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, PARA SERVIR DE TESTEMUNHO A SEU TEMPO.

“PARA O QUE (DIGO A VERDADE EM CRISTO, NÃO MINTO) FUI CONSTITUÍDO PREGADOR, E APÓSTOLO, E DOUTOR DOS GENTIOS NA FÉ E NA VERDADE (I Tim. 2:6-7).

Contudo isto será discutido numa lição adiante. Tudo o que estamos a procurar estabelecer aqui é o facto da *revelação progressiva* e o completo anti-bíblicismo da tradição que diz que os que viveram antes de Cristo foram salvos por terem olhado para diante, em fé, para a Sua obra consumada.

Isto não é estabelecido nas Escrituras somente negativamente; também o é positivamente. Não é meramente tornado claro que os santos dos séculos passados *não* compreendiam nada acerca da morte de Cristo, mas em muitos casos é-nos dito exactamente o que eles *sabiam e criam* para encontrarem a aceitação de Deus.

⁴ Isto é, “As transgressões que havia debaixo do primeiro testamento” (Heb. 9:15).

Nós já declaramos que Hebreus 11 torna claro que a salvação tem sido sempre a recompensa da fé. Há uma *constante* que corre ao longo do capítulo: “*Pela fé ... Pela fé ... Pela fé.*” Na introdução à longa lista de actos de fé operados por indivíduos, lemos que “*Por ela (fé) os antigos alcançaram testemunho*” e que “*sem fé é impossível agradar-Lhe (a Deus)*” e a longa lista termina com a declaração: “*Todos estes, tendo tido testemunho pela fé*” (vers. 2, 6, 39).

Mas em Hebreus 11 também há *inconstantes* ou *variáveis*, pois em quase todos os casos estes heróis da fé creram numa revelação de Deus diferente e expressaram a sua fé diferentemente. Porém em parte alguma desta lista de santos lemos de alguém que fosse salvo pela fé na morte de um Cristo que havia de vir. Somos *nós* que *agora* sabemos que eles foram salvos por meio da morte de Cristo. E quando Cristo *nos* é pregado, *nós* revelamos a *nossa* fé cessando as nossas obras e aceitando com humilde gratidão o que Ele fez por nós.

Em Heb. 11:4 é-nos dito com precisão como Abel obteve testemunho divino de que era justo:

“PELA FÉ ABEL OFERECEU A DEUS MAIOR SACRIFÍCIO DO QUE CAÍM, PELO QUAL ALCANÇOU TESTEMUNHO DE QUE ERA JUSTO; DANDO DEUS TESTEMUNHO DOS SEUS DONS, e por ele depois de morto ainda fala”.

Isto concorda com o registo de Gén. 4:4-5:

“E atentou o Senhor para ABEL E para A SUA OFERTA,

“Mas para CAIM E para A SUA OFERTA não atentou”.

Não há aqui uma única palavra acerca da fé na morte de Cristo. Abel teve testemunho de que era justo *porque trouxe o sacrifício requerido* e Deus testificou, não da sua fé em Cristo, mas *das suas ofertas*.

Em Heb. 11:7 é-nos dito também com exactidão como Noé se tornou herdeiro da “*justiça que é pela fé*”.

“PELA FÉ NOÉ, divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, temeu, e, para a salvação da sua família, PREPAROU A

ARCA; PELA QUAL CONDENOU O MUNDO, E FOI FEITO HERDEIRO DA JUSTIÇA QUE É SEGUNDO A FÉ”.

Poderia alguma coisa ser mais clara que isto? Como é que Noé se tornou herdeiro da justiça que é pela fé? Ao confiar na morte de Cristo que havia de vir? Não, mas ao crer no que Deus dissera acerca do dilúvio, e da edificação da arca.

E assim até ao fim do capítulo. Cada um dos antigos obteve um bom testemunho porque creu na Palavra de Deus dirigida a *si*.

Que dizer acerca de Abraão, o grande exemplo de fé da parte de Deus? Como foi ele justificado?

“Pois que diz a Escritura? CREU ABRAÃO A DEUS, E ISSO LHE FOI IMPUTADO COMO JUSTIÇA” (Rom. 4:3).

Mas o que tinha Deus dito que Abraão creu? Tinha-lhe Deus falado acerca dum Cristo que havia de vir e que morreria numa cruz por ele? Será bom lermos o registo e vermos, pois esta passagem de Romanos é uma citação de Gén. 15:5-6:

“Então o levou fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta as estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua semente. E CREU ELE NO SENHOR, E FOI-LHE IMPUTADO ISTO POR JUSTIÇA.”

Perguntemos de novo: poderia alguma coisa ser mais clara que isto? Existe aqui alguma palavra a respeito da morte de Cristo? Certamente que não. Deus aqui simplesmente prometeu multiplicar a semente de Abraão e Abraão creu em Deus e confiou n'Ele guardando a Sua Palavra. Foi esta simples fé em Deus que Deus lhe contou por justiça. *Nós agora* sabemos que foi na *base* da futura morte de Cristo que Deus podia fazer isto justamente, mas isso ainda não tinha sido revelado a Abraão.

Mais tarde Deus deu a lei e exigiu obediência perfeita à mesma a fim de se poder ser aceite n'Ele (Êx. 19:5-6; Rom. 10:5). Certamente que Ele sabia que ninguém a poderia guardar perfeitamente, mas Ele também sabia que os verdadeiros crentes procurariam guardá-la

fervorosamente e Ele honraria a fé deles n'Ele. *Ele* também tinha Cristo em mente para pagar a punição duma lei quebrada de modo a que a Sua justiça pudesse ser imputada àqueles que tinham tomado a sério a Sua Palavra.

Que *Ele* teve sempre o plano da redenção em mente é indicado pelo facto de Ele ter de lhes pôr o concerto da lei num caixão ⁵ e de se encontrar com eles, por meio do seu sumo sacerdote, no propiciatório espargido com sangue; contudo Ele não lhes explicou o significado de tudo isto. Ele teve de demonstrar primeiramente a completa incapacidade da parte do homem em guardar a santa lei de Deus.

Nós sabemos, por exemplo, que David foi realmente salvo pela graça de Deus, e não pelas suas próprias obras frágeis, mas suponhamos que ele tivesse proclamado a salvação “*sem a lei*” ou, como Paulo, tivesse dito: “*Ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados*” (Col. 2:16)! Ele depressa teria sido forçado a abdicar do trono e teria sido morto por desprezar a lei de Deus escrita.

É-nos também dito com exactidão como os ouvintes de João Baptista receberam a remissão de pecados. Teria sido pela fé na morte de Cristo, que entretanto já tinha aparecido em cena? Analisemos as Escrituras e vejamos:

“Apareceu João Baptista no deserto, e pregando O BAPTISMO DE ARREPENDIMENTO, PARA A REMISSÃO DE PECADOS” (Mar. 1:4).

Se estas palavras não querem dizer o que dizem, então as Escrituras não servem para nada como revelação de Deus ao homem. ⁶

Suponhamos que enquanto João pregava o baptismo de arrependimento para remissão de pecados, se erguia um Israelita para

⁵ A *arca* do concerto foi realmente o caixão do concerto. A mesma palavra original é traduzida por *caixão* em Gén. 50:26.

⁶ Tivesse João compreendido tudo aquilo que agora nós vemos na sua declaração inspirada em João 1:29, e toda a sua mensagem seria diferente, contudo o tempo para tal ainda não tinha chegado.

dizer: “*Aquele que não pratica, mas crê n’Aquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça*” (Rom. 4:5)! Ele seria logo tomado e apedrejado de acordo com a lei.

Sim, e positivamente é-nos igualmente dito como os cerca de 3000 em Pentecostes encontraram a remissão de pecados:

“E, ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro ...”

O que é que ele lhes disse? Notemo-lo cuidadosamente. Será que disse: “Cristo morreu pelos vossos pecados. Confiai simplesmente n’Ele e a vida eterna será vossa”? Ele não disse isso. Procuraremos em vão em toda a sua mensagem Pentecostal uma tal declaração. Na verdade, os ouvintes de Pedro tinham-se tornado convictos porque ele os tinha *acusado* de culpa pela morte de Cristo. E quando eles perguntaram o que deveriam fazer, Pedro replicou:

“ARREPENDEI-VOS, E CADA UM DE VÓS SEJA BAPTIZADO EM NOME DE JESUS CRISTO, PARA PERDÃO DOS PECADOS; E RECEBEREIS O DOM DO ESPÍRITO SANTO” (Actos 2:37-38).

Isto encontrava-se em perfeita conformidade com os requisitos da chamada “grande comissão” que a Igreja de hoje procura levar a cabo a meio fôlego:

“E disse-lhes: ide por todo o mundo e pregai o evangelho ⁷ a toda a criatura. QUEM CRER E FOR BAPTIZADO SERÁ SALVO; MAS QUEM NÃO CRER ⁸ SERÁ CONDENADO” (Marcos 16:15-16).

Sabemos que alguns, para defenderem as suas próprias teorias sobre o baptismo, têm interpretado isto como significando “Quem crer e for salvo, deve ser baptizado”, mas num tal torcer das palavras claras das

⁷ Aqui muitos, antecipando revelação, supõem que os onze foram enviados a pregar “o evangelho da graça de Deus”, o qual não é mencionado sequer antes de chegarmos a Paulo.

⁸ Quer seja baptizado ou não.

Escrituras não se pode senão desagradar a Deus e perverter a nossa compreensão do Seu programa.

Tanto positiva como negativamente esperamos novamente pelo levantamento de Paulo para apreendermos “o Evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24), “a dispensação da graça de Deus” (Ef. 3:1-2) e “a *pregação da cruz*”, como boas novas a serem aceites pela fé para a salvação (I Cor. 1:18, 23; Gál. 6:14; Rom. 3:25-26).

É então evidente que os santos dos séculos passados não eram todos salvos ao crerem nas mesmas coisas, pois Deus não lhes revelou a todos as mesmas coisas. Na realidade, até mesmo os termos declarados de salvação eram mudados de tempos a tempos.

ANTECIPAR REVELAÇÃO

Um dos primeiros princípios da sã interpretação da Bíblia é o não antecipar revelação; ainda assim e apesar disso quantos inconscientemente o fazem! Lêem os registos do Velho Testamento e dos evangelhos como se os santos desses tempos compreendessem tudo acerca da morte de Cristo como nos apresenta Romanos, Gálatas e Efésios!

Pensemos um momento: Se Abel tivesse compreendido a morte de Cristo pelo pecado, ter-lhe-ia sido requerido um sacrifício cruento (com sangue)? Em tal caso ele não deveria ter descansado na redenção consumada que seria operada por Cristo? Em tal caso a negligência em não trazer um sacrifício cruento não seria indicação de *incredulidade* em vez de fé?

Agora que a morte de Cristo tem sido proclamada para a salvação, será que Deus *nos* manda oferecermos animais em sacrifício? Suponhamos que oferecíamos tais sacrifícios apenas como símbolos da Sua morte a fim de nos ajudar a adorá-l'O melhor: será que isso seria meramente *desnecessário* ou será que seria *errado*? À luz das epístolas de Paulo

certamente que seria errado.⁹ Ainda assim muitos têm uma ideia vaga de que os que viveram antes de Cristo ofereceram os seus sacrifícios com a compreensão plena de que eles tipificavam a morte de Cristo no Calvário. O facto, contudo, é que esses tipos nunca foram compreendidos antes do Antítipo ter aparecido. Nós *agora* regozijamo-nos quando os consideramos, como prova de que Deus teve sempre o Calvário em mente; que a morte de Cristo não foi um acidente, nem uma solução de momento, mas Deus estava a ensinar uma lição de cada vez: primeiro as sombras, depois a substância; primeiro os sacrifícios, depois mais tarde Cristo o Sacrifício grande, todo-suficiente.

A HARMONIA ENTRE OS PRINCÍPIOS E AS DISPENSAÇÕES DE DEUS

Mas os princípios e as dispensações de Deus não se chocam? De modo algum. Em todas as dispensações os homens sempre se salvaram simplesmente por *crerem em Deus* e se aproximarem d'Ele da maneira por Ele requerida. Quando as obras eram requeridas para a salvação, elas não salvavam *como tais*, mas apenas como expressão de fé requerida. Com os santos do Velho Testamento a oferta dos sacrifícios requeridos, etc., constituía “a obediência da fé”. Conosco, o descansar na obra consumada de Cristo para a salvação é “a obediência da fé”. Ver Romanos 1:5; 6:17; 15:18; 16:26; Hebreus 5:9; 11:8.

Quando Deus diz: “Oferece um animal em sacrifício e Eu aceitar-te-ei”, o que faz a fé? Certamente que a fé oferece um animal em sacrifício. Abel fez isso e foi aceite, não porque o sangue dos animais pudesse tirar os pecados, mas porque se aproximou de Deus da forma por Ele requerida. “A obediência da fé” é isto.

No caso de Caím temos uma indicação clara de que Deus não fica satisfeito com meras obras, como tais, pois Caím ofereceu um sacrifício

⁹ E à luz das epístolas de Paulo é igualmente errado observar qualquer cerimónia que foi uma vez requerida para a salvação. Ver Col. 2:14, 20.

muito mais atraente à vista que Abel, e foi rejeitado, porque não trouxe o sacrifício que Deus requeria (Gén. 4:5).

Quando Deus diz. “Constrói uma arca e salvar-te-ei a ti e aos teus do dilúvio”, o que faz a fé? Certamente que a fé constrói uma arca. E quando Noé a construiu revelou a sua fé em Deus e “tornou-se herdeiro da justiça que é pela fé”.

Quando Deus diz: “Obedece à minha voz e serás Meu”, o que faz a fé? A fé tenta obedecer fervorosamente. Dizes tu: Mas eles não podiam obedecer perfeitamente, por isso seriam rejeitados por Deus. Nós replicamos que já provámos que, em si mesmas, as obras não podem salvar. Era somente quando os Israelitas reconheciam a lei como a Palavra de Deus para eles e por essa razão procuravam obedecer-lhe que eram salvos. Um tal esforço em guardar a lei representava “a obediência da fé”.

Quando Deus diz. “Arrependei-vos e sede baptizados para a remissão de pecados”, o que faz a fé? Somente uma única coisa: arrepender-se e ser baptizada. Nós sabemos que oceanos de água não podem lavar um único pecado, no entanto quando João Baptista e Pedro pregaram o arrependimento e o baptismo para a remissão de pecados nenhum dos seus ouvintes interpretou as palavras deles como significando: “Confiai na morte de Cristo para a vossa salvação”. Na verdade, quando Deus requeria o baptismo na água para a salvação a única maneira de se revelar fé era ser-se baptizado, e os que se recusassem a fazê-lo seriam condenados pela sua incredulidade:

“Mas os Fariseus e os doutores da lei REJEITARAM O CONSELHO DE DEUS CONTRA SI MESMOS, NÃO TENDO SIDO BAPTIZADOS POR ELE” (Lucas 7:30).

E quando Deus diz, “*MAS AGORA se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus*” (Rom. 3:21); “*Aquele que não pratica, mas crê n’Aquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça*” (Rom 4:5); “*Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus*” (Rom. 3:24); “*Em Quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça*” (Ef. 1:7); “*Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou*” (Tito 3:5); “*Não vem de*

vós, é dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie” (Ef. 2:8-9) - quando Deus agora diz isto, o que fará a fé? A fé diz: “Esta é a oferta mais maravilhosa jamais feita por Deus ao homem. Não posso recusá-la. Confio em Cristo como meu Salvador e aceito a salvação como Dom gratuito da graça de Deus”.

Assim as dispensações de Deus de forma alguma se chocam com os Seus princípios, pois os santos do Velho Testamento, apesar de salvos instrumentalmente ¹⁰ pelas obras, foram salvos essencialmente pela

¹⁰ Se eu utilizar uma chave de fendas para apertar um parafuso num pedaço de madeira, quem é que efectua a obra, a chave de fendas ou eu? Deveremos dizer que cada um de nós fez parte da obra? De modo algum. Num certo sentido a chave de fendas fez *tudo*, pois eu nem sequer toquei no parafuso para efectuar a operação. Mas na realidade, a chave de fendas foi meramente o *instrumento* que eu utilizei, e *essencialmente* fui eu que fiz tudo.

Foi também assim com a salvação antes da dispensação da graça ter sido introduzida. Quando, por exemplo, Deus requeria o baptismo na água para a remissão de pecados, os homens só podiam conseguir o perdão dos seus pecados submetendo-se ao baptismo. Assim, *instrumentalmente*, foi o baptismo que lhes trouxe o perdão de pecados, no entanto, *essencialmente*, foi Deus que os salvou pela graça quando viu a fé deles.

Pode ser argumentado que num tal caso o crente exercitou fé no seu coração *antes* de ser baptizado, de tal forma que o baptismo não teve nada a ver com a sua salvação. A resposta é que ele creu que *sendo baptizado* seria aceite, e assim, no seu coração, foi já baptizado.

Esta é a resposta para os problemas onde as impossibilidades de se cumprirem os requisitos estabelecidos se encontram envolvidos. Suponhamos, por exemplo, que um homem, que exercia fé genuína, se dispunha a oferecer um sacrifício ou a ser baptizado, quando, de repente, cai morto. Ele não seria aceite? Certamente que sim; simplesmente porque ele viera em fé cumprir o requisito. Assim o ladrão na cruz foi salvo sem o baptismo na água numa época em que o baptismo na água era requerido para a remissão de pecados, mas quem duvidará que ele se regozijaria se tivesse a oportunidade de ser baptizado, não tivesse sido crucificado a uma cruz?

graça por meio da fé. Mas agora a justiça de Deus se há *manifestado* sem a lei (Rom. 3:21). Foi “*testificada a seu tempo*” por intermédio do Apóstolo Paulo (I Tim. 2:6-7)). Ele diz que lhe foi dado a demonstrar “a Sua justiça *neste tempo presente*, para que Ele seja Justo e Justificador d’Aquele que tem fé em Jesus” (Rom. 3:26). Assim, o trazer hoje obras a Deus para a salvação seria *incredulidade*.

Um proeminente adversário destas verdades tem argumentado que a verdade é *horizontal*, e não vertical, isto é, que ela atravessa os séculos inalterável e imutável. Isso é verdade. A *verdade* é horizontal, mas a *revelação da verdade* é *vertical*, isto é, Deus tem revelado a verdade ao homem, não duma só vez, mas pouco a pouco, progressivamente, *historicamente*. Noé conhecia mais da revelação de Deus que Adão, Abraão que Noé, Moisés que Abraão, os doze que Moisés, Paulo que os doze.

Assim, também os *princípios* de Deus são horizontais; continuam imutáveis e inalteráveis ao longo dos séculos. Mas as *dispensações* são *verticais* e seguem-se umas após outras à medida que Deus comunica novas revelações ao homem.

QUESTIONÁRIO

1. O que é uma dispensação? 2. Que outra palavra (para além de dispensação) é algumas vezes usada na nossa versão para traduzir oikonomia? 3. Prove pelas Escrituras que, em si mesma, a lei moral não podia salvar do pecado. 4. Prove pelas Escrituras que, em si mesma, a lei cerimonial não podia salvar do pecado. 5. Em que sentido é que as obras já salvaram? 6. Os homens das dispensações passadas salvavam-se pela morte de Cristo? 7. Foi-lhes isto pregado? 8. Foi-lhes oferecida salvação pela fé na morte dum Cristo que havia de vir? 9. Prove pelas Escrituras que a salvação pelo sangue de Cristo, à parte das obras, não foi proclamada nos tempos do Velho Testamento. 10. Desenhe uma carta ou declare em termos geométricos a diferença entre a verdade e a revelação da verdade. 11. Explique como a dispensação da lei não violou o princípio de Deus salvar os homens pela graça por meio da fé. 12. Estaria errado

observarmos hoje ordenanças uma vez requeridas para a salvação?
13. Estaria errado observarmos uma ordenança uma vez requerida para a salvação, se reconhecêssemos que ela não tinha qualquer valor salvador? 14. Prove pelas Escrituras. 15. Qual é a declaração pronunciada pelo Senhor a respeito do batismo que tem sido alterada pela maioria dos Fundamentalistas para a fazer corresponder aos seu pontos de vista a respeito do batismo? 16. Por meio de quem é que Deus começou primeiramente a dispensar a Sua mensagem e programa para os nossos dias? 17. Prove pelas Escrituras. 18. Poderia alguma pessoa do Velho Testamento recusar a oferta de sacrifícios, para ser salva? 19. Poderia alguém sob João Baptista ou em Pentecostes, recusar ser batizado, para ser salvo? 20. Dê exemplos bíblicos.

CAPÍTULO 2

A PROFECIA E O MISTÉRIO

A DIVISÃO MAIS IMPORTANTE DA BÍBLIA

A suposição de que a divisão mais importante da Bíblia é a existente entre o Velho e o Novo Testamentos tem sido muitas vezes expressa na declaração: “O Velho Testamento é para os Judeus; o Novo Testamento é para nós”.

Contudo isso é bastante incorrecto. Primeiro de tudo, os títulos *Velho Testamento* e *Novo Testamento* não são designações correctas das duas secções da Bíblia que são supostos representar.

O concerto da Lei (chamado mais tarde o *velho concerto*, ou *testamento*) não foi feito antes de 2500 anos da história humana terem decorrido. “*A lei foi dada por Moisés*” (João 1:17), cerca de 1500 anos A.C., como se encontra registado em Êxodo 19 e 20. É-nos dito a respeito deste período de tempo, “*de Adão a Moisés*”, que “não havia lei” (Rom. 5:13-14), isto é, a lei ainda não tinha sido dada.

Isto significa que em Génesis não há uma única palavra do velho testamento. Na verdade, Israel nem sequer emergiu como nação antes da sua libertação do Egipto descrito em Êxodo. Se, por conseguinte, o Velho Testamento é para os Judeus e o Novo Testamento para nós, para quem é o livro de Génesis?

Quanto ao novo concerto; este não foi feito antes da morte de Cristo.

“... (Ele) é Mediador dum novo testamento (concerto), para que, intervindo a morte ... os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Heb. 9:15).

Foi à sombra da cruz, quando o Senhor comungava com os Seus discípulos, que Ele disse:

“Este cálice é o novo testamento no Meu sangue, que é derramado por vós” (Lucas 22:20).

Isto significa que a maior parte dos registos dos quatro evangelhos cobre antes a história do velho testamento e não a do novo, e que o Senhor e os Seus discípulos viveram todos naquele tempo sob o velho testamento. ¹

Também deve ser notado que tanto o velho como o novo testamentos, ainda que nos *afectem*, foram *feitos* com a *nação de Israel*, e que o novo testamento promete simplesmente que um dia Israel renderá espontaneamente a obediência que lhe foi requerida sob o velho testamento ou concerto. (Deut. 5:1-3; Jer. 31:31).

Assim, a divisão mais importante da Bíblia é a existente entre a *profecia* e o grande *mistério* proclamado pelo Apóstolo Paulo.

Constitui um facto notável as palavras iniciais da Bíblia serem as seguintes: “No princípio criou Deus *os céus e a terra*”. A passagem não diz que Ele criou o universo, mas *os céus e a terra*. A razão disto é porque Ele tinha um propósito a respeito da terra bastante distinto do Seu propósito respeitante aos céus. O Seu propósito a respeito da *terra* e do reino de Cristo sobre ela constitui o tema da profecia (II Pedro 1: 16-19). O Seu propósito respeitante aos *céus* e à nossa exaltação lá com Cristo constitui o tema do “*mistério*” (Ef. 2:4-10; 3:1-4). A Bíblia encontra-se basicamente dividida nestes dois grandes temas. ²

A respeito do reino na terra Zacarias disse:

“Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo, E nos levantou uma salvação poderosa na casa de David seu servo. COMO FALOU PELA BOCA DOS SEUS SANTOS PROFETAS, DESDE O PRINCÍPIO DO MUNDO” (Lucas 1:68-70).

De novo em Pentecostes, Pedro, falando da ausência de Cristo e dos sinais do Seu retorno, disse:

“O Qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, DOS QUAIS DEUS FALOU PELA BOCA DOS SEUS SANTOS PROFETAS, DESDE O PRINCÍPIO. E TODOS OS PROFETAS, DESDE SAMUEL, TODOS QUANTOS DEPOIS FALARAM, TAMBÉM ANUNCIARAM ESTES DIAS” (Actos 3:21-24).

Mas respeitante ao Corpo de Cristo, com a sua chamada e posição celestiais, não é encontrada uma única palavra nas páginas da profecia. Na realidade, Deus guardou este grande propósito em segredo até que Ele se determinasse a trazer o corpo à existência, e então o revelasse primeiramente ao Apóstolo Paulo. O apóstolo diz que este grande propósito foi:

“OCULTO DESDE OS TEMPOS ETERNOS” (Rom. 16:25).

“UM MISTÉRIO ... ORDENADO ANTES DOS SÉCULOS PARA NOSSA GLÓRIA” (I Cor, 2:7).

“NOUTROS SÉCULOS NÃO FOI MANIFESTADO” (Ef. 3:5).

“OCULTO DESDE TODOS OS SÉCULOS, E EM TODAS AS GERAÇÕES” (Col. 1:26).

Existe manifestamente uma grande diferença entre aquilo que foi falado *“pela boca dos santos profetas (de Deus), desde o princípio do mundo”* e aquilo que foi *“oculto desde os tempos eternos”*.

A PROFECIA E O REINO MESSIÂNICO

Como já vimos, o plano de Deus para o estabelecimento do reino Messiânico não constituía nenhum segredo para os Judeus dos dias de Cristo. O reino é precisamente o tema da profecia do Velho Testamento e é ali descrito em grande detalhe. Alguns dos principais factos a serem notados respeitadamente a ele são os seguintes:

1. Será estabelecido na terra: *“Eu Te darei ... os fins da TERRA por Tua possessão”* (Salmo 2:8).

“A TERRA se encherá do conhecimento do Senhor” (Isa. 11:9). *“Um Rei reinará e prosperará, e executará o juízo e a justiça na TERRA”* (Jer. 23:5). *“Não faltará, nem será quebrantado, até que ponha na TERRA o juízo”* (Isa. 42:4).

Os anjos confirmaram isto quando, no Seu nascimento, louvaram a Deus, dizendo: *“Glória a Deus nas alturas, paz na TERRA, boa vontade para com os homens”* (Lucas 2:14).

O Senhor também confirmou isto quando disse: “*Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão A TERRA*” (Mat. 5:5), e ensinou os Seus discípulos a orar: “*VENHA a nós o Teu reino. Seja feita a Tua vontade, assim na TERRA como no céu*” (Mat. 6:10).

O reino que João Baptista, o Senhor e os doze proclamaram como “tendo chegado” ou “estando próximo” era na verdade “o reino dos céus” (Mat. 3:1-2; 4:17; 10:5-7), mas seria estabelecido *na terra*. Agora, enquanto o seu *estabelecimento* se encontra suspenso, está investido no próprio Cristo no céu (Col. 1:13), mas o *alvo da profecia* é o *estabelecimento* do reino *na terra* (Rom. 11:25-29).

2. Será uma teocracia. O próprio Deus reinará na pessoa de Cristo: “*Eles chamarão o Seu nome Emanuel, que interpretado é, Deus conosco*” (Isa. 7:14; Mat. 1:23). “*E o Seu nome será ... Deus forte*” (Isa. 9:6). “*O Senhor será Rei sobre toda a terra*” (Zac. 14:9). “*O Rei, o Senhor dos Exércitos*” (Zac. 14:16).

3. Centralizar-se-á em Jerusalém, a capital de Israel: “*De Sião sairá a lei, e a Palavra do Senhor de Jerusalém*” (Isa. 2:3). “*O Senhor dos exércitos reinará no monte de Sião, e em Jerusalém*” (Isa. 24:23). “*Nesse tempo chamarão a Jerusalém o trono do Senhor*” (Jer. 3:17). Assim, Ele reinará primariamente sobre Israel (Miq. 5:2).

Isto foi confirmado pelo anjo Gabriel (Lucas 1:32-33), pelos Magos (Mat. 2:1-2) e pelo próprio Senhor (Mat. 19:28).

4. Estender-se-á a toda a terra: “*E todos os reis se prostrarão perante Ele, todas as nações O servirão*” (Salmo 72:11). “*E foi-Lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas O servissem*” (Dan. 7:14). “*Assim virão muitos povos, e poderosas nações, buscar em Jerusalém o Senhor dos exércitos, e suplicar a bênção do Senhor*” (Zac. 8:22).

5. Todo o Israel será então salvo: “*Todos Me conhecerão, desde o mais pequeno deles até ao maior*” (Jer. 31:34). “*E os livrarei ... e os purificarei; assim eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus*” (Eze. 37:23).

Isto foi confirmado por Paulo em Romanos 11:26, etc.

6. Então o sofrimento e dor de Israel desaparecerão: *“Falai benignamente a Jerusalém ... que já a sua malícia é acabada, que a sua iniquidade está expiada”* (Isa. 40:2). *“Dê-se-lhes ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestido de louvor por espírito angustiado”* (Isa. 61:3). *Gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido* (Isa. 35:10).

7. Então Israel tornar-se-á uma bênção para todas as nações:

“E as nações caminharão à tua luz, e os reis, ao resplendor que te nasceu” (Isa. 60:3). *“E há-de acontecer, ó casa de Israel e ó casa de Judá, que, assim como fostes uma maldição entre as nações, assim vos salvarei, e sereis uma bênção”* (Zac. 8:13). *“Naquele dia sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla do vestido dum Judeu, dizendo: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco”* (Zac. 8:23).

Estas promessas baseiam-se na promessa que Deus fez com Abraão: *“Eu multiplicarei a tua semente ... e na tua semente serão benditas todas as nações da terra”* (Gén. 22:17-18).

8. O governo será purificado: *“Julgará com justiça os pobres, e repreenderá com equidade os mansos da terra”* (Isa. 11:4). *“Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o horto faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações”* (Isa. 61:11). *“Um Rei reinará e prosperará, e executará o juízo e a justiça na terra”* (Jer. 23:5).

9. A guerra e o derramamento de sangue serão abolidos. ³ *“O Seu nome será ... Príncipe da Paz”* (Isa. 9:6). *“E Ele exercerá o juízo sobre as Gentes, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões, e as suas lanças em foices: não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear”* (Isa. 2:4).

10. A saúde e a longevidade de vida serão restauradas na humanidade: *“Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então os coxos saltarão como cervos, e a língua do mudo*

cantará” (Isa. 35:5-6). “Não haverá mais nela criação de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o mancebo morrerá de cem anos; mas o pecador de cem anos será amaldiçoado” (Isa. 65:20).

4

11. A criação animal será subjugada e amansada: “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e a nédua ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e o leão comerá palha como o boi. E brincarão a criação de peito sobre a toca do áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco. Não se fará dano nem mal algum em todo o monte da Minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”. (Isa. 11:6-9).

12. A maldição será removida da criação vegetal: “O deserto e os lugares secos se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Abundantemente florescerá ... porque águas arrebenharão no deserto e ribeiros no ermo. E a terra seca se transformará em tanques, e a terra sedenta em mananciais de águas” (Isa. 35:1, 2, 6, 7).

A PALAVRA PROFÉTICA E O CRENTE HOJE

Certamente que toda a Escritura é igualmente importante, *como Palavra de Deus*, e toda ela proveitosa para o homem de Deus. Apesar disso o estudante inteligente das Escrituras cedo descobre que certas passagens têm uma aplicação mais *directa* sobre outros que sobre si mesmo e que nesse sentido são mais importantes para esses *directamente* envolvidos.

Por exemplo, o mandamento para a guarda da Páscoa, envolvia *directamente* os Israelitas debaixo da lei e, nesse sentido, revestia-se de importância maior para eles que para nós.

Da mesma forma a profecia (excepto a de Paulo) trata *directamente* com Israel e as nações, e não com o Corpo de Cristo.

Apesar dum profundo interesse na palavra profética ser recomendável, não nos devemos esquecer, contudo, que existe um outro grande corpo de verdade que nos diz respeito mais *directamente*.

Quando Deus pôs finalmente de parte a nação de Israel, disse, por meio do Apóstolo Paulo:

“Seja-vos, pois, notório que ESTA SALVAÇÃO DE DEUS É ENVIADA AOS GENTIOS, e eles a ouvirão (Actos 28:28).

Por essa razão Paulo diz, por inspiração:

“...CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE, ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO” (Rom. 11:13).

Assim, enquanto Israel e o programa profético são postos de parte temporariamente, a igreja é constituída predominantemente de Gentios na carne, tendo Paulo como seu apóstolo.

É por isso que Paulo fala de “*este mistério entre os Gentios*” (Col. 1:27) e explica aos crentes Gentios daqueles dias:

“Porque não quero, irmãos, que ignoreis ESTE SEGREDO (MISTÉRIO) (para que não presumais de vós mesmos): QUE O ENDURECIMENTO VEIO EM PARTE SOBRE ISRAEL, ATÉ QUE A PLENITUDE DOS GENTIOS HAJA ENTRADO” (Rom. 11:25).

Quando o período aqui referido tiver corrido o seu curso, Deus retomará de novo os Seus tratos com Israel e trará a um termo o programa profético, como declaram os versículos seguintes:

“E, assim, TODO O ISRAEL SERÁ SALVO, COMO ESTÁ ESCRITO: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacob as impiedades. E ESTE SERÁ O MEU CONCERTO COM ELES ...” (Rom. 11:26.27).

Esta interrupção do programa profético deve sempre ser tida em mente em qualquer consideração da importância da palavra profética. *Como Palavra de Deus*, a profecia é tão importante como qualquer outra parte

das Escrituras, mas, não nos esqueçamos nunca, trata *directamente* com Israel e as nações, e não com o Corpo de Cristo.

Assim, é Pedro, e não Paulo, que diz: ⁵

“E temos, mui firme, a palavra dos profetas, ⁶ à qual bem fazeis em estar atentos, (como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça) nos vossos corações” (II Pedro 1:19).

É de novo João, e não Paulo, que escreve na introdução que faz ao *Apocalipse*:

“Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo” (Apo. 1:3).

Certamente que qualquer pessoa que estude reverentemente *qualquer* parte da Bíblia bendita, é abençoada, mas esta bênção especial será a porção dos que estudarem o *Livro do Apocalipse* e guardarem os seus preceitos nos dias quando a revelação de Cristo em glória estiver novamente próxima.

Assim, é importante lembrar que apesar de toda a Bíblia ser na verdade para nós, as epístolas de Paulo constituem a nossa *correspondência privada*. Foi Paulo que foi especialmente escolhido de Deus como apóstolo dos Gentios e aquele por meio de quem o mistério foi revelado.

Que pena é que, nesta dispensação da graça, a igreja abunde em “peritos na profecia”, quando os “peritos” neste “mistério entre os Gentios” são tão raros!

A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO

Nas Escrituras encontram-se muitos “mistérios”, mas há um que se ergue preeminentemente como “*O Mistério*”: o grande corpo de verdade outorgado por revelação ao Apóstolo Paulo.

Quando o Messias apareceu pela primeira vez na terra, Deus não estabeleceu imediatamente o Seu reino pela força. O reino foi primeiramente proclamado como “tendo chegado” ou “estando próximo” e oferecido para que fosse aceite. Certamente que esta proclamação e oferta foram feitas a Israel, porque os Gentios tinham sido postos de parte desde há muito, quando “eles não se importaram de ter conhecimento de Deus” (Rom.1:28). Porém Israel provou não ser melhor que os Gentios, quando pegou no Rei enviado do céu, crucificou-O num madeiro e depois, quando Deus O ressuscitou de entre os mortos, ainda se ergueu em notável façanha, a desafiar o Cristo ressuscitado e glorificado e a desenvolver implacável guerra contra os que ousavam reconhecê-l’O como Messias.

“Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele e o mundo não O conheceu. Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (João 1:10-11).

E assim, antes do estabelecimento do reino glorioso de Cristo, foi concedido ao homem demonstrar a sua própria falha moral e ver por si mesmo que o estabelecimento do reino há muito prometido não seria resultado dos seus próprios esforços ou carácter mas da graça e do poder de Deus, pois o homem fizera tudo no seu poder para *impedir* o estabelecimento do reino.

Mas “*onde o pecado abundou, superabundou a graça*” (Rom. 5:20). Quando Israel rejeitou o seu Messias, Deus pôs de parte (temporariamente) a nação juntamente com as outras nações, para que pudesse oferecer a todos os seus inimigos em toda a parte, reconciliação somente por graça, por meio da fé no Cristo rejeitado. Assim “a dispensação da graça de Deus” foi introduzida (Ef. 3:2) para que os que quisessem aceitar a graça de Deus pudessem ser reconciliados com Ele num só corpo, pela cruz (Ef. 2:16).

“PORQUE DEUS ENCERROU A TODOS DEBAIXO DA DESOBEDIÊNCIA, PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA” (Rom. 11:32).

“E PELA CRUZ RECONCILIAR AMBOS (JUDEUS E GENTIOS) COM DEUS EM UM CORPO, MATANDO COM ELA AS INIMIZADES. E,

vindo, Ele evangelizou a paz, a vós (Gentios) que estáveis longe, e aos (Judeus) que ESTAVAM perto” (Ef. 2:16-17).

Nada disto é encontrado em parte alguma da profecia. Foi, por assim dizer, uma surpresa de graça “oculta dos séculos e gerações”; “guardada em segredo antes dos tempos eternos”.

As principais características deste programa até aqui oculto são as que se seguem:

1. A nação de Israel, temporariamente, posta de parte juntamente com os Gentios: “*O que Israel buscava não o alcançou*” (Rom. 11:7). “*A queda deles*” (Rom. 11:12). “*A rejeição deles*” (Rom.11:15). “*Pela sua incredulidade foram quebrados*” (Rom. 11:20). “*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência*” (Rom. 11:32).

2. Misericórdia revelada igualmente a todos: “*Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência. PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA*” (Rom. 11:32). “*Porquanto NÃO HÁ DIFERENÇA entre Judeu e Grego: porque UM MESMO É O SENHOR DE TODOS, RICO PARA COM TODOS OS QUE O INVOCAM. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*” (Rom. 10:12-13). “*Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem*” (I Tim. 2:5).

3. O Evangelho da graça de Deus proclamado, por meio da obra consumada de Cristo: Daí os clamores de Paulo com respeito ao “*ministério que recebi do Senhor Jesus, para testificar do EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS*” e da “*DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS que para convosco me foi dada*” (Actos 20:24; Ef. 3:2).

4. Os crentes reconciliados com Deus pela cruz: “*Deus estava em Cristo, RECONCILIANDO consigo o mundo*” (II Cor. 5:19). “*E PELA CRUZ RECONCILIAR ambos (Judeus e Gentios) com Deus*” (Ef. 2:16). “*Porque se nós, sendo inimigos, fomos RECONCILIADOS com Deus PELA MORTE DE SEU FILHO*” (Rom. 5:10). “*A vós também, que noutros tempos éreis estranhos, e inimigos ... agora contudo vos RECONCILIOU, no corpo da Sua carne, PELA MORTE*” (Col. 1:21-22).

5. Crentes Judeus e Gentios batizados assim num só corpo: *“E pela cruz reconciliar ambos com Deus em UM CORPO”* (Ef. 2:16). *“Que os Gentios são co-herdeiros e de UM MESMO CORPO, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho”* (Ef. 3:6). *“HÁ UM SÓ CORPO”* (Ef. 4:4). *“Todos nós fomos batizados pelo Espírito formando UM CORPO, quer Judeus quer Gregos”* (I Cor. 12:13). *“Ora vós sois O CORPO DE CRISTO, e seus membros em particular”* (I Cor. 12:27). *“Assim nós, que somos muitos, somos UM SÓ CORPO em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”*. (Rom 12:5). *“Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há Judeu nem Grego ... porque todos vós sois um em Cristo Jesus”* Gál. 3:27-28).

6. Este corpo de crentes com uma posição em Cristo nos celestiais: *“E (Deus) nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”* (Ef. 2:6). *“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”* (Ef. 1:3). *“Mas a nossa cidade está nos céus”* (Fil. 3:20). *“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas que são de cima ... porque ... a vossa vida está escondida com Deus”* (Col. 3:1-3).

Quão vastamente diferente isto é do reino de Cristo na terra em Jerusalém sobre Israel e as nações! Quão diferente da paz na terra com toda a nação de Israel salva, a guerra e a doença abolidas, a criação animal domesticada e a maldição removida da criação vegetal!

Que pena estas grandes distinções entre a profecia e o mistério não serem observadas mais geralmente!

TOMANDO DEUS À LETRA

Por não reconhecerem o mistério, alguns têm suposto ser necessário alterar a profecia para se explicar a presente condição de Israel e a presença da Igreja deste século predominantemente Gentílico.

Ao verem que o cumprimento da profecia cessou aparentemente pouco depois da crucificação de Cristo, e ao verificarem que muito ainda ficou

por cumprir, supõem que Deus não podia querer exactamente dizer o que disse quando prometeu que Cristo se assentaria no trono de David em Jerusalém como Rei de Israel. Supõem que estas coisas devem ter sido ditas num sentido “*espiritual*” e concluem assim que Cristo *agora* encontra-se assentado no “trono de David” à dextra de Deus, confundindo assim a Jerusalém terrena com “a Jerusalém que é de cima”. Também concluem que a Igreja de hoje é o Israel “*espiritual*”, que o céu é Canaã, etc. Porém, de facto, não há nada de *espiritual* nesta interpretação das Escrituras. Não tomar Deus à letra e procurar explicar dificuldades alterando arbitrariamente o que foi escrito com clareza, decerto que não é *espiritual* mas *carнал*.

Nós objectamos vigorosamente todo este sistema de interpretação porque:

1. *Deixa-nos à mercê dos teólogos.* Se as Escrituras não querem dizer o que óbvia e naturalmente parecem querer dizer, quem é que tem a autoridade para decidir o que é que elas querem dizer com exactidão? Se os teólogos têm essa autoridade, então teremos que concordar com Roma, quando diz que a Igreja, não a Bíblia, é a autoridade suprema e final. De nada nos valerá voltarmo-nos para as Escrituras em busca de luz, pois a Palavra de Deus não quer dizer o que diz e só teólogos adestrados nos podem dizer o que ela quer dizer.

2. *Afecta a veracidade de Deus.* É um atentado à Sua própria honra. Se o significado natural e óbvio das promessas do Velho Testamento não é para nós confiarmos, como poderemos confiar em alguma promessa de Deus? Então, quando Ele diz: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”, Ele também pode querer dizer outra coisa. Isso seria impensável da parte de Deus, pois é perfeitamente justo que aquele a quem se faz a promessa tenha uma compreensão clara da mesma, uma vez que prometida, tem o direito de reclamar exactamente o que lhe foi prometido. Diz-se que uma criança afirmou: “Se Deus não quis dizer o que disse, porque é que não disse o que queria dizer?”

3. *Conduz à apostasia.* Na verdade, é a mãe da apostasia. Quando se “*espiritualiza*” Lucas 1:32-33 o Modernista concorda de todo o coração. Ele concorda que o trono de David e a casa de Israel, nesta passagem, devem ser vistos num “sentido *espiritual*” - como também os versículos seguintes! Assim Cristo não nasceu realmente duma virgem.

Esse quadro é meramente esboçado para nos impressionar com a pureza da Sua pessoa, etc.!

E o Modernista nega a ressurreição da mesma forma. A respeito de Actos 2:30-32 é argumentado que uma vez que Cristo não ocupará realmente o trono de David, Ele também não ressuscitou realmente dos mortos! As Escrituras que dizem tanto, são assim interpretadas “espiritualmente”!

E vem-nos aqui à mente o clamor das “Testemunhas de Jeová” pertencerem aos 144 000. Perguntai a uma delas a que tribo é que pertence e ela explicará que a profecia dos 144 000 se refere a Israelitas “espirituais” e não físicos! No entanto somos claramente informados de que haverão 12 000 *de cada tribo, e as tribos são nomeadas!*

Roma utiliza o mesmo raciocínio. Ela procura estabelecer o reino de Cristo na terra! Porque a Igreja de Roma é na realidade um sistema político, com um estado e um estadista na terra, a princípio, pode parecer que, pelo contrário, ela se incline para uma interpretação literal da profecia, porém isso não corresponde à verdade, pois a Igreja de Roma não é Israel literal, Roma não é Jerusalém, e Cristo não está a reinar.

Aqueles que têm lançado mão da “espiritualização” das Escrituras proféticas, porque não podem explicar a aparente frustração do seu cumprimento, encontrarão a solução para o seu problema no reconhecimento do mistério. Reconheçam o mistério e não haverá necessidade de se alterar a profecia.

A IMPORTÂNCIA DO MISTÉRIO PARA NÓS

Antes de considerarmos mais este grande corpo de verdade notemos a sua importância suprema *para nós*. Dizemos *para nós* porque Paulo foi particularmente enviado com esta revelação aos *Gentios* (Ef. 3:1-3).

1. Deus tornou-o conhecido:

“DESCOBRINDO-NOS O MISTÉRIO DA SUA VONTADE” (Ef. 1:9).

2. É da Sua vontade que todos o compreendam:

“E DEMONSTRAR A TODOS QUAL SEJA A DISPENSAÇÃO DO MISTÉRIO” (Ef. 3:9).

3. Paulo pediu orações a favor de portas abertas para o tornar conhecido:

“ORANDO... PARA QUE DEUS NOS ABRA A PORTA DA PALAVRA, A FIM DE FALARMOS DO MISTÉRIO DE CRISTO” (Col. 4:3).

4. Ele pediu orações a favor duma boca aberta e de ousadia para o proclamar:

“PARA QUE ME SEJA DADO, NO ABRIR DA MINHA BOCA, A PALAVRA COM CONFIANÇA, PARA FAZER NOTÓRIO O MISTÉRIO DO EVANGELHO” (Ef.6:19).

5. O seu conhecimento comunica encorajamento e iluminação espirituais:

“PARA QUE OS SEUS CORAÇÕES SEJAM CONSOLIDADOS (ENCORAJADOS) ... E ENRIQUECIDOS DA PLENITUDE DA INTELIGÊNCIA ... PARA CONHECIMENTO (gr. Epignosis, CONHECIMENTO PLENO) DO MISTÉRIO” (Col. 2:2).

6. Os crentes são confirmados por ele:

“ORA, ÀQUELE QUE É PODEROSO PARA VOS CONFIRMAR SEGUNDO O MEU EVANGELHO E A PREGAÇÃO DE JESUS CRISTO, CONFORME A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO QUE DESDE OS TEMPOS ETERNOS ESTEVE OCULTO” (Rom. 16:25).

7. Proclamado para a obediência da fé:

“SE MANIFESTOU AGORA ... PELAS ESCRITURAS PROFÉTICAS⁷ ... A TODAS AS NAÇÕES PARA A OBEDIÊNCIA DA FÉ” (Rom. 16:26).

DISTINÇÕES BÁSICAS ENTRE A PROFECIA E O MISTÉRIO

A PROFECIA

Diz respeito a um *reino*; a uma organização política (Dan.2:44; Mat. 6:10).

Um reino a ser estabelecido *na terra* (Jer. 23:5; Mat. 6:10).

Cristo será o seu *Rei* (Jer.23:5; Is. 9:6-7).

O reino foi *profetizado* “desde o princípio do mundo” (Lucas 1:68-70; Actos 3:21).

Israel terá *supremacia* sobre as nações (Is. 60:10-12; 61:6).

Os Gentios serão abençoados por meio da *instrumentalidade* de Israel (Gen. 22:17-18; Zac. 8:13).

Os Gentios serão abençoados por meio do *levantamento* de Israel (Is. 60:1-3; Zac. 8:22-23).

A profecia diz respeito principalmente às *nações* como tal (Is. 2:4; Ez. 37:21-22).

A profecia diz respeito a bênçãos tanto materiais como espirituais,

O MISTÉRIO 8

Diz respeito a um *corpo*; um *organismo* vivo (I Cor. 12:12, 27; Ef, 4:12-16).

Um corpo com uma posição *no céu* (Ef. 1:3; 2:5-6; Col. 3:1-3).

Cristo é a sua *Cabeça* viva (Ef. 1:19-23; Col. 1:18).

O corpo foi escolhido em Cristo antes da fundação do mundo, mas “desde os tempos eternos esteve oculto” (Rom. 16:25; Ef. 1:4-11; 3:5-9).

Judeus e Gentios são colocados ao *mesmo nível* perante Deus (Rom.10:12; 11:32; Ef. 2:16-17).

Os Gentios são abençoados por meio da *obstinação* de Israel (Actos 13:44-46; Rom. 11:28-32).

Os Gentios são abençoados por meio da *queda* da Israel (Actos 28:27-28; Rom. 11:11, 12, 15).

O mistério diz respeito a *indivíduos* (Rom. 10:12-13; II Cor. 5:14-17).

O mistério diz respeito a “todas as bênçãos espirituais *nos celestiais*”

na terra (Is. 2:3-4; 11:1-9, etc.).

(Ef. 1:3; Col. 3:1-3).

A profecia diz respeito à *vinda de Cristo à terra* (Is. 59:20; Zac. 14:4).

O mistério explica a presente Ausência de Cristo da terra (Ef. 1:20-23; Col. 3:1-3).

Na profecia a salvação não é contemplada *apenas* pela graça por meio da fé.

A salvação apenas pela graça por meio da fé jaz no próprio coração do mistério (Rom. 3:21-26; 4:5; Ef. 2:8-9).

A proclamação do programa profética foi confiada particularmente aos *doze* (Mat. 10:5-7; Actos 1:6-8; 3:19-26).

A proclamação do mistério foi confiada particularmente a *Paulo* (Ef. 3:1-3, 8-9; Col. 1:24-27).

O programa profético foi revelado por intermédio de *muitos* servos de Deus (Lucas 1:70; II Pedro 1:21).

O mistério foi revelado por intermédio de *um único* homem: Paulo (Gál. 1:1, 11, 12; 2:2, 7, 9; Ef. 3:2-3).⁹

Os escritores do Velho Testamento não compreendiam frequentemente as profecias que por seu intermédio eram tornadas conhecidas (Dan. 12:8-10; I Pedro 1:10-12).

Paulo não somente compreendia como anelava que os outros compreendessem o mistério que por seu intermédio foi revelado. (Ef. 1:15-23; 3:14-21; Col. 1:9-10; 2:1-3).

¹ No entanto nós, na sequência dos nossos escritos, usamos os termos Velho Testamento e Novo Testamento no sentido aceite por uma questão de acomodação.

² Ver o livro do autor intitulado, *O Duplo Propósito de Deus*.

³ Quando, no fim do milénio, Satanás for “solto por um pouco de tempo”, ele enganará a muitos e reunirá um exército contra Jerusalém, mas antes que os seus soldados comecem a lutar, cairá fogo do céu

que os devorará e o próprio Satanás será lançado no lago de fogo (Apoc. 20:7-10).

⁴ Isto é, aquele que morrer aos cem anos de idade será considerado uma criança e terá sido amaldiçoado pelo pecado, que nesse tempo não será tolerado.

⁵ Nós cremos que os apóstolos da circuncisão foram inspirados a escreverem particularmente a respeito dum dia ainda futuro. Quando o Corpo de Cristo for arrebatado e a grande tribulação começar, Israel será “dispersa” (I Pedro 1:1; Tiago 1:1) e “o fim de todas as coisas” estará de novo “próximo” (I Pedro 4:7; I João 2:18).

⁶ Isto é, pela visão pessoal que Pedro teve do Cristo transfigurado. Como é que *alguma outra coisa* poderia firmar melhor a Palavra de Deus?

⁷ Isto é, os próprios escritos de Paulo; não as Escrituras do Velho Testamento, claro. Ver o “agora” em Ef. 3:5.

⁸ Os que põem em questão a associação dos pontos registados deste cabeçalho com o mistério não têm senão que investigar e ver se os podem encontrar na profecia.

⁹ Algumas vezes aparece quem argumente, baseando-se em Ef.3:5, que Paulo foi apenas um dos muitos “apóstolos e profetas” a quem o mistério foi revelado. As palavras “pelo Espírito” são significantes nesta relação. Paulo recebeu primeiro a verdade do mistério “pela revelação de Jesus Cristo” (Gál. 1:12; Ef. 3:3; etc.). Depois “subiu por uma revelação” e comunicou-o aos líderes em Jerusalém (Gál. 2:2 e eles “viram” e “conheceram” e deram a Paulo e a Barnabé, seu companheiro, as dextas da comunhão” (Gál. 2:7, 9). Certamente que foi “pelo Espírito” que eles “viram” e “conheceram” estas verdades, mas não antes de Paulo lhas ter comunicado.

QUESTIONÁRIO

1. Qual é a divisão mais importante da Bíblia? 2. Quando e por meio de quem foi feito o velho concerto (testamento)? 3. Quando e por meio de quem foi feito o novo concerto? 4. Qual é o tema principal da profecia? 5. Qual a forma de governo que prevalecerá no reino Messiânico? 6. Onde é que o reino será estabelecido? 7. Que grande mudança ocorrerá em Israel com o estabelecimento deste reino? 8. Qual será a relação dos Gentios com Israel no reino Messiânico? 9. Qual é o tema principal do mistério? 10. Em que ponto, na história de Israel, é que Deus principiou a revelar o mistério? 11. Qual é a posição relativa dos Gentios em relação aos Judeus, perante Deus, hoje em dia? 12. Qual é a relação existente entre os *crentes* Judeus e Gentios hoje em dia? 13. Onde se encontra hoje a posição do crente e a sua cidadania? 14. Que método de interpretação erróneo têm alguns teólogos aplicado às profecias do reino? 15. O que é que os levou a adoptar este método? 16. Como é que este método de interpretação afecta o resto da Bíblia? 17. Qual é a relação deste método com as prevalecentes heresias dos nossos dias? 18. Qual é a solução para o problema que tem levado alguns teólogos a adoptar este método? 19. Nomeie cinco diferenças básicas entre a profecia e o mistério. 20. Apresente cinco passagens Bíblicas que revelem a importância do mistério.

CAPÍTULO 3

ASPECTO DUPLO DO MISTÉRIO

O SIGNIFICADO DUPLO DO TERMO

A Palavra Grega *musterion*, traduzida por *mistério* na Versão de Almeida, possui um significado duplo. Pode meramente significar *aquilo que está encoberto, guardado, escondido*, ou pode significar *algo que é compreendido apenas pelo iniciado*. Também pode significar ambas as coisas ao mesmo tempo.

A palavra original talvez seja mais correctamente traduzida pela nossa palavra *segredo* do que pela palavra *mistério* - como se usa hoje. Podemos falar em *guardar uma determinada coisa em segredo*, isto é, não revelá-la, ou podemos falar do *segredo* do sucesso dum homem, isto é a *chave*, o *indicador* do seu sucesso.

O grande mistério revelado por intermédio de Paulo é falado de ambos os modos - algumas vezes ao mesmo tempo:

1. O mistério é uma verdade que foi *intencionalmente mantida escondida* até ser revelada ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio: Ele diz que “*desde os tempos eternos esteve oculto (escondido)*” (Rom. 16:25), “*noutros séculos não foi manifestado*”, “*desde os séculos ... oculto (escondido) em Deus*” (Ef. 3:5, 9), “*oculto (escondido) desde todos os séculos, e em todas as gerações*” (Col. 1:26).

2. Agora, apesar de já ter sido revelado, ainda é *compreendido apenas pelos iniciados*: Assim o apóstolo ora “*para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em Seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação*” (Ef. 1:17 e conf. ver. 9), “*para que sejais cheios do conhecimento da Sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual*”, “*O mistério ... que agora foi manifestado aos Seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os Gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória*”, “*a plenitude da inteligência (da compreensão) ... para conhecimento (Gr. Epignosis, conhecimento pleno) do mistério*” (Col. 1:9, 26, 27; 2:2). Por isso a procura de luz e

compreensão do Espírito Santo no estudo deste grande tema reveste-se da maior importância.

O MISTÉRIO DO EVANGELHO ou O SEGREDO DAS BOAS NOVAS

Ao terminar a mais sublime de todas as suas cartas, o Apóstolo Paulo escreve:

“E (orai) por mim, para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório O MISTÉRIO DO EVANGELHO,

“Pelo qual sou embaixador em cadeias, para que possa falar dele, livremente, como me convém falar” (Ef. 6:19-20).

A ordem precisa da frase *“mistério do evangelho”* deve ser cuidadosamente notada. O apóstolo não está aqui a falar das boas novas dum segredo, mas do segredo, ou *chave*, das boas novas. ¹

DESDE A QUEDA TÊM SEMPRE SIDO PROCLAMADAS BOAS NOVAS

Associadamente à ideia de que os santos do Velho Testamento confiaram na morte do Cristo que havia de vir para sua salvação, anda a noção, igualmente contrária às Escrituras, de que nunca houve mais do que um evangelho.

Isto será cuidadosamente discutido num capítulo posterior, mas há a necessidade de salientar aqui o facto simples de que desde a queda que Deus tem sempre proclamado o evangelho, ou boas novas, aos pecadores.

Não foi evangelho, ou boas novas, que Deus anunciou ao Adão e Eva decaídos quando prometeu que a semente de Eva esmagaria a cabeça da Serpente (Gén. 3:15)? Não foram boas novas que Deus proclamou a Abrão, quando lhe disse que nele todas as famílias da terra seriam

benditas (Gén. 12:3 cf. Gál. 3:8)? Não foram boas novas que Deus deu a conhecer a David quando lhe prometeu estabelecer a sua casa, trono e reino para sempre (II Sam. 7:16)? Não foram boas novas que Deus revelou por intermédio dos profetas, quando anunciou que a paz e a prosperidade e a bênção prevaleceriam no reino vindouro (Is. 2:2-4; 11:6-9; 35:1-7; Jer.23:5)? Não foram boas novas que João Baptista proclamou quando introduziu Cristo e anunciou o reino como tendo “chegado” (Mat. 3:2-3)? Não foram boas novas que Pedro pregou quando, mais tarde, *ofereceu* o reino a Israel, clamando: “*Arrependei-vos ... para que ... venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie Ele a Jesus Cristo que já dantes vos foi pregado*” (Actos 3:19-20)?

Tudo isto era *evangelho*, ou boas novas, mas o que era “*o mistério do Evangelho*”; o que era o *segredo* das boas novas? Como podia um Deus santo e justo proclamar *boas novas a pecadores*? Como é que Ele lhes podia oferecer *justamente* coisas boas futuras quando, como pecadores, *mereciam* a Sua ira?

A resposta a estas perguntas encontramos nas epístolas de Paulo.

O SEGREDO DO EVANGELHO PROCLAMADO POR PAULO

Se nas epístolas Paulinas há algo claro é o facto de que o segredo de todas as boas novas de Deus para o homem se centralizarem no *Calvário*. Era porque Cristo morreria pelo pecado que Deus podia proclamar boas novas a pecadores, quer essas boas novas dissessem respeito à introdução do reino milenar, à bênção das nações por meio da semente de Abraão ou à derrota final de Satanás.

Contudo, não foi antes de algum tempo depois da crucificação que o segredo do Evangelho foi revelado ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio, e com ele as melhores novas de todas: “*o Evangelho da graça de Deus*”.

A proclamação do “Evangelho da graça de Deus” foi o acompanhamento natural da revelação da cruz como o segredo das boas novas de Deus. Na verdade, o apóstolo chama à sua mensagem distinta tanto “*o Evangelho da graça de Deus*” (Actos 20:24) como “*a*

pregação da cruz” (I Cor. 1:18), pois “o Evangelho da graça de Deus” é “a pregação da cruz”, isto é, *como boas notícias*. É a proclamação da superabundante graça de Deus ao homem por meio do sangue derramado de Cristo, e na mensagem Paulina tudo se centraliza na cruz.

De acordo com as epístolas Paulinas “nós temos a redenção *por meio do Seu sangue*” (Ef.1:7), nós somos “justificados *pelo Seu sangue*” (Rom. 5:9), “reconciliados com Deus *pela morte de Seu Filho*” (Rom. 5:10), chegados “perto *pelo sangue de Cristo*” (Ef. 2:13) e “feitos justiça de Deus n’Ele” porque “Deus O fez pecado por nós (II Cor. 5:21).

O concerto da lei foi abolido *pela cruz* (Col. 2:14), a maldição da lei foi removida *pela cruz* (Gál. 3:13), a “parede de separação” foi derrubada *pela cruz* (Ef. 2:14-15) e os Judeus e Gentios crentes são reconciliados com Deus num só corpo *pela cruz* (Ef. 2:16).

Não admira o apóstolo chamar à sua mensagem “a pregação da cruz”!

Para o crente é arrebatador ver a cruz como a resposta de Deus para Satanás quando, à primeira vista, parecia que a cruz fora o maior triunfo de Satanás.

Há muito que Satanás operava por detrás do cenário dos acontecimentos para impedir a vinda do Redentor. Ele opusera-se à Sua vinda ao procurar destruir todos os meninos Hebreus no Egipto (Ex. 1:16, 22), ao procurar aniquilar toda a nação por meio de Faraó (Ex. 14), ao procurar destruir “toda a semente real” por intermédio de Atalia (II Crón. 22:10), ao procurar destruir a raça de novo por meio de Hamã (Ester 3:12-13).

Quando o enganador fracassou nestas e noutras tentativas contra a vinda de Cristo, e o Senhor, depois de tudo, apareceu na terra, Satanás redobrou os seus esforços para O destruir. Quando ainda uma criança, Herodes procurou matá-l’O (Mat. 2); em Nazaré, os seus patrícios tentaram lançá-l’O a baixo do cume dum monte (Lucas 4:29); um temporal feroz na Galiléia fora desencadeado para O tragar (Mar. 4:37), etc.

Finalmente parecia que Satanás venceria. Ele conseguira voltar os líderes de Israel contra Cristo (João 7:48), depois as massas (Mat. 13:13-15), depois muitos dos Seus discípulos (João 6:66-67) e finalmente até mesmo um dos doze (Mat. 26:14-16).

Alguns supõem que Satanás procurou *impedir* a crucificação, mas nós não devemos presumir que Satanás compreendia que a cruz determinaria a sua derrota e a nossa redenção. Nós lemos claramente que “*Satanás entrou em Judas*” (João 13:27). Satanás pensava que a crucificação de Cristo O *destruiria*. Como ele se deve ter congratulado do seu sucesso quando nosso Senhor morreu em vergonha e desgraça na cruz do Calvário!

Sem dúvida que foi um grande choque e desapontamento para ele ver Cristo ressuscitar de entre os mortos, mas imaginemos o seu desfalecimento quando descobriu que se tinha enganado a si mesmo ao crucificar Cristo - que com a morte de Cristo Deus pagou o preço pelos pecados do homem de tal forma que podia agora salvar o principal dos pecadores e enviá-lo com a oferta da “*redenção por meio do Seu sangue, o perdão dos pecados, segundo as riquezas da Sua graça*” (Ef. 1:7).

Satanás atingiu assim o clímax da sua carreira de engano quando no Calvário se enganou a *si mesmo*.

À luz disto não admira que Satanás odeie e se oponha à mensagem da graça, à pregação da cruz, com um ardor tão grande como nunca se opôs nem odiou o programa profético. Não é estranho que seja do propósito de Deus:

“... que agora, pela igreja, a multiforme graça de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus” (Ef. 3:10).

O SEGREDO DO EVANGELHO NÃO REVELADO ANTES DE PAULO

Nós devemos ter o cuidado de não assumirmos as *predições* a respeito da *crucificação* como sendo o mesmo que “a pregação da cruz” ou que

“a pregação da cruz” não tem nada a ver com o mistério só porque a crucificação foi profetizada.

Numerosas passagens do Velho Testamento, assim como também os quatro registos do ministério terreno do Senhor predizem a morte de Cristo, porém *nunca os méritos da morte de Cristo foram proclamados como fundamento da salvação, antes de Paulo*. A dificuldade com muitos é *lerem nessas passagens o que lá não se encontra*.

O que é que, por exemplo, poderiam Adão e Eva ter compreendido acerca do plano da salvação na declaração registada em Génesis 3:15? Se a partir dessa passagem eles compreendessem que o Redentor que havia de vir morreria, compreenderiam mais que os doze apóstolos 4000 anos mais tarde quando operaram com o próprio Senhor e pregaram “o evangelho do reino” (Lucas 9:1-6; 18:31-34). ²

Suporá algum leitor que o plano da salvação *deve* ter sido explicado a Adão e Eva? Uma tal suposição seria inteiramente gratuita. De facto, o registo indica precisamente o oposto.

Agora é claro que o Espírito Santo tinha em mente a morte de Cristo no Salmo 22, mas antes de Cristo ter morrido quem teria sonhado que ele retratava a Sua crucificação ou que o brado de abertura era o do nosso Salvador crucificado? Na realidade, a passagem nem fora escrita na forma duma predição!

E que diremos de Isaías 53? Cristo não é aqui retractado a levar os pecados do mundo? Os que assim supõem têm de novo lido algo na passagem que não se encontra lá. O versículo 6 diz: “*Todos NÓS andamos desgarrados como ovelhas ... mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de NÓS todos.*”

Uma vez que o profeta diz “*todos nós*”, o estudante inteligente das Escrituras inquirirá naturalmente, “*todos, quem?*”, e descobrirá no versículo 8 que Isaías fala como um profeta Hebreu a respeito do *seu próprio povo*:

“Pela transgressão do MEU POVO foi Ele atingido”.

Assim, primeiro de tudo, o profeta fala aqui da morte do Messias apenas no seu relacionamento com a *nação de Israel*.³

É certo que também é verdade que nós Gentios temos *igualmente* andado desgarrados e que o Senhor colocou *igualmente* as nossas iniquidades sobre Cristo, mas não é isso que está aqui em causa.

O tom de Isaías 53 é um outro factor que não deve ser olvidado. O profeta não proclama a morte de Cristo como boas novas, nem *oferece* a salvação por meio dos Seus méritos, como é nossa alegria fazermos hoje. Pelo contrário, ele principia com um tom de desapontamento. “*Quem crerá na sua pregação? ...como renovo ... como raiz duma terra seca ... não tinha parecer nem formosura ... nenhuma beleza víamos para que O desejássemos ... desprezado ... rejeitado ... homem de dores, e experimentado nos trabalhos*”.

Quem quer renovos ou raízes de terra seca? Vistamos um homem com um traje magnificante, coloquemos-lhe uma coroa na cabeça, atribuamos-lhe um trono num palácio com mil divisões, e os homens virão dos confins da terra para lhe beijar os pés. Porém um tal carácter descrito por Isaías receberá o preito de quem?

Mas, continua o profeta, Ele leva os *nossos* pecados. Nós somos os únicos culpados, ainda assim e apesar disso *Ele* vai como um cordeiro para o matadouro.

Notemos que em toda a predição de Isaías não há nada acerca da confiança nos méritos do Crucificado para a salvação. Há *substituição*, é certo, (que alguns considerem o apogeu da verdade Cristã) mas, *em si*, a substituição não é boas novas. Muitas vítimas inocentes têm suportado injustamente a condenação dos crimes de outrém. Será isso motivo de regozijo ou de glória?

Na verdade Isaías salienta que quando o Messias viesse seria rejeitado e morto, levando sobre si a culpa dos pecados de Israel, e isto é bastante diferente da proclamação dos méritos da morte de Cristo numa oferta de salvação a ser aceite pela fé.⁴

Finalmente, lembramos os nossos leitores que esta passagem se tratava duma *predição*, que obviamente o próprio profeta não

compreendia (I Pedro 1:10-12) ou de certo teria enchido o seu livro com a alegre mensagem.

Também João Baptista não conhecia o segredo do Evangelho quando disse de Cristo:

“Eis o Cordeiro de Deus, que tira (sustenta) o pecado do mundo” (João 1:29).

Se conhecia, porque é que então proclamou “o *baptismo do arrependimento para a remissão de pecados*”? (Marcos 1:4).

Em Mateus 3:1-2 é-nos dado o tema da mensagem de João:

“E, naqueles dias, apareceu João Baptista pregando no deserto da Judéia, E dizendo: ARREPENDEI-VOS, PORQUE É CHEGADO O REINO DOS CÉUS”.

Se João compreendia o que agora nós compreendemos acerca da morte de Cristo, porque é que não era esse o seu tema?

Nós não nos devemos esquecer do fundo de João 1:29. João tinha estado a baptizar pecadores arrependidos, e Jesus tinha vindo entre eles, para também ser baptizado.

“Mas João opunha-se-Lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por Ti e vens Tu a mim?” (Mateus 3:14).

Porém Jesus insistiu em ser baptizado. Ainda que sem pecado algum, Ele veio como *pecador* e foi “*numerado com os transgressores*”. Será de admirar que João, que estava consciente que tanto ele como a multidão eram os únicos que necessitavam de arrependimento e de purificação, descreva Cristo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo?

Uma vez mais dizemos que se João Baptista soubesse que Cristo morreria ele saberia mais que aquilo que os doze sabiam depois destes terem operado com Cristo durante a maior parte do Seu ministério terreno. Porém, o facto de João ter pregado o que pregou, indica que ele não sabia mais do que eles.

Mesmo depois da crucificação, os apóstolos não viram imediatamente a morte de Cristo como o segredo do Evangelho. Pedro, como vimos, *referiu-se* à crucificação, porém não a *ofereceu* para a salvação. Ele *culpou* os seus ouvintes pela morte de Cristo e exigiu arrependimento e o baptismo na água para a remissão dos seus pecados (Actos 2:36, 38).

Nem mesmo Filipe pregou a cruz ao eunuco como o segredo do Evangelho. O eunuco tinha estado a ler Isaías 53. Filipe pregou então *Cristo* dessa passagem, provando a partir dela que o crucificado Jesus era o Messias que Isaías predissera que viria.

Leiamos o registo cuidadosamente. Em parte alguma lemos que Filipe tivesse instruído o eunuco que Cristo tinha morrido por ele, ou que o eunuco devia confiar na Sua morte para sua salvação. Filipe *identificou* simplesmente Jesus como o Messias pela passagem em questão, e baptizou o eunuco quando ele confessou:

“Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Actos 8:37).

Porém pode ainda ser objectado: Paulo não disse, “Cristo morreu pelos nossos pecados, *segundo as Escrituras*”? Sim, a morte de Cristo pelo pecado foi segundo as Escrituras, mas nós insistimos que não foi antes de Paulo que a Sua morte pelo pecado foi proclamada como boas novas e vista como o segredo de todas as boas novas que tinham sido anunciadas antes. O facto simples é que a morte *profetizada* de Cristo tornou-se no *segredo do Evangelho*.

Assim o facto da morte de Cristo pelos pecados doutros foi “*testificada anteriormente*” (I Pedro 1:11), contudo Paulo, por revelação, torna muito claro que o eterno propósito de Deus nessa morte e na oferta de salvação a todos por meio dos seus méritos seria

“... TESTIFICADA A SEU TEMPO, para o que fui constituído pregador, e apóstolo ...” (I Tim. 2:6-7).

Enquanto Pedro em Pentecostes *acusara* os seus ouvintes de terem crucificado Cristo e exigira arrependimento e baptismo para a remissão de pecados (Actos 2:23, 36, 38), Paulo proclamou a crucificação de

Cristo como *boas notícias* (I Cor. 1:18). Com Pedro em Pentecostes a cruz era um motivo de vergonha; Paulo *gloriava-se* nela (Gál. 6:14).

Foi por meio de Paulo, e não por alguém antes de Paulo, que Cristo foi apresentado como “*propiciação PELA FÉ NO SEU SANGUE*” (Romanos 3:25).

Foi Paulo que primeiro explicou como os homens estavam

“... guardados debaixo da lei, e encerrados para AQUELA FÉ QUE SE HAVIA DE MANIFESTAR” (Gál. 3:23).

E foi Paulo que foi primeiramente enviado a proclamar essa fé.

Foi Paulo quem primeiro disse:

“MAS AGORA se manifestou sem a lei a justiça de Deus ...”

“Para demonstração da Sua justiça NESTE TEMPO PRESENTE, para que Ele seja Justo e Justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rom. 3:21, 26).

Foi Paulo que disse primeiro:

“... Um morreu por todos ... Assim que DAQUI POR DIANTE A NINGUÉM CONHECEMOS SEGUNDO A CARNE ...” (II Cor. 5:14, 16).

Paulo, o principal dos pecadores, salvo pela graça, *oferece* a cruz como única base de remissão (Rom. 3:24); *gloria-se* nela (Gál. 6:14); exclama: “(Ele) *amou-ME e entregou-Se a Si mesmo por MIM!*” (Gál. 2:20), “(Ele) *amou A IGREJA e a Si mesmo Se entregou por ela!*” (Ef. 5:25), “*O amor de Cristo constrange-nos ... Ele morreu por todos*” II Cor. 5:14-15).

O MISTÉRIO (OU SEGREDO) DA VONTADE DE DEUS

Nós avançamos agora do “mistério do evangelho” (Ef. 6:19) para “o mistério da *vontade* de Deus” (Ef. 1:9); do segredo das boas novas para

as boas novas do “segredo”, isto é, o *propósito* oculto antes de ser revelado ao apóstolo Paulo e por seu intermédio. É a isto que ele se refere nas seguintes palavras:

“Descobrimo-nos O MISTÉRIO DA SUA VONTADE, segundo o Seu beneplácito, que propusera em Si mesmo,

De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus, como as que estão na terra” (Ef. 1:9-10).

Nesta passagem, como em muitas outras que Paulo escreveu, a *vontade* de Deus refere-se ao Seu *propósito eterno*, e não meramente à Sua vontade em algum detalhe particular, ou à Sua vontade para as nossas vidas. Assim, ele exorta: “*Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor*” (Ef. 5:17) (Ver também Ef. 1:5-11; Col. 1:9).

Como salientámos, o mistério da vontade de Deus é a reunião de todas as coisas no céu e na terra, *em Cristo*. Este, contudo, é o Seu propósito final. As coisas todas não seriam reunidas em Cristo de repente. Assim o mistério da vontade de Deus envolveu a introdução dum novo programa, duma nova dispensação.

Em resumo, o mistério, quando relacionado com o presente, é a gloriosa verdade de que Deus sentenciou tanto Judeus como Gentios em incredulidade para poder ter misericórdia de todos (Rom. 11:32) e para poder reconciliar ambos com Deus num corpo pela Cruz (Ef. 23:16).

A posição celestial deste “um só corpo”, as suas bênçãos espirituais, as suas responsabilidades presentes, etc., serão discutidas em capítulos posteriores, porém deve aqui ser declarado que o *propósito* eterno de Deus, há tanto tempo guardado em segredo, encontra-se directamente ligado ao *segredo do Evangelho*, pois o levar a cabo deste propósito é a demonstração histórica do facto de que o Cristo que foi crucificado no Calvário é Ele próprio o segredo de todas as boas novas de Deus. Na verdade, foi pela introdução deste *propósito* há muito escondido que Deus revelou o segredo do Evangelho.

O PROPÓSITO SECRETO DE DEUS NÃO REVELADO ANTES DE PAULO

É importante notarmos que antes de Paulo não lemos acerca de Deus nos “*descobrir o mistério da Sua vontade*”.

É este *propósito* oculto, assim como o segredo do Evangelho, que ele rotula de “*meu Evangelho*”, insistindo que foi “*oculto desde os tempos eternos*” (Rom. 16:25).

É ele que primeiro proclama o “*mistério, o qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória*” (I Cor. 2:7). É ele que exclama, ao referir-se de novo a este propósito oculto, “*Como me foi este mistério manifestado pela revelação,*” insistindo de novo que “*o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens*”, que foi “*incompreensível*”, isto é, não revelado nas Escrituras, e “*desde os séculos esteve oculto em Deus*” (Ef. 3:3-9). É ele que fala da

“A DISPENSAÇÃO DE DEUS, QUE ME FOI CONCEDIDA PARA CONVOSCO, PARA CUMPRIR (completar) A PALAVRA DE DEUS; “O MISTÉRIO QUE ESTEVE OCULTO DESDE TODOS OS SÉCULOS, E EM TODAS AS GERAÇÕES, E QUE AGORA FOI MANIFESTO AOS SEUS SANTOS; AOS QUAIS DEUS QUIS FAZER CONHECER QUAIS SÃO AS RIQUEZAS DA GLÓRIA DESTE MISTÉRIO ENTRE OS GENTIOS, QUE É CRISTO EM VÓS, ⁵ ESPERANÇA DA GLÓRIA” (Col. 1:25-27).

1 O termo *evangelho* (gr. *evangelion*) significa simplesmente *boas novas* e deve ser sempre tido deste modo.

2 Tem sido dito que o Senhor censurou dois dos Seus seguidores por não terem em tudo o que os profetas tinham escrito respeitadamente à Sua morte e ressurreição, porém isso aconteceu *depois* da Sua ressurreição. Além disso, os profetas não tinham predito a pregação da cruz para a remissão de pecados.

- 3 Para se ver a forma como a crucificação de Cristo trará a salvação de Israel ver o livro do autor intitulado, *O Duplo Propósito de Deus*.
- 4 A frase “*Com o Seu conhecimento o Meu Servo, o Justo, justificará a muitos*” (versículo 11) é traduzida na Versão de Darby. “*Com o Seu conhecimento o Meu Servo, o Justo, instruirá muitos na justiça*”.
- 5 Colectivamente, como Aquele em quem o Corpo se encontra unido.

QUESTIONÁRIO

1. Qual é o significado duplo da palavra traduzida “mistério” na Versão de Almeida? 2. Como é que o termo “mistério do evangelho” poderia ser traduzido em linguagem corrente? 3. Qual é o significado desta frase? 4. Quando é que pela primeira vez foi pregado aos pecadores *Evangelho*? 5. Em que grande evento é que encontramos “o mistério do Evangelho”? 6. Quando e por quem foi “o mistério do Evangelho” proclamado primeiro? 7. O que é que Satanás esperava conseguir com a crucificação de Cristo? 8. Como é que Deus anulou os seus desígnios? 9. Qual é a diferença entre *predições* acerca da cruz e “a *pregação da cruz*”? 10. Qual a passagem das Escrituras que indica que os próprios profetas não compreendiam as suas predições a respeito dos sofrimentos de Cristo? 11. Quais as passagens das Escrituras que indicam que os próprios apóstolos de Cristo, depois de terem pregado “o Evangelho” por algum tempo, não sabiam sequer que Ele morreria? 12. Como podes provar que Isaías 53 não fala de Cristo a morrer pelos pecados de todos os homens? 13. Qual foi o *tema* da mensagem de João Baptista? 14. Ele ofereceu a morte de Cristo para a remissão de pecados? 15. Como é que a cruz apareceu na mensagem Pentecostal de Pedro e o que é que ele exigiu para a remissão de pecados? 16. Como é que Filipe usou Isaías 53 quando pregou ao eunuco? 17. Quem é que proclamou primeiro, como mensagem, a salvação pela graça, por meio da fé na morte de Cristo? 18. Qual o significado da expressão “o mistério da vontade de Deus”? 19. Explica como “o mistério do Evangelho” e “o mistério da vontade de Deus” se encontram relacionados na grande revelação feita ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio? 20. Apresenta três passagens Bíblicas que provem que “o mistério” foi revelado *primeiramente* a Paulo?

CAPÍTULO 4

A INTRODUÇÃO DO MISTÉRIO

A PASSADA GLÓRIA DE ISRAEL

A nação de Israel, com todas as suas falhas, foi outrora o único ponto brilhante num mundo em trevas. Deus tinha prometido que por meio dela, como semente multiplicada de Abraão, as outras nações seriam abençoadas (Gen. 22:17-18). Rute, a Moabita, e outros como ela, encontraram refúgio sob as asas de Deus ao virem a Israel (Rute 2:12).

Nosso Senhor disse à mulher Samaritana:

“Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque A SALVAÇÃO VEM DOS JUDEUS” (João 4:22).

Paulo, em Rom. 3:1-2, formula a questão: *“Qual é logo a vantagem do Judeu?”* e responde:

“Muita, em toda a maneira, PORQUE, PRIMEIRAMENTE, AS PALAVRAS DE DEUS LHE FORAM CONFIADAS”

Em Rom. 9:4-5, ele diz:

“...(A ISRAEL) PERTENCE A ADOÇÃO DE FILHOS, E A GLÓRIA, E OS CONCERTOS, E A LEI, E O CULTO, E AS PROMESSAS;

“DOS QUAIS SÃO OS PAIS, E DOS QUAIS É CRISTO SEGUNDO A CARNE, O QUAL É SOBRE TODOS, DEUS BENDITO ETERNAMENTE. AMÉM”

O CORAÇÃO DA RELIGIÃO DE ISRAEL

Contudo esta honra não foi conferida a Israel por ela ter sido melhor ou mais merecedora que as outras nações. O próprio Rei David de Israel escreveu por inspiração:

“O Senhor olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus.

“Desviaram-se TODOS e juntamente se fizeram imundos: NÃO HÁ QUEM FAÇA O BEM, NÃO HÁ SEQUER UM!” (Sal. 142-3).

Esta é a razão por no âmago da religião de Israel encontrarmos sacrifícios cruentos. Nós sabemos que *“é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados”* (Heb. 10:4), mas tais sacrifícios expiavam ¹ os pecados até Cristo vir *“aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo”* (Heb. 9:26).

Os sacrifícios cruentos de Israel eram provisoriamente uma confissão de pecado, um testemunho do facto do “salário do pecado ser a morte” e um reconhecimento de que não fora a graça de Deus também a nação de Israel se encontraria fora do Seu favor. Assim está escrito:

“Porque a alma da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação pela alma” (Lev. 17:11).

“E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; E SEM DERRAMAMENTO DE SANGUE NÃO HÁ REMISSÃO” (Heb. 9:22).

Estes meios de aproximação a Deus, embora indicassem que Israel não era melhor que os Gentios, concedia-lhe, ao mesmo tempo, uma vantagem distinta sobre os Gentios - e uma grande responsabilidade para com eles.

Israel não devia guardar estas bênçãos para si, pois Deus tinha dito a Abraão: *“E na tua semente todas as nações da terra serão benditas”* (Gén. 22:18) ². Eles deviam ser os *agentes*, e não meramente os *objectos* da bênção de Deus.

O FRACASSO DE ISRAEL

A Palavra e a adoração de Deus foram entregues a Israel para que *por seu intermédio* os Gentios pudessem encontrar Deus.

Quando o Senhor expulsou os cambiadores do templo, disse:

“Não está escrito - A Minha casa será chamada por todas as nações casa de oração?” (Marcos 11:17).

Certamente que o Senhor se referia a Isaías 56:6-7, onde lemos:

“E aos filhos dos estrangeiros, que se chegarem ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, sendo deste modo servos Seus, todos os que guardarem o Sábado, não o profanando, e os que abraçarem o Meu concerto,

“Também os levarei ao Meu santo monte, e os festejarei na Minha casa de oração; Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceites no Meu altar; PORQUE A MINHA CASA SERÁ CHAMADA CASA DE ORAÇÃO PARA TODOS OS POVOS”.

Certamente que o relacionamento do concerto de Israel com Deus e a sua religião dada por Deus constituíam uma “parede de separação” entre ela e os Gentios ímpios, mas isso não significava que Israel deixasse os Gentios no seu estado ímpio e os mantivesse fora dessa parede. O Concerto Abraâmico indicava o oposto e a passagem acabada de citar em Isaías revela claramente que qualquer Gentio que se quisesse tornar prosélito do Judaísmo seria bem-vindo ao templo, onde um povo concertado tinha acesso a Deus.

Mas o povo de Israel tornou isto conhecido entre as nações? Não. Eles teriam deixado para sempre o mundo Gentio em trevas. Na verdade, o templo, que deveria ser uma casa de oração para todas as nações, tornara-se num centro de vilania e de fraude. Isso forçou o Senhor a acrescentar à citação que fez de Isaías, as palavras: “MAS VÓS A TENDES FEITO COVIL DE LADRÕES”.

AS TRÊS CHAMADAS AO ARREPENDIMENTO

Foi após 1500 anos de fracasso sob a lei, com o futuro reino messiânico em vista, que Deus dirigiu a Israel as suas três maiores chamadas ao arrependimento.

A primeira foi por João Baptista, de quem o Senhor disse: “*Não há maior profeta*” (Lucas 7:28).

O ministério de João visava trazer Israel de volta a Deus, e preparar assim o caminho para a vinda do Rei. O clamor era:

“... Preparai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas. Todo o vale se encherá, e se abaixará todo o monte e outeiro; e o que é tortuoso se endireitará, e os caminhos escabrosos se aplanarão” (Lucas 3:4-5).

João trabalhou fervorosamente para cumprir a sua missão. O seu ministério atingiu todas as áreas da vida nacional de Israel. Ele lidou com “a multidão”, com os cobradores de impostos, com os soldados (Lucas 3:10-14). Ele ousou mandar embora os orgulhosos Fariseus e Saduceus, chamando-lhes “Raça de víboras”, perguntando-lhes: “*Quem vos ensinou a fugir da ira futura?*”, e dizendo-lhes: “*Produzi pois frutos dignos de arrependimento*” (Mat. 3:7-8). Ele até entrou no palácio do Rei Herodes, repreendendo-o por viver com a mulher do irmão “e por todas as maldades que Herodes tinha feito” (Lucas 3:19).

Porém, com tudo isto, Israel, como nação, não se arrependeu. Na realidade, o grande reformador foi “encerrado num cárcere” (Lucas 3:20) e finalmente “degolado” (Mat. 14:10) pelo ímpio e licencioso rei de Israel - um crime que dificilmente seria tolerado, tivesse havido uma reforma real na nação.

Assim, o caminho para nosso Senhor ficou tudo, menos preparado. Ele teve que retomar o clamor onde João o deixara. Porém a resposta à mensagem do Senhor não foi mais satisfatória que a resposta à de João. Eles desprezaram-n’O, importunaram-n’O, conspiraram contra Ele. Quando Ele operou poderosos milagres entre eles, eles tiveram a imprudência de perguntar: “*Com que autoridade fazes isto? E quem Te deu tal autoridade?*” (Mat. 21:23).

Finalmente trouxeram-n’O a julgamento sob várias acusações falsas. E, enquanto esteve sob exame e julgamento, sujeitaram-n’O ao tratamento mais cruel e desumano. Zombaram d’Ele; açoitaram-n’O; feriram a Sua face. Puxaram-Lhe a barba e o cabelo, vendaram-Lhe os

olhos, esbofetearam-n'Ó, e pediram-lhe para que profetizasse quem o tinha ferido. Coroaram-n'Ó com espinhos; vestiram-Lhe umas vestes de púrpura e deram-lhe uma vara (em vez dum ceptro) para as Suas mãos, curvando-se diante d'Ele em zombaria. Depois, tirando-Lhe a vara da mão, feriram-n'Ó na cabeça com ela.

Tão intenso foi o ódio deles contra o Filho de Deus que, quando o governador Romano, Pilatos, não achando n'Ele falta alguma, e O queria castigar e libertar, “*toda a multidão clamou à uma, dizendo: Fora daqui com Este ...*” (Lucas 23:18). “*E eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado*”. (Lucas 23:23).

E assim Israel, em vez de dar ouvidos à chamada de Cristo ao arrependimento, persuadiu Pilatos a crucificá-l'Ó numa cruz, onde, agonizando em dor, sofreu vergonha e ignomínia pelos pecados *deles*.

Certamente que tudo isto não surpreendera Deus. Na verdade, Ele previra tudo. O Espírito, por meio dos profetas, tinha “*anteriormente testificado os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de SEGUIR*” (I Pedro 1:11). Assim, o Messias de Israel, quando se encontrava suspenso na cruz, clamou: “*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*” (Lucas 23:34).

E o cenário agora parecia estar a preparar-se para a glória que se havia de seguir. Cinquenta dias após a ressurreição o Espírito Santo foi “derramado” sobre os discípulos e os sinais dos “últimos dias” começavam a aparecer (Actos 2). No meio daqueles sinais miraculosos a Israel (de então) foi dada a terceira e última oportunidade de se arrepender, com a oferta do retorno de Cristo e “os tempos do refrigério” se se arrependesse.

Foi principalmente o apóstolo Pedro que Deus usou para, em Pentecostes, chamar Israel ao arrependimento. Aos que foram convencidos pela sua mensagem e inquiriram que deviam fazer, ele respondeu:

“ARREPENDEI-VOS, E CADA UM DE VÓS SEJA BAPTIZADO EM NOME DE JESUS CRISTO, PARA O PERDÃO DOS PECADOS; E RECEBEREIS O DOM DO ESPÍRITO SANTO” (Actos 2:38).

Um pouco mais tarde, às multidões que se ajuntaram junto ao pórtico de Salomão, Pedro clamou:

“ARREPENDEI-VOS, POIS, E CONVERTEI-VOS, PARA QUE SEJAM APAGADOS OS VOSSOS PECADOS, E VENHAM ASSIM OS TEMPOS DO REFRIGÉRIO PELA PRESENÇA DO SENHOR;

“E ENVIE ELE A JESUS CRISTO, QUE JÁ DANTES VOS FOI PREGADO” (Actos 3:19-20).

Porém, todavia, Israel (como nação) continuava a recusar arrepende-se. Em vez disso, os seus dirigentes impediram os apóstolos de falarem no nome de Cristo; ameaçando-os, açoitando-os, aprisionando-os. Finalmente eles não puderam conter-se em não derramar sangue de novo e Estêvão, um homem “cheio de fé e de poder”, foi arrastado para fora da cidade e apedrejado até à morte.

Assim, Israel respondeu às três graciosas chamadas de Deus ao arrependimento com três homicídios brutais: os de João Baptista, Cristo e Estêvão. E notemos bem que a culpa deles aumentou com cada homicídio sucessivo. No caso de João Baptista eles *permitiram-no*; no caso de Cristo *exigiram-no*; no caso de Estêvão *cometeram-no*. Eles fizeram ouvidos moucos ao Pai (por meio de João), ao próprio Filho, quando na terra, e ao Espírito Santo (por meio dos crentes Pentecostais). Eles resistiram ao Pai antes da vinda de Cristo; desprezaram o próprio Cristo quando entre eles; blasfemaram contra o Espírito Santo depois de Cristo ter partido. Agora não havia qualquer desculpa. Eles tinham cometido o pecado imperdoável, do qual o Senhor os tinha avisado (Mat. 12:31-32).

ISRAEL UNE-SE À REBELIÃO DO MUNDO

Não deve ser suposto que a inimizade de Israel contra Cristo terminou com o homicídio de Estêvão. Este não foi senão o começo duma intensa e prolongada perseguição a Cristo e aos Seus seguidores:

“E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e da Samaria, excepto os apóstolos” (Actos 8:1).

Saulo de Tarso era o líder desta perseguição:

“E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas: e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão” (Actos 8:3)

Os Gentios já se tinham rebelado há muito tempo contra Deus, na torre de Babel (Gén. 11:3-4), “*quando não se importaram de ter o conhecimento de Deus*” (Rom. 1:28). Devido a isso Deus “abandonou-os” finalmente (Rom. 1:24, 26, 28) e espalhou-os sobre a face da terra (Gén. 11:9). Agora Israel unia-se à rebelião e Deus também teve que os abandonar e espalhar.

Alguns supõem que a dispersão dos discípulos de Jerusalém para a Judéia e Samaria foi em cumprimento da “grande comissão” registada em Actos 1:8. Contudo, o que se passou foi precisamente o oposto. Os discípulos não deixaram Jerusalém em resposta a qualquer mandamento do Senhor. Eles *fugiram pelas suas vidas*. E os doze apóstolos, aqueles a quem o Senhor tinha mandado ir de Jerusalém para todo o mundo, *continuaram em Jerusalém!*

Decerto que era natural que os crentes em Jerusalém fugissem quando a terrível perseguição rebentou, porém como classificaremos a conduta dos doze apóstolos ao ficarem ali?

Estariam a transgredir o seu dever de evangelizar o mundo? As Escrituras respondem claramente que não. A razão dos doze continuarem em Jerusalém era porque o reino, no qual eles teriam doze tronos (Mat. 19:28), seria estabelecido *em Jerusalém*, e porque a bênção e a salvação para os confins da terra fluiriam *de lá*; assim, a obra deles ali ainda não estava consumada.

Assim a permanência dos apóstolos em Jerusalém e a fuga da multidão de crentes indicavam a mesma coisa - que Israel ainda *não* se tinha voltado para Cristo. Olhando para trás podemos ver *agora* que esta grande perseguição foi “a crise secreta na história de Israel”, como Sir Robert Anderson a denominou, e que o reino não seria estabelecido, por agora, a menos que fosse pela força.

Mas, e o que aconteceria ao plano de Deus em enviar salvação e bênção ao mundo? As nações teriam agora de ficar em trevas devido à recusa de Israel em se tornar o canal de bênção?

Segundo a profecia a resposta de Deus à rejeição votada pelo mundo a Cristo seria o derramamento da Sua ira. Ele *faria* com que Israel (e também os Gentios) quisessem o dia do Seu poder. Israel, juntamente com os Gentios tinham declarado guerra a Ele e ao Seu Ungido; Ele far-lhes-ia uma contradecaração, como está escrito:

“Porque se amotinam as Gentes, e os povos (DE ISRAEL, ver Actos 4:25-27) imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e os príncipes juntos se mancomunam contra o Senhor e contra o Seu Ungido, dizendo:

“Rompamos as Suas ataduras, e sacudamos de nós as Suas cordas. AQUELE QUE HABITA NOS CÉUS SE RIRÁ; O SENHOR ZOMBARÁ DELES. ENTÃO LHES FALARÁ NA SUA IRA, E NO SEU FUROR OS CONFUNDIRÁ (Sal. 2:1-5).

“DISSE O SENHOR AO MEU SENHOR ASSENTA-TE À MINHA MÃO DIREITA, ATÉ QUE PONHA OS TEUS INIMIGOS POR ESCABELO DOS TEUS PÉS. O SENHOR ENVIARÁ O CEPTRÓ DA TUA FORTALEZA DESDE SIÃO, DIZENDO: DOMINA NO MEIO DOS TEUS INIMIGOS. O TEU POVO SE APRESENTARÁ VOLUNTARIAMENTE NO DIA DO TEU PODER ...” (Sal. 110: 1-3).

Estas palavras de David são o testemunho consistente da profecia do Velho Testamento. O juízo cairia agora?

Não, era contra o fundo negro do fracasso e pecado do homem que Deus iria agora revelar as riquezas da Sua graça.

O PROPÓSITO SECRETO REVELADO

O primeiro indício do propósito de Deus a respeito da dispensação da graça foi a salvação de Saulo, o principal dos pecadores, e o líder da rebelião de Israel - e do mundo - contra Cristo (I Tim. 1:13-16).

A ele o Senhor revelou o que ainda não podia revelar aos outros apóstolos quando lhes deu a sua grande comissão: isto é, que a nação de Israel seria posta de parte e que a salvação seria enviada por graça a todos directamente através do Cristo crucificado, ressuscitado, exaltado.

Uma das primeiras lições que Paulo aprendeu foi que Deus encerraria Israel, juntamente com os Gentios, em incredulidade. Ele, como os doze, teria lançado o seu ministério a partir de Jerusalém, mas quando, depois da sua conversão, ele retornou ali, o Senhor apareceu-lhe e disse-lhe:

“Dá-te pressa, e sai apressadamente de Jerusalém; PORQUE NÃO RECEBERÃO O TEU TESTEMUNHO ACERCA DE MIM” (Actos 22:18).

Comparemos esta declaração com Lucas 24:47 e vejamos o que Deus estava agora a fazer. Ele estava a encerrar Israel em incredulidade juntamente com os Gentios. E porquê? Para que pudesse oferecer salvação a *todos* os homens por graça, *somente e directamente por meio dos méritos de Cristo*.

“PORQUE DEUS ENCERROU ³ A TODOS DEBAIXO DA DESOBEDIÊNCIA (ou INCREDELIDADE)” (Rom. 11:32).

Assim, por meio da *queda* de Israel, a salvação seria agora pregada aos Gentios (Rom. 11:11-12; 15). Com o levantamento de Paulo, em substituição dos doze, como “o apóstolo dos Gentios” (Rom. 11:13), Deus começou a trazer a um fim a religião Judaica e a introduzir o “reino” da graça. ⁴

O leitor deveria aqui notar como Deus, tendo demonstrado plenamente que “*não há diferença*” entre Judeu e Gentio (Rom. 3:22-23), magnifica agora a *crux* e o seu poder para salvar (Ef. 1:7).

“PORQUE ELE É A NOSSA PAZ, O QUAL DE AMBOS OS POVOS FEZ UM; E, DERRIBANDO A PAREDE DE SEPARAÇÃO QUE ESTAVA NO MEIO,

“NA SUA CARNE DESFEZ A INIMIZADE ...

“... PARA PELA CRUZ RECONCILIAR AMBOS COM DEUS EM UM CORPO, MATANDO COM ELA AS INIMIZADES” (Ef. 2:14-16).

Assim a parede de separação foi derrubada e os crentes Judeus e Gentios são reconciliados com Deus num corpo *pela cruz*. A *cruz*, a *obra consumada de Cristo*, é o que Deus quer que nós proclamemos hoje ao mundo (I Cor. 1:18; II Cor. 5:14-21; Gál. 6:14; Ef. 1:7; etc.), pois nela jaz o segredo do “Seu propósito e graça”.

Contudo, notemos bem que a *reconciliação* requer *alienação* ou *separação*; assim a *reconciliação* não pôde ser proclamada antes de Israel ter sido posta de parte juntamente com os Gentios e da alienação de *todos* de Deus ter sido plenamente demonstrada, “A sua rejeição” abriu o caminho à “*reconciliação do mundo*” (Rom. 11:15).

A “*dispensação da graça de Deus*”, a reconciliação de Judeus e Gentios com Deus *num só corpo* pela cruz, é o grande mistério que esteve escondido em Deus até ser revelado ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio.

Paulo era o representante natural do propósito de Deus a respeito do corpo, uma vez que ele era Hebreu e Romano numa só pessoa (Ver Actos 26:16-18, New Translation.) um inimigo *reconciliado* com Deus e o Seu Cristo, o “exemplo” que Deus escolheu para “mostrar toda a Sua longanimidade” (I Tim. 1:16) e “um abortivo” (I Cor. 15:8), (ou seja nascido antes do tempo devido), como o são *tanto* Judeus *como* Gentios, hoje. Tudo isto será mais aprofundado numa outra lição.

O propósito profetizado de Deus em abençoar as nações *por meio de Israel* certamente que ainda será levado a cabo, mas enquanto Israel permanece no seu estado impenitente, sem arrependimento, Deus está a abençoar Judeus e Gentios *por meio de Cristo*, a *Semente de Abraão*, a despeito do fracasso da semente *multiplicada* de Abraão (Gál. 3:16, 19, 22; Ef. 3:5-6). Isto está de acordo com o Seu “propósito eterno”, e é uma demonstração viva do facto de que *toda* a bênção flui do Calvário; que até a bênção milenar fluirá *de Cristo*, por meio de Israel, para os Gentios.

“Ó profundidade das riquezas, tanto, da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Rom. 11:33).

1 A palavra *expiar* (Hebreu: *kapher*) significa *cobrir*.

2 Deve ser notado que nas promessas do concerto com Israel, para além do aspecto futuro, há geralmente o desafio do cumprimento presente (Deut. 1:8; Heb. 3:19; etc.).

3 Grego *sunkleio*: *encerrar conjuntamente, incluir conjuntamente*.

4 Ver Rom. 5:20-21 e I Tim. 1:13-16 e notar as frases: “graça”, “*superabundou*”, “*também a graça reinasse*”, e “*em mim que sou o principal*” (ou, *principalmente*).

QUESTIONÁRIO

1. Mostra pelas Escrituras qual a *principal* vantagem que Israel tinha sobre os Gentios nos tempos do Velho Testamento. 2. Apresenta cinco outras vantagens que Israel tinha sobre os Gentios. 3. Que responsabilidade essas vantagens impunham a Israel no seu relacionamento com os Gentios? 4. Porque é que a nação de Israel foi constantemente lembrada de que não era melhor que os Gentios? 5. Porque é que o templo era visto como uma casa de oração? 6. Em que é que o templo se tornara, pela altura que Cristo apareceu na terra? 7. Com que homicídios brutais é que Israel respondeu às suas três maiores chamadas ao arrependimento? 8. Explica como é que a culpa de Israel aumentou progressivamente com esses três homicídios. 9. Como é que Israel empreendeu a guerra contra Deus e o Seu Ungido? 10. Quem é que liderou Israel nesta guerra? 11. Como é que Deus responderia, segundo a Escrituras? 12. O juízo caiu logo? 13. Apresenta uma passagem das Escrituras que mostre com que grande proeza Deus indicou primeiro o Seu propósito de introduzir a dispensação da graça. 14. O que é que o Senhor ressuscitado revelou a Saulo acerca de Israel, quando ele regressou a Jerusalém após a sua conversão? 15. O que é que Deus fez agora a Israel para abrir o caminho à “reconciliação do mundo”? 16. O que é que aconteceu à parede de separação? 17. Qual o relacionamento dos que foram reconciliados com Deus têm agora uns com os outros? 18. Explica como é que Paulo é o representante natural da igreja dos nossos dias? 19. Em que sentido é que Deus está agora a abençoar os Gentios por meio da semente de Abraão?. 20. O que aconteceu ao propósito profetizado de Deus em abençoar o mundo por meio da semente *multiplicada* de Abraão? (Gen. 22:17-18).

CAPÍTULO 5

OS ÚLTIMOS DIAS

O ALVO DA PROFECIA

As Escrituras do Velho Testamento têm muito a dizer acerca dos “últimos” dias. A frase aponta para o futuro, numa forma geral para a *vinda do Messias e o estabelecimento do Seu reino* (Gen. 49:1; Núm. 24:14; Deut. 4:30; Isa. 2:2; Dan. 2:28; 10:14; Ose. 3:5; Miq. 4:1). Várias frases semelhantes são utilizadas em relação com os mesmos eventos, como por exemplo: “o último tempo”, “tempos do fim”, “dias virão”, “Seus dias”, “aqueles dias”.

A vinda do Messias e o estabelecimento do Seu reino nos últimos dias são o alvo da profecia. Na realidade, até as Escrituras Neotestamentárias descrevem a vinda e o reino do Messias como o grande clímax do programa profético (Marcos 1:15; Lucas 1:68-75; Actos 3:21-24; I Pedro 1:11).

PEDRO E OS ÚLTIMOS DIAS

Quando há dezanove séculos Pedro se ergueu e declarou que os últimos dias tinham chegado (Actos 2:16-17) ele revelou que ignorava completamente o plano de Deus em introduzir a dispensação da graça antes do retorno de Cristo.

Contudo, não devemos supor que esta ignorância se devia a alguma falha humana em Pedro, pois no dia de Pentecostes os seguidores de Cristo “foram todos cheios do Espírito Santo” (Actos 2:4).

Além disso, o que ele disse estava *biblicamente correcto*. À luz do que tinha sido revelado desde já há muito tempo, aqueles dias *eram* os últimos dias. Os profetas não tinham dito nada acerca da dispensação da graça ou do corpo de Cristo. Até então ainda não tinha havido qualquer indício de interrupção do programa profético.

Na profecia de Joel a respeito dos últimos dias, a Pentecostes segue-se a grande tribulação e o retorno de Cristo. Na verdade, “anteriormente”, os profetas apenas tinham testificado “os sofrimentos que a Cristo

haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir” (I Pedro 1:11. Agora que os sofrimentos tinham passado, tudo indicava que se lhes seguiriam a glória, pois ninguém podia negar que os sinais do “dia do Senhor” tinham começado a aparecer. ¹

Assim, Pedro *não* ignorava o programa de Deus revelado respeitadamente ao tempo em que ele vivia. Ensinado pelo Senhor (Actos 1:3) e cheio do Espírito Santo (Actos 2:4), ele tinha uma compreensão inteligente quanto ao local em que se situava com precisão no plano divino. Daí o poder dinâmico da sua mensagem.

Os apóstolos esperavam que o Espírito Santo fosse “derramado” antes da grande tribulação e do retorno de Cristo, e o Senhor prometera-lhes, ao comissioná-los, que seriam então capacitados a falar em outras línguas (Marcos 16:17). Assim, quando o Espírito Santo veio e eles começaram a falar noutras línguas Pedro sabia exactamente o que estava a acontecer e, apontando para a profecia de Joel, disse sem reservas: “ISTO É O QUE.”

“Estes homens não estão embriagados, como vós pensais ... Mas ISTO É O QUE foi dito pelo profeta Joel: E NOS ÚLTIMOS DIAS acontecerá, diz Deus, que do Meu Espírito derramarei ... e farei aparecer prodígios ... e sinais ... antes de chegar o grande e glorioso dia do Senhor” (Actos 2:15-20).

Tudo isto é claro se simplesmente não nos lembrarmos de antecipar revelação; se nos lembrarmos que o propósito de Deus a respeito *desta presente dispensação* era então ainda um “*mistério*”. No respeitante ao plano de Deus *revelado*, os últimos dias - os dias há muito preditos - *tinham* principiado. O Messias de Israel há muito prometido tinha aparecido, morrera e ressuscitara, ascendera à mão direita do Pai e enviara o Espírito Santo para guiar e capacitar os Seus. No programa profético, o que a seguir sucederia era o período de tribulação com o juízo das nações e o retorno de Messias, e os sinais destas coisas estavam já a começar a aparecer.

O PROGRAMA PROFÉTICO INTERROMPIDO

Todavia é importante notar que nem *todos* os sinais do “dia do Senhor” apareceram em Pentecostes. Apareceram os “sinais em baixo na

terra”, porém não os “prodígios em cima no céu”. Houve o derramamento do Espírito Santo, as línguas e visões e profecias, não porém o “sangue, fogo, e vapor de fumo”, nem “o sol se converteu em trevas”, nem “a lua em sangue” (ver Actos 2:17-20). Mais, os sinais que apareceram desvaneceram-se de novo (I Cor. 13:8) quando o programa profético deu lugar ao “*mistério*”, o eterno propósito *secreto* de Deus.

Precisamente antes da ascensão do Senhor os apóstolos perguntaram: “*Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?*” (Actos 1:6). Certamente que o Senhor sabia que Israel rejeitaria a oferta do reino, mas Ele não podia revelar isso aos onze, pois nesse caso eles não teriam feito a Israel um apelo a sério, do coração, e Israel, por sua vez, nesse caso, teria desculpas por rejeitar Cristo. Assim o Senhor declinou em responder à pergunta deles e disse:

“Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder.

“Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e SER-ME-EIS TESTEMUNHAS, TANTO EM JERUSALÉM COMO EM TODA A JUDEIA E SAMARIA, E ATÉ AOS CONFINES DA TERRA” (Actos 1:7-8).

Assim, a casa de Israel recebeu uma oferta *a sério* do retorno de Cristo e do estabelecimento do Seu reino, quando Pedro clamou:

“Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que seja, apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor,

“E envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado” (Actos 3:19-20).

Certamente que este apelo foi um apelo à *nação*. Não significava que se *aquela audiência* se tivesse arrependido Cristo viria *logo* para introduzir o reino, pois sabemos que primeiramente ter-se-iam que cumprir vários eventos profetizados.

Contudo pode ser levantada a questão: Se o programa profético tivesse corrido o seu curso normal e uma nação de Israel arrependida tivesse sido trazida finalmente aos pés do Messias, como é que Deus

introduziria a dispensação da graça? A resposta é simples: Ele sabia que eles não se arrependeriam e que isso será um factor nos Seus planos para introduzir a dispensação da graça.

O facto que dizia respeito ao povo de Israel naquele tempo era que uma oferta *a sério* lhes estava a ser feita para que se arrependessem o reino fosse introduzido e Cristo viesse ocupar o trono de David. Deus estava a responsabilizar Israel pela sua aceitação ou rejeição de Cristo e do Seu reino. Como sabemos, a nação apóstata não se arrependeu, mas uniu-se aos Gentios na sua rebelião contra Deus, e não se podia queixar se o cumprimento na profecia de Joel tivesse continuado e a ira de Deus fosse derramada sobre eles. Na verdade, os que se arrependeram foram cheios do Espírito Santo, sendo assim preparados para a prova por que passariam, como resultado da rebelião de Israel.

Assim, o mundo ficou preparado para a ira de Deus há mais de 1900 anos, e se o programa profético não tivesse sido graciosamente interrompido, o juízo teria caído então.

**“MAS ONDE O PECADO ABUNDOU, SUPERABUNDOU A GRAÇA”
(Rom. 5:20).**

Foi a Paulo, esse *outro* apóstolo, que Deus revelou primeiramente “o *mistério (segredo) da Sua vontade*” (Ef. 1:9), “o *Seu propósito e graça que nos foi dado em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos*” (II Tim. 1:9).

O apóstolo diz em Ef. 3:1-3:

“Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os Gentios;

“Se é que tendes ouvido A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, que para convosco me foi dada;

“Como ME FOI ESTE MISTÉRIO MANIFESTADO POR REVELAÇÃO ...”

Paulo, como os doze, teria lançado o seu ministério a partir de Jerusalém, mas a ele o Senhor revelou-lhe o que Ele não podia dizer

aos onze antes da Sua ascensão. Em Actos 22:17-18 temos o registo do que se passou com Paulo:

“E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim.

“E vi Aquele (Cristo) que me dizia: DÁ-TE DEPRESSA, E SAI APRESSADAMENTE DE JERUSALÉM, PORQUE NÃO RECEBERÃO O TEU TESTAMUNHO ACERCA DE MIM”.

Nessa altura Paulo, supondo que a sua reputação como ex-perseguidor de Cristo levaria os Judeus a escutá-lo e sentindo também, sem dúvida, que lhes *devia* uma explicação quanto à sua conduta, começou a argumentar o caso com o Senhor. Porém o Senhor replicou-lhe simplesmente:

“VAI, PORQUE HEI-DE ENVIAR-TE AOS GENTIOS DE LONGE” (versículo 21).

Toda esta passagem em Actos é cheia de significado. Porque é que o Senhor insistiu para que os doze principiassem o seu ministério em Jerusalém, e recusou a Paulo que começasse ali o seu? Porque o ministério de Paulo constituiria uma *interrupção* da comissão e programa dos doze. Com efeito, o Senhor disse a Paulo: “Eles não escutaram aos doze; nem te escutarão a ti, assim, deixa Jerusalém e vai aos Gentios”. Deus concluiu assim Israel em incredulidade, juntamente com os Gentios. É signficante notar que depois do levantamento de Paulo nunca mais encontramos qualquer oferta do reino a Israel. ² Contudo Deus fez isso para que pudesse “ter misericórdia de todos” (Rom. 11:32).

“Ó PROFUNDIDADE DAS RIQUEZAS, TANTO DA SABEDORIA, COMO DA CIÊNCIA DE DEUS! QUÃO INSONDÁVEIS SÃO OS SEUS JUÍZOS, E QUÃO INEXCRUTÁVEIS OS SEUS CAMINHOS” (Rom. 11:33).

E assim principiou a interrupção do programa profético a fim de Deus, por meio de Paulo, poder oferecer a todos os homens, em toda a parte, salvação pela graça, apenas por meio dos méritos do Cristo crucificado e ressuscitado.

“E pela cruz reconciliar AMBOS (Judeus e Gentios) com Deus em UM CORPO ...” (Ef. 2:16).

Durante esta *interrupção*, ou *parêntesis*, então, enquanto o estabelecimento do reino de Cristo está suspenso, Deus está a formar o *corpo de Cristo* de entre Judeus e Gentios *reconciliados* consigo pela cruz (Cf. I Cor.12:13; II Cor.5:14-21).

O estudioso das Escrituras deve lembrar-se sempre que a formação deste “um só corpo” não é o tema da profecia, mas o do *mistério* revelado primeiramente por meio do apóstolo Paulo, nem é o cumprimento de qualquer promessa de concerto, mas o produto de *pura graça*, por meio da obra redentora de Cristo. É por isto que a pregação não adulterada do “evangelho da graça de Deus” tem sempre sido objecto especial da ira de Satanás. Nesta relação Paulo escreve a Timóteo:

“Portanto não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro Seu; antes participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus,

“QUE NOS SALVOU, E CHAMOU COM UMA SANTA VOCAÇÃO; NÃO SEGUNDO AS NOSSAS OBRAS, MAS SEGUNDO O SEU PRÓPRIO PROPÓSITO E GRAÇA QUE NOS FOI DADA EM CRISTO JESUS ANTES DOS TEMPOS DOS SÉCULOS” (II Tim. 1:8-9).

PAULO E OS ÚLTIMOS DIAS

Como Pedro, Paulo tem-nos muito a dizer acerca dos “últimos dias”, mas uma vez que a sua mensagem diz principalmente respeito a esta presente dispensação do mistério, e não ao programa profético, com essa expressão ele refere-se geralmente aos últimos dias da *dispensação da graça*, depois da qual o programa profético será de novo reatado.

Com tudo o que foi revelado a Paulo acerca da dispensação da graça, apenas houve uma única coisa que ele nunca soube, a saber, *quanto tempo ela duraria*. Isso *ainda* permanece um mistério. Ninguém sabe quanto tempo ela durará. Deus não prometeu que ela duraria um determinado tempo específico. Para o corpo de Cristo não há “tempos

e estações”, nem “sinais dos tempos”. O apóstolo menciona apenas *tendências* para o fim da dispensação; tendências que, de facto, tiveram o seu começo já nos seus dias.

Paulo não tinha qualquer ideia de que o dia da graça se estenderia até ao tempo presente, pois, escrevendo a Timóteo há cerca de 1900 anos respeitadamente aos “últimos dias”, instruiu-o (Timóteo) quanto a como ele se deveria conduzir sob tais circunstâncias, (I Tim. 4:1-7; II Tim. 3:1-17). Paulo deve ter esperado que a dispensação conhecesse o seu fim com brevidade, pois aos perdidos dos *seus* dias (como também aos dos nossos) ele escreveu:

“E nós, cooperando também com Ele (Deus), vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão: ... eis aqui AGORA o tempo aceitável, eis aqui AGORA o tempo da salvação” (II Cor. 6:1-2).

E aos salvos dos seus dias (como também aos dos nossos) ele escreveu:

“Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios,

“REMINDO (ou, COMPRANDO) O TEMPO; PORQUANTO OS DIAS SÃO MAUS” (Ef. 5:15-16).

Agora que Deus suspendeu o Seu juízo sobre este mundo já lá vão quase 2000 anos, tenhamos cuidado com a presunção, pois cada momento de demora é um momento de pura graça e esta dispensação da graça pode ser trazida ao seu término a *qualquer momento*. Nós não podemos deixar que os perdidos adiem uma hora mais a sua decisão no que concerne à sua salvação, mas devemos clamar ainda com mais urgência com Paulo: “AGORA é o tempo!”³ e nós próprios devemos comprar todas as oportunidades para resgatarmos os que perecem, uma vez que os dias são maus e o tempo provavelmente muito curto.

PAULO E O RETORNO DO SENHOR

Certamente que o ministério de Pedro no princípio dos Actos tinha em vista o retorno do Senhor *à terra*; o Seu retorno para reinar em Jerusalém sobre Israel e as nações.

Paulo também tem muito a dizer acerca do retorno do Senhor, mas uma vez mais existe uma diferença. A Paulo foi revelado que a dispensação da graça seria trazida ao seu término com a vinda de Cristo para arrebatara os membros do Seu corpo, *antes* do derramamento da Sua ira e do Seu retorno *à terra* para reinar.

Que isto fazia parte do “mistério” a respeito do corpo, que lhe tinha sido revelado pelo Senhor glorificado, vê-se claramente nas suas próprias palavras:

“DIZEMO-VOS, POIS, ISTO PELA PALAVRA DO SENHOR, que nós os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

“Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus: e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

“Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (I Tes. 4:15-18).

“EIS AQUI VOS DIGO UM MISTÉRIO: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados.

“Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (I Cor. 15:51-52).

Notemos de novo, nestas passagens, que Paulo não podia ter esperado que a dispensação da graça perdurasse por muitos anos, pois ele diz: *“NÓS nem todos dormiremos”* e *“NÓS, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens a encontrar o Senhor no ares”*. Além disso, ele instrui consistentemente

os crentes dos *seus dias* a esperarem e a aguardarem o Senhor na sua vinda para os tomar para o céu (Fil. 3:20; I Tes. 1:10; Tito 2:13).

O espaço não nos permite um estudo aprofundado deste tema maravilhoso neste volume, mas permite-nos dizer aqui que a graça e a longanimidade de Deus em prolongar a presente dispensação e em retardar o juízo do mundo por cerca de 1900 anos deveriam encher os nossos corações de admiração e de gratidão, enquanto que a “bem-aventurada esperança” da Sua vinda para nós deveria ao mesmo tempo manter-nos em vigília e espera contínuas, pois Ele *pode* vir antes do leitor ter acabado de ler este volume.

PEDRO E O MISTÉRIO

Nós já vimos que Pedro não estava errado quando declarou em Pentecostes que os últimos dias tinham começado. Eles tinham realmente principiado, mas Deus tinha um propósito secreto que consistia em dar ao mundo um período de graça antes de aniquilar a sua rebelião e de enviar Cristo para reinar.

Todavia a interrupção do programa do reino com a dispensação da graça também derrama luz sobre algumas das últimas palavras registadas de Pedro.

Ao na sua segunda epístola escrever respeitadamente acerca da demora do retorno de Cristo à terra e da introdução do dia do Senhor, ele diz:

“Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que UM DIA PARA O SENHOR É COMO MIL ANOS, E MIL ANOS COMO UM DIA” (II Pedro 3:8).

Notemos que esta não é a *nossa* explicação débil que damos *agora* para explicarmos a demora do retorno de Cristo. Esta declaração foi feita no *começo* deste tempo de espera; no *despontar* da dispensação da graça, e indica claramente que Pedro reconhecia então que tinha ocorrido uma interrupção no programa. Mas continuemos com a sua declaração:

“O Senhor NÃO RETARDA a Sua promessa, ainda que alguns ainda a tenham por tardia; MAS É LONGÂNIMO para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Pedro 3:9).

Assim, a demora não deve ser tida como *lassidão* ou negligência da parte do Senhor, mas como *longanimidade*. E vejamos agora o versículo 15:

“E tende por SALVAÇÃO a longanimidade de nosso Senhor ...”

Onde é que Pedro obteve tudo isto? Como é que ele veio ao conhecimento da dispensação da graça? Continuemos com o versículo 15:

“COMO TAMBÉM O NOSSO IRMÃO PAULO VOS ESCREVEU, SEGUNDO A SABEDORIA QUE LHE FOI DADA”.

Isto foi escrito mais de trinta anos depois de Pentecostes e foi por essa altura que Pedro aprendeu de Paulo acerca da dispensação da graça.

Assim, Pedro e Paulo não operaram em propósitos cruzados, nem pregaram mensagens contraditórias. Deus simplesmente deu a Paulo uma revelação ulterior de verdade.

Foi algum tempo depois de Paulo ter sido enviado com “o Evangelho da graça de Deus”, que foi a Jerusalém “por revelação” e comunicou a Pedro e aos outros “o Evangelho que (ele pregava) entre os Gentios” (Gál. 2:2). Pedro e os restantes “viram” e “compreenderam” que uma nova revelação lhe tinha sido confiada (a Paulo) e, longe de discordarem, “deram a Paulo e a Barnabé as dextas da comunhão” (Gál. 2:7-9).

Assim, apesar dos últimos dias da profecia terem na verdade começado em Pentecostes, Pedro, na sua última epístola, indica uma *demora* no retorno de Cristo para julgar e reinar e reconhece isto como uma verdade revelada por meio de Paulo (II Pedro 3:3-16).

Finalmente, *tanto* Pedro como Paulo ensinam que a demora se deve *totalmente à graça*, não havendo qualquer certeza quanto à duração da dispensação da longanimidade de Deus (II Cor. 5:20-6:2; II Pedro 3:8).

Que efeito tudo isto deveria ter sobre a nossa conduta e serviço para Cristo! Estamos, por assim dizer, nos tensos dias situados entre a declaração de guerra do homem a Deus e a contra declaração de Deus (Salmo 2:1-5); escassos dias de graça em que os embaixadores de Cristo são autorizados a oferecer reconciliação a quaisquer indivíduos que O recebam como Salvador e Senhor. O *próximo passo* no programa divino é o brado com que Ele recolherá os Seus embaixadores e declarará guerra aos que desprezaram a Sua graça.

-----.

¹ Se o leitor, mentalmente, retirar do primeiro quadro a secção intitulada MISTÉRIO e unir Pentecostes à Tribulação terá o programa profético como Pedro o viu.

² Contudo isto não significa que a oferta que tinha sido feita tivesse sido retirada imediatamente, ou que Deus tivesse posto logo de parte Israel.

³ Ver o opúsculo do autor: Agora é o Tempo.

QUESTIONÁRIO

1. Em termos gerais, nas Escrituras do Velho Testamento, a que é que se refere o termo “os últimos dias”? 2. Pedro estaria certo ou errado quando, em Pentecostes, disse que “os últimos dias” tinham chegado? 3. Explique porquê. 4. Qual foi a profecia famosa que Pedro citou na sua mensagem Pentecostal? 5. Em Pentecostes os sinais dessa profecia apareceram todos? 6. O que é que Pedro ignorava quando disse que “os últimos dias” tinham chegado? 7. O que é que aconteceu ao cumprimento da profecia de Joel? 8. Porque é que o Senhor não disse aos Seus apóstolos em que altura é que o reino será restaurado a Israel? 9. De acordo com a profecia do Velho Testamento, quando é que o mundo estaria pronto para receber o juízo de Deus? 10. Onde é que os doze começaram o seu ministério sob “a grande comissão”? 11. Porquê? 12. Onde é que Paulo esperava lançar o seu ministério para Cristo? 13. Aonde é que o Senhor o enviou em vez disso, e porquê? 14. Entre que dois grandes períodos proféticos apareceu a dispensação da graça? 15. O que é chamado o povo de Deus nesta dispensação? 16. A que é que Paulo se refere com a expressão “os últimos dias” nas suas epístolas? 17. Porque é que não há sinais específicos do retorno de Cristo para os crentes desta dispensação? 18. Apresente duas passagens das Escrituras que provem que Paulo não esperava que a dispensação da graça perdurasse, pelo menos, cerca de 1900 anos. 19. Apresente uma passagem das Escrituras que mostre como Paulo exortava os perdidos e outra que mostre como exortava os salvos, nesta relação. 20. Onde é que Pedro, nos seus escritos, confirma o que Paulo tem a dizer acerca da dispensação da graça?

OS DOZE APÓSTOLOS

REPRESENTANTES DA NAÇÃO DE ISRAEL

12 Tribos – 12 Homens -
12 Tronos Mateus 19:28

CHAMADOS POR CRISTO NA TERRA

Lucas 6:13

CONHECIAM APENAS CRISTO NA TERRA

Actos 1:9

ENVIADOS A ISRAEL E ÀS NAÇÕES

Mateus 10:5-6 Lucas 24:47-48

ENVIADOS A PROCLAMAR O PROGRAMA PROFETIZADO DE DEUS

Salvação dos Gentios através da EXALTAÇÃO de Israel
Actos 3:24-26

CONCORDAM LIMITAR O SEU MINISTÉRIO A ISRAEL COM O LEVANTAMENTO DE PAULO

Gálatas 2:1-9

O APÓSTOLO PAULO

REPRESENTANTE DO CORPO DE CRISTO

UM Homem – Hebreu e Romano
– Reconciliado Efésios 2:16

CHAMADO POR CRISTO NO CÉU

Actos 9:3-5

CONHECIA APENAS CRISTO NO CÉU

I Cor. 15:8

ENVIADO A TODOS EM TODA A PARTE

Romanos 10:12; 11:32

ENVIADO A PROCLAMAR O PROPÓSITO OCULTO DE DEUS

Salvação dos Gentios através da QUEDA de Israel
Romanos 11:7-33

SUBSTITUI OS DOZE COMO APÓSTOLO DOS GENTIOS AO ISRAEL REJEITAR O REINO

Gálatas 2:1-9

CAPÍTULO 6

OS MINISTÉRIOS DOS DOZE E DE PAULO COMPARADOS

A causa básica da confusão doutrinária que prevalece na Igreja professa consiste no fracasso de não se reconhecer a mensagem e o ministério de Paulo como distintos da mensagem e ministério dos doze. Até mesmo a maioria de crentes sinceros parece ainda não ter formulado a questão: *Porquê Paulo?* Parece que ainda não descortinaram o notável facto de *depois* do Senhor, na Sua chamada *grande comissão*, ter enviado os outros apóstolos a “todo o mundo” pregarem “o Evangelho” a “*toda a criatura*” (Marcos 16:15) e fazerem discípulos de “*todas as nações*” (Mateus 28:19) - *depois* disto, ter levantado *um outro* apóstolo, e como consequência disso os doze, por meio dos seus líderes, sob a guia do Espírito Santo, terem entrado num acordo solene com este outro apóstolo para que *ele* fosse aos Gentios *enquanto eles passariam a limitar o seu ministério a Israel* (Gál. 2:7-9). Assim, alguns anos depois da “grande comissão” aos onze (restaurados para doze em Actos 1:15-26), Paulo pode declarar:

“PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO” (Rom. 11:13).

Paulo enfatiza constantemente a distinção do seu apostolado e mensagem. Ele fala três vezes de “o meu Evangelho” (Rom. 2:16; 16:25; II Tim. 2:8) e usa repetidamente frases semelhantes, como por exemplo: “o Evangelho que eu já vos tenho anunciado”, “o Evangelho que por *mim* foi pregado” e “o Evangelho que *eu* prego entre os Gentios” (I Cor. 15:1; Gál. 1:11; 2:2). Ele torna claro repetidas vezes que a sua mensagem foi *recebida do Senhor* (I Cor. 11:23; 15:1; I Tes. 4:15) *por revelação directa* (Gál. 1:12; Ef. 3:1-3). Ele até pronuncia uma maldição sobre qualquer que pregue aos Gentios outro evangelho além daquele que *ele* tinha anunciado. É por isso que também o encontramos a dizer repetidas vezes (ainda que em fraseologia variada): “*Segui-me*” (I Cor. 4:16; 11:1; Fil. 3:17; I Tes. 1:6; II Tes. 3:9).

Como salientámos no capítulo precedente, isto significa que o programa profético, do qual a “grande comissão” fazia parte, foi

interrompido pela dispensação da graça de Deus por meio de Paulo. Daí a importância de se distinguir a mensagem e o ministério de Paulo da mensagem e ministério dos doze.

OS DOZE APÓSTOLOS

Ao compararmos os ministérios dos doze e de Paulo neste capítulo, nós enumeraremos as nossas declarações respeitantemente aos doze apóstolos de forma a poderem ser comparadas com as respeitantes a Paulo.

1. Os doze foram escolhidos por Cristo *na terra* (Lucas 6;13).

2. Na altura em que Paulo foi levantado os doze apenas conheciam Cristo *na terra*. Eles não O tinham visto sequer entrar no céu na Sua ascensão, pois, “uma nuvem O recebeu, ocultando-O a seus olhos” (Actos 1:9).

3. Eles representavam *a nação de Israel* - um para cada tribo. Isto é claro na promessa que o Senhor lhes fez.

“Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da Sua glória, TAMBÉM VOS ASSENTAREIS SOBRE DOZE TRONOS, PARA JULGAR AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL” (Mateus 19:28; cf. Lucas 22:29-30).

O estudante sincero e inteligente das Escrituras deverá tomar cuidado em notar o facto do número doze não ter qualquer relação com o corpo de Cristo, mas de ser constantemente encontrado em relação a Israel. “Jacob gerou aos *doze patriarcas*” (Actos 7:8). Deles emanaram as *doze tribos* de Israel. Estas tribos tinham *doze príncipes* sobre elas (Num. 1:16). Mesmo quando a nação de Israel foi governada por reis ainda haviam príncipes para governar com eles cada uma das doze tribos (I Crón. 27:22).

É claro que tudo isto se desvaneceu com os cativos, mas o Rei há muito prometido encontrava-se agora no seu meio - Aquele que iria “restaurar de novo o reino a Israel”. E quando Ele começa a proclamar

“o Evangelho do reino” (Mateus 9:35), Ele escolhe os Seus *doze príncipes* para os *doze tronos* nas *doze tribos* de Israel (Mateus 19:28).

4. Estes doze foram primeiro enviados a proclamar o reino dos céus *como tendo chegado* (Mateus 10:7; cf. Dan. 2:44) e depois, mais tarde, enviados a oferecê-lo a Israel, tendo em vista levar depois a mensagem a todo o mundo (Actos 1: 6-8; 3:19-26).

5. Eles receberam poder para realizar milagres (Mateus 10:8; cf. Marcos 16:17-18).

6. O ministério deles baseava-se nos concertos e na profecia (Is. 60:1-3; Lucas 1:70-75; Actos 3:22-26).

7. Por isso eles foram enviados primeiro aos Judeus e esperavam a salvação dos Gentios *através da nação de Israel regenerada* (Mateus 10:5-6; Lucas 24:47; Actos 3:25-26).

8. Eles ministraram apenas na Palestina (Actos 10:39; 21:17-20).¹

9. Na mensagem e ministério deles consideraram a *aceitação* de Cristo como Rei por parte de Israel e o Seu *retorno para reinar*. Para isso trabalharam, por isso esperaram e oraram (Actos 1:11; 3:19-21).

10. Na “grande comissão” aos doze, o batismo na água era requerido para a salvação e os sinais miraculosos eram as evidências da salvação (Marcos 16:15-18; Actos 2:38).

O APÓSTOLO PAULO

Solicita-se ao leitor que tome tempo para comparar os parágrafos precedentes com os que se vão seguir, e compare assim o ministério de Paulo com o dos doze.

1. Ao contrário dos doze, Paulo foi escolhido por Cristo *no céu* (Actos 9:3-5; 26:16).

2. Ele apenas conhecia Cristo *no céu*, nunca O tendo visto na terra (Actos 26:16; I Cor. 15:8).

3. Paulo, como *um* único apóstolo, representa o Corpo de Cristo. ²

Aqui, o estudante inteligente das Escrituras notará uma vez mais que enquanto o número *doze* nunca se encontra associado com o corpo de Cristo, o número *um* encontra-se consistentemente associado a ele: “*Nós, que somos muitos, somos um só corpo*” (Rom. 12:5), “*Por um só Espírito fomos todos batizados num só corpo*” (I Cor. 12:13), “*Há um só corpo*” (Ef. 4:4), etc.

Além disso, o corpo é constituído de *inimigos, reconciliados* com Deus por meio da morte do Seu Filho (Col. 1:21-22). Que exemplo perfeito foi Paulo disso!

Mais, Paulo era tanto Hebreu como Romano. Ele era um Hebreu nado (Fil. 3:5) e nato (Fil. 3:5-6). Mas também era Romano, um Romano nado e nato.

Quando os magistrados em Filipos comunicaram que Paulo e Silas seriam libertados, Paulo recusou sair, dizendo:

“AÇOITARAM-NOS PUBLICAMENTE, E, SEM SERMOS CONDENADOS, SENDO HOMENS ROMANOS, NOS LANÇARAM NA PRISÃO, E AGORA ENCOBERTAMENTE NOS LANÇAM FORA? NÃO SERÁ ASSIM; MAS VENHAM ELES MESMO E TIREM-NOS PARA FORA” (Actos 16:37).

Eles exigiram aqui uma desculpa da parte dos magistrados Romanos e, notemos bem, os magistrados “vindo, lhes dirigiram súplicas, e tiraram-nos para fora” (ver. 39).

Mais tarde, em Jerusalém, enquanto os soldados amarravam Paulo para o açoitar, ele disse ao centurião que estava ali: “*É-vos lícito açoitar um Romano, sem ser condenado?*” (Actos 22:25).

Quando esta questão foi reformulada ao tribuno, que tinha ordenado os açoites, este fez-se repentinamente amigo de Paulo, explicando que lhe tinha custado muito dinheiro a obtenção da cidadania Romana.

“E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: MAS EU SOU-O DE NASCIMENTO” (Actos 22:28).

E logo se apartaram dele os que o haviam de açoitar. Eles não se queriam meter em problemas com o governo Romano devido ao seu erro. “E até o tribuno teve temor ... porque o tinha ligado” (Ver. 29).

Paulo era natural de Tarso, “cidade não pouco célebre” aos olhos de Roma (Actos 21:39). De facto, a sua posição como Romano era tão elevada, que ele tinha o direito de apelar pessoalmente para César a fim de ser julgado, como o fez. Festo e o conselho Romano em Cesareia confirmaram o seu pedido (Actos 25:10-12).

Porque é que o Espírito enfatiza assim a cidadania tanto Romana como Hebraica do apóstolo? Simplesmente porque ele, conciliando na sua pessoa o Hebraico e o Romano, representa o corpo de Cristo, a Igreja desta dispensação, que é composta de *Judeus e Gentios* reconciliados com Deus *num só corpo*, pela cruz (Ef. 2:16).

4. Paulo foi enviado a proclamar “o Evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24; Ef. 3:1-3). Apesar de ele ter *confirmado* o facto de Jesus ser o Messias de Israel, ele nunca proclamou o reino como tendo chegado nem o ofereceu para Israel o aceitar. Até então os doze nunca proclamaram o Evangelho da graça de Deus.

5. Apesar de no princípio Paulo ter tido “os sinais do seu apostolado”, o seu poder para realizar milagres foi removido em relação com a sua mensagem dada por Deus (Rom.8:22-23; I Cor. 13:8-13; II Cor. 4:16; 5:1-4; 12:7-10; Fil. 2:26-27; I Tim. 5:23; II Tim. 4:20).

6. A mensagem de Paulo não se baseava em promessas de concertos nem em profecias, mas totalmente na graça de Deus (Rom. 3:21-28; Ef. 1:7; 2:7). A mensagem de Paulo era um segredo, oculto até então (Rom. 16:25; Ef. 3:1-3), tendo-lhe sido *gradualmente* revelada a ele e por seu intermédio (Actos 26:16; 22:17-18; II Cor. 12:1-7).

7. Na sua mensagem os Judeus e Gentios encontravam-se ao mesmo nível, diante de Deus (Rom. 3:22-23; 10:12-13).

8. O principal ministério de Paulo era entre os Gentios (Rom. 11:13; Ef. 3:1-2). Quando ele quis ministrar em Jerusalém o Senhor impediu-

o, dizendo-lhe: “*Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe*”. (Actos 22:21).

9. Com o levantamento de Paulo a nação de Israel foi *encerrada em incredulidade*. O Senhor disse a Paulo: “ELES NÃO RECEBERÃO O TEU TESTEMUNHO ACERCA DE MIM” (Actos 22:18).

Assim, a mensagem de Paulo, ao contrário da dos doze, baseava-se na *rejeição* a que Israel votou Cristo, e explicava a Sua *ausência contínua* (Ef. 1:18-2:6; Fil. 2:9; Col. 3:1-3; Heb. 2:8-9).

10. Nem o baptismo na água nem os sinais miraculosos se encontravam incluídos na comissão especial de Paulo, nem nenhum deles teve algo a ver com a salvação, sob o seu ministério. É verdade que *no princípio* Paulo baptizou alguns; que circuncidou pelo menos um; que tinha “os sinais dum apóstolo”, todavia isso aconteceu na economia sob a qual ele foi salvo e da qual ele emergiu gradualmente. Além disso ele declara claramente que *não pregava a circuncisão* (Gál. 5:11), *não fora enviado a baptizar* (I Cor. 1:17) e *que os poderes miraculosos que possuía desapareceriam* (I Cor. 13:8-10).

PAULO NÃO UM DOS DOZE

Os discípulos são ocasionalmente acusados de terem actuado na carne quando escolheram Matias para ocupar o lugar de Judas como décimo segundo apóstolo. É argumentado por alguns que em primeiro lugar os discípulos não tinham nada que escolher um décimo segundo apóstolo. Depois, argumentam mais, escolheram *primeiro* arbitrariamente dois candidatos e *depois* pediram ao Senhor que dos dois Ele escolhesse um para ocupar o lugar vago. Os que argumentam assim dizem geralmente que Paulo, não Matias, é que foi a escolha de Deus para o lugar de Judas.

Todavia esta acusação não se baseia numa leitura cuidadosa do registo dos Actos, nem num conhecimento cabal das Escrituras que têm a ver com o assunto. Examinemos o registo:

1. Os apóstolos, tendo Pedro como seu chefe, tinham recebido autoridade para actuarem oficialmente durante a ausência de Cristo (Mateus 16:19; 18:18-19).

2. Encontrava-se declarado nos Salmos que devia ser apontado outro para o lugar de Judas (Salmo 109:8; Actos 1:20).

3. O décimo segundo apóstolo tinha de ser escolhido antes do reino poder ser oferecido em Pentecostes (Mateus 19:28). Notemos como Pedro se ergue com os onze em Actos 2:14.

4. A acção deles foi literalmente permeada de oração. Eles não avançaram senão depois de *muitos dias de oração unida* (Lucas 24:49; cf. Actos 1:12-15), e quando encontraram dois candidatos oraram de novo e deixaram a escolha final com Deus (Actos 1:24-26).

5. É provável que não houvessem mais que dois (Matias e José Barsabás) que fossem elegíveis para o apostolado, pois apenas podiam ser qualificados aqueles que tinham seguido Cristo *durante todo o Seu ministério terreno*, “*começando desde o baptismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima ...*” (Actos 1:21-22; cf. Mateus 19:28; Nota: “*Vós que Me seguistes*”). De certo que não haveriam muitos.

6. Por esta razão Paulo não podia ser elegível. Ele nem sequer viu Cristo, senão depois da Sua ascensão!

7. Paulo nem sequer se encontrava salvo nessa altura. Na verdade, *depois disso* ele “perseguiu a igreja de Deus e a assolava” (Gál. 1:13).

8. A prova final e conclusiva em como os onze actuaram segundo a vontade de Deus nesta questão vê-se claramente no facto das Escrituras declararem que Matias “*foi contado com os onze apóstolos*” (Actos 1:26) e que,

“ELES FORAM TODOS CHEIOS DO ESPÍRITO SANTO” (Actos 2:4).

Com toda a certeza que se os discípulos se encontrassem fora da vontade de Deus em assunto tão importante, não teriam sido cheios do Espírito Santo. Nem Matias teria sido cheio do Espírito Santo se não tivesse sido divinamente escolhido para aquela posição particular. Um homem fora da vontade de Deus nunca é cheio do Espírito Santo.

Certamente que isto indica que o apostolado de Paulo era separado e distinto do dos doze. Paulo não podia ser considerado um dos doze, pois da mesma forma que onze apóstolos teriam sido poucos para os planos do reino de Deus, treze teriam sido demasiado. No reino haverá doze tronos, além do de Cristo, e não treze. Paulo pertencia assim a *um outro programa* e foi enviado a proclamar *uma outra mensagem*.

Nesta relação é significativa ver Paulo falar também dos doze como um corpo de apóstolos separado quando diz que o Cristo ressuscitado foi “*visto ... pelos doze*” (I Cor. 15:5). Esta referência inspirada aos doze apóstolos entre a ressurreição e a ascensão, é uma prova adicional de que Matias foi considerado por Deus um dos doze desde o princípio. Ele encontrava-se aparentemente com os apóstolos quando o Cristo ressuscitado lhes apareceu (Actos 1:21-23).

Na verdade, Paulo fala consistentemente do seu apostolado e do dos doze como sendo distintos um do outro. Ele diz na sua carta aos Gálatas:

“Mas faço-vos saber, irmãos, que O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO OS HOMENS.

“PORQUE O NÃO RECEBI, NEM APRENDI DE HOMEM ALGUM, MAS PELA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO” (Gál. 1:11-12).

“NEM TORNEI LOGO A JERUSALÉM A TER COM OS QUE JÁ ANTES DE MIM ERAM APOSTOLOS, MAS PARTI PARA A ARÁBIA ...” (Gál. 1:17).

“E SUBI POR UMA REVELAÇÃO, E LHES EXPUS O EVANGELHO, QUE PREGO ENTRE OS GENTIOS” (Gál. 2:2).

“E CONHECENDO TIAGO, CEFAS E JOÃO, QUE ERAM CONSIDERADOS COMO AS COLUNAS, A GRAÇA QUE SE ME HAVIA DADO, DERAM-NOS AS DEXTRAS, EM COMUNHÃO COMIGO E COM BARNABÉ, PARA QUE NÓS FOSSEMOS AOS GENTIOS, E ELES À CIRCUNCISÃO” (Gál. 2:9).

¹ Onde eles *possam* ter ido depois de Actos 28 não nos interessa aqui, pois por essa altura o programa do reino já se encontrava completamente posto de parte. O facto é que durante o período dos Actos eles concordaram com Paulo em limitar o seu ministério a Israel. Antes desse acordo a única família Gentílica a que Pedro ministrou habitava em Cesareia, na Palestina (Actos 10:24). Pedro também foi a Antioquia, na Síria, mas em vez de ter ali qualquer ministério, foi repreendido por Paulo (Gál. 2:11-14).

² Há outros “apóstolos” que são mencionados em relação com Paulo, porém sempre num sentido secundário. Em Actos 14:14, por exemplo, Barnabé, companheiro de Paulo nas suas viagens, é mencionado como apóstolo juntamente com ele, mas de acordo com Gál. 2 foi *Paulo* que saiu “por uma revelação” e comunicou aos líderes ali o Evangelho que *ele* pregava entre os Gentios. Quando eles “viram” que o Evangelho da incircuncisão tinha sido confiado a *Paulo* e “conhecera” a graça que *lhe* havia sido dada, deram a Paulo e Barnabé as dextas da comunhão (Gál. 2:2-9). Não existe qualquer base para a declaração de que “para o corpo havia oito apóstolos como havia doze para Israel”. Paulo não se está a gloriar quando diz, pelo Espírito: “*Eu sou o apóstolo dos Gentios; Eu magnificarei o meu ministério*” (Rom. 11:13).

QUESTIONÁRIO

1. Qual é a causa básica da confusão doutrinária que prevalece na Igreja professa? 2. Como é que a maioria dos crentes vê Paulo em relação aos doze? 3. Que facto notável têm eles olvidado nesta relação? 4. Qual o acordo solene que os líderes dos doze fizeram com Paulo com respeito ao ministério entre os Gentios? 5. Porque é que é importante distinguir entre o ministério de Paulo e o dos doze? 6. Explique porque é que houve doze apóstolos do reino e apenas um apóstolo da graça de Deus. 7. Apresente um exemplo que prove que os outros “apóstolos” associados a Paulo eram apóstolos iguais a ele. 8. Explique como é que Paulo era um representante particular do corpo de Cristo. 9. Em que país apenas é que eles ministraram, tanto quanto nos revela o registo dos Actos? 10. Qual a relação que o baptismo na água e os sinais miraculosos têm com a salvação sob a “grande comissão”? 11. Que relação, se é que existe alguma, têm o baptismo na água e os sinais miraculosos com o Evangelho da graça de Deus? 12. Durante que período do seu ministério Paulo baptizou e operou milagres? 13. A que programa pertenciam essas coisas? 14. Paulo foi enviado a baptizar? 15. O que é que aconteceu aos poderes miraculosos de Paulo? 16. O que é que Paulo fez da mensagem do reino que os doze tinham estado a proclamar? 17. Qual é a acusação que é feita algumas vezes aos onze por terem apontado Matias como décimo segundo apóstolo? 18. Apresente cinco razões porque Matias, e não Paulo, foi a escolha de Deus para o apostolado deixado vago por Judas. 19. Como é que o levantamento de Paulo afectou o programa do reino? 20. Apresente três passagens bíblicas que enfatizem a distinção do ministério de Paulo.

CAPÍTULO 7

PEDRO E PAULO COMO TESTEMUNHAS

Em adição às distinções entre os ministérios dos doze apóstolos e Paulo, as Escrituras também distinguem claramente entre os ministérios de Pedro (como líder dos doze) e Paulo.

VISÕES E VOZES

UMA DECLARAÇÃO DE PEDRO

II Pedro 1:16-18

“Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas: mas nós mesmos VIMOS a Sua majestade.

“Porquanto Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória Lhe foi dirigida a seguinte VOZ: Este é o Meu Filho amado em quem Me tenho comprazido.

“E OUVIMOS ESTA VOZ dirigida do céu, estando nós com Ele no monte santo”.

UMA DECLARAÇÃO DE PAULO

Actos 22:7, 14-15

“E caí por terra, e OUVI UMA VOZ que me dizia: Saulo, Saulo, porque Me persegues?

“E ele (Ananias disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a Sua vontade, e VEJAS Aquele justo, o OUÇAS a voz da Sua boca.

“Porque hás-de ser Sua testemunha para com todos os homens do que tens VISTO E OUVIDO”.

Uma comparação das passagens acima revelará as seguintes *semelhanças*:

1. Tanto Pedro como Paulo *viram* o Senhor na glória.
2. Ambos *ouviram* vozes do céu.
3. Ambos foram testemunhas do que tinha *visto* e *ouvido*.¹

Não obstante, existem *diferenças* distintas entre as circunstâncias e o significado das suas experiências.

1. Pedro viu o Senhor na Sua glória *na terra*. Paulo viu-O na Sua glória *no céu*.

2. Pedro viu-O na Sua glória *real*, no Seu *reino*, Paulo viu-O na glória da Sua *graça* à mão direita do Pai.

3. A voz que Pedro ouviu tinha a *aceitação* de Cristo em vista (cf. Mateus 17:5; “Ouvi-O”). A voz que Paulo ouviu tinha a *rejeição* de Cristo em vista (“Porque Me persegues?”).

4. O que Pedro viu foi uma demonstração do “*poder e vinda*” de Cristo. O que Paulo viu foi uma demonstração da *graça que O levou a adiar a Sua vinda* (cf. II Pedro 3:9, 15).

5. A experiência de Pedro harmonizava-se com a sua posição como apóstolo do *reino Messiânico*. A de Paulo com a sua posição como apóstolo da *graça de Deus*.

PEDRO NO ALTO MONTE

Em Mateus 4:17 lemos:

“DESDE ENTÃO COMEÇOU JESUS A PREGAR, E A DIZER: ARREPENDEI-VOS, PORQUE É CHEGADO O REINO DOS CÉUS”.

Mateus 10:5-7 diz-nos como o Senhor enviou os Seus doze apóstolos com a mesma mensagem: “*É chegado o reino dos céus*”

Como é que a mensagem foi recebida? Mateus 16:21 responde a esta questão:

“DESDE ENTÃO COMEÇOU JESUS A MOSTRAR AOS SEUS DISCÍPULOS QUE CONVINHA IR A JERUSALÉM, E PADECER MUITO DOS ANCIÃOS, E DOS PRINCIPAIS DOS SACERDOTES, E DOS ESCRIBAS, E SER MORTO, E RESSUSCITAR AO TERCEIRO DIA”

Imaginemos agora os sentimentos dos apóstolos. Eles já se encontravam desencorajados com o pobre resultado da proclamação que tinham feito do reino. E agora a oposição dos líderes torna-se mais intensa e o seu Senhor começa a falar em ser morto!

Se a Sua atitude “derrotista” os confundia, eles perderam completamente a compreensão da referência que Ele fizera à Sua ressurreição. Na verdade, o registo em Lucas 18:34 declara de três formas diferentes que eles não possuíam a menor ideia daquilo que Ele estivera a falar. Aparentemente eles apenas podiam concluir que Ele estava a admitir a derrota, pois no versículo seguinte do registo de Mateus lemos:

“E Pedro, tomando-O de parte, começou a repreendê-l’O, dizendo: Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum te acontecerá isso” (Mateus 16:22).

Sem dúvida que esta atitude da parte dos apóstolos constituía uma grande razão para que nosso Senhor Se transfigurasse.

Apesar de falar aos apóstolos da Sua rejeição por parte de Israel e da aproximação da Sua morte, Ele queria encorajá-los de novo no respeitante ao êxito final. Assim, tomou os três que Lhe eram mais chegados e deu-lhes um vislumbre da glória e da majestade que serão Suas um dia. O incidente é-nos descrito em Mateus 17:1-2:

“SEIS DIAS DEPOIS, TOMOU JESUS CONSIGO A PEDRO, E A TIAGO, E A JOÃO, SEU IRMÃO, E OS CONDUZIU EM PARTICULAR A UM ALTO MONTE,

“E TRANSGIFUROU-SE DIANTE DELES; E O SEU ROSTO RESPLANDECEU COMO O SOL, E OS SEUS VESTIDOS SE TORNARAM BRANCOS COMO A LUZ”.

Nesse dia Pedro, Tiago e João tornaram-se “*testemunhas da Sua majestade*” e ouviram a voz de Deus, confirmando o que tinham visto. Agora, acontecesse o que acontecesse, eles já não tinham razão alguma para duvidar que Cristo era o Ungido de Deus e reinaria em glória.

Uns trinta anos após a ascensão, quando Cristo ainda continuava ausente, Pedro referiu-se retrospectivamente a essa experiência, como revelámos atrás, assegurando aos seus leitores que ele, Tiago e João não tinham seguido “fábulas artificialmente compostas”, quando tinham proclamado “a virtude e vinda” de Cristo, mas que “eram testemunhas da Sua majestade”, e que tinham ouvido a “voz do céu”, do Pai, confirmando o que tinham visto.

Assim, Pedro viu na verdade o Senhor na Sua glória mas, deve ser notado, na glória do Seu *reino na terra*. Ele próprio associa a visão ao “*poder e vinda*” do Senhor.

SAULO A CAMINHO DE DAMASCO

O Senhor também apareceu em glória a Paulo, porém sob circunstâncias muito diferentes e com um propósito muito diferente.

Como sabemos, Pedro e os onze não foram bem sucedidos na tentativa de trazerem Israel aos pés do Messias. Na verdade, a oposição do governo de Israel a Cristo tornou-se mesmo mais amarga do que antes da cruz, culminando a sua oposição com o derramamento do sangue de Estêvão, e depois com o derramamento de mais sangue, e cada vez mais.

É neste cenário que lemos acerca de Saulo de Tarso, pois foi ele que inspirou e liderou a “grande perseguição” contra os crentes Pentecostais.

Respeitadamente ao homicídio de Estêvão lemos: “*E também Saulo consentiu na morte dele*”, e no mesmo versículo: “*E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém*” (Actos 8:1).

É verdade que Saulo foi o perseguidor líder, pois as Escrituras que registam a perseguição colocam-no em primeiro plano. Actos 8:3 diz: “*E Saulo assolava a igreja*” e o capítulo seguinte mostra-o “*ainda respirando ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor*” (Actos 9:1). Os crentes em Damasco falaram dele como “*o que em Jerusalém perseguiu os que invocavam este Nome*” (Actos 9:21).

O próprio Paulo, anos mais tarde, reconheceu: “*Persegui este caminho até à morte, prendendo, e metendo em prisões, tanto varões como mulheres*” (Actos 22:4), “*encerrei muitos dos santos nas prisões; e quando os matavam eu dava o meu voto contra eles. E castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui*” (Actos 26:10-11). Na sua carta aos Gálatas ele resume tudo isto nas seguintes palavras: “*Sobremaneira perseguiu a igreja de Deus e a assolava*” (Gál. 1:13).

Saulo foi em tudo isto a personificação do espírito da rebelião de Israel contra o Messias. Todavia, quando a perseguição se encontrava no seu zénite; quando Saulo, respirando ameaças e mortes contra os seguidores do Messias, viajava para Damasco a fim de “destruir” ainda maior número deles, o Senhor rejeitado interveio e Saulo, como Pedro, viu o Senhor na glória e ouviu uma voz do céu.

Porém quão diferentes as circunstâncias!

Pedro, como apóstolo do Senhor, vira, ouvira, e proclamara que Jesus era o Cristo. Saulo foi o maior inimigo de Pedro por este proclamar esse facto. Pedro era o líder da igreja Pentecostal; Saulo era o líder da perseguição contra essa igreja.

Além disso, Paulo viu o Senhor, não na glória do Seu reino (na Sua glória real), como Pedro vira, mas na glória da Sua graça, exaltado “acima de todos os céus”.

Existem dois factos em relação à experiência de Saulo a caminho de Damasco que merecem particular atenção:

Primeiro, deverá ser notado que *a rejeição do Senhor por parte de Israel era agora assumida*. Antes do apedrejamento de Estêvão e do levantamento de Saulo, Deus oferecera o reino a Israel na hipótese ² da nação se arrepender e aceitar o seu Messias. Porém agora, com Israel a empreender a guerra contra a igreja (naquele dia) e com Saulo de Tarso a assolar a igreja, o Senhor rejeitado brada do céu: “*Porque Me persegues?*” *Depois disto o reino nunca mais foi oferecido a Israel, tanto quanto o registo deixa transparecer.*

Segundo, deverá ser notado que apesar de Saulo ter sido o pior inimigo de Cristo na terra, o Senhor trata-o ainda assim com graça. Em vez de o julgar, *salvou-o!*

Tudo isto é profundamente significativo, pois, uma vez que a nação de Israel se voltara contra Deus como Seu inimigo, Deus encerrá-la-ia agora em incredulidade, juntamente com os Gentios, “*para com todos usar de misericórdia*” (Rom. 11:32).

Olhando retrospectivamente, anos mais tarde, Paulo refere-se a si como “*blasfemo, perseguidor e opressor*”, todavia, continua a dizer:

“E A GRAÇA DE NOSSO SENHOR SUPERABUNDOU COM A FÉ E AMOR QUE HÁ EM JESUS CRISTO. ESTA É UMA PALAVRA FIEL, E DIGNA DE TODA A ACEITAÇÃO, QUE CRISTO JESUS VEIO AO MUNDO, PARA SALVAR OS PÉCADORES, DOS QUAIS EU SOU O PRINCIPAL. MAS POR ISSO ALCANCEI MISERICÓRDIA, PARA QUE EM MIM, QUE SOU O PRINCIPAL, JESUS CRISTO MOSTRASSE TODA A SUA LONGANIMIDADE, PARA EXEMPLO DOS QUE HAVIAM DE CRER NELE PARA A VIDA ETERNA” (I Tim. 1:14-16).

É difícil de compreender como é que se pode ler esta porção das Escrituras sem se ver que Deus principiou uma nova dispensação com a conversão de Saulo. Em vez de julgar logo Israel e o mundo, o Senhor rejeitado demonstrou o Seu amor infinito ao salvar Saulo e ao enviá-lo com “o Evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24). Esta “dispensação da graça de Deus” por Paulo é a dispensação sob a qual nós agora vivemos. Esta dispensação não terminará antes do Senhor vir chamar os membros do Seu corpo para o céu. Então o programa profético será de novo reatado e as taças da ira de Deus serão derramadas sobre o mundo que rejeita Cristo.

OS SOFRIMENTOS E A GLÓRIA

A promessa do Senhor em Mateus 19:28 não deixara quaisquer dúvidas de que os doze ocupariam tronos com Cristo, no Seu reino, e o que Pedro viu e ouviu “no monte santo” dizia respeito à glória que ele participaria no reino de Cristo.

Porém, o que Paulo viu e ouviu dizia respeito aos *sufrimentos* do Senhor - e aos *seus*. O Senhor rejeitado disse a Saulo: “*Porque Me persegues?*”, mas também disse a Ananias a respeito de Saulo: “*Eu te mostrarei quanto deve padecer pelo Meu nome*” (Actos 9:16). Cristo, em graça, permanecerá no exílio, rejeitado ainda pelo mundo, contudo Paulo, o pecador salvo pela graça, suportara os seus sofrimentos e a rejeição.

Isto explica Col. 1:24, onde o apóstolo diz:

“Regozijo-me agora no que PADEÇO por vós, e na minha carne CUMPRO O RESTO DA AFLIÇÕES DE CRISTO, pelo Seu corpo que é a Igreja.”

Em que sentido é que Paulo cumpriu o resto das aflições de Cristo? Certamente que ele não podia acrescentar nada à obra consumada da redenção. O ponto é que, apesar do sofrimento *vicarial* de Cristo ter já passado, Ele *ainda era rejeitado*, e em graça escolheu continuar assim durante algum tempo em vez de julgar imediatamente os Seus inimigos. Assim, adiando “o dia da Sua ira”, salvou Saulo, o Seu inimigo principal, e enviou-o a proclamar graça e paz aos Seus inimigos em toda a parte. Assim, o grande perseguidor tornava-se agora no perseguido, levando em si as aflições da rejeição contínua de Cristo. E durante o tempo em que o Senhor continuar ausente em graça nós, membros do corpo de Cristo, seguimos Paulo nisto, como está escrito:

“PORQUE A VÓS FOI CONCEDIDO, EM RELAÇÃO A CRISTO, NÃO SOMENTE CRER NELE, COMO TAMBÉM PADACER POR ELE, TENDO O MESMO COMBATE QUE JÁ EM MIM TENDES VISTO E AGORA OUVIS ESTAR EM MIM” (Fil. 1:29-30).

Contudo, tais sofrimentos são doces. O apóstolo denomina-os sofrimentos “*com Cristo*” (Rom. 8:17), “*as aflições de Cristo*” (II Cor. 1:5), “*a comunhão das Suas aflições*”, e suspira por esta comunhão (Fil. 3:10).

Poderá ser perguntado: Os doze também não sofreram por Cristo? Sim, mas sempre na esperança de Israel aceitar ainda Cristo. Quando Paulo, em vez de Pedro, toma o lugar de proeminência no Livro dos Actos, é porque a rejeição de Cristo por parte de Israel é reconhecida e assumida. Certamente que isto não quer dizer que Deus terminou logo

os Seus tratos com Israel como nação, pois a sentença oficial sobre Israel não é pronunciada antes de Actos 28:28.

Paulo foi assim chamado a pregar Cristo a um mundo que rejeitava Cristo e a sofrer por isso. Ele foi escolhido para cumprir o que ainda restava dos sofrimentos de Cristo - e assim nós também, pois ele exorta-nos, pelo espírito: “*Sede também meus imitadores, irmãos*” (Fil. 3:17).

Cristo ainda *continua* rejeitado e ainda *continua* ausente, e nós suportar, ou deveríamos suportar, na nossa carne os sofrimentos da Sua rejeição. Num mundo em inimizade contra Deus e o Seu Cristo nós clamamos:

“... SOMOS EMBAIXADORES DA PARTE DE CRISTO, COMO SE DEUS POR NÓS ROGASSE. ROGAMO-VOS POIS DA PARTE DE CRISTO QUE VOS RECONCILIEIS COM DEUS.

“AQUELE QUE NÃO CONHECEU PECADO, O FEZ PECADO POR NÓS; PARA QUE NELE FOSSEMOS FEITOS JUSTIÇA DE DEUS” (II Cor. 5:20-21).

Cristo morreu em *nosso* lugar, e nós consideramos um alto privilégio erguermo-nos diante dos homens em *Seu* lugar, ainda que frequentemente isso envolva sofrimento. Como Paulo nós instamos com os homens e dizemos: “Cristo não está aqui; vós não O quisestes, porém nós estamos aqui em Seu lugar para vos dizer que Ele vos ama e morreu por vós para poderdes ser reconciliados com Deus por meio dos Seus méritos”.

MAIS DUAS VOZES

PEDRO EM JOPE

Actos 10:9-16

“E no dia Seguinte ... subiu Pedro ao terraço para ORAR, quase à hora Sexta.

“E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lho preparavam sobreveio-lhe um ARREBATAMENTO DE SENTIDOS,

“E viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas Quatro pontas, e vindo para a terra.

PAULO EM JERUSALÉM

Actos 22:17-21

“E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando ORAVA no templo, fui ARREBATADO PARA FORA DE MIM.

“E VI AQUELE QUE ME DIZIA: Dá-te depressa, e sai apressadamente de Jerusalém; porque não receberão o teu testemunho acerca de Mim.

“No Qual havia de todos os animais quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu.

“E FOI-LHE DIRIGIDA UMA VOZ: Levanta-te, Pedro, mata e come.

“MAS PEDRO DISSE: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.

“E segunda vez lhe disse a voz: Não falas tu comum ao que Deus purificou.

“E aconteceu isto por três vezes e o vaso tornou a recolher-se no céu”

“E EU DISSE: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em Ti.

“E quando o sangue de Estêvão, Tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava os vestidos dos que o matavam.

“E disse-me: Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe”.

Aqui, uma vez mais, Pedro e Paulo ouviram, cada um, uma voz; cada um num arrebatamento de sentidos e cada um estando a orar na altura. A experiência de Pedro dizia respeito ao propósito de Deus em se voltar para os Gentios; a de Paulo dizia respeito ao Seu propósito em deixar de tratar com Israel. Ambos replicaram com Deus.

Pedro, na sua repulsa pelos animais imundos, objectou dizendo que nunca tinha comido nada comum ou imundo. Paulo, na sua avidez de ministrar em Jerusalém e de ganhar os seu parentes para Cristo, argumentou dizendo que eles todos o conheciam como ex-perseguidor da igreja.

Contudo, o Senhor insistiu em levar a cabo o Seu propósito em ambos os casos. A Pedro Ele disse, *“Não faças tu comum ao que Deus purificou”*, e mandou-o ir aos Gentios *“nada duvidando”*. A Paulo Ele replicou, dizendo, *“Vai, porque hei-de enviar-te aos Gentios de longe”*.

Nós estamos bem cientes de que Pedro não proclamou o mistério do propósito de Deus e a Sua graça a estes Gentios. Ele nem sequer

tinha conhecimento dele. Ele nem sequer sabia porque é que Deus o estava a enviar e, até quando foi chamado para prestar contas da sua acção, explicou simplesmente: “*quem era então eu, para que pudesse resistir a Deus?*” (Actos 11:17). Mais, o seu ministério na casa de Cornélio foi acompanhado pelo baptismo na água e por sinais miraculosos.

Não obstante isso, a missão de Pedro foi *um dos primeiros passos dados na introdução do mistério, do plano de Deus em abençoar as nações a despeito da rejeição a que Israel votou Cristo.*

Apesar de reconhecermos o aspecto real da mensagem de Pedro e da conversão de Cornélio muito bem, não nos devemos esquecer dos seguintes factos:

1. O incidente ocorreu depois da *conversão de Saulo*, que foi o *primeiro* passo na introdução da nova dispensação (I Tim. 1:13-16).

2. Pedro não foi enviado a Cornélio sob a chamada “grande comissão”, mas sob uma comissão especial; não porque Israel tivesse *aceitado* o Messias, mas devido ao facto de O ter *rejeitado*. A ida de Pedro *não* foi o passo seguinte no levar a cabo da “grande comissão”, pois segundo essa comissão Israel teria de primeiro ser trazida aos pés do Messias (ver Lucas 24:47; Actos 1:8; 3:25-26) e acontece que se tornava cada vez mais evidente que Israel não aceitaria o Messias.

3. Aprendemos aqui pela primeira vez que Deus não faz qualquer “*diferença*” entre Judeus e Gentios (Actos 15:9). Como já vimos, isso não era assim sob a chamada “grande comissão, nem será assim no dia do Senhor, quando essa comissão for levada a cabo (Mateus 24:14 cf. Isa. 60:1-3). Porém antes do término do período dos Actos é claramente demonstrado que “*Não há diferença*”, quer quanto ao pecado do homem (Rom. 3:22-23) quer quanto à graça de Deus (Rom. 10:12).

4. *Foi na base da experiência de Pedro que o ministério de Paulo para com os Gentios foi reconhecido pela igreja em Jerusalém* (ler cuidadosamente Actos 15:7-35).

A experiência de Paulo no templo, no primeiro regresso que ele fez a Jerusalém após a sua conversão, indica claramente que a rejeição de

Cristo por parte de Israel tinha agora sido assumida. Tendo a mensagem dos doze sido rejeitada, Paulo supunha que eles agora o escutariam, uma vez que ele os tinha conduzido na sua perseguição a Cristo. Porém o Senhor sabia melhor e disse: *“Eles não receberão o teu testemunho acerca de Mim”*

Recordemos uma vez mais porque é que Deus suspendeu os Seus tratos com Israel *como nação*:

“PORQUE DEUS ENCERROU A TODOS DEBAIXO DA DESOBEDIEÊNCIA, PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA.

“Ó PROFUNDIDADE DA RIQUEZAS, TANTO DA SABEDORIA COMO DA CIÊNCIA DE DEUS! QUÃO INSONDÁVEIS SÃO OS SEUS JUÍZES, E QUÃO INEXCRUTÁVEIS OS SEUS CAMINHOS!” (Rom. 11:32-33).

-----.

¹ Em adição às passagens acima ver Actos 4:20 e 26:16.

² Certamente que estamos conscientes do facto de que Deus sabia que Israel rejeitaria Cristo; não obstante, nos Seus tratos com eles Ele supôs - e a hipótese era legítima - que Israel aceitaria Cristo.

QUESTIONÁRIO

1. Onde é que a “transfiguração” de nosso Senhor ocorreu?
2. Em que maior glória é que Paulo viu mais tarde Cristo?
3. O que é que a voz do céu dizia, na “transfiguração”?
4. Qual foi o significado da “transfiguração”?
5. O que é que a voz do céu disse a Paulo quando ele viu pela primeira vez o Senhor glorificado?
6. Em que sentido é que isto foi significante?
7. Como é que os detalhes da “transfiguração” se harmonizavam com o ministério de Paulo?
8. Como é que os detalhes da revelação de Cristo a Paulo se harmonizavam com o seu ministério?
9. Qual foi a reacção dos apóstolos à predição que Cristo fez da Sua morte e ressurreição?
10. Como é que Pedro respondeu?
11. Como é que a “transfiguração” afectou esta situação?
12. Apresente três passagens bíblicas que descrevam o papel de Saulo como perseguidor de Cristo.
13. Como é que Deus replicou à rebelião de Saulo (e de Israel) contra Cristo?
14. Apresente uma passagem bíblica que indique que Deus principiou uma nova dispensação com a conversão de Saulo.
15. Apresente uma passagem bíblica que indique a relação existente entre a rejeição de Cristo e os sofrimentos de Paulo por Cristo.
16. Apresente uma passagem bíblica que indique que nós também devemos sofrer pela rejeição de Cristo.
17. Apresente três indicações em como a missão de Pedro a Cornélio foi um dos primeiros passos na introdução do mistério.
18. O que é que a visão de Pedro no terraço de Jope visava ensinar-lhe?
19. O que é que a visão de Paulo, no templo, pretendia ensiná-lo?
20. Que relação havia entre a visita de Pedro a Cornélio e o subsequente ministério de Paulo entre os Gentios?

CAPÍTULO 8

PEDRO E PAULO COMO EDIFICADORES

A CONFISSÃO DE PEDRO

Mateus 16:13-19

“E chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipo, interrogou os Seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?

“E eles disseram; Uns João Baptista, outros Elias, e outros Jeremias ou um dos profetas.

“Disse-lhes Ele: E vós, quem dizeis que Eu sou?

“E Simão Pedro, respondendo, disse: TU ÉS O CRISTO, O FILHO DO DEUS VIVO.

“E Jesus respondendo, disse-lhe: Bem-aventurado és tu, Simão Bar-jonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas Meu Pai que está nos céus.

“Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA, E AS PORTAS DO INFERNO NÃO PREVALECERÃO CONTRA ELA.

O CLAMOR DE PAULO

I Cor. 3: 10-15

“SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUI-TECTO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE.

“PORQUE NINGUÉM PODE POR OUTRO FUNDAMENTO, ALÉM DO QUE JÁ ESTÁ POSTO, O QUAL É JESUS CRISTO.

“E, SE ALGUÉM SOBRE ESTE FUNDAMENTO FORMAR UM EDIFÍCIO DE OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS, MADEIRA, FENO, PALHA,

“A OBRA DE CADA UM SE MANIFESTARÁ: NA VERDADE O DIA A DECLARARÁ, PORQUE PELO FOGO SERÁ DESCOBERTA; E O FOGO PROVARÁ QUAL SEJA A OBRA DE CADA UM.

“SE A OBRA QUE ALGUÉM EDIFICOU NESSA PARTE PERMANECER, ESSE RECEBERÁ A GALARDÃO.

“E EU TE DAREI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS; E TUDO O QUE LIGARES NA TERRA SERÁ LIGADO NOS CÉUS, E TUDO O QUE DESLIGARES NA TERRA SERÁ DESLIGADO NOS CÉUS”.

“SE A OBRA DE ALGUÉM SE QUEIMAR, SOFRERÁ DETRIMENTO; MAS O TAL SERÁ SALVO TODAVIA COMO PELO FOGO”.

PEDRO E A IGREJA MESSIÂNICA

Deverá ser cuidadosamente notado que foi a *confissão* de Pedro que lhe conferiu o nome *Petros*, Uma *Pedra* (*fragmento* de rocha), e seria sobre esta confissão (“esta pedra”, Gr. *Petra*, literalmente rocha) que Cristo edificaria a Sua igreja. Ao clamar que a igreja é fundada sobre Pedro, Roma desrespeita totalmente o contexto, exalta Pedro acima de Cristo e contradiz redondamente a Palavra de Deus que diz:

“NINGUÉM PODE POR OUTRO FUNDAMENTO, ALÉM DO QUE JÁ ESTÁ POSTO, O QUAL É JESUS CRISTO” (I Cor. 3:11).

Porém deverá ser particularmente notado que Pedro confessou Jesus como “o Cristo (Heb. *Messias*, *Ungido*), o Filho do Deus vivo”.

Lembre-mos que os doze tinham sido enviados a pregar: “*É chegado o reino dos céus*” (Mateus 10:5-7). Certamente que Cristo era o Filho de Deus Ungido, escolhido para ocupar o trono neste reino.

Quando o Senhor, cada vez mais rejeitado em Israel, pergunta agora aos Seus discípulos: “Quem dizeis vós que Eu sou?”, torna-se comovedor ouvir Pedro replicar logo e sem qualquer hesitação: “*Tu és o Cristo o Filho do Deus vivo*”.

Esta verdade: Jesus como verdadeiro Rei e Filho de Deus, seria a fundação da igreja Messiânica ¹ e era assim que os verdadeiros crentes reconheciam o Senhor naquele tempo.

Noutra ocasião Pedro reafirmou a Sua fé em Jesus como Messias, quando disse:

“E nós temos crido e conhecido que Tu és o CRISTO, O FILHO DE DEUS” (João 6:69).

Natanael reconheceu-O da mesma forma, e disse:

“Rabi, Tu és O FILHO DE DEUS; Tu és O REI DE ISRAEL” (João 1:49).

Marta disse:

“Sim, Senhor, creio que Tu és O CRISTO, O FILHO DE DEUS, que havia de vir ao mundo” (João 11:27).

João, escrevendo sobre a vida terrena de nosso Senhor, termina assim o seu registo:

“Jesus operou também em presença de Seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.

“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é O CRISTO, O FILHO DE DEUS, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome” (João 20:30-31).²

PAULO E O CORPO DE CRISTO

Contudo sabemos que Israel como nação rejeitou Cristo e assim a edificação da igreja Messiânica não pôde continuar até à sua conclusão. O Messias, o Fundamento, e Pedra da Esquina, foi rejeitado e o edifício, ainda hoje, jaz em ruínas. Deus está assim a mostrar a Israel que a sua casa não será erguida a menos que reconheça Jesus como sendo Seu Filho e seu Rei.

Entretanto Deus está a edificar *uma outra* casa, ou pelo menos uma outra parte da grande estrutura composta aludida em Efésios 2:21-22. A edificação *desta* casa, a igreja desta dispensação, era um segredo de que Pedro e os onze nada sabiam, quando seguiam Cristo como Rei e em Pentecostes ofereceram o Seu reino a Israel.

Os planos e especificações para a edificação desta igreja foram confiados a Paulo pelo Senhor glorificado. Ele diz, pelo Espírito:

“SEGUNDO A GRAÇA DE DEUS QUE ME FOI DADA, PUS EU, COMO SÁBIO ARQUITECTO, O FUNDAMENTO, E OUTRO EDIFICA SOBRE ELE; MAS VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE” (I Cor.3:10).

Quando Paulo diz: “*Eu pus o fundamento*”, ele não quer dizer que a igreja desta dispensação não seja também fundada sobre Cristo, pois no versículo seguinte ele declara claramente que nenhum outro fundamento pode ser colocado, além de Jesus Cristo. É por isso que é tão importante que os edificadores “vejam como edificam sobre ele” (3:10). Na realidade, em Ef. 2:20 ele também diz que nós somos “*edificados sobre o fundamento (colocado pelos) apóstolos e profetas*”. Isto é, nós somos “*edificados sobre Jesus Cristo*”.

No clamor de Paulo o ponto é que nós agora conhecemos Cristo *duma forma diferente*. Enquanto que Pedro e os onze O conheceram como Rei para reinar na terra, nós conhecemo-l’O (a mesma Pessoa) como a Cabeça glorificada do corpo (Ef. 1:19-23).

Paulo, pelo Espírito, indica que ocorreu uma mudança dispensacional, quando diz:

“Assim que DAQUI POR DIANTE a ninguém conhecemos segundo a carne, e, AINDA QUE TENHAMOS CONHECIDO CRISTO SEGUNDO A CARNE, CONTUDO AGORA JÁ NÃO O CONHECEMOS DESTE MODO” (II Cor.5:16).

Antes dessa altura esperava-se dos homens que confiassem em Jesus como “*o Cristo, o Filho do Deus vivo*”, o Rei para reinar como Deus no trono de David. Mas com o levantamento de Paulo a rejeição de Cristo por parte de Israel foi assumida e nós confiamos no Rei rejeitado como *nosso Senhor e Salvador glorificado*. Assim, Paulo declara:

“Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e creres no teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rom. 10:9, versão Americana).

AS DUAS IGREJAS NÃO DEVEM SER CONFUNDIDAS

Nós devemos ter cuidado em não confundir esta igreja descrita em Efésios com a que o Senhor falou a Pedro. *Esta*, a que o Senhor falou a Pedro, era uma *igreja profetizada*. *Aquela* era um mistério. Os planos e especificações para a *igreja profetizada* encontram-se nas Escrituras do Velho Testamento. Os planos e especificações para a *igreja do mistério* “*estiveram ocultos desde os tempos eternos*” (Rom. 16:25), “*ocultos desde todos os séculos e em todas as gerações*” (Col. 1:26), “*noutros séculos ... não manifestados*” (Ef. 3:5), porém foram revelados ao Apóstolo Paulo e por seu intermédio.

Resumindo, tanto Pedro como Paulo edificaram sobre o mesmo fundamento, porém, enquanto a igreja milénial há-de ser edificada sobre nosso Senhor como *Messias de Israel*, a igreja da presente dispensação é edificada sobre Ele como *Cabeça glorificada do corpo*, rejeitado na terra, mas exaltado acima de tudo, à mão direita de Deus, no céu.

A distinção é claramente vista numa comparação de Actos 2 com II Timóteo 2.

Na primeira passagem *Pedro* declara que Deus ressuscitou Cristo de entre os mortos para *O assentar no trono de David* (Actos 2:29-36). Na outra passagem *Paulo* exorta Timóteo:

“Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.

“LEMBRA-TE DE QUE JESUS CRISTO, QUE É DA DESCENDÊNCIA DE DAVID, RESSUSCITOU DOS MORTOS, SEGUNDO O MEU EVANGELHO;

“Pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a Palavra de Deus não está presa” (II Tim. 2:7-9).

Para se compreender o que o apóstolo quer dizer quando diz que Jesus Cristo, da semente de David, (também) ressuscitou dos mortos segundo o *seu* Evangelho, temo-nos de voltar para Efésios 1 e 2, onde o encontramos a orar para que aos crentes lhes possa ser dada a percepção espiritual que lhes permita verem

“... qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos;

“E QUAL A SOBRE-EXCELENTE GRANDEZA DO SEU PODER SOBRE NÓS, OS QUE CREMOS, SEGUNDO A OPERAÇÃO DA FORÇA DO SEU PODER,

“QUE MANIFESTOU EM CRISTO, RESSUSCITANDO-O DOS MORTOS, E PONDO-O À SUA DIREITA NOS CÉUS” (Ef. 1:18-20).

“MAS DEUS, QUE É RIQUESSÍSSIMO EM MISERICÓRDIA, PELO SEU MUITO AMOR COM QUE NOS AMOU,

“ESTANDO NÓS AINDA MORTOS EM NOSSAS OFENSAS, NOS VIVIFICOU JUNTAMENTE COM CRISTO (PELA GRAÇA SOIS SALVOS),

“E NOS RESSUSCITOU JUNTAMENTE COM ELE E NOS FEZ ASSENTAR NOS LUGARES CELESTIAIS, EM CRISTO JESUS” (Ef. 2:4-6).

Certamente que se Pedro conhecesse tal mensagem, tê-la-ia pregado em Pentecostes. Porém não a conhecia. Em Pentecostes ele apenas proclamou Cristo como o Salvador-Rei que Deus ressuscitara de entre os mortos para O assentar no trono de David. Ele chamou Israel ao arrependimento e ao batismo para a remissão de pecados a fim de que os tempos do refrigério viessem e Deus enviasse Jesus, que eles tinham rejeitado e crucificado. (Actos 3:19-21).

Na verdade o ministério de Pedro foi acompanhado de sinais miraculosos que “se desvaneceram” durante o ministério de Paulo, mas quem é que conhecendo o poder da ressurreição de Cristo quererá o “poder Pentecostal”? (Ef. 1:19-20; Fil. 3:10).

É esta mensagem, que Satanás odeia tão severamente e se opõe tão furiosamente, que levou Paulo a padecer como um malfetor em cadeias. Não é de admirar! Com a rejeição a que Israel votou Cristo parecia que toda a esperança para o mundo se tinha esfumado; que o homem tornara a sua salvação impossível; que as promessas de Deus tinham falhado; *quando vem então a revelação do mistério!* O principal dos pecadores foi salvo e enviado a proclamar “o *Evangelho da graça*

de Deus". A própria cruz que soletrara a condenação do homem era agora revelada como o meio eficaz da sua salvação, e todos os que confiassem no sangue derramado de Cristo receberiam gratuitamente a remissão dos pecados e uma posição em Cristo à mão direita de Deus, nos céus!

PAULO O ARQUITECTO

Paulo não se estava a encher de importância ao denominar-se a si mesmo o "arquitecto" da igreja desta dispensação. Ele torna bem claro que esta posição lhe fora concedida "*segundo a graça de Deus*". Na realidade, ele associa sempre a sua posição única com a graça de Deus, pois a sua conversão e comissão foram a demonstração suprema dessa graça (Ver Rom. 1:5; 12:3; 15:15-16; I Cor. 15:9-10; Gál. 1:15-16; 2:9; Ef. 3:7-8 e I Tim. 1:12.16).

Moisés foi o arquitecto do tabernáculo. Deus deu-lhe os planos e especificações para ele, e disse-lhe: "... *Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou*" (Heb. 8:5).

Assim como Moisés representa a lei, Paulo representa a graça. Paulo também foi um arquitecto, pois Deus deu-lhe os planos e especificações dum edifício maior, "um templo santo", a igreja que é o corpo de Cristo. Passo a passo, os detalhes foram-lhe revelados por revelação directa de forma tal que, "como sábio (inteligente) arquitecto", ele recebeu o direito e a responsabilidade de os delinear e traçar para nós, os edificadores.

A RESPONSABILIDADE DOS EDIFICADORES

Porque é que os edificadores de Deus falham tão completamente a edificação segundo os planos e especificações estabelecidos nas epístolas de Paulo? Porque ignoram o aviso:

"EU PUS O FUNDAMENTO ... VEJA CADA UM COMO EDIFICA SOBRE ELE".

Têm pegado em material Petrino e têm-no edificado sobre o fundamento Paulino. Têm falado na "edificação do reino" e têm tentado

em vão levar a cabo a chamada “grande comissão”. Têm pegado no baptismo na água, nas línguas, curas e sinais dos tempos duma outra dispensação e têm-nos trazido para a dispensação da graça de Deus, depois de Deus os ter feito “desaparecer”. Como resultado de tudo isto, a igreja tornou-se tão confusa e dividida, que poucos sabem no que crêem.

Isto tudo acontece por se tomar levemente a peito o anátema apostólico de Gál. 1:8:

“MAS, AINDA QUE NÓS MESMOS OU UM ANJO DO CÉU VOS ANUNCIE OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ VOS TENHO ANUNCIADO, SEJA ANÁTEMA”.

Os nossos líderes espirituais desconhecerão a condição da igreja ou esqueceram-se que terão que prestar contas a Deus da sua obra quando o edifício for inspeccionado?

Decerto que Deus não é o culpado pela presente condição da igreja. *Os edificadores é que são os culpados.* Em vez de pregarem a Palavra de Deus bem dividida, têm alimentado as suas congregações com leite e música. Umhas frases atraentes, uns versículos de impacto daqui, dali, ou doutro lado qualquer, sem que se respeite o contexto; isto, juntamente com uns passatempos de entretenimento, substitui a pregação da Palavra inteligente e espiritual. E a maioria de crentes tem vindo a ser alimentada há tanto tempo já com esta espécie de dieta que se encontra espiritualmente enferma - tão enferma que os seus líderes se sentem justificados em continuarem a leve dieta indefinidamente.

Algumas vezes argumenta-se que as almas estão a ser salvas, mas será que os edificadores da igreja nunca acordarão para o facto de que as mãos erguidas ou as pessoas que se levantam e vão à frente não medem o sucesso da sua obra? *A obra deles permanecerá?* Esta é a questão. Pode receber a aprovação pública, mas *permanecerá com a inspecção divina?*

Os líderes espirituais têm aplicado diversas vezes o aviso de Paulo em I Cor. 3:10-17 à conduta Cristã em geral, quando a passagem trata especificamente com os *edificadores* e a *sua obra* na edificação da igreja. Consequência: olhem para a igreja - sim, mesmo para a igreja mais fundamentalista. Examinemo-la cuidadosamente e vejamos se o

edifício se encontra em condição sã. Vejamos se na sua maioria é composto de “ouro, prata, pedras preciosas”, ou se de “madeira, feno, palha”. E depois perguntemo-nos a nós mesmos o que é que o grande Inspector divino dirá aos edificadores quando Ele examinar a sua obra.

Muitos evangelistas, muitos pregadores, que desfrutam agora de proeminência e de popularidade chorarão *naquele* dia, ao verem a sua obra dissipar-se entre as chamas. Mesmo que “o tal se salve” será terrível “sofrer perda” quando as recompensas forem dadas.

Como é que os obreiros de Deus podem vencer a edificação deficiente e escaparem à desaprovação da sua obra pelo grande Inspector do Edifício? *Só há uma maneira:*

“PROCURA APRESENTAR-TE A DEUS APROVADO (ou, ESTUDA PARA TE APRESENTARES A DEUS APROVADO, como dizem outras versões), COMO OBREIRO QUE NÃO TEM DE QUE SE ENVERGONHAR, QUE MANEJA (ou, DIVIDE, literalmente) BEM A PALAVRA DA VERDADE” (II Tim. 2:15).

1 isto é, a igreja do reino, não a igreja desta dispensação. Isto é claramente visto no facto de nos versículos seguintes Pedro receber as chaves do “reino dos céus” e também no facto da “igreja que é o Seu corpo” ser naquela altura ainda um mistério “escondido em Deus” (Ef. 3:1-11).

2 Apesar da “graça de nosso Senhor Jesus Cristo”, e não o Seu reino, ser a mensagem de Deus para os nossos dias, é claro que também devemos crer que Ele é o verdadeiro Rei e Filho de Deus.

QUESTIONÁRIO

1. O que é que conferiu a Simão o nome Petros, Uma Pedra?
2. Em que Petra, ou rocha, então, é que Cristo edificaria a “Sua igreja”?
3. Apresente uma passagem das Escrituras que prove que esta igreja não seria edificada sobre Pedro.
4. A que igreja é que o Senhor se referia em Mateus 16:18?
5. Para que é que o Senhor prometeu dar a Pedro as chaves?
6. Apresente uma prova que prove que o Senhor não se podia ter referido “à igreja que é o Seu corpo”.
7. Apresente dois outros exemplos bíblicos que indiquem que os crentes naquela altura olhavam para Jesus como Messias e Filho de Deus.
8. Como é que os homens, hoje, devem confessar Jesus para serem salvos? Apresente uma passagem das Escrituras.
9. Que relação existe entre o Senhor e a igreja da presente dispensação?
10. Em Pentecostes Pedro declarou que Deus ressuscitara a Cristo de entre os mortos para que propósito?
11. Que revelação adicional é que *Paulo* recebeu e tornou conhecida sobre a ressurreição de Cristo?
12. Paulo mais tarde lembrou a Timóteo que Jesus Cristo, da semente de David, tinha ressuscitado de entre os mortos segundo o quê?
13. Que relação sustenta Paulo para o edifício da igreja desta dispensação? Apresente uma passagem bíblica.
14. Como é que ele admoesta os edificadores nesta relação?
15. De que diferentes tipos de materiais pode o edifício de Deus ser composto?
16. Por que meios será provada a obra dos edificadores, e qual será o grande teste de obra satisfatória?
17. Como é que os resultados afectarão os edificadores?
18. Apresente uma passagem das Escrituras que prove que a salvação dos obreiros não será afectada pela sua obra.
19. De acordo com I Cor. 3:10-15, de quem é a culpa da condição da igreja nos nossos dias?
20. Qual a passagem das Escrituras que indica como podemos ter a certeza de sermos aprovados como obreiros de Deus?

CAPÍTULO 9

A AUTORIDADE PETRINA E PAULINA

PEDRO E AS SUAS CHAVES

Em relação com a edificação da igreja Messiânica nosso Senhor disse a Pedro:

“E EU TE DAREI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS; E TUDO O QUE LIGARES NA TERRA SERÁ LIGADO NO CÉUS, E TUDO O QUE DESLIGARES NA TERRA SERÁ DESLIGADO NOS CÉUS” (Mateus 16:19).

É principalmente neste versículo que Roma baseia os seus clamores quanto à autoridade papal. Os seus argumentos incidem no facto de nosso Senhor ter conferido a um grupo chamado para fora (Gr. *ekklesia: igreja*) plena autoridade para actuar oficialmente no Seu nome, mesmo no tocante a remissão de pecados, e que tais actos oficiais deviam estar ligados aos céus. Demais, os seus argumentos baseiam-se no facto de a autoridade desta igreja ter estado centralizada nos doze apóstolos, sobre os quais Cristo colocou um deles, S. Pedro, como chefe.

Estes clamores baseiam-se por sua vez no facto de que enquanto João 20:23 possa ter sido falado por Jesus a muitos dos Seus discípulos, Mateus 18:18 foi dirigido aparentemente aos doze apóstolos, e Mateus 16:19 decerto somente a Pedro. É assim que é reivindicado que a autoridade em assuntos espirituais foi dada à igreja, representada pelos doze apóstolos e personificada no apóstolo Pedro.

A conclusão de Roma assenta no facto de que uma vez que a igreja de hoje é (de acordo com a doutrina Católica) uma perpetuação da organização que Cristo instituiu e investiu com autoridade divina, deve haver necessidade de sucessão apostólica. Ela afirma que o corpo apostólico é perpetuado no seu Colégio Sagrado de Cardeais com as suas doze congregações e que um dos seus constituintes, o Papa ou Bispo de Roma, sucede a Pedro como seu chefe e cabeça suprema da igreja na terra - essa autoridade espiritual ainda hoje é investida na igreja, representada pelo Colégio de Cardeais e personificada no próprio Papa.

INTERPRETAÇÕES PROTESTANTES

Os protestantes podem erguer em horror as suas mãos perante tais clamores, porém as suas próprias interpretações dessas passagens são tão fracas como o fio de algodão. Enumeramos algumas delas:

1. A interpretação Católica é encontrada em formas modificadas nos credos ritualísticos de muitas denominações protestantes. Elas fazem os clamores de Roma com reservas e apologias.
2. Alguns protestantes argumentam dizendo que naquelas palavras nosso Senhor dera meramente aos apóstolos autoridade para *declarar* os *termos* de salvação.
3. Outros afirmam que aos apóstolos foi-lhes dada a habilidade para *discernir e declarar* os pecados que eram perdoados e os que não eram. Isto é, eles podiam pronunciar pecados perdoados, não por qualquer *autoridade* que lhes fosse dada, mas por causa dos poderes dados por Deus para *discernir* o verdadeiro estado espiritual daqueles a quem eles ministravam.
4. Ainda outros há que dizem que nosso Senhor pretendia imprimir nos Seus seguidores a sua grande responsabilidade e avisá-los de que por meio da *sua* conduta alguns aceitá-lo-iam enquanto que outros O rejeitariam; alguns teriam os seus pecados remidos, enquanto que outros teriam os seus pecados retidos.

Porém todos estes argumentos podem ser colocados numa categoria: desvirtuam e pervertem o significado natural das Escrituras e são facilmente rebatidos por Roma quando ela aponta para o próprio Livro e insiste: “*Mas isto é o que ele diz*”.

A SOLUÇÃO

A solução para este problema e a resposta às pretensões de Roma é novamente dispensacional. Jaz no facto de que de tempo a tempo Deus muda o Seu modo de tratar com os homens - uma premissa que deve ser aceite pelos Romanistas, se na verdade nosso Senhor conferiu tais poderes aos Seus discípulos após vários milhares de anos

da história humana terem já decorrido - e que a igreja de hoje *não* é uma perpetuação da organização que Cristo fundou quando esteve na terra.

De facto nosso Senhor deu autoridade aos doze, com Pedro como seu chefe, para actuarem oficialmente na Sua ausência.

Consideremos João 20:23 a luz do seu contexto, começando no versículo 21:

“Disse-lhes pois Jesus outra vez. Paz seja convosco, ASSIM COMO O PAI ME ENVIOU, TAMBÉM EU VOS ENVIÓ A VÓS. E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: RECEBEI O ESPÍRITO SANTO. ÀQUELES A QUEM PERDOAREDES OS PECADOS LHE SÃO PERDOADOS; E ÀQUELES A QUEM OS RETIVERDES LHE SÃO RETIDOS” (João 20: 21-13).

“Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. À luz destas palavras será estranho ver nosso Senhor conferir poderes oficiais? Estas palavras deviam ser comparadas com as palavras do Senhor aos doze em Lucas 22: 28-30:

“E vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações.

“E EU VOS DESTINO O REINO, COMO MEU PAI MO DESTINOU;

“Para que comais e bebais à Minha mesa no Meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel”.

Significa então isto que nosso Senhor confiou e entregou o perdão de pecados nas mãos de homens falíveis? Não, não homens *falíveis*, pois em Pentecostes o Espírito Santo controlou-os sobrenaturalmente. Naquele antegosto do milénio os crentes viviam juntos dum modo que mesmo os crentes mais espirituais hoje não podem viver, nem vivem. Na verdade nós não vemos os apóstolos serem acusados de um único erro até depois da conversão de Saulo. Além disso Deus deu-lhes *dons* sobrenaturais para qualificá-los para a sua obra.

Subentende-se, certamente, que os apóstolos não possuíam qualquer poder essencial em si mesmos para remir pecados. Como nós

dizemos, o que eles possuíam era poder *delegado* adestrado sob o controle de Deus o Espírito Santo.

Em Marcos 2:7 os escribas intentam contra Cristo dizendo: *“Porque diz Este assim blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”*

Seremos nós também, talvez, propensos a concordar prontamente com aqueles escribas? Não nos devemos esquecer que o próprio Senhor afirmou:

“E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo.

“E deu-Lhe o poder de exercer o juízo, PORQUE É O FILHO DO HOMEM” (João 5:22, 27).

Certamente que o Senhor Jesus tinha autoridade para admitir os homens no reino ou para impedir a sua entrada nele. Sem dúvida, como o Filho do *Homem*, podia remir pecados, e o que Ele ligou na terra certamente foi ligado nos céus.

E agora Ele confere esses poderes aos seus seguidores como oficiais no reino:

“ASSIM COMO O PAI ME ENVIOU, TAMBÉM EU VOS ENVIO A VÓS, E EU VOS DESTINO O REINO, COMO MEU PAI MO DESTINOU” (João 20:21).

“E EU VOS DESTINO O REINO, COMO MEU PAI MO DESTINOU;” (Lucas 22:29)

Mateus 21:43 revela com clareza que o reino devia ser TIRADO dos príncipes dos sacerdotes e anciãos em Israel e Lucas 12:32 revela igualmente com clareza que o reino devia ser DADO ao “pequeno rebanho” dos seguidores de Cristo. Citamos aqui essas passagens:

Mateus 21:43 “PORTANTO EU VOS DIGO QUE O REINO DE DEUS VOS SERÁ TIRADO, E SERÁ DADO A UMA NAÇÃO ¹ QUE DÊ OS SEUS FRUTOS”.

Lucas 12:32: “NÃO TEMAS, Ó PEQUENO REBANHO, PORQUE A VOSSO PAI AGRADOU DAR-VOS O REINO”.

Mateus 19:28 revela ainda com mais clareza que a autoridade neste reino ² devia estar centralizada nos doze apóstolos:

“E JESUS DISSE-LHES: EM VERDADE VOS DIGO QUE VÓS, QUE ME SEGUISTES, QUANDO, NA REGENERAÇÃO, O FILHO DO HOMEM SE ASSENTAR NO TRONO DA SUA GLÓRIA, TAMBÉM VOS ASSENTAREIS SOBRE DOZE TRONOS, PARA JULGAR AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL”.

Finalmente, em Mateus 16:19 Pedro é salientado ³ como chefe dos doze, quando nosso Senhor diz:

“E EU TE DAREI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS”.

Pedro é consistentemente salientado como líder dos doze deste modo:

Actos 1:15: “... levantando-se Pedro no meio dos discípulos ...”

Actos 2:14: “Pedro, porém, pondo-se em pé com os doze ...”

Actos 2:37: “... Pedro e aos demais apóstolos ...”

Actos 5:29: “... Pedro e os apóstolos ...”

É lamentável que os Protestantes em vez de provarem pelas Escrituras o facto de que a igreja hodierna *não* é uma perpetuação da organização que nosso Senhor fundou quando esteve na terra, tentem em vão *refutar* o que Mateus 16:19 declara com clareza! É óbvio que quem possui as chaves dum edifício tem o poder de admitir ou de impedir a entrada dos outros. Uma passagem semelhante (Isaías 22:20-23) descreve Eliaquim recebendo a chave da casa de David; isto é, estava em seu poder admitir ou excluir os homens do governo de Israel.

OS ACTOS OFICIAIS DOS DOZE

O primeiro acto oficial do “pequeno rebanho” era indicar um sucessor para Judas como um décimo segundo apóstolo e, como vimos, como o que eles ligavam na terra era ligado no céu, por isso “*Matias ... foi*

contado com os onze apóstolos ... E todos foram cheios do Espírito Santo” (Actos 1:26; 2:4).

Em Pentecostes vemos novamente os apóstolos exercerem em pleno a sua autoridade. Quando os presentes estavam convictos e perguntaram a Pedro e aos restantes apóstolos o que deviam fazer, Pedro replicou:

“ARREPENDEI-VOS, E CADA UM DE VÓS SEJA BAPTIZADO EM NOME DE JESUS CRISTO, PARA PERDÃO DOS PECADOS; E RECEBEREIS O DOM DO ESPÍRITO SANTO”. (Actos 2:38).

E então os apóstolos (e talvez outros dos discípulos) baptizaram-nos “PARA A REMISSÃO DOS PECADOS”. Comparemos isto com as palavras de nosso Senhor: “*Àqueles a quem perdoardes os pecados lhe são perdoados*” e “*tudo o que ligares na terra será ligado nos céus*”. Como vemos, há aqui uma harmonia perfeita.

Mas uma pessoa astuta e perspicaz não os poderia enganar? Ananias enganou-os? Foi logo fulminado com a morte. Como salientámos, “*todos foram cheios do Espírito Santo*”, Actos 2:4, e investidos com poderes miraculosos especiais (Actos 1:8), incluindo “o dom do conhecimento”.

Em Actos 3:19-21 vemos Pedro oferecer a Israel “os tempos do refrigério” e o retorno de Cristo. Ele fez isto com plena autoridade oficial e há toda a evidência de que esta oferta foi ligada (aceite quando ligada) no céu.

Há numerosos casos idênticos no registo do ministério dos apóstolos, mas um de significado particular é visto em Actos 10, precisamente após a conversão de Saulo:

Pedro não se encontrava deslocado da vontade de Deus quando hesitou ir aos Gentios. Ele conhecia bem o programa profético, no qual as nações seriam abençoadas por meio da ascensão e salvação de Israel (Isaías 60:1-3). Cheio do Espírito Santo, ele tinha declarado que Deus tinha ressuscitado Seu Filho Jesus para abençoar Israel primeiro, ao apartá-los das suas iniquidades, de modo tal que o Concerto Abraâmico pudesse ser cumprido e as nações pudessem ser abençoadas *por meio deles* (Ver Actos 3:25-26; e cf. Marcos 7:27,

Lucas 24:47 e Actos 1:8). Israel deve ser *primeiro* trazida aos pés do Messias.

Porém Pedro aqui foi enviado por uma *comissão especial* à casa gentílica de Cornélio, “*nada duvidando*”. Os outros em Jerusalém, mais tarde, chamaram-no para que desse contas da sua acção, mas depois que ele “*começou a fazer-lhes uma exposição por ordem*” eles, por seu turno, “*ouvindo estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: na verdade, até aos Gentios deu Deus o arrependimento para a vida*” (Actos 11:4, 18).

Sem de modo algum diminuir ou separar o aspecto do reino desta cena, não se deve perder de vista o facto de que quando Pedro foi à casa de Cornélio, não foi de acordo com o programa profético, ou a chamada “grande comissão”. Ele não foi enviado àqueles Gentios porque Israel recebera Cristo, mas porque Israel estava a rejeitar Cristo. *Contudo o que Pedro tinha feito na terra fora ligado no céu* e o subsequente ministério de Paulo foi reconhecido e sancionado pela igreja em Jerusalém mais tarde, tendo por base a acção de Pedro aqui (Ver Actos 15:1-18).

Ainda um outro acto oficial dos apóstolos, talvez o último, é referido em Gálatas 2, onde eles, por meio dos seus líderes, ⁴ reconheceram Paulo como “o apóstolo dos Gentios”.

Nós citamos:

“E SUBI POR UMA REVELAÇÃO (A JERUSALÉM), E LHES EXPUS O EVANGELHO QUE PREGO ENTRE OS GENTIOS, E PARTICULARMENTE AOS QUE ESTAVAM EM ESTIMA; PARA QUE DE MANEIRA ALGUMA NÃO CORRESSE OU NÃO TIVESSE CORRIDO EM VÃO”.

“E CONHECENDO TIAGO, CEFAS, E JOÃO, QUE ERAM CONSIDERADOS COMO AS COLUNAS, A GRAÇA QUE SE ME HAVIA DADO DERAM-NOS AS DEXTRAS, EM COMUNHÃO COMIGO E COM BARNABÉ, PARA QUE NÓS FOSSEMOS AOS GENTIOS, E ELES À CIRCUNCISÃO (aos judeus)”. (Gálatas 2:2, 9).

Por um solene acordo eles, que originalmente tinham sido enviados a “todo o mundo” e a “toda a criatura”, aqui agora, prometem confinar o seu ministério a Israel, enquanto que Paulo ia aos Gentios.

Estavam estes líderes dos doze deslocados da vontade de Deus ao estabelecerem este acordo? De modo algum! A revelação subsequente prova que eles estavam 100% *dentro* da vontade de Deus, tanto no se desligarem da sua comissão para evangelizar o mundo, como na concórdia em que Paulo devia ir aos Gentios, pois ao rejeitar Cristo Israel introduziu uma mudança no programa divino.

A resposta ao Catolicismo jaz somente aqui.⁵ Aqui somente o machado está posto à *raiz* da árvore, pois à luz daquelas passagens é impossível manter a ideia que a igreja hodierna é uma perpetuação da organização que nosso Senhor estabeleceu quando esteve na terra. Há uma vasta diferença entre *o reino dos céus*, proclamado pelos doze, e *o Corpo de Cristo*, revelado por meio de Paulo.

Assim, pelo *próprio argumento de Roma* não pode haver qualquer sucessão apostólica, pois pela autoridade dada aos doze (uma autoridade que Roma insiste vigorosamente que eles tiveram) eles desligaram-se da sua obrigação de levar a cabo a “grande comissão” a seu termo, e reconheceram Paulo como apóstolo da nova dispensação. Notemos bem: *o que eles ligaram na terra foi ligado nos céus, e o que eles desligaram na terra foi desligado nos céus.*

O programa profético fora interrompido. O reino foi suspenso enquanto o Rei permanece exilado no Seu Exílio real. A profecia deu lugar ao “mistério” do propósito e graça de Deus.

AUTORIDADE PAULINA

A Paulo também foi dada grande autoridade. Repetidas são as vezes que somos avisados que ele fala por revelação divina, como porta-voz do próprio Cristo. Ele também revela com clareza que *não* recebeu esta autoridade da parte dos homens:

“MAS FAÇO-VOS SABER, IRMÃOS, QUE O EVANGELHO QUE POR MIM FOI ANUNCIADO NÃO É SEGUNDO OS HOMENS.

“PORQUE NÃO O RECEBI, NEM APRENDI DE HOMEM ALGUM, MAS PELA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO” (Gál. 1:11-12; cf. I Cor. 11:23; 15:3; Ef. 3:2-3; I Tes. 4:15; etc.).

Ele lembra os Romanos e os Colossenses acerca da sua autoridade especial como apóstolo dos Gentios e ministro do corpo:

“PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE, ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO” (Romanos 11:13).

“Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, PELO SEU CORPO, QUE É A IGREJA;

“DA QUAL EU ESTOU FEITO MINISTRO ⁶ segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a Palavra de Deus” (Col. 1:24-25).

Aos indómitos Coríntios ele escreve:

“ ... SE OUTRA VEZ FOR, NÃO PERDOAREI; VISTO QUE BUSCAIS UMA PROVA DE CRISTO FALANDO EM MIM ...” (II Cor. 13:2-3).

Contudo deve ser notado que a autoridade de Paulo não era de natureza política; era inteiramente *espiritual* e *doutrinal*. Isto é evidente perante passagens tais como as seguintes:

“MAS, AINDA QUE NÓS MESMOS OU UM ANJO DO CÉU VOS ANUNCIE OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ VOS TENHO ANUNCIADO, SEJA ANÁTEMA.

“ASSIM COMO JÁ VO-LO DISSEMOS, AGORA DE NOVO TAMBÉM VO-LO DIGO, SE ALGUÉM VOS ANUNCIAR OUTRO EVANGELHO ALÉM DO QUE JÁ RECEBESTES, SEJA ANÁTEMA” (Gál. 1:8-9).

“SE ALGUÉM ENSINA ALGUMA OUTRA DOCTRINA, E SE NÃO CONFORMA COM AS SÃS PALAVRAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, E COM A DOCTRINA QUE É SEGUNDO A PIEDADE, É SOBERBO ... etc.” (I Tim. 6:3-4).

“Os sinais do seu apostolado” foram manifestados, porém Paulo não tinha as “chaves” para o corpo como Pedro tinha para o reino, nem lhe foi dada autoridade para remir pecados. Na verdade, uma vez que o batismo “para remissão de pecados” tinha sido posto de parte a favor da justificação pela graça, por meio da fé, sem obras, ele não podia ter qualquer parte em remir pecados excepto indirectamente ao proclamar as boas novas. Isto será considerado mais plenamente num outro capítulo.

¹ Notemos cuidadosamente que o reino devia ser dado a “uma nação”, não “às nações”. Além disso, esta nação devia dar os frutos que Israel, sob os seus líderes daqueles dias tinha falhado em produzir. Esta “nação” era o remanescente crente em Israel, composto dos seguidores do Messias.

² Sob Cristo.

³ As referências nas epístolas também salientam Pedro deste modo.

⁴ Não obstante o Tiago desta passagem não ser, provavelmente, um dos doze.

⁵ Ver o opúsculo do autor: A Resposta ao Catolicismo: Os protestantes têm-na?

⁶ Ele era preeminentemente o ministro do Corpo de Cristo.

QUESTIONÁRIO

1. Em que passagem das Escrituras Roma baseia principalmente os seus clamores para a autoridade papal? 2. Apresente duas outras passagens em que ela baseie os seus clamores à autoridade da Igreja (Romana). 3. Porque razão ela aplica essas passagens à Igreja (Romana) hodierna? 4. Qual a fragilidade básica na maioria das interpretações Protestantes, no que diz respeito aos referidos versículos? 5. Apresente dois versículos (aparte dos já apresentados) que indiquem que nosso Senhor conferiu autoridade aos Seus apóstolos para actuarem oficialmente no Seu nome. 6. A autoridade que eles tinham para remir pecados era própria, ou delegada? 7. Porque é que o Pai confiou o futuro juízo dos homens ao Seu Filho? 8. Prove pelas Escrituras a quem é que o reino de Israel *seria tirado*. 9. Prove pelas Escrituras a quem é que *seria dado*. 10. Como podemos nós dizer que, na primeira parte dos Actos, Pedro era o líder dos doze? 11. Qual é o erro básico que a maioria dos Protestantes possui juntamente com Roma, o qual os impede de responder satisfatoriamente aos clamores de Roma? 12. Qual foi o primeiro acto oficial dos apóstolos? 13. Mostre pelas Escrituras em que sentido é que os apóstolos remiam pecados. 14. Como estavam eles protegidos contra o engano dos falsos “convertidos”? 15. Que exemplo temos nós como evidência de que assim eles não seriam enganados? 16. Apresente um exemplo dos apóstolos ligarem algo que também fosse ligado no céu. 17. Apresente um exemplo dos apóstolos desligarem algo que também fosse desligado no céu. 18. Qual é a resposta básica para o Catolicismo Romano? 19. Como é que os próprios clamores de Roma clarificam este assunto? 20. Apresente três passagens das Escrituras que indiquem a natureza da autoridade de Paulo no que diz respeito ao programa de Deus para a presente dispensação.

CAPÍTULO 10

A CHAMADA GRANDE COMISSÃO

Quão familiar se tem tornado o termo “*a grande comissão*”! Duma forma geral é grandemente usado numa referência às instruções que o Senhor, antes de partir, deu aos onze, como se encontram registradas nos quatro Evangelhos e nos Actos (Mat. 28:18-20; Marcos 16:15-18; Lucas 24:46-48; João 20:21-23; Actos 1:7-8).

Geralmente supõe-se que esta chamada “grande comissão” incorpora a “guia de marcha” que nosso Senhor deu para a Sua igreja hoje. Contudo, a razão porque se supõe assim, é porque a maioria dos ministros da Palavra, em vez de *exporem, interpretar e explicarem* estas instruções com vista a levarem-nas a cabo fielmente, ficam satisfeitos em escolher e separar determinadas frases dela para sermões devocionais.

Tudo o que a maioria dos membros da igreja ouve da chamada “grande comissão”, é o “*Ide*” e o “*eis que estou convosco*” de Mateus, o “*todo o mundo*” e “*toda a criatura*” de Marcos, o “*vós sois testemunhas*” de Lucas, o “*assim como o Pai me enviou, assim Eu também vos envio a vós*” de João e o “*recebereis a virtude do Espírito Santo que há-de vir sobre vós*” de Actos.

A ESCOLHA DE COMISSÕES

Aqueles que, contudo, vão para além das frases escolhidas e examinam o registo no seu contexto, deparam com grandes dificuldades na aceitação da “grande comissão” como *nossa* guia de marcha. O *legalismo* de Mateus 28:20 (cf. 21:1-3), *a salvação baptismal* e *os sinais miraculosos* de Marcos 16:16-18, o “*começando por Jerusalém*” de Lucas 24:47 e Actos 1:8, e *a autoridade para perdoar pecados* de João 20:22-23, é tudo tão obviamente incompatível com o Evangelho da graça de Deus, que os ensinadores bíblicos Fundamentalistas têm sido forçados a escolher registos individuais da comissão que se adaptem a esta dispensação, de acordo com o grau de dificuldade que têm experimentado no harmonizar os vários mandamentos com a presente verdade. Naturalmente que isto tem

contribuído muito para a confusão que prevalece entre os Fundamentalistas nos nossos dias.

Comparativamente, são poucos os crentes que estão cientes do facto dos nossos líderes espirituais nunca terem concordado quanto a qual das cinco passagens atrás referidas incorpora a *nossa* comissão para hoje, porém a discórdia tem sido profunda.

O Dr. A. C. Gaebelien, por exemplo, cria que a comissão de Mateus *não* é a nossa comissão. Ele escolheu Lucas 24:46-48 como “a comissão *Gentílica*”. O falecido Dr. H. A. Ironside, contudo, defendia o registo de Mateus como sendo “a *nossa guia de marcha*”, ao passo que o Dr. I. M. Haldeman, por outro lado, enfatizava a comissão em Marcos. O Dr. Wm. L. Pettingill discordava deles todos e escreveu: “A *comissão sob a qual a igreja é suposta operar é a de Actos 1:8*”.

Dos escritos do Dr. Ironside, o chamado “Arcebispo do Fundamentalismo” ¹ pode ser assumido que quase todos os Fundamentalistas concordam que a comissão de Mateus 28 é a nossa comissão. Nos seus escritos ele parece atônito com qualquer outra conclusão e implica que só os Bullingeristas questionariam o caso. Referindo-se à comissão de Mateus, ele diz:

“As pessoas que nunca investigaram o Bullingerismo e os seus sistemas afins crer-me-ão dificilmente quando digo que até a Grande Comissão, sob a qual a igreja tem actuado durante 1900 anos, e que ainda é a nossa autoridade para missões de amplitude mundial, é, segundo esses ensinadores, uma comissão com que nada temos a ver, que não tem de forma alguma qualquer referência à Igreja ... No entanto, tal é o seu ensino” (Manejando Mal a Palavra da Verdade - Wrongly Dividing the Word of Truth, P. 17).

Posteriormente, no mesmo livro ele chama esta interpretação de ‘*absurda*’, ‘*grotesca*’ e ‘*íniqua*!’ (Manejando Mal pp. 17-18).

Aparentemente, o ‘Arcebispo do Fundamentalismo’ ² encontrava-se tão decidido a combater os ‘Bullingeristas’ que se esqueceu que muitos dos seus colegas, incluindo J. N. Darby, o chamado fundador dos Plymouth Brethren - Irmãos de Plymouth - (com quem o Dr. Ironside esteve associado muitos anos) negava enfaticamente que a comissão de

Mateus fosse a nossa. Citaremos aqui Darby e outros colegas do Dr. Ironside:

Dr. James M. Gray: “Esta é a Comissão do Reino ... não a Comissão Cristã” (Christian Worker’s Commentary - O comentário Cristão do Obreiro, p. 313). E diz mais, no mesmo Comentário: “O cumprimento da Comissão do Reino foi interrompido, porém esta comissão será reatada antes do Senhor vir libertar Israel nos últimos dias” (mesma página).

Dr. Wm. L. Pettingill: “O Evangelho de Marcos, como o de Mateus e o de Lucas, é primariamente um livro que tem a ver com o Reino, e eu estou satisfeito por nenhum deles encerrar a guia de marcha para a Igreja - nem mesmo a chamada “Grande Comissão” de Mateus 28:18-20-2 (Bible Questions Answered, p. 100 - Respostas a Perguntas Bíblicas).

Dr. Arno C Gaebelein: “Esta é a Comissão do Reino ... Há-de vir o tempo em que esta grande comissão aqui, será levada a cabo por um remanescente de discípulos Judaicos” (Gospel of Matthew, Vol. 2, p 323 - O Evangelho de Mateus).

J. N. Darby: “A execução da comissão aqui em Mateus foi interrompida ... de facto, no presente, deu lugar a uma comissão celestial, e à Igreja de Deus” (Collected Writings - Escritos Coligidos, p. 327).

Assim, *não* tem havido concórdia geral quanto à comissão de Mateus ser para nossa obediência. Porém, o facto triste é que apesar de muitos dos colegas do Dr. Ironside discordarem com ele quanto à comissão de Mateus, eles também discordavam entre si respeitadamente “à grande comissão”, que incorpora a *nossa* guia de marcha. Todavia todos eles parece concordarem em manter-se afastados da comissão em João 20:21-23, ao passo que Roma, baseando-se nesta passagem, clama ousadamente ter autoridade para perdoar pecados. A igreja Fundamentalista ainda não conseguiu dissipar estas dificuldades.

Pensem nisto! Nesta data tão avançada, mais de dezanove séculos depois de nosso Senhor ter dado estes mandamentos, a igreja está em discórdia quanto ao que é que exactamente Deus quer que o Seu povo faça e ensine! Não fechemos os olhos para este facto, mas

enfrentemo-lo de modo a podermos remediá-lo, pois, senão, como é que poderemos obedecer à nossa “guia de marcha” se não soubermos qual é? *“Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?”*

Mesmo entre os que se têm regozijado na compreensão do mistério ainda vemos os efeitos deste erro de se supor que o Senhor, num curto intervalo de tempo entre a Sua ressurreição e ascensão, deu aos *mesmos* homens comissões *diferentes*, pretendendo que *outros* comesçassem, *numa futura data*, a levar a cabo uma ou mais destas comissões - e tudo sem que no registo houvesse qualquer explicação desse “propósito”!

Notando que os apóstolos nunca foram além da sua própria nação, tanto quanto as Escrituras nos revelam, concluíram que “os confins da terra” em Actos 1:8 deveriam ser traduzidos por “confins da terra (da Palestina)” e que “todas as nações” em Mateus 28:19 significa *apenas* as nações *Gentílicas*. Assim, dessas duas comissões (como eles as vêem), *ambas* dadas pelo Senhor aos onze antes da Sua ascensão, presumem que a de Actos 1:8 é para eles obedecerem, enquanto que a de Mateus 28:19 não é para ser levada a cabo por eles, mas por outros no futuro. É também argumentado que, segundo o registo de Lucas (24:47), “o arrependimento e a remissão de pecados” seria para ser pregado entre todas as nações *Gentílicas*, “*começando por*” Jerusalém.

Porém tudo isto é complicar aquilo que é simples.

É verdade que a palavra Grega *ge* em Actos 1:8 *pode* ser algumas vezes traduzida por terra da Palestina, mas na grande *maioria* dos casos *deve* ser traduzida por terra (globo terrestre), e não terra (da *Palestina*). Mais, fraseologia semelhante é por exemplo encontrada em Mat. 12:42 onde lemos que a Rainha de Sabá veio “dos confins da *terra (ge)*” ouvir a sabedoria de Salomão, e em Marcos 13:27, onde nos é dito que os anjos serão enviados a reunir os eleitos de Deus “*desde os quatro ventos*, da extremidade da *terra (ge)*”. Decerto que a Rainha de Sabá não viajou para Jerusalém meramente dos confins da terra da Palestina, nem “os quatro ventos” podem designar apenas essa terra.

Também é verdade que frequentemente a frase “as nações” se refere às nações *Gentílicas*, especialmente quando a nação singular, Israel, está a ser discutida separadamente. E é assim na natureza do caso.

Porém é um erro supor que a frase “as nações” se refere sempre às nações *Gentílicas* e um erro maior supor que a frase “*todas as nações*” se tem de referir necessariamente às nações *Gentílicas*.

Quando, por exemplo, lemos que “*o Senhor está exaltado acima de todas as nações*” (Salmo 113:4), que Deus “*de um só fez toda a geração dos homens (todas as nações)*” (Actos 17:26) e que “*todas as nações virão, e se prostrarão diante de Ti (Cristo)*” (Apo. 15:4), poderá Israel ser excluída?

Com toda a certeza que Israel está incluída nas “*todas as nações*” de Mateus 28:19, pois ainda não tinha sido trazida aos pés do Messias. A nação de Israel também se encontra incluída nas “*todas as nações*” de Lucas 24:47 pois, notemos bem, o registo ali diz: “*começando por Jerusalém*”.

Nesta relação, talvez o ponto mais importante de todos a ser observado seja que na comissão de Mateus o Senhor disse aos onze apóstolos: “*IDE*”, precisamente como disse em Marcos 16:15 e em Lucas 1:8. Porque regra de hermenêutica ou por que lógica temos nós o direito de excluir da interpretação deste mandamento precisamente aqueles a quem ele o deu?

A INCONSISTÊNCIA DE SE ESCOLHER COMISSÕES

Ao resolvermos esta dificuldade (levantada pelos homens) deverá ser notado em primeiro lugar que *todas as instruções referidas foram dadas aos mesmos homens num período de quarenta dias*, com nenhum indício de mudança de programa, nem com certas instruções para serem levadas a cabo então e outras mais tarde. A controvérsia de que determinados daqueles registos contêm a comissão *do reino* e que outro, ou outros, contêm a comissão *Gentílica*, é por conseguinte forçada e contranatural.

Argumentar que um ou mais destes registos se aplicam *apenas* a uma geração *futura* é, como dissemos, também forçar as coisas e contranatural, pois não é logicamente possível excluir-se da interpretação directa destas passagens as pessoas a quem Ele deu as instruções. Se bem que é verdade, é certo, que eles podem não ter *completado* a sua missão, quando contudo Ele lhes disse, “*Ide*”, queria

evidentemente dizer que *eles* deviam obedecer às Suas ordens. Na verdade seria estranho se *eles compreendessem* o Seu “*idé*” como significando que outros mais tarde deveriam ir.

Deverá a seguir ser notado que o legalismo de Mateus 28:20, a salvação baptismal e os sinais miraculosos de Marcos 16:16-18, o “começando por Jerusalém” de Lucas 24:47 e de Actos 1:8 e as instruções para se perdoar pecados em João 20:22-23, concorda *tudo* com o que os apóstolos *fizeram* como revela o Livro dos Actos.

Não existe nenhuma indicação de qualquer revelação a eles de que a morte de Cristo os tinha libertado da observância da lei de Moisés. Eles continuavam unanimemente no templo diariamente (Actos 2:46) e tomavam parte na adoração ali (Actos 3:1), tendo o cuidado de não começarem uma nova seita aparte do Judaísmo, pois *eles*, que tinham aceitado o Messias, eram o verdadeiro Israel.

A pessoa que baptizou Saulo de Tarso era “*um varão piedoso conforme a lei*” (Actos 22:12) e em Actos 21:20 ainda encontramos Tiago a salientar “*quantos milhares de Judeus há que crêem; E SÃO TODOS ZELADORES DA LEI*”.

Antes do grande concílio de Jerusalém (Actos 15) não vemos os crentes Judeus concordarem que os *Gentios* deixariam estar debaixo da lei. Se a igreja Judaica em Jerusalém permaneceria ou não sob a lei nem sequer foi discutido. Foi claramente assumido que eles continuariam. E isto porque os doze tinham sido comissionados a ensinarem a observância da lei, como já vimos.

Na verdade, no milénio, de que Pentecostes era um antegosto, a lei será ensinada em Jerusalém e Israel será zelosa em ouvir e obedecer.

Os apóstolos também ensinaram a salvação baptismal de Marcos 16:16, pois Pedro exigiu arrependimento e baptismo *para a remissão de pecados* (Actos 2:38). Quanto aos sinais miraculosos de Marcos 16:17-18, a leitura mais casual do princípio dos Actos revelará que estes abundavam. O “começando por Jerusalém” de Lucas 24:47 e de Actos 1:8 também foi cuidadosamente observado e os pecados foram perdoados (instrumentalmente) por homens quando estes baptizavam os que criam (Actos 2:38; 22:16).

Todos os registos da chamada “grande comissão” concordam, então, com o que os apóstolos *fizeram* na realidade, como os Actos revelam, de tal forma que não existe nenhuma razão para se supor que determinados daqueles mandamentos era para eles obedecerem enquanto outros não.

A contenção de que a “fórmula” para o baptismo na comissão de Mateus difere da usada pelos apóstolos nos Actos não apresenta aqui qualquer dificuldade, pois não se encontra declarado nada que eles usariam uma *fórmula*, ou forma de palavras, quando baptizassem. Em Mateus 28:19 é simplesmente declarado que eles baptizariam *no nome* (isto é, *pela autoridade*) do Deus trino, enquanto que nos Actos eles baptizaram no nome do Senhor Jesus. Os que crêem que “*n’Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade*” não encontrarão aqui qualquer dificuldade. A dificuldade só se ergue quando se supõe que os apóstolos repetiriam certas palavras ao baptizarem. Toda esta ideia da *fórmula* baptismal é uma tradição profundamente enraizada na tradição, mas completamente antibíblica.

Nem a promessa: “*Eis que Eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos*”, apresenta qualquer dificuldade, pois, lembremo-nos, esta *presente dispensação* é um período parentético da graça que então ainda era um segredo “oculto em Deus” (Ef. 3:9).

AS TRÊS GRANDES COMISSÕES

Para se obter uma compreensão clara da *nostra* grande comissão, consideremos *três* grandes comissões que foram dadas pelo Senhor sucessivamente; uma antes da Sua crucificação, outra depois da Sua ressurreição e uma terceira depois da Sua ascensão.

UMA GRANDE COMISSÃO

Tem sido posta uma grande ênfase no “*Idé*” da chamada “grande comissão”, mas esta não foi a primeira vez que o Senhor comissionou os Seus apóstolos a “*ir*”- A Sua *primeira* grande comissão dada aos apóstolos é encontrada em Mateus 10:5-10:

“Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: NÃO IREIS pelo caminho das Gentes, nem entrareis em cidade de Samaritanos; mas IDE ANTES às ovelhas perdidas da casa de Israel; E, INDO, pregai, dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demónios: de graça recebestes, de graça dai. Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos, Nem alforjes para o caminho, nem duas túnicas, nem alparcas, nem bordão; porque digno é o operário do seu alimento”.

A isto nosso Senhor acrescentou instruções a respeito da sua conduta entre amigos e inimigos, e predisse algumas das aflições que eles seriam chamados a suportar. Esta comissão cobre todo o capítulo 10 (Ver 11:1).

Certamente que esta comissão não é a *nossa* “grande comissão”, mas se nós estivéssemos entre os doze apóstolos quando estas directrizes foram dadas certamente que as teríamos considerado uma “grande comissão”.

O mandamento para que o ministério deles apenas fosse limitado exclusivamente a Israel não lhes deve ter parecido estranho, pois estava baseado no bem conhecido concerto Abraâmico que dizia que as nações seriam abençoadas através da semente multiplicada de Abraão (Gén. 22:17-18; cf. Actos 3: 25-26). Além disso, os profetas tinham predito repetidamente que as nações encontrariam bênção e salvação por meio da nação de Israel já *redimida*. Antes da nação de Israel ser *salva* a bênção não podia fluir para os Gentios (Is. 59:20 - 60:3; Zac. 8:13).

Então, era perfeitamente normal que o nosso Senhor enviasse primeiro os apóstolos exclusivamente à casa de Israel. Na verdade, ele declarou enfaticamente a respeito do seu próprio ministério:

“... EU NÃO FUI ENVIADO SENÃO ÀS OVELHAS PERDIDAS DA CASA DE ISRAEL” (Mateus 15:24).

Sem dúvida que isto foi tomado por certo por aqueles que reconheciam Israel como a nação escolhida. O apóstolo Paulo, alguns anos mais tarde, olhando para trás, escreveu:

“Digo pois que JESUS CRISTO FOI MINISTRO DA CIRCUNCISÃO por causa da verdade de Deus, PARA QUE CONFIRMASSE AS PROMESSAS FEITAS AOS PAIS; E PARA QUE OS GENTIOS GLORIFIQUEM A DEUS PELA SUA MISERICÓRDIA, como está escrito: Portanto eu te louvarei entre os Gentios, e cantarei ao Teu nome. E outra vez diz: alegrai-vos, Gentios, com o Seu povo” (Rom. 15:8-10).

Marquemos bem os detalhes desta promessa milenar. É *misericórdia* para os Gentios e o cumprimento *das promessas* a Israel. Na verdade os Gentios regozijar-se-ão *com o Seu povo*, mas não antes que o *Seu povo* venha a regozijar-se n’Ele. Assim, o Senhor veio, primeiro de tudo, “salvar O SEU POVO dos seus pecados” (Mateus 1:21), e Ele, agora, estava a enviar os doze apóstolos como Seus cooperadores.

Em harmonia com tudo isto os doze foram comissionados a proclamar o reino dos céus como “tendo chegado” e foi-lhes dado poder para operarem milagres como sinais da bênção há muito prometida (cf. Is. 35:5-6). Certamente que *eles* devem ter considerado isto uma *grande comissão*.

Para facilitar uma comparação desta comissão com as duas a ser consideradas a seguir, passaremos a salientar os detalhes ordenadamente:

1. Sob esta comissão os apóstolos foram *exclusivamente* enviados à nação de Israel (Mateus 10:5-6; cf. 15:24 ; e Rom. 15:8).
2. Sob esta comissão o reino estava a ser proclamado como “*tendo chegado*” (Mateus 10:7).
3. Sob esta comissão foram dados aos apóstolos *poderes miraculosos* (Mateus 10:8)
4. Sob esta comissão eles não deviam *fazer provisões para o futuro* (Mateus 10:8-10; cf. 5:42; Lucas 12:32-33).
5. Sobre esta comissão o *arrependimento e o baptismo eram requeridos para a remissão de pecados*. Apesar do baptismo na água não ser mencionado nesta passagem particular, é claro, depois duma observação atenta em outras passagens, que o Senhor e os Seus

apóstolos, como João Baptista, proclamaram o reino e requereram o arrependimento e o baptismo para a remissão dos pecados (Ver Marcos 1:4 e cf. João 4:1-2).

UMA COMISSÃO MAIOR

Depois da Sua morte e ressurreição o Senhor deu aos apóstolos (excepto a Judas Iscariotes) uma *comissão maior*. Erroneamente, esta comissão tem sido chamada “a grande comissão”, “os últimos mandamentos do Senhor para nós” e “a nossa guia de marcha”. Deste erro tem surgido muita discórdia sobre o baptismo na água, sinais físicos e políticos, etc.

Esta nova comissão não era de modo algum um desvio do programa profético; pelo contrário, era um *desenvolvimento* do mesmo.

Se examinarmos as passagens que contêm o mandamento de Nosso Senhor para se ir e pregar “o Evangelho”, não encontramos lá qualquer indicação que Ele tinha em vista um Evangelho diferente daquele que eles tinham estado a pregar. E, lembrem-nos que esse Evangelho (boas novas) dizia respeito ao Messias e ao Seu reino. É específica e repetidamente chamado “o *Evangelho do reino*” (Mateus 4:23; 9:35; 24:14; Lucas 9:2, 6; etc.).

Assumir que o Senhor os está a enviar a pregar e proclamar “o *Evangelho da graça de Deus*” não tem qualquer justificação. De facto, “o *Evangelho da graça de Deus*” nunca foi pregado nem sequer mencionado antes de Paulo ter sido levantado e enviado a declará-lo (Ver Actos 20:24; cf. Rom. 3:21-28; Ef. 3:1-3).

Comparemos as comissões pré e pós ressurreição de nosso Senhor, lembrando-nos que ambas foram dadas ao mesmo grupo de homens:

1. Assim como os apóstolos tinham sido enviados só a uma nação, eles agora eram enviados *a todas as nações, começando por Jerusalém* (Lucas 24:47; Actos 1:8). Isto não era nenhum desvio do primeiro programa, mas um desenvolvimento do mesmo, pois o Senhor tinha tratado com a nação de Israel de tal maneira que eles podiam tornar-se uma bênção para todas as nações.

Agora era assumido que Israel aceitaria o Seu Messias ressuscitado e que o programa continuaria.

2. Sob esta comissão o reino, primeiramente proclamado como “tendo chegado”, era agora *oferecido* para que Israel o aceitasse (Actos 2:36-39; 3:19-26). De novo aqui o desenvolvimento do *mesmo* programa.

3. Sob esta comissão foi dado aos discípulos de Cristo *maiores* poderes miraculosos do que antes (Marcos 16:17-18; João 14:12; cf. princípio dos Actos). Temos aqui de novo um desenvolvimento do *mesmo* programa.

4. Sob esta comissão *toda* a igreja Pentecostal tinha, agora, *todas as coisas em comum*. Ler cuidadosamente Actos 2:44-45; 4:32-37 vejamos como isto também é um desenvolvimento do *mesmo* programa.

5. Sob esta comissão o arrependimento e o baptismo eram requeridos para a remissão de pecados e em consequência disto o Espírito Santo dado imediatamente (Marcos 16:16-18: cf. Actos 2:38). Temos uma vez mais, aqui, um desenvolvimento do *mesmo* programa.

Que erro chamar a isto “*a grande comissão*” e “*a nossa guia de marcha*”! Quão patético é vermos crentes sinceros tentarem levar a cabo inutilmente esta comissão e estas ordens! Mas ... pior que isso: Que confusão, divisão e pesar tem este erro trazido à igreja; isto, ... para não mencionar os efeitos sobre os perdidos que contemplam estupefactos este triste quadro.

Se esta comissão incorpora o programa de Deus para os nossos dias, como responderemos aos Adventistas do Sétimo Dia quando ensinam legalismo baseando-se em Mateus 28:20 e 23:23, ou à chamada “Igreja de Cristo” quando ensina que o baptismo é requerido para a salvação, tomando por base Marcos 16:16, ou aos Pentecostais, quando eles insistem que os milagres poderosas de Marcos 16:17-18 são os sinais de verdadeira fé, ou aos Católicos Romanos quando eles citam João 20:22-23 e insistem no direito de perdoar pecados?

A MAIOR COMISSÃO

“Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já O não conhecemos deste modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura (criação) é: as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo. E tudo isto provém de Deus, que nos reconciliou Consigo mesmo por Jesus Cristo, E NOS DEU O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO; Isto é, Deus estava em Cristo reconciliando Consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; E PÔS EM NÓS A PALAVRA DA RECONCILIAÇÃO” (II Cor. 5:16-19).

Se os registos da chamada “grande comissão” contivessem “os últimos mandamentos” do Senhor para nós, na verdade, eles deveriam ser “a nossa guia de marcha”, pois as últimas ordens dum capitão duma companhia são para ser obedecidas, mas não é verídico que “a grande comissão” incorpora “os últimos mandamentos” de nosso Senhor. Depois da Sua ascensão o Cristo rejeitado falou de novo do Seu exílio no céu e deu uma maior comissão a Paulo e a nós. O apóstolo fala repetidas vezes da dispensação da graça que lhe foi confiada pelo Senhor glorificado.

Para se determinar qual das comissões do Senhor é para os nossos dias, nós devemos formular duas perguntas:

1. Porque é que Deus levantou Paulo, um *outro* apóstolo, algum tempo depois de Matias ter sido escolhido, segundo as Escrituras, e assim ter ficado completo o número dos doze?
2. Porque é que, depois de terem sido mandados ir “por todo o mundo” (Marcos 16:15) para fazerem discípulos de “todas as nações” (Mateus 28:19), os apóstolos permaneceram em Jerusalém (Actos 8:1) e porque é que eles, por meio dos seus líderes concordaram mais tarde em restringir o seu ministério a Israel, enquanto Paulo ia aos Gentios (Gál. 2:9)? Estavam eles todos deslocados da vontade de Deus, ou estava a ocorrer uma mudança dispensacional? A única resposta que podemos dar é que estava a ocorrer uma mudança dispensacional.

No âmago da grande revelação dada a Paulo, jaz a graciosa oferta de *reconciliação* da parte de Deus, a um mundo em inimizade com o seu Filho e Consigo mesmo. A proclamação desta mensagem gloriosa é a *nossa grande comissão*. Porque, como vimos atrás, o apóstolo diz:

“Deus ... pôs em nós (*comissionou-nos*, como diz outra versão) a palavra da reconciliação” (II Cor. 5:19).

Esta oferta de reconciliação, pela graça, por meio da fé, é o âmago do “evangelho da graça de Deus”. Depois das nações, e igualmente a nação, se terem voltado contra Deus, Ele fez algo de maravilhoso. Ele respondeu ao brutal homicídio de Estêvão, *salvando* Saulo, o líder da grande perseguição contra a igreja Pentecostal e a personificação do espírito de rebelião de Israel (e do mundo). Assim, “*onde o pecado abundou, superabundou a graça, PARA QUE ... A GRAÇA PUDESSE REINAR*” (Rom. 5:20-21).

A conversão de Saulo foi o primeiro passo na introdução do *reino da graça*, pois ele escreve por inspiração:

“E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério; A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; na ALCANCEI MISERICÓRDIA, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E A GRAÇA DE NOSSO SENHOR SUPERABUNDOU com a fé e amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. MAS POR ISSO ALCANCEI MISERICÓRDIA, PARA QUE EM MIM, QUE SOU O PRINCIPAL, JESUS CRISTO MOSTRASSE TODA A SUA LONGANIMIDADE, PARA EXEMPLO DOS QUE HAVIAM DE CRER NELE PARA A VIDA ETERNA” (I Tim. 1:12-16).

Assim, quando se tornou necessário pôr Israel de parte, Deus demonstrou as riquezas da Sua graça ao salvar o líder da rebelião e ao enviá-lo com uma oferta de graça a todos os homens em todo o lugar. “*A rejeição deles (Israel)*” e “*a reconciliação do mundo*” andam juntas (Rom. 11:15).

“Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA” (Rom. 11:32).

A mensagem da reconciliação também jaz na raiz da verdade a respeito do corpo de Cristo. Na verdade é pela reconciliação de Judeus e Gentios com Deus, que o corpo é formado:

“E pela cruz RECONCILIAR ambos com Deus em UM CORPO matando com ela as inimizades (Ef. 2:16).

Disto segue-se que a mensagem da reconciliação é uma parte vital do mistério, pois a formação do corpo era um mistério até ser revelado a Paulo e por seu intermédio.

O propósito *revelado* de Deus era abençoar o mundo através da exaltação de Israel (Is. 60:1-3) e este propósito será ainda cumprido. Mas o propósito *oculto* de Deus era abençoar o mundo através da queda de Israel, e este está *agora* a ser cumprido (Rom 11:11-12, 15).

A gloriosa verdade de que Deus introduziria um reino de graça (Rom. 5:21), rejeitando todas as distinções para salvar crentes Judeus e Gentios (Rom. 11:32), e reconciliá-los com Deus num corpo (Ef. 2:6), nunca foi uma única vez profetizada desde que o mundo começou, ainda que estivesse nos propósitos de Deus *antes* da fundação do mundo (Ef. 1:4-9).

A proclamação da gloriosa mensagem de reconciliação, pela qual o corpo é formado, é *a nossa grande comissão*. Comparando-a com as outras duas comissões dadas aos doze, devemos notar o seguinte:

1. Sob esta comissão nós, com Paulo, somos enviados a *todos* os homens *sem distinção* (II Cor. 5:14-21).
2. Sob esta comissão o regresso de Cristo para julgar e reinar está suspenso, e é oferecida reconciliação aos inimigos de Deus em toda a parte (II Cor. 5:16, 19; cf. Rom. 11:25; Heb. 2:8-9).
3. Sob esta comissão os poderes miraculosos foram retirados, passaram (Rom. 8:23; II Cor. 4:16; 5:1-2; 12:7-10; I Tim. 5:23; II Tim. 4:20).
4. Sob esta comissão o “vendei tudo” e “não acumuleis”, que eram uma ordem, foram agora anulados (II Cor. 12:14; I Tim. 5:8). Na verdade o apóstolo levou ofertas àqueles em Jerusalém que tinham vendido tudo e estavam *agora* em necessidade (Ver Actos 4:34 e cf. Actos 11:27-30; Rom. 15:26; I Cor. 16:1-3).

5. Sob esta comissão, *só a fé é requerida para a salvação* (II Cor. 5:18-21; Rom. 3:21,24,28; 4:5; Ef. 2:8-10; etc.).

6. Além de tudo isto, deve-se dar uma particular atenção às palavras:

“Assim que DAQUI POR DIANTE A NINGUÉM CONHECEMOS SEGUNDO A CARNE, E, AINDA QUE TAMBÉM TENHAMOS CONHECIDO CRISTO SEGUNDO A CARNE, CONTUDO AGORA JÁ O NÃO CONHECEMOS DESTE MODO” (II Cor. 5:16).

Aqui, as palavras “*daqui por diante*” são de grande significado. Não pode ser negado que antes disto os homens eram conhecidos ou reconhecidos segundo a carne. O Senhor tinha instruído originalmente os Seus apóstolos a *não* irem aos Gentios ou aos Samaritanos, mas irem só “às ovelhas perdidas da casa de Israel” e insistiu que Ele mesmo foi enviado somente “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 10:6; 15:24). Da mesma forma sob a Sua Segunda grande comissão, depois da Sua ressurreição, o Senhor tinha instruído os apóstolos a ministrarem primeiro ao povo da nação favorecida e Pedro foi chamado a dar uma explicação por ter ministrado à casa Gentílica de Cornélio.

Quanto a conhecer Cristo segundo a carne: não O tinham eles conhecido segundo a carne quando eles O apertavam (Marcos 5:31), quando Ele comia com eles (Lucas 15:2), quando Ele lhes tocava e os sarava? (Lucas 4:40). Não O conheciam eles segundo a carne quando O pregaram na cruz? (João 19:16-18). Não O conheciam eles segundo a carne quando Tomé foi convidado a palpar as feridas nas Suas mãos e no Seu lado? (João 20:27). Não testifica João que eles O “tinham visto, com os seus olhos, o tinham “contemplado” e O tinham “tocado”? (I João1:1)- Da mesma maneira eles não O conheceram segundo a carne depois da ascensão, quando Pedro declarou à casa de Israel que Deus O levantou da morte para O sentar no trono de David? (Actos 2:30-31).

Porém Paulo declara agora por revelação: “*Ainda que tenhamos conhecido também Cristo segundo a carne, contudo agora já O não conhecemos deste modo*”. Não indica isto uma mudança dispensacional?

Nós agora conhecemos Cristo como Aquele em quem toda a plenitude habita (Col. 1:19) mesmo toda a plenitude da divindade (Col. 2:9). Nós conhecemo-l'O como Aquele que foi exaltado acima de tudo (Ef. 1:20-21; Fil. 2:9-11) e agora envia os Seus embaixadores a oferecer as riquezas da Sua graça a todos que quiserem recebê-las.

As primeiras duas comissões foram originalmente dadas a doze homens, porque as promessas a Israel, com as suas doze tribos, estavam em vista. A terceira grande comissão foi originalmente dada a *um* homem porque havia *um* Deus, *um* mundo perdido, *um* Mediador e *um* corpo em vista.

Que elevada e gloriosa missão é para nós proclamarmos o Evangelho da graça de Deus e a oferta da reconciliação!" Como nos devemos apressar em realizar isto! Como o amor de Cristo pelos Seus inimigos nos deve constranger a instar com os homens à reconciliação, enquanto é ainda "tempo aceitável"! (II Cor. 5:20-21).

¹ E sem dúvida o líder Fundamentalista mais popular do passado quarto de século.

² Bullingerismo vem de Bullinger - afamado ensinador bíblico da passada geração, tido na generalidade como ultra ou hiper-dispensaacionalista, tendo no entanto sido considerado pela mesma crítica, e apesar disso, como "um grande ensinador, verdadeiramente um grande ensinador", para utilizar os termos de James M. Gray ao referir-se a ele. - **Nota do Tradutor.**

QUESTIONÁRIO

1. Qual é a compreensão que geralmente se tem do termo “grande comissão”? 2. Qual a relação que se supõe que esta comissão tem connosco hoje? 3. Como são geralmente tratados de cima do púlpito os *registos* da “grande comissão”? 4. O que é que acontece quando esses registos são *estudados* com a fim de se levar a cabo a “grande comissão”? 5. Nomeie três líderes Cristãos salientes da passada geração que *não* criam que a comissão registada em Mateus é a nossa comissão. 6. Dos tais líderes nomeie três que apresentavam registos diferentes da “grande comissão” para nossa obediência, e declare os registos escolhidos por eles. 7. O que é que há de forçado e de contranatural com o ponto de vista de que determinados desses registos contêm a nossa comissão, enquanto que os outros não? 8. Como é que provaria que todos os registos da “grande comissão” se aplicavam directamente aos vivos que viviam então? 9. Explique como é que *todos* os registos da comissão do Senhor se harmonizam com o que os apóstolos realmente fizeram, conforme o registado no livro dos Actos. 10. A quem é que o Senhor mandou os apóstolos *não* irem na sua *primeira* grande comissão? 11. A quem é que o Senhor disse que foi exclusivamente enviado naquele tempo? 12. Porquê? 13. Que Evangelho é que os doze pregaram sob esta primeira comissão? 14. Nomeie dois outros detalhes da 1ª grande comissão dada aos doze. 15. Quando é que foi dada aos apóstolos a comissão seguinte? 16. Explique como é que esta comissão não foi um desvio da primeira grande comissão, mas antes um desenvolvimento da mesma. 17. Apresente uma passagem das Escrituras que mostre qual é a nossa grande comissão. 18. Quando e a quem foi dada primeiro esta comissão? 19. Que Evangelho é que nós devemos proclamar sob esta comissão? 20. Apresente três pontos de contraste entre a *nossa* grande comissão e a chamada “grande comissão”.

CAPITULO 11

BOAS NOVAS

OS “QUATRO EVANGELHOS”

Tem sido declarado muitas vezes que os chamados Quatro Evangelhos são na realidade quatro registos do ministério terreno de nosso Senhor registados por quatro diferentes escritores. Esses quatro registos são-nos dados nas Escrituras, não como evangelhos diferentes, mas como retratos do nosso bendito Senhor em quatro aspectos diferentes. Mateus retrata-O como *Rei*; Marcos como *Servo*, Lucas como *Homem* e João como *Deus*, e cada um dos escritores, embora reconhecendo os outros aspectos da pessoa e do lugar de Cristo, mantém-se consistentemente fiel ao aspecto particular para que foi inspirado retratar.

Alguns têm sugerido que talvez uma biografia; um quadro composto, fosse, por assim dizer, melhor, mas poderia alguém poder retratar bem uma casa por meio dum quadro composto? Pareceria caricato ter o esfregão, o caixote do lixo, a caixa do leite, e a mangueira e material de jardinagem, ostentados no pátio frontal! E onde é que no quadro haveria lugar para todas as portas e janelas dos quatro lados da casa? Semelhantemente, foram necessários quatro registos separados do ministério de nosso Senhor para que os quatro aspectos da Sua pessoa, posição e obra, fossem bem retratados.

SÓ HÁ UM EVANGELHO?

Se, tecnicamente, é incorrecto chamar aos quatro registos, quatro *Evangelhos*, é igualmente incorrecto dizer, como têm dito muitas vezes, que as Escrituras só apresentam um evangelho.

Primeiramente, a palavra *Evangelho* (*Gr. evangelion*) significa simplesmente *boas novas* e dizer que a Bíblia só apresenta um Evangelho é o mesmo que dizer que ao longo dos séculos Deus enviou ao homem apenas uma única notícia de boas novas.

Segundo, Deus usa termos *distintos* para designar as várias notícias de boas novas: por exemplo, “o Evangelho (boas novas) do reino” (Mateus

9:35), “o Evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24), “o Evangelho da incircuncisão” (Gál. 2:7), etc. É claro que se Deus faz distinções entre estes Evangelhos eles não podem ser exactamente o mesmo.

Em terceiro lugar, deverá ser notado que Deus tem revelado as Suas boas novas ao homem *progressivamente*. A Adão e Eva Ele proclamou o Evangelho, ou as boas novas, de que um dia a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gén.3:15). A Abraão Ele proclamou o Evangelho, ou boas novas, de que nele todas as nações seriam abençoadas (Gál. 3:8). E ao longo de todas as Escrituras do Velho Testamento nós vemos Deus a proclamar ao homem cada vez mais boas novas. Finalmente o Senhor enviou os Seus apóstolos a proclamarem “o Evangelho do reino” (Ver Lucas 9:1-6), e notemos bem: nessa altura *eles não sabiam sequer que Cristo iria morrer*. Nesta relação leiamos cuidadosamente, Lucas 18:31-34):

“E, tomando Consigo os doze, disse-lhes: Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito; Pois há-de ser entregue às Gentes, e escarnecido, injuriado e cuspido; E, havendo-O açoitado, O matarão; e ao terceiro dia ressuscitará. E ELES NADA DISTO ENTENDIAM, E ESTA PALAVRA LHES ERA ENCOBERTA, NÃO PERCEBENDO O QUE SE LHES DIZIA” (Lucas 18:31-34).

Notemos cuidadosamente que depois dos apóstolos terem estado a pregar “o Evangelho” durante já há algum tempo (talvez dois ou mais anos) não tinham a menor ideia de que é que o Senhor lhes estava a falar, quando Ele predisse a Sua morte. ¹ É óbvio, então, que “o Evangelho” que eles pregavam não era “o Evangelho” que Paulo pregaria mais tarde, ou seja, “o Evangelho” pelo qual somos salvos (Ver I Cor. 15:1-4)- “O evangelho” que eles pregavam era “o Evangelho do reino” (Mateus 9:35 cf. Lucas 9:2), e não “a pregação da cruz” (I Cor. 1:18).

Isto conduz-nos ainda a um outro assunto de importância vital na consideração das boas novas de Deus para com o homem: Se um amigo chegasse ao pé do leitor e lhe dissesse: “Ouviste as boas novas? O leitor perguntar-lhe-ia naturalmente: “*Que boas novas?*” No nosso estudo das Escrituras também devemos fazer sempre esta pergunta quando o termo “o Evangelho” se nos depara, *pois este termo só por si não indica, de forma alguma, as boas novas que possam ser.*

Isto é ilustrado na passagem acima referida. Lucas 9:6 diz que os apóstolos “saindo ... percorreram todas as aldeias, anunciando o *Evangelho*”. Tem sido frequentemente assumido daqui que eles tinham ido pregar a salvação por meio da cruz, como nós o fazemos. No entanto Lucas 18:31-34 torna claro que eles não tinham sequer a menor ideia de que Cristo morreria. E um relance ao contexto em Lucas 9 tornará tudo ainda mais claro, pois lemos no versículo 2: “*E enviou-os a pregar O REINO DE DEUS*”, não a Sua morte pelo pecado.

Assim, do que tem sido salientado, torna-se evidente que neste capítulo poder-se-iam discutir *muitos* Evangelhos. Contudo, limitar-nos-emos a cinco, pois neles encontramos algo da filosofia dos tratos de Deus com os homens.

Antes de tratarmos separadamente com cada um desses Evangelhos, o leitor deverá notar cuidadosamente o seguinte:

1. *O Evangelho do reino* leva-nos atrás, a *David*, com quem foi feito o concerto do reino.
2. *O Evangelho da circuncisão* leva-nos atrás, para antes de *David*, a *Abraão*, com quem foi feito o concerto da circuncisão.
3. *O Evangelho da incircuncisão* leva-nos atrás, para antes de *David* e *Abraão*, a *Abrão*, que, como pagão *incircuncidado*, foi justificado pela fé.
4. *A mensagem da reconciliação* ² leva-nos atrás, para antes de *David*, *Abraão* e *Abrão*, a *Adão*, o “um homem” por quem o mundo foi *alienado* de Deus.
5. *O mistério* ³ leva-nos atrás, para antes de *David*, *Abraão*, *Abrão* e *Adão*, ao *próprio Deus*, e ao “beneplácito da Sua vontade”.

O EVANGELHO DO REINO

O Evangelho do reino, como já vimos, leva-nos atrás a *David*. Estas boas novas baseavam-se numa promessa feita ao Rei *David*:

“A TUA CASA E O TEU REINO SERÃO FIRMADOS PARA SEMPRE”
(II Sam. 7:16. Ver também os versículos 4:17; I Crón. 17:4-15 e Sal. 89:34-37).

Certamente que o reino de David seria estabelecido para sempre, porque Cristo, o Filho de David, ocuparia o trono e transformá-lo-ia verdadeiramente na sede do governo de Deus sobre a terra. Por esta razão lemos que “nunca será destruído” nem “passado a outro povo”, mas “será estabelecido para sempre” (Dan. 2:44).

Este reino glorioso, que “o Deus do céu” estabeleceria - e estabelecerá - na terra é, como já vimos, o alvo do grande plano profético de Deus. Este plano encontra-se compreensivamente resumido em Jer. 23:5-6:

“EIS QUE VEM DIAS, DIZ O SENHOR, EM QUE LEVANTAREI A DAVID UM RENOVO JUSTO; E, SENDO REI, REINARÁ, E PROSPERARÁ, E PRATICARÁ O JUÍZO E A JUSTIÇA NA TERRA. NOS SEUS DIAS, JUDÁ SERÁ SALVO, E ISRAEL HABITARÁ SEGURO; E ESTE SERÁ O SEU NOME, COM QUE O NOMEARÃO: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA”.

É devido a isto que, quando vemos nosso Senhor entrar em cena, O vemos a pregar “o *Evangelho (ou boas novas) do reino*” (Mateus 4:23; 9:35; etc.).

O REINO É CHEGADO

A diferença entre as *profecias* respeitantes ao reino e “o *Evangelho do reino*” era que o reino outrora predito era *agora* proclamado como “*tendo chegado*”.

João Baptista, nosso Senhor e os doze, certamente que pregaram muitas coisas, mas o tema, o assunto da sua mensagem, durante o ministério terreno de nosso Senhor, era: “É CHEGADO O REINO DOS CÉUS”. Quanto a isto não há dúvidas, pois o registo é explicitíssimo:

Mateus 3:1-2: “E naqueles dias, apareceu JOÃO BAPTISTA, pregando no deserto da Judeia, E dizendo: Arrependei-vos, porque É CHEGADO O REINO DOS CÉUS”.

Nada mais? Isto é tudo o que aqui é dito porque era este o *tema* da sua mensagem. Nós lemos noutro lugar (Lucas 3:18) que “muitas outras coisas, também, anunciava ao povo”, mas este é-nos apresentado como o *tema* da sua mensagem.

Mateus 4:17: “Desde então começou JESUS a pregar e a dizer: Arrependei-vos porque É CHEGADO O REINO DOS CÉUS”.

Ele não pregou mais nada? Uma vez mais, isto é tudo o que aqui é dito porque era este o *tema* da Sua mensagem, ainda que, na verdade, Ele tivesse dito muitas outras coisas relacionadas com este tema.

Mateus 10:5-7: “Jesus enviou ESTES DOZE, e lhes ordenou dizendo: Não ireis pelo caminho das Gentes, nem entrareis em cidade de Samaritanos; Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel. E, indo, pregai, dizendo: É CHEGADO O REINO DOS CÉUS.”

Mas eles não pregariam mais nada? Uma vez mais, isto é tudo que aqui nos é dito porque era este o *tema* da sua mensagem.

Assim, o *Evangelho*, ou *boas novas* que João Baptista, o Senhor e os doze proclamaram antes da morte de Cristo e da Sua ressurreição não era “a pregação da cruz” mas as boas novas de que o reino há muito prometido tinha agora “chegado”.

A TRANSFERÊNCIA DE AUTORIDADE EM ISRAEL

Deverá ser cuidadosamente notado que não temos uma *oferta* real do reino antes da ressurreição de Cristo (Ver Actos 3:19-20), pois os profetas tinham consistentemente testificado dos “sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e da glória que se lhes havia de SEGUIR” (1 Pedro 1:11). Na profecia a ordem foi sempre a mesma: primeiro a humilhação, depois a glória; primeiro a cruz, depois a coroa. Só Joel 2:28-32 torna claro que não podia haver nenhuma *oferta* do reino antes do Espírito ter sido “derramado”. Além disso as circunstâncias confirmam isso pois, suponhamos que o reino tivesse sido oferecido e aceite antes da cruz, teria Judas ocupado um dos doze tronos no reino? Mais, a oferta do reino apenas podia ser feita na base do Novo Concerto, que não foi feito antes da morte de Cristo (Mateus 26:28).

O apóstolo João informa-nos que quando alguns queriam fazer Jesus rei à força, Ele escondeu-se deles (João 6:15) e que quando uma grande multidão veio de Jerusalém, para O aclamar rei, Ele respondeu a isso, ao ir ao seu encontro montado num “jumentinho” - uma figura nada real; isto para dizer o mínimo (João 12:13-14, cf. Zac. 9:9).

Assim, apesar do reino ter sido *proclamado* como tendo “*chegado*” durante o período coberto pelos “quatro evangelhos”, nós não encontramos nenhuma oferta dele antes da primeira parte do livro dos Actos.

Contudo, quando o Senhor estava na terra era já evidente que os *líderes* em Israel não herdariam o reino. João tinha-os chamado a “produzir frutos dignos de arrependimento”; o mesmo fizeram Cristo e os doze, mas em vez disso eles planejaram matar Cristo (Mateus 21:33-39). Em face disso o Senhor disse-lhes:

“Portanto Eu vos digo que O REINO DE DEUS VOS SERÁ TIRADO, E SERÁ DADO A UMA NAÇÃO ⁴ QUE DÊ OS SEUS FRUTOS” (Mateus 21:43).

Quem constituiria a “nação”, a quem o Senhor daria o reino? Encontramos a resposta em Lucas 12:32:

“NÃO TEMAS, Ó PEQUENO REBANHO; PORQUE A VOSSO PAI AGRADOU DAR-VOS O REINO”.

E os príncipes do reino não seriam outros, senão os doze apóstolos, ⁵ pois em Mateus 19:28 está escrito:

“E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que Me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da Sua glória, TAMBÉM VOS ASSENTAREIS SOBRE DOZE TRONOS, PARA JULGAR AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL?”

Por conseguinte, os doze apóstolos e o “pequeno rebanho” de seguidores de Cristo substituiriam os principais dos sacerdotes e dos anciãos daqueles dias como líderes de Israel no reino. Se quisermos conseguir uma compreensão clara do Evangelho da graça de Deus,

será essencial compreendermos estas verdades relacionadas com o “Evangelho do reino”.

O EVANGELHO DA CIRCUNCISÃO

“O Evangelho do reino” e “o Evangelho da graça de Deus” são termos fáceis de se compreender, porém talvez 99% dos crentes não tenha a mínima ideia do significado do termo “o *Evangelho (ou boas novas) da circuncisão*” (Gál. 2:7).

Este Evangelho leva-nos atrás, para antes de David, ao grande Concerto Abraâmico, pois o “sinal” da circuncisão foi dado a Abraão, não somente para o separar a ele e à sua semente dos ímpios e licenciosos Gentios, e como “selo” da justiça da fé (Rom. 4:11), mas também, e principalmente, como *um sinal do concerto entre Deus e ele* (Gén. 17:11).

De acordo com este concerto, a semente multiplicada de Abraão (mais tarde chamada “a *Circuncisão*”) tornar-se-ia uma bênção para todas as nações. O concerto em questão, revelava muito mais que isto, mas esta é a porção particular do concerto que nos interessa aqui considerar. Foi depois de Abraão ter oferecido a Deus o seu amado filho Isaque, que Deus prometeu:

“Que deveras te abençoarei, e GRANDISSIMAMENTE MULTIPLICAREI A TUA SEMENTE, COMO AS ESTRELAS DOS CÉUS, E COMO A AREIA QUE ESTÁ NA PRAIA DO MAR; E A TUA SEMENTE POSSUIRÁ A PORTA DOS SEUS INIMIGOS; E EM TUA SEMENTE SERÃO BENDITAS TODAS AS NAÇÕES DA TERRA; porquanto obedeste à Minha voz” (Gén 22:17-18).

O “Evangelho da circuncisão”, então, consistia nas *boas novas baseadas neste concerto*. Nós lemos em Gálatas 2:7 que “o Evangelho da circuncisão”, ⁶ foi (confiado) a Pedro” e nós encontramos-lo a pregar esse Evangelho em Actos 3:25-26:

“VÓS SOIS OS FILHOS DOS PROFETAS E DO CONCERTO QUE DEUS FEZ COM NOSSOS PAIS, DIZENDO A ABRAÃO: NA TUA DESCENDÊNCIA SERÃO BENDITAS TODAS AS FAMÍLIAS DA TERRA. RESSUSCITANDO DEUS A SEU FILHO JESUS, PRIMEIRO

O ENVIU A VÓS, PARA QUE NISSO VOS ABENÇOASSE, E VOS DESVIASSE, A CADA UM, DAS VOSSAS MALDADES”

Isto, em poucas palavras, é “o Evangelho da circuncisão”, e os da circuncisão que o ouviram decerto que devem ter considerado boas novas o facto da bênção de todas as nações por seu intermédio estar agora iminente.

Porém, o facto do Evangelho da circuncisão ter sido confiado a Pedro não significa que não tenha também sido confiado aos restantes onze apóstolos, ou que ele não tenha pregado ao mesmo tempo o Evangelho do reino, ou que o Senhor não tenha também pregado o Evangelho da circuncisão.

O “Evangelho do reino” e “o Evangelho da circuncisão” são muitíssimo interligados, como o são também os Concertos Abraâmico e Davídico. Enquanto o primeiro dizia respeito à *nação*, o segundo dizia respeito ao *governo e trono* dessa nação.

Tem muito significado o facto das Escrituras do Novo Testamento abrirem com as palavras:

“Livro da geração de JESUS CRISTO, FILHO DE DAVID, FILHO DE ABRAÃO” (Mat. 1:1).

Tanto antes como depois de Pentecostes o grande programa de Deus em abençoar as nações por meio de Israel tendo Cristo como Rei era reconhecido, porém antes de Pentecostes a ênfase encontrava-se no reino enquanto depois de Pentecostes encontrava-se no facto de Israel ser o canal de bênção para o mundo. Assim, nos registos dos evangelhos lemos acerca do “Evangelho do reino”, enquanto que em Gál. 2:7 lemos que “o Evangelho da circuncisão” fora confiado a Pedro (como distinto de Paulo). Este assunto será mais plenamente discutido no fim deste capítulo.

O EVANGELHO DA INCIRCUNCISÃO

Enquanto os Evangelhos do reino e da circuncisão foram proclamados por nosso Senhor na terra e pelos doze apóstolos, o *Evangelho da incircunsição* foi confiado a Paulo - e os doze reconheciam isso, pois

em Gál. 2:7 Paulo diz que os seus líderes “*viram que o Evangelho da incircuncisão (Ihe) estava confiado*”.

No Evangelho da incircuncisão tudo é por graça e por meio da fé. Estas boas novas não se baseiam em qualquer concerto, ⁷ pois o Apóstolo Paulo, ao proclamá-las, leva-nos atrás, para antes de David e de Abraão, a *Abrão*, o pagão ímpio que recebeu plena justificação apenas pela fé muito tempo antes de ter sido circuncidado.

Provando com o caso do próprio Abraão que Deus não era obrigado a justificar apenas os circuncisos, ou a enviar salvação aos pagãos por seu intermédio, ele salienta que Deus justificou o próprio pai da nação Hebraica por graça, por meio da fé, totalmente à parte da circuncisão, e que ele recebeu a circuncisão anos mais tarde como sinal da justiça que já tinha recebido pela fé:

“Vem pois esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircunsição? Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão. COMO LHE FOI POIS IMPUTADA? ESTANDO NA CIRCUNCISÃO OU NA INCIRCUNCISÃO? NÃO NA CIRCUNCISÃO, MAS NA INCIRCUNCISÃO. E RECEBEU O SINAL DA CIRCUNCISÃO, SELO DA JUSTIÇA DA FÉ QUANDO ESTAVA NA INCIRCUNCISÃO, PARA QUE FOSSE PAI DE TODOS OS QUE CRÊEM, ESTANDO ELES TAMBÉM NA INCIRCUNCISÃO, A FIM DE QUE TAMBÉM A JUSTIÇA LHES SEJA IMPUTADA” (Rom. 4:9-11).

O apóstolo demonstrou assim que só porque Deus escolheu a semente de Abraão com o canal por meio do qual abençoaria todas as nações, eles não deveriam presumir que Ele não os podia abençoar doutra forma qualquer; muito menos que Ele *apenas* pretendia abençoar e salvar Israel, pois Deus justificara o seu próprio pai Abraão por meio da fé, totalmente à parte da circuncisão. Porque é que Ele não poderia agora fazer o mesmo?

Nós não devemos perder de vista o facto de que enquanto “o Evangelho da circuncisão” é exclusivo, “o Evangelho da incircuncisão” é *inclusivo*, abrangendo *todos os crentes*, quer Judeus quer Gentios, pois a força do argumento de Paulo em Romanos 4 é que a fé foi imputada a Abraão como justiça *antes* dele ter sido circuncidado “*para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão*”.

Assim, “o Evangelho da *incircuncisão*” abrange *tanto* Judeus *como* Gentios. Na realidade, é significantíssimo que em face da rejeição de Cristo por parte de Israel, Deus envie agora Paulo a salientar isto e a oferecer a salvação apenas pela fé tanto a Judeus como a Gentios.

Sob “o Evangelho do reino” os doze tinham sido explicitamente mandados a *não* irem aos Gentios e aos Samaritanos, mas apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 10:5-6). Sob “o Evangelho da circuncisão” os mesmos apóstolos foram explicitamente instruídos a irem *primeiro* a Israel (Lucas 24:47; Actos 1:8). Em ambos os casos a razão foi que Deus tinha *prometido* abençoar as nações *por meio da nação de Israel*.

Porém agora, com a recusa de Israel em se tornar o canal de bênção, Deus suspende temporariamente o cumprimento dos concertos, ergue *um outro* apóstolo, e envia-o com o glorioso “Evangelho da incircuncisão”, no qual:

“NÃO HÁ DIFERENÇA ⁸ ENTRE JUDEU E GREGO: PORQUE UM MESMO É O SENHOR DE TODOS, RICO PARA COM TODOS OS QUE O INVOCAM. PORQUE TODO AQUELE QUE INVOCAR O NOME DO SENHOR SERÁ SALVO” (Rom. 10:12-13).

Deverá ser cuidadosamente notado que o ministério de Paulo aos Gentios com “o Evangelho da incircuncisão” substituiu o ministério terreno do Senhor e o ministério Pentecostal dos doze. Isso é enfaticamente declarado em duas passagens em Romanos e Gálatas. A primeira, em Romanos 15, mostra como o ministério de Paulo substituiu o de Cristo *na terra*:

“Digo pois que Jesus Cristo FOI ministro da circuncisão (a nação Hebraica), por causa da verdade de Deus, para que confirmasse as promessas feitas aos pais; E para que os Gentios glorifiquem a Deus pela Sua misericórdia, como está escrito ...” (Rom. 15:8-9).

Isto estava de harmonia com o programa profético. Cristo *confirmou* as promessas feitas aos pais. Se Israel tivesse aceitado Cristo em Pentecostes, estas promessas (da sua bênção futura) ter-se-iam *cumprido* e os Gentios teriam glorificado a Deus pela Sua misericórdia (com o farão um dia).

Mas apesar destas promessas terem sido tão conclusivamente confirmadas, Israel rejeitou Cristo e agora Paulo, por inspiração, escreve aos crentes Romanos:

“Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, pela graça que por Deus me foi dada; QUE SEJA MINISTRO DE JESUS CRISTO ENTRE OS GENTIOS, MINISTRANDO O EVANGELHO DE DEUS, PARA QUE SEJA AGRADÁVEL A OFERTA DOS GENTIOS, SANTIFICADA PELO ESPÍRITO SANTO (Rom. 15:15-16).

A segunda passagem, em Gálatas 2, mostra como o ministério de Paulo substituiu o dos doze:

“E subi por uma revelação, e lhes expus o Evangelho, que prego entre os Gentios, e particularmente aos que estavam em estima; para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão.” ANTES ... QUANDO VIRAM QUE O EVANGELHO DA INCIRCUNCISÃO ME ESTAVA CONFIADO, COMO A PEDRO O DA CIRCUNCISÃO” E CONHECENDO TIAGO, CEFAS E JOÃO, QUE ERAM CONSIDERADOS COMO AS COLUNAS, A GRAÇA QUE SE ME HAVIA DADO, DERAM-NOS AS DEXTRAS, EM COMUNHÃO COMIGO E COM BARNABÉ, PARA QUE NÓS FOSSEMOS AOS GENTIOS, E ELES À CIRCUNCISÃO” (Gál. 2:2, 7, 9).

Notemos bem: os doze, que tinham sido *primeiramente* enviados a “todo o mundo” pregar “o Evangelho” a “toda a criatura” “começando por Jerusalém”, reconheciam agora que o presente cumprimento desta grande comissão tinha sido interrompido por meio da incredulidade de Israel e, reconhecendo a nova comissão dada a Paulo, os seus líderes deram as dexas da comunhão a Paulo e Barnabé num acordo solene em que ficava assente que Paulo, com Barnabé, deveria ir aos Gentios, enquanto que eles restringiriam o seu ministério a Israel. Foi assim que Paulo pôde escrever em Rom. 11:13:

“PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE, ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, GLORIFICAREI O MEU MINISTÉRIO”.

O EVANGELHO DA RECONCILIAÇÃO

A mensagem da reconciliação, como a da incircuncisão, foi confiada em primeiro lugar ao apóstolo Paulo. A mensagem leva-nos atrás, para antes de David, Abraão, Abrão, a *Adão*, o pai da raça humana, o “um homem” por quem o “pecado entrou no mundo”, e explica *porque* é que Deus estava agora a tratar com Judeus e Gentios na mesma base.

O Senhor Jesus, enquanto esteve na terra, não proclamou a mensagem da reconciliação. Tanto quanto o registo das Escrituras revela, Ele apenas usou a palavra *reconciliar* uma única vez, e isto em referência à reconciliação de dois irmãos. As apóstolos, em Pentecostes, também não proclamaram a reconciliação, muito menos a reconciliação de Judeus e Gentios com Deus num só corpo.

De modo análogo, não encontramos o Senhor na terra ou os doze em Pentecostes irem atrás a *Adão* na sua pregação. Eles falam repetidas vezes das promessas feitas a David e a Abraão, nunca porém mencionam sequer o nome *Adão*. O Senhor *referiu-se* uma vez a *Adão*, sem que tivesse mencionado o seu nome, porém neste caso Ele estava a tratar da questão do casamento e do divórcio e declarou simplesmente: “Aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez”.

A mensagem da reconciliação não podia ser pregada a todo o mundo antes da nação de Israel ser posta de parte, pela simples razão de que os amigos não têm necessidade de ser reconciliados, e Israel, no princípio dos Actos, ainda era o povo favorecido. Por conseguinte lemos:

“PORQUE SE A SUA (DE ISRAEL) REJEIÇÃO É A RECONCILIAÇÃO DO MUNDO, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?” (Rom. 11:15).

A reconciliação exige necessariamente *alienação*; assim, não foi antes de Deus ter posto de parte a nação de Israel que Ele principiou a oferecer a reconciliação por meio de Paulo. De facto, foi quando Israel se uniu aos Gentios em rebelião contra Deus e o Seu Cristo que a alienação *natural* do homem de Deus ficou plenamente *demonstrada*. Foi por esta razão que Paulo, na mensagem da reconciliação, nos leva atrás, não a David e Abraão, com quem foram efectuados os concertos, mas a *Adão*, por quem toda a humanidade foi alienada de Deus.

“... POR UM HOMEM ENTROU O PECADO NO MUNDO, E PELO PECADO A MORTE, ASSIM TAMBÉM A MORTE PASSOU A TODOS OS HOMENS POR ISSO QUE TODOS PECARAM” (Rom. 5:12).

A queda de Israel foi natural, pois os *filhos de Israel também eram filhos de Adão decaído*. Deus colocou uma diferença entre Israel e os Gentios, entre outras razões, simplesmente para mostrar que basicamente, essencialmente, “*não há diferença*”⁹.

Isto era o que Deus estava agora a ensinar ao pôr de parte Israel e ao oferecer a *reconciliação* a Judeus e Gentios numa mesma base de igualdade. Esta oferta graciosa não se encontra baseada nas promessas concertuais, mas nos *factos* da alienação do homem de Deus, da sua necessidade desesperada e do infinito amor e misericórdia de Deus.

Graças a Deus, a mensagem da reconciliação não diz respeito exclusivamente ao “um só homem” por quem o pecado entrou no mundo. Na verdade, diz *principalmente* respeito ao “*segundo Homem*”, “*o último Adão*”, o “*um só Mediador entre Deus e os homens, o Homem Cristo Jesus*” (I Cor. 15:45, 47; I Tim. 2:5).

“POIS ASSIM COMO POR UMA SÓ OFENSA VEIO O JUÍZO SOBRE TODOS OS HOMENS PARA CONDENAÇÃO, ASSIM TAMBÉM POR UM SÓ ACTO DE JUSTIÇA VEIO A GRAÇA SOBRE TODOS OS HOMENS PARA JUSTIFICAÇÃO DE VIDA.

“PORQUE, COMO PELA DESOBEDIÊNCIA DE UM SÓ HOMEM, MUITOS FORAM FEITOS PECADORES, ASSIM PELA OBEDIÊNCIA DE UM MUITOS SERÃO FEITOS JUSTOS” (Rom. 5:18-19).

É por este outro “um só Homem” e a Sua morte no Calvário, que os pecadores - tanto Judeus como Gentios - podem ser reconciliados com um Deus santo. Em Col. 1:21-22 o apóstolo da reconciliação declara:

“A vós também que noutro tempo éreis ESTRANHOS (ou, ALIENADOS), E INIMIGOS no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos RECONCILIOU NO CORPO DA SUA CARNE, PELA MORTE, PARA PERANTE ELE VOS APRESENTAR SANTOS, E IRREPREENSÍVEIS, E INCULPÁVEIS”.

Assim, “*sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho*” (Rom. 5:10 e cf. Ef. 2:11-18).

Como vimos, a proclamação desta mensagem gloriosa é a *nossa* grande comissão, como nos é claramente dito em II Cor. 5:18-19. Citamos aqui a passagem com mais do seu contexto a fim do leitor poder compreendê-la e apreciá-la mais plenamente:

“ASSIM QUE DAQUI POR DIANTE A NINGUÉM CONHECEMOS SEGUNDO A CARNE, E, AINDA QUE TAMBÉM TENHAMOS CONHECIDO CRISTO SEGUNDO A CARNE, CONTUDO AGORA JÁ O NÃO CONHECEMOS DESTE MODO. ASSIM QUE, SE ALGUÉM ESTÁ EM CRISTO, NOVA CRIATURA É; AS COISAS VELHAS JÁ PASSARAM; EIS QUE TUDO SE FEZ NOVO. E TUDO ISSO PROVÉM DE DEUS, QUE NOS RECONCILIOU CONSIGO MESMO POR JESUS CRISTO, E NOS DEU O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO; ISTO É, DEUS ESTAVA EM CRISTO RECONCILIANDO CONSIGO O MUNDO, NÃO LHE IMPUTANDO OS SEUS PECADOS; E PÔS EM NÓS A PALAVRA DA RECONCILIAÇÃO. DE SORTE QUE SOMOS EMBAIXADORES DA PARTE DE CRISTO, COMO SE DEUS POR NÓS ROGASSE. ROGAMO-VOS POIS DA PARTE DE CRISTO QUE VOS RECONCILIEIS COM DEUS. ÀQUELE QUE NÃO CONHECEU PECADO, O FEZ PECADO POR NÓS; PARA QUE NELE FOSSEMOS FEITO JUSTIÇA DE DEUS.” II Cor. 5:16-21).

É *esta* a *nossa* grande comissão; cumpramo-la fielmente!

Contudo insistimos que se trata de uma *oferta* e não duma promessa de reconciliação universal. O apóstolo não roga aos homens para estes se reconciliarem nesta vida meramente para escaparem a um curto período de disciplina. Neste clamor não há nenhum indício de que todos serão eventualmente reconciliados a despeito da sua resposta a esta oferta. Pelo contrário, ele insta com eles para que se reconciliem *agora*, uma vez que “*agora* é o tempo aceitável”; ele roga-lhes que se reconciliem antes que seja *demasiado tarde*, de modo a que não tenham recebido “em vão” a graciosa oferta (leiamos cuidadosamente os versículos que se seguem: II Cor. 6:1-2). De facto, é verdade que ao nome de Jesus um dia se dobrará todo o joelho, dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e que toda a língua confessará que Jesus é Senhor (Fil. 2:10-11), mas isso é *subjugação*

universal, e não *reconciliação*. Esta subjugação final de todas as coisas - celestial, terrestre e infernal - a Cristo não será resultado da *presente oferta*:

“A SABER; SE COM A TUA BOÇA CONFESSARES AO SENHOR JESUS, E EM TEU CORAÇÃO CRERES QUE DEUS O RESSUSCITOU DOS MORTOS, SERÁS SALVO” (Rom. 10:9).

Não devemos confundir a predição da subjugação universal com o propósito de Deus em “*reconciliar Consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão NA TERRA como as que estão NO CÉU*” ¹⁰ (Col.1:20).

Respeitadamente à nossa responsabilidade de proclamarmos a oferta de reconciliação de Deus aos perdidos, uma coisa é certa: Se quisermos levar fielmente a cabo a nossa grande comissão, temos de o fazer constrangidos pelo amor de Cristo (II Cor. 5:14) para que, ainda que os homens nos julguem “loucos” (Ver. 13), *vivamos* para Aquele que *morreu* por nós (Ver. 15), “*rogando*” aos homens e “*orando*” por eles, no lugar de Cristo, para que se reconciliem com Deus (Ver. 20), sabendo que “*AGORA é o tempo aceitável*” e “*AGORA é o dia da salvação*” (6:2).

O MISTÉRIO

Já discutimos “o mistério” com alguma profundidade, mas consideremo-lo aqui em relação aos vários Evangelhos.

Precisamente assim como o reino de Cristo é o tema das Escrituras proféticas, *o corpo de Cristo* é o tema do grande mistério revelado ao apóstolo Paulo e por seu intermédio.

O apóstolo define este “mistério”, que lhe foi tornado conhecido por revelação (Ef. 3:3), como se segue:

“A saber, que os Gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo Evangelho” (Ef. 3:6).

Como já vimos existem muitos aspectos do mistério, mas a grande verdade central é que Deus iria formar, de Judeus e Gentios que crêem em Cristo, um corpo.

É fácil de se ver que esta gloriosa verdade a respeito do corpo se segue naturalmente à revelação a respeito dos Evangelhos da incircuncisão e da reconciliação. Na verdade o próprio apóstolo salienta que o corpo de Cristo é o *produto* da reconciliação com Deus de Judeus e Gentios. Ao explicar como Deus “derrubou a parede de separação que se erguia entre nós”, ele continua dizendo que isso foi

“...PARA FAZER EM SI DOS DOIS UM NOVO HOMEM, FAZENDO A PAZ; E PELA CRUZ RECONCILIAR AMBOS COM DEUS EM UM CORPO, MATANDO COM ELA AS INIMIZADES. E, VINDO, ELE EVANGELIZOU A PAZ, A VÓS QUE ESTÁVEIS LONGE, E AOS QUE ESTAVAM PERTO ¹¹; PORQUE POR ELE AMBOS TEMOS ACESSO AO PAI EM UM MESMO ESPÍRITO” (Ef. 2:14-18).

Já salientámos que antes de chegarmos aos escritos de Paulo não encontramos uma única palavra a respeito deste grande mistério ou a respeito de qualquer dos seus mistérios associados. Todavia tal não significa que tivesse havido da parte de Deus um pensamento extemporâneo, pois ao proclamar o mistério o apóstolo leva-nos atrás para antes de David e Abraão, para antes de Abrão e Adão, leva-nos a Deus que tudo planeou.

Apesar do crente mais espiritual em Jerusalém não tivesse podido saber o que é que Deus faria quando Israel rejeitasse o Cristo ressuscitado, o Filho de Deus glorificado, Deus tinha desde o princípio em mente um glorioso plano. Ele diz simplesmente que “*desde os tempos eternos esteve OCULTO*” (Rom. 16:25), “*noutros séculos NÃO FOI MANIFESTADO AOS FILHOS DOS HOMENS*” (Ef. 3:5), “*que desde os séculos esteve OCULTO em Deus*” (Ef. 3:9), que esteve “*OCULTO desde todos os séculos, e de todas as gerações*” (Col. 1:26), mas em tudo isto ele torna muito claro que o plano todo era

“SEGUNDO O ETERNO PROPÓSITO QUE FEZ EM CRISTO JESUS NOSSO SENHOR” (Ef. 3:11).

Como nos devemos regozijar pelo facto da rejeição (temporária) de Israel, da oferta de justificação a Judeus e Gentios e da reconciliação

de *ambos* a Deus num corpo, ter sido um maravilhoso plano de Deus concebido desde o princípio; pelo facto da Sua surpreendente graça ter sido revelada quando o pecado atingiu o seu zénite! Como devemos adorar Aquele

“que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; NÃO SEGUNDO AS NOSSAS OBRAS, MAS SEGUNDO O SEU PRÓPRIO PROPÓSITO E GRAÇA QUE NOS FOI DADA EM CRISTO JESUS ANTES DOS TEMPOS DOS SÉCULOS” (II Tim. 1:9).

RELAÇÕES E DISTINÇÕES BÁSICAS ENTRE ESTES EVANGELHOS

O Evangelho do reino e o Evangelho da circuncisão estão intimamente ligados.

1. Baseavam-se ambos em *concertos* e não revelavam “as excedentes riquezas da graça de Deus” como revelam as boas novas proclamadas por Paulo.
2. Relacionavam-se ambos com a *profecia*, e não com o mistério.
3. Estavam ambos unidos às ordenanças e sinais. A *circuncisão* era o sinal do Concerto Abraâmico (Gen. 17:11). O *baptismo na água* era o sinal do Concerto Davídico (Êxo. 29:4; cf. Êxo. 19:5-6; Is. 61:6; Mat. 3:1-6).
4. Estes dois Evangelhos foram proclamados por João Baptista, Cristo e os doze.
5. Mateus 1:1 introduz Cristo como “Filho de David, Filho de Abraão”, e o Concerto Abraâmico, respeitante à nação certamente que se encontra intimamente ligado ao concerto Davídico que diz respeito ao Rei que reinará sobre essa nação.

As restantes três mensagens também se encontram intimamente ligadas.

1. As três encontram-se baseadas *apenas na graça*, e não em concertos ou promessas.
2. As três foram todas previamente *ocultas*, e não preditas. ¹²
3. Nenhuma delas teve qualquer relação quer com ordenanças quer com sinais. ¹³ Nós somos circuncidados e batizados *em Cristo* (I Cor. 6:11; Fil. 3:3; Col. 2:9-12).
4. As três mensagens foram entregues em primeira mão a Paulo.

5. Estes Evangelhos encontram-se inseparavelmente unidos como *uma revelação progressiva*. É por isso que o apóstolo Paulo fala de “*o meu Evangelho*” (Rom. 2:16); 16:25; II Tim. 2:8) e utiliza o termo geral “*o Evangelho da graça de Deus*”, quando se refere ao *todo* deste ministério Cristão (Actos 20:24).

Pode ser ademais notado que João Baptista, Cristo e os doze, nas suas proclamações, iam do particular ao geral, enquanto que Paulo ia do geral ao particular. A razão para isto é porque o programa profético estava a desaparecer do cenário ao mesmo tempo que o programa do mistério aparecia no cenário.

Assim, o *próprio Cristo* é anunciado primeiramente nos Evangelhos; depois o *Seu Messiado* é proclamado no Evangelho do reino e depois da Sua crucificação a *oportunidade de Israel de se tornar uma bênção para o mundo* é realçada no Evangelho da circuncisão. Ou, colocando as coisas doutra maneira: Cristo, o Filho de David é apresentado primeiro; depois o Concerto Davídico do reino é evocado e, depois da cruz, o amplíssimo Concerto Abraâmico.

Pelo contrário, quando Israel persistiu na sua rejeição em relação a Cristo, o apóstolo Paulo começou com o amplíssimo *evangelho da incircuncisão* como base para a *mensagem da reconciliação*, pela qual tanto Judeus como Gentios tornar-se-iam *um só corpo em Cristo*. Assim ele começou com o que as Escrituras tinham claramente previsto (embora não predito) e terminou com o próprio mistério, que “*esteve OCULTO desde antes da fundação do mundo*”.

¹ Mesmo apesar dos profetas a terem predito há muito e dos apóstolos deverem ter crido neles (Lucas 24:25).

² Ver a próxima nota.

³ Apesar de nas Escrituras não encontrarmos frases como “o evangelho da reconciliação” ou “o evangelho do mistério”, estas grandes mensagens são não obstante apresentadas como *boas novas* e até são *designadas* como *evangelhos*. Ver Col. 1:21-23; Rom. 16:25.

⁴ Não “às nações”.

⁵ Com Matias no lugar de Judas (Actos 1:20).

⁶ Não há qualquer justificação para se ler: “o evangelho à circuncisão”, embora isso não altere o significado essencial de Gál. 2:7.

⁷ Mesmo apesar da bênção de Abraão vir agora sobre os Gentios *por meio de Cristo* (Gál. 3:14, 16).

⁸ Romanos 1:16 de modo algum contradiz isto. A dificuldade é que alguns, tirando este versículo fora do seu contexto, supõem que Paulo ensina aqui que o evangelho *ainda deveria* ir primeiro aos Judeus, quando toda a passagem (Rom. 1:13-16) é uma defesa da sua ida aos *Gentios*, tendo o evangelho *ido primeiro* aos Judeus. Uma vez as boas novas de Deus serem agora todas de graça, ninguém é primeiro. Isto será mais discutido num capítulo mais adiante.

⁹ Há uns anos aconteceu um episódio interessante com um Judeu, tratador de papel, a quem comprávamos papel em lotes para a publicação da revista *Berean Searchlight*. Um dia, quando “discutíamos” o preço duma resma de papel, ele exclamou: “Se me levar a baixar mais o preço eu vou à bancarrota!”. Humoristicamente, repliquei que se alguma vez acontecesse eu poder levar a melhor no negócio a um filho de Abraão considerar-me-ia um bom negociante, acrescentando: “*Diz lá, Sam, achas que entre ti e mim existe alguma ligação de sangue?*” Ele pareceu ficar surpreendido com a pergunta, mas replicou num abrir e fechar de olhos: “*Não, eu sou filho de Abraão!*” Perante a sua reacção insisti mais, dizendo-lhe: “*Eu sei, mas diz-me, tens alguma ligação com Adão?*” Aqui ele abaixou a cabeça e ficou sem resposta. Ele conhecia bastante bem o Velho Testamento. E depois disse ainda: “*Desta vez apanhou-me!*” Ele sabia que éramos *ambos* filhos de Adão.

¹⁰ Nota: “As coisas que estão *debaixo* da terra” são aqui excluídas.

¹¹ Aqui Israel já não é considerado “*perto*” a Deus.

¹² Gál. 3:8 diz: “ora, tendo a Escritura *previsto*”, e não *predito*.

¹³ Apesar de quer as ordenanças quer os sinais terem sido a princípio *reconhecidos* como parte do programa que então estava a ser posto de parte.

QUESTIONÁRIO

1. O que é que induz em erro no termo: “Os Quatro Evangelhos”? 2. Porque é que foi necessário ter quatro registos separados do ministério terreno de nosso Senhor? 3. O que é que está errado na afirmação de que a Bíblia apresenta apenas *um* Evangelho? 4. Porque é que é particularmente necessário ter em mente o contexto quando se lê a simples frase “o Evangelho”? 5. Conceba de memória o quadro dos cinco Evangelhos abordados neste capítulo. 6. Como é que o reino foi proclamado antes da cruz? 7. Quais são as duas passagens bíblicas que nos dizem que o reino foi “tirado” aos líderes de Israel e dado ao “pequeno rebanho” de seguidores do Messias? 8. Qual é a passagem que contém a promessa do Senhor de que os doze ocuparão os doze tronos no reino? 9. Quando é que o reino foi pela primeira vez *oferecido* a Israel? 10. O “Evangelho da circuncisão” estava baseado em que grande concerto? 11. Explique como é que os Evangelhos da circuncisão e do reino se encontram ligados. 12. Em que grandes *factos* é que se baseia o “Evangelho da incircuncisão”? 13. Onde é que vemos que o “Evangelho da incircuncisão” foi particularmente confiado a Paulo? 14. O que é que a reconciliação postula, ou pressupõe? 15. Onde é que encontramos que a mensagem da reconciliação se encontra relacionada com a rejeição de Israel? 16. A mensagem da reconciliação volve-se principalmente em volta de que dois homens? 17. Explique o significado do facto de que II Cor. 5, a proclamação da reconciliação *não é uma promessa, mas um rogo*. 18. Explique como é que a formação do corpo se encontra relacionada com a proclamação da reconciliação. 19. Apresente três passagens das Escrituras que provem que “o mistério” não foi revelado antes de Paulo. 20. Mostre como é que os evangelhos da incircuncisão, da reconciliação e o mistério se encontram relacionados.

CAPÍTULO 12

O LUGAR DISPENSACIONAL DOS SINAIS MIRACULOSOS E DO BAPTISMO NA ÁGUA

As verdades que temos estado a considerar afectam vitalmente a nossa vida *prática* como membros do Corpo de Cristo e o nosso *serviço* para ele, pois se não compreendermos com clareza a mensagem e o programa de Deus para a presente dispensação, como é que poderemos servi-l'O com eficácia?

A confusão que prevalece na Igreja deve-se grandemente à ignorância e até indiferença quanto a estes assuntos. Quantos é que entre o povo de Deus estão nos nossos dias tentando servi-l'O, sem antes terem procurado saber o que é que, com exactidão, Ele deseja e quer que façam! Sim, mesmo entre os que confiam sinceramente em Cristo como Salvador, há muitos que ainda se estão a esforçar inutilmente para estabelecer o Seu reino na terra, enquanto outros esforçam-se para possuir alguns ou mesmo todos os poderes miraculosos de Pentecostes, insistindo todos na prática da ordenança do baptismo na água, não obstante serem incapazes de concordar entre si quanto a *quem* deva ser baptizado, ou *como*, ou *porque* se deve baptizar.

Os sinais miraculosos e o baptismo merecem tratamento exaustivo em volumes separados, mas nós tratá-los-emos aqui resumidamente por causa da sua relação com todo o problema dispensacional.

OS SINAIS MIRACULOSOS

Ninguém pode negar que o ministério terreno de nosso Senhor e o período coberto pelo Livro dos Actos foram ricos em manifestações miraculosas. Não se pode igualmente negar que, antes do término do período dos Actos, tais manifestações abundaram entre os *membros Gentílicos do Corpo de Cristo*.

Alguns defendem a ideia de que hoje em dia *todos os verdadeiros* crentes *possuem* os poderes miraculosos de Pentecostes, pois o Senhor afirmou explicitamente na Sua "grande comissão": "*E estes sinais seguir-se-ão aos que crerem ...*" (Mar. 16:17-18). Outros crêem que a *certas* pessoas lhes é conferido o poder de operar milagres,

especialmente milagres de cura. Porém, apesar desses clamores, *Deus* nos nossos dias *não* está a conferir aos homens poderes para a operação de milagres. Se “a grande comissão” com os seus sinais Pentecostais estivesse realmente a ser levada a cabo nos nossos dias, não haveria qualquer ou a menor objecção ao miraculoso, pois tanto salvos como perdidos foram igualmente obrigados a reconhecer os poderes miraculosos da era Pentecostal ¹ (Actos 3:11; 4:14, 16, etc.). Quanto à alegada evidência dos poderes sobrenaturais dos “curandeiros” Pentecostais: A Igreja Católica Romana, o movimento Unidade, a Ciência Cristã, e outros que clamam possuir os poderes de cura podem apresentar “evidências” inteiramente tão convincentes. Serão os seus poderes, então, também dados por Deus?

MILAGRES E ESPIRITUALIDADE

A razão que usualmente é apresentada para se explicar a ausência desses poderes é a falta de fé e de espiritualidade. Se tivéssemos a fé dos crentes primitivos, dizem-nos; se fossemos tão espirituais como eles, também possuiríamos esses poderes miraculosos.

Não se pode negar que mesmo o crente mais consagrado se situa muito aquém dos padrões de espiritualidade estabelecidos por Deus, nem que existe uma verdadeira falta de espiritualidade entre os crentes em geral, nos nossos dias, porém isso não explica a sua incapacidade de operar milagres. Tal argumento é muito facilmente rebatido apenas com o caso dos Coríntios. Paulo chamou-os de bebês *caruais*, (I Cor. 3:1), e repreendeu-os severamente pela sua carnalidade, pelas suas “invejas, contendas e dissensões” (I Cor. 3:3), pela sua imoralidade (I Cor. 5:1), pela sua desonestidade e opressão mútua (I Cor.6:7-8), pela sua infidelidade no ofertar (I Cor.9:11-14), pelo seu egoísmo e orgulho (I Cor. 11:21:22), e exclamou: “Vós estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes!” (I Cor. 5:2; cf. 4:18).

Ainda assim e apesar disso, esta *mesma* igreja em Corinto, nesta *mesma* conjuntura, *abundava* em dons miraculosos (I Cor. 1:7; 12:8-11; 14:12, 18, 26). A ausência desses poderes miraculosos hoje na Igreja tem que ter por isso uma outra explicação.

O SIGNIFICADO DOS SINAIS

Primeiramente deve ser notado o facto geral de que na história do Velho Testamento as demonstrações miraculosas prevaleceram e predominaram em tempos de grande crise, como por exemplo nos casos de Moisés e Arão e Elias e Eliseu.

Sem dúvida que a chamada de Israel ao arrependimento, desde o tempo de João Baptista até Pentecostes, e a oferta de Cristo a Israel para que O aceitassem foi a maior crise na história de Israel até então.

Em segundo lugar não devemos esquecer que os profetas predisseram que os milagres abundariam na vinda do Messias (Is. 35:5-6; etc.). Por isso é que lemos em Mateus 8:16-17:

“E chegada a tarde, trouxeram-Lhe muitos endemoninhados, e ele com a Sua Palavra expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos; PARA QUE SE CUMPRISSE O QUE FORA DITO PELO PROFETA ISAÍAS, QUE DIZ: QUE TOMOU SOBRE SI AS NOSSAS ENFERMIDADES, E LEVOU AS NOSSAS DOENÇAS”.

Foi também por isso que Pedro declarou em Pentecostes:

“Varões Israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão APROVADO POR DEUS ENTRE VÓS COM MARAVILHAS, PRODÍGIOS E SINAIS, que Deus por Ele fez no meio de vós, como vós mesmo bem sabeis” (Actos 2:22).

Assim Paulo escreve aos Romanos, dizendo que “Jesus Cristo foi ministro de circuncisão ... para que *confirmasse* as promessas feitas aos pais” (Rom. 15:8).

Em terceiro lugar devemos-nos lembrar que os milagres tiveram um significado especial em relação à expulsão de Satanás, há muito príncipe deste mundo (João 12:31), e ao estabelecimento do reino de Cristo, pois lemos em I João 3:8:

“... PARA ISTO O FILHO DE DEUS SE MANIFESTOU: PARA DESFAZER AS OBRAS DO DIABO”.

Assim, no seu ataque ao reino de Satanás, o Senhor disse:

“E, se Satanás expulsa a Satanás, está dividido conta si mesmo; como subsistirá pois o seu reino? MAS, SE EU EXPULSO OS DEMÓNIOS PELO ESPÍRITO DE DEUS, É POR CONSEQUENTE CHEGADO A VÓS O REINO DE DEUS” (Mat. 12:26, 28).

De acordo com isto, o Senhor também ordenou aos setenta para declararem em cada cidade o significado dos milagres que eles operavam lá:

“E CURAI OS ENFERMOS QUE NELA HOVER, E DIZEI-LHES: É CHEGADO A VÓS O REINO DOS CÉUS” (Lucas 10:9).

No livro dos Actos é o mesmo pois, lembremo-nos que, os Actos são o relato e o registo do que o Senhor Jesus *continuou* a fazer e a ensinar após a sua ressurreição (Actos 1:1-2). Os milagres da era Pentecostal foram operados pelo *Cristo ressuscitado*. Assim, Pedro referindo-se a determinado caso declarou:

“E pela fé no Seu nome fez o Seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por Ele deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde: (Actos 3:16).

“SEJA CONHECIDO DE VÓS TODOS, E DE TODO O POVO DE ISRAEL, QUE EM NOME DE JESUS CRISTO, O NAZARENO, AQUELE A QUEM VÓS CRUCIFICASTES E A QUEM DEUS RESSUSCITOU DOS MORTOS, EM NOME DESSE É QUE ESTE ESTÁ SÃO DIANTE DE VÓS” (Actos 4:10).

E da mesma forma que nos é dito que Cristo foi “aprovado por Deus” por meio de sinais miraculosos, também nos é dito em Heb. 2:3-4 acerca da “grande salvação”

“... a qual, começando a ser anunciada pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram;

“TESTIFICANDO TAMBÉM DEUS COM ELES, POR SINAIS, E MILAGRES, E VÁRIAS MARAVILHAS E DONS DO ESPÍRITO SANTO, DISTRIBUÍDOS POR SUA VONTADE”.

Esta “grande salvação”, que “começou a ser anunciados pelo Senhor”, certamente era a de Mateus 1:21 e a de Lucas 1:67-77, e dizia respeito ao reino de Cristo na terra. E depois disto esta mensagem foi “confirmada ... por aqueles que a ouviram”. Assim Pedro ofereceu a Israel os tempos do refrigério e o retorno de Cristo, na condição de eles se arrependem e se volverem para Ele (Actos 3:19-20).

E assim Deus confirmou o Messiado de nosso Senhor com poderosos sinais e maravilhas, tanto durante o Seu ministério terreno, como após a Sua ascensão ao céu.

OS MILAGRES ENTRE OS GENTIOS

Qual foi então a razão para os dons miraculosos entre os Gentios, especialmente sob o ministério de Paulo? Mesmo esses estavam indirectamente associados com o reino Messiânico.

Não nos devemos esquecer que embora Paulo estivesse comissionado com uma *outra* comissão e “o Evangelho da graça de Deus”, *confirmou* contudo a mensagem de Pedro e proclamou e provou aos Judeus em toda a parte que “Jesus é o Cristo”, pois a oferta do reino em Pentecostes não foi oficialmente removida antes de Actos 28:28. Assim, não é estranho essas confirmações miraculosas dos direitos reais de Cristo até esse tempo.

Também nos devemos lembrar da declaração inspirada que diz, “os Judeus pedem sinal” (I Cor. 1:22). Assim, a única via por meio da qual *e/les* podiam dizer que o novo programa era de Deus, era o facto de Paulo ter todos “os sinais de um apóstolo” (II Cor.12:11-12, e de os Gentios crentes também possuírem poderes miraculosos. Mesmo antes que Paulo fosse aos Gentios, Pedro foi enviado à primeira família Gentílica para ser assim convencido. Notemos o relato a respeito disto:

“E os fieis que eram da circuncisão, todos quanto tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o Dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os Gentios. PORQUE OS OUVIAM FALAR LÍNGUAS, E MAGNIFICAR A DEUS” (Actos 10:45-46).

A REMOÇÃO DOS DONS MIRACULOSOS

Com a nação de Israel posta de parte não houve mais necessidade de dons miraculosos. As epístolas de Paulo posteriores à rejeição final da nação não reconhecem mais tais dons como estando em vigor.

Na verdade, na sua primeira carta aos Coríntios, o apóstolo tornou claro que os poderes miraculosos seriam removidos:

“O AMOR NUNCA FALHA; MAS HAVENDO PROFECIAS, SERÃO ANIQUILADAS; HAVENDO LÍNGUAS, CESSARÃO; HAVENDO CONHECIMENTO, DESAPARECERÁ” (I Cor. 13:8).

Certamente que Paulo não queria dizer que as *predições* sobrenaturais não se cumpririam, nem que os homens deixariam de *falar* ou *conhecer*. Ele referia-se aos *dons* miraculosos de profecia, de línguas e de conhecimento. Esses dons seriam removidos.

“AGORA, POIS, PERMANECEM A FÉ, A ESPERANÇA E O AMOR, ESTES TRÊS, MAS O MAIOR DESTES É O AMOR” (I Cor. 13:13).

Quanto aos milagres de cura, os que eram curados pelo Senhor e pelos Seus seguidores teriam sem dúvida entrado no reino e continuado a viver - não experimentariam, pois a morte - tivesse o reino sido estabelecido, mas agora que Israel rejeitara Cristo e o seu reino, todos os curados morreram, pois o programa para o estabelecimento do reino foi suspenso. Assim, não foi porque o Senhor tivesse falhado que os que Ele curou não permaneceram vivos e bem; foi porque o reino foi recusado e “este presente século mau” estabelecido no mundo.

Nas primeiras cartas de Paulo há abundantes provas de que o dom de curar estava já a ser removido, pois nelas ele diz:

“PORQUE SABEMOS QUE TODA A CRIAÇÃO GEME E ESTÁ JUNTAMENTE COM DORES DE PARTO ATÉ AGORA. E NÃO SÓ ELA, MAS NÓS MESMOS, QUE TEMOS AS PRIMÍCIAS DO ESPÍRITO, TAMBÉM GEMEMOS EM NÓS MESMOS, ESPERANDO A ADOÇÃO, A SABER, A REDENÇÃO DO NOSSO CORPO” (Rom. 8:22-23).

“E POR ISSO TAMBÉM GEMEMOS DESEJANDO SER REVESTIDOS DA NOSSA HABITAÇÃO, QUE É DO CÉU” (II Cor. 5:2).

Acrescentaremos a estas passagens declarações tais como as seguintes: *“ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, se renova, contudo, de dia em dia”* (II Cor 4:16), *“Foi-me dado um espinho na carne ... a fim de me não exaltar”* (II Cor. 12:7), *“E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e grande tremor”* (I Cor. 2.3), *“e vós sabeis que primeiro vos anunciei o Evangelho estando em fraqueza (enfermidade) da carne”* (Gál. 4:13), *“Quem enfraquece que eu também não enfraqueça?”* (II Cor. 11:29), *“Epafrodito ... esteve doente, e quase à morte; mas Deus se apiedou dele”* (Fil. 2:25-27), *“Deixei Trófimo doente em Mileto”* (II Tim. 4:20), *“Usa um pouco de vinho, por causa de teu estômago e das tuas frequentes enfermidades”* (I Tim. 5:23).

SENTINDO PRAZER NAS ENFERMIDADES

O dom de curar, então, estava a ser removido quando Paulo escreveu as suas primeiras epístolas. Contudo Deus substituiu-o por algo melhor, pois fomos *“abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais”* (Ef. 1:3): Na verdade, a nossa elevada e santa vocação, a nossa posição perfeita em Cristo, a nossa riqueza espiritual, podiam bem ensoberbecer-nos e exaltar-nos, não permitisse Deus que fossemos visitados pela aflição corporal (II Cor. 12:7). Entretanto Ele assegura-nos: *“A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza”* (II Cor. 12:9). Assim, estas aflições tornam-se e convertem-se em bênçãos disfarçadas e servem para fortalecer numa maior medida a comunhão com Deus. É por isso que o apóstolo Paulo continua e diz;

“... DE BOA VONTADE POIS ME GLORIAREI NAS MINHAS FRAQUEZAS (ENFERMIDADES) PARA QUE EM MIM HABITE O PODER DE CRISTO.

“PELO QUE SINTO PRAZER NA FRAQUEZAS, NAS INJÚRIAS, NAS NECESSIDADES, NAS PERSEGUIÇÕES, NAS ANGÚSTIAS, POR AMOR DE CRISTO. PORQUE QUANDO ESTOU FRACO ENTÃO SOU FORTE” (II Cor. 12:9-10).

O BAPTISMO NA ÁGUA

Tanto o baptismo na água como os sinais miraculosos pertencem à chamada “grande comissão” (Mat. 28:19; Mar. 16:16-18; Actos 1:8); apesar disso, e ainda que pareça estranho, muitos obreiros que não teriam qualquer dificuldade em excomungar um crente por falar línguas ou por procurar operar milagres, agarram-se contudo tenazmente à prática do baptismo na água. É decerto evidente que se a “grande comissão” é para que lhe obedeçamos nos dias em que vivemos, então os crentes Pentecostais são mais coerentes do que a grande maioria dos irmãos fundamentalistas nesta questão. Salientemos aqui, então, ainda que com brevidade, o significado dispensacional do baptismo na água e a glória do “UM SÓ BAPTISMO” da presente dispensação.

Em toda a divisão e confusão que tem prevalecido na igreja sobre o tema do baptismo, a questão primária em litígio tem sido desprezada quase completamente. Essa questão não é se o baptismo na água é encontrado nas Escrituras, nem *quem* deva, ou *como* se deve ser baptizado. A *primeira* questão que nos diz respeito é: devemos nós praticar o baptismo na água nos nossos dias? Está ele incluído no programa de Deus para a *presente dispensação*?

Se os líderes espirituais das gerações passadas em vez de se consumirem acerca de questões secundárias, primeiramente se interrogassem acerca desta questão básica, muita discórdia e pesar poderiam ter sido evitados.

O BAPTISMO NA ÁGUA E O REINO MESSIÁNICO

Já vimos que a mensagem de abertura das Escrituras Neotestamentárias é, “*Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus*” (Mat. 3:2). Esta mensagem foi primeiramente proclamada a Israel por João Baptista e foi mais tarde continuada pelo Senhor (Mat.4:17) e pelos seus doze apóstolos (Mat. 10:5-7). A proclamação desta mensagem e os seus resultados é o que os “Quatro Evangelhos” registam.

O facto deste reino ter sido então proclamado como tendo “chegado” indica que tinha sido predito e esperado, como na realidade foi.

Sob o Velho Concerto Deus tinha prometido:

“Agora pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardares o Meu Concerto, então sereis a Minha propriedade peculiar dentro todos os povos: porque toda a terra é Minha.

“E vós Me sereis UM REINO SACERDOTAL (DE SACERDOTES), e O POVO SANTO (UMA NAÇÃO SANTA). Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel” (Êxo. 19:5-6).

Até que na verdade eles obedecessem à voz de Deus, só certas pessoas *em* Israel seriam colocadas à parte como sacerdotes, porém em relação com a vinda do Messias e com a conversão de todo o Israel, Deus prometeu que, na realidade, eles se tornariam, mais tarde, numa nação de sacerdotes, por meio de quem os gentios se aproximariam de Deus:

“MAS VÓS SEREIS CHAMADOS SACERDOTES DO SENHOR, E VOS CHAMARÃO MINISTROS DO NOSSO DEUS ...” (Is.61:6).

O primeiro rito a ser realizado na indução dum sacerdote ao seu ministério era a sua lavagem com água (Êxo. 29:4). Isto falava da sua necessidade de purificação antes de se aproximar da presença de Deus. Assim, quando João proclamou o reino como tendo chegado - no qual *todo* o Israel deveria comparecer diante de Deus como sacerdotes - ele exigiu arrependimento e batismo na água para a remissão dos pecados (Mar. 1:4). ²

Que o batismo de João estava relacionado com a manifestação de Cristo a Israel, não pode ser negado, pois o próprio João disse:

“E EU NÃO O CONHECIA; MAS, PARA QUE ELE FOSSE MANIFESTADO A ISRAEL, VIM EU, POR ISSO, BAPTIZANDO COM ÁGUA” (João 1:31).

Notemos bem que João baptizava as pessoas “*para a remissão dos pecados*”; e que depois da ressurreição de Cristo isto não foi alterado, pois em Pentecostes Pedro ofereceu o retorno de Cristo e os tempos do refrigério para Israel ao novamente chamá-los a “*arrependerem-se e a serem baptizados ... para a remissão dos pecados*” (Actos 2:38) ³.

Isto aconteceu em obediência estrita à comissão que o Senhor lhe deu, depois de ter ressuscitado e na qual era expressamente declarado que “*quem cresse e fosse baptizado, seria salvo*” (Mar. 16:16). ⁴

Como aconteceu com os sinais miraculosos, a suspensão deste programa veio com a rejeição a que Israel votou o seu Messias ressuscitado e com o levantamento de Paulo para a proclamação do Evangelho da graça de Deus. E, como aconteceu com os sinais miraculosos, esta parte do programa não foi suspensa repentina e imediatamente. Mesmo depois do levantamento de Paulo Deus ainda continuou por algum tempo a estender as Suas mãos a um povo rebelde e contradizente (Rom. 10:21). Contudo, a suspensão não principiou antes da conversão de Saulo. Foi depois da conversão de Saulo que Pedro foi enviado à primeira família Gentílica. O seu sermão foi interrompido, perante o espanto dos seus companheiros, ao verem que estes Gentios eram salvos e recebiam o Espírito Santo, sem serem baptizados com água (Actos 10:44-46). É verdade que Pedro *depois* baptizou-os (Actos 10:47), para, por assim dizer, ter a escrita em dia e em ordem, contudo o desvio do programa da “grande comissão” é claro. Depois disso, a prática do baptismo na água continuou durante algum tempo enquanto Cristo continuou ainda a ser manifesto a Israel.

PAULO E O “UM SÓ BAPTISMO”

Porém, no ministério de Paulo, com o qual o resto dos Actos se ocupa, o baptismo na água *nunca* é requerido para a remissão dos pecados. Obviamente, então, uma outra comissão estava a substituir a dada aos onze antes da ascensão do Senhor.

É cheio de significado o facto de que, enquanto Paulo baptizou alguns, ⁵ e menciona isto na sua primeira carta aos Coríntios, ele declara que se alegra por ter baptizado tão poucos; e acrescenta:

“PORQUE CRISTO ENVIU-ME NÃO PARA BAPTIZAR, MAS PARA EVANGELIZAR; NÃO EM SABEDORIA DE PALAVRAS, PARA QUE A CRUZ DE CRISTO SE NÃO FAÇA VÃ.

“PORQUE A PALAVRA DA CRUZ É LOUCURA PARA OS QUE PERECEM; MAS PARA NÓS, QUE SOMOS SALVOS, É O PODER DE DEUS” (I Cor. 1:17-18).

Também é cheio de significado o facto de *Paulo, o apóstolo dos Gentios e ministro de Corpo de Cristo NUNCA NOS ORDENAR OU MESMO EXORTAR UMA ÚNICA VEZ, EM QUALQUER DAS SUAS CARTAS, A SERMOS BAPTIZADOS COM ÁGUA.*

Nas suas últimas cartas, escritas depois da rejeição de Israel, ele declara enfaticamente que agora não há senão “UM SÓ BAPTISMO” (Ef. 4:5). Este baptismo é a operação do Espírito Santo pela qual os crentes são tornados um com Cristo na Sua morte, sepultura e ressurreição (Rom. 6:3-4; Gál. 3:26-27; Col. 2:9-12), e assim também tornados membros do “um só corpo”, o “Corpo de Cristo” (I Cor. 12:13, 27; Gál. 3:26-28).

Se os crentes, especialmente os líderes espirituais, compreendessem melhor a verdade do “um só baptismo” pelo qual o “um só Espírito” nos baptiza no “um só Corpo”, a nossa unidade em Cristo seria gozada numa amplitude maior. Na verdade, nós somos exortados a esforçarmo-nos por “guardar”, ou *observar*, a unidade que o Espírito fez, lembrando-nos que não há senão “*um só corpo ... um só espírito ... uma só esperança ... um só Senhor, uma só fé, um só baptismo, um só Deus e Pai ...*” (Ef. 4:3-6).

Uma coisa é certa: o estudante que quiser pôr de parte noções e tradições humanas pré-concebidas, e investigar as Escrituras a respeito deste “um só baptismo” com uma mente aberta, sentar-se-á à mesa duma verdadeira festa de coisas espirituais muito boas.

¹ Nota - Referimo-nos a *dons* e a *manifestações* sobrenaturais. Certamente que reconhecemos que estão constantemente a ser operados milagres à nossa volta, mas enquanto por exemplo Deus pode curar miraculosamente os enfermos, segundo a sua vontade, nos nossos dias não usa “curandeiros divinos” para realizar isso, nem nós temos o direito de clamar a cura física na presente dispensação, isto é, de por exemplo dizer: “Em nome de Jesus Cristo levanta-te e anda!”.

Como alguém disse, e bem, “Apesar de haver por aí “curandeiros” a taxa da mortandade ainda é ‘per capita!’”.

2 Sob a lei Mosaica os sacerdotes e os cerimonialmente “imundos” eram ambos lavados, ou batizados. Assim, também, sob o programa do reino os Judeus e os “imundos” Gentios tinham igualmente de ser batizados (Mat. 28:19).

3 Os que falam do batismo Cristão” ter começado em Pentecostes sob a “grande comissão”, deveriam notar cuidadosamente este facto. Num debate público sobre este assunto apresentámos uma vez seis livros e opúsculos escritos por Fundamentalistas proeminentes, que sustentam as suas teorias acerca do batismo, nos quais citam Actos 2:38, mas omitem as palavras “*para a remissão dos pecados*”.

4 Os Fundamentalistas que clamam estar a levar a cabo a “grande comissão” interpretam geralmente isto como significando: “*Quem crer e for salvo deve ser batizado*”. Nesta relação só se pode concluir que aqueles que assim manejam uma declaração tão clara da Palavra de Deus, também podem “interpretar” outras passagens das Sagradas Escrituras, querendo que elas signifiquem o que na realidade não expressam. O Modernismo e as seitas já caíram nesse sistema e seguem esse rumo.

5 Ele também circuncidou Timóteo, falou línguas, curou os enfermos, etc.

QUESTIONÁRIO

1. Explique como é que os membros gentílicos do Corpo de Cristo possuíram outrora poderes miraculosos.
2. Prove pelas Escrituras que a falta de fé ou de espiritualidade não é a razão para a ausência dos dons Pentecostais nos nossos dias.
3. Prove pelas Escrituras que Cristo foi “aprovado de Deus” entre o Seu povo.
4. Que relação havia entre os milagres dos dias de Cristo e o reino de Satanás?
5. Prove pelas Escrituras que Deus sustentou testemunho no ministério Pentecostal dos doze.
6. Como é que Pedro e os seus companheiros sabiam que os da casa de Cornélio tinham recebido o Espírito Santo?
7. O que é que o apóstolo Paulo escreveu em I Cor.13 acerca dos dons de profecia, de línguas e de conhecimento?
8. O que é que eventualmente acontecia a todos os que eram curados por nosso Senhor e pelos seus seguidores?
9. Porquê?
10. Apresente cinco passagens das Escrituras que indiquem que os poderes de cura, nos dias de Paulo, já estava a ser removidos.
11. Que maiores bênçãos que o bem estar físico e material temos nós?
12. Como é que muitas vezes as enfermidades físicas resultam em bênçãos?
13. Qual era a atitude de Paulo com respeito às enfermidades?
14. Qual é a *primeira* questão que nos diz respeito no que concerne à cerimónia do baptismo na água?
15. Mostre pelas Escrituras que João Baptista associava o baptismo na água com Israel e o reino.
16. Mostre pelas Escrituras que o baptismo na água era requerido para a salvação sob João Baptista, sob a “grande comissão” e em Pentecostes.
17. Onde é que encontramos nas Escrituras os primeiros desvios do programa Pentecostal?
18. Prove pelas Escrituras que o programa Pentecostal não cessou abruptamente.
19. Foi Paulo *enviado* a baptizar? Era parte da sua comissão especial?
20. O que é executado pelo “um só baptismo” desta dispensação?

CAPÍTULO 13

O PRINCÍPIO DO MINISTÉRIO DE PAULO

UM PROBLEMA DISPENSACIONAL

O princípio do ministério de Paulo tem baralhado muitos fervorosos e diligentes estudiosos da Bíblia.

Eles vêem com bastante clareza aonde o seu ministério *conduz*. Regozijam-se na sua mensagem de graça pura. Compreendem perfeitamente que o baptismo na água e os sinais Pentecostais não têm mais lugar no Corpo de Cristo, à semelhança da circuncisão e da lei, mas ficam perplexos, para não dizer desiludidos, ao encontrarem a circuncisão, o baptismo e os sinais miraculosos serem praticados por Paulo durante o princípio do seu ministério, como regista o livro dos Actos.

UMA EXPLICAÇÃO ERRADA

Este problema tem levado alguns a supor que o mistério não foi revelado a Paulo antes dele ser preso em Roma e que “o corpo de Cristo”, a igreja desta dispensação, só começou, historicamente, depois de Actos 28:28.

Todavia a sua conclusão extrema é tão contrária às Escrituras quanto a que assinala Pentecostes como o início histórico do corpo, pois lemos claramente do mistério e do corpo de Cristo nas *primeiras* epístolas que Paulo escreveu, escritas antes de Actos 28, da mesma forma que lemos nas cartas escritas posteriormente (Rom. 16:25; I Cor. 2:7; Rom. 12:5; I Cor. 12:12-13,27, etc.). Na verdade, este facto tem conduzido os que dizem que o corpo começou em Actos 28 à conclusão que deve haver *dois corpos*, - que “o corpo de Cristo” que Paulo fala em Romanos e I Coríntios é diferente de “o corpo de Cristo” a que as suas epístolas se referem mais tarde.

Eles têm sido *forçados* a esta conclusão, dizemos nós, pois tal explicação é, no mínimo, forçada e contra-natura. Não podemos deixar de dizer que tais teorias devem parecer esfarrapadas mesmo aos que as apresentam, e que por isso eles devem ser levados a reexaminar a

fundação da sua estrutura, pois certamente que uma premissa errada conduzirá certamente a conclusões erradas. De certo que a teoria dos “dois corpos” leva às conclusões mais extremas e anti-bíblicas.

Alguém que lança mão desta teoria escreve que *“visto que o ministério de Paulo foi primeiramente para os Judeus durante os Actos, as suas epístolas escritas durante o mesmo período não podiam ser diferentes.”*

Tais declarações são tão completamente anti-bíblicas como extravagantes, pois o registo das Escrituras torna claro como a água cristalina que o início do ministério de Paulo e as suas primeiras epístolas foram *primeiramente para os Gentios*, e não para os Judeus.

O MINISTÉRIO DE PAULO NOS ACTOS

Em Actos 22:18 e 21 Paulo relata como é que, no seu primeiro regresso a Jerusalém após a sua conversão, o Senhor lhe revelou que o seu testemunho não seria recebido ali e que por isso seria enviado aos Gentios:

“E vi aquele que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém; PORQUE NÃO RECEBERÃO O TEU TESTEMUNHO ACERCA DE MIM. E disse-me: Vai, porque HEI-DE ENVIAR-TE AOS GENTIOS DE LONGE”.

E a história do seu ministério a partir dali está em perfeita harmonia com isto.

Actos 13:46-47: “... EIS QUE NOS VOLTAMOS PARA OS GENTIOS; PORQUE O SENHOR ASSIM NO-LO MANDOU ...”

Actos 15:3: “E eles, sendo acompanhados pela igreja, passavam pela Fenícia e por Samaria, CONTANDO A CONVERSÃO DOS GENTIOS ...”

Actos 18:6: “...DESDE AGORA PARTO PARA OS GENTIOS.”

Actos 21:18-19: “E no dia seguinte, Paulo entrou connosco em casa de Tiago, e todos os anciãos vieram ali.

“E, havendo-os saudado, CONTOU-LHES POR MIÚDO O QUE POR SEU MINISTÉRIO DEUS FIZERA ENTRE OS GENTIOS.”

AS PRIMEIRAS EPÍSTOLAS DE PAULO

Quando comparamos as primeiras epístolas de Paulo com a última parte do Livro dos Actos (o período durante o qual elas foram escritas) o quadro permanece o mesmo:

Rom. 11:13: “PORQUE CONVOSCO FALO, GENTIOS, QUE, ENQUANTO FOR APÓSTOLO DOS GENTIOS, EXALTO O MEU MINISTÉRIO.”

I Cor. 12:2: “VÓS BEM SABEIS QUE ÉREIS GENTIOS, LEVADOS AOS ÍDOLOS MUDOS, ...”.

Gál. 1:15-16: “... aprovou a Deus, ... revelar seu Filho em mim, PARA QUE O PREGASSE ENTRE OS GENTIOS, ...”.

Gál. 4:8: “Mas, quando não conheciéis a Deus, SERVÍEIS AOS QUE POR NATUREZA NÃO SÃO DEUSES.”

I Tes. 2:14: “Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judeia estão em Jesus Cristo; porquanto TAMBÉM PADECESTES DE VOSSOS PRÓPRIOS CONCIDADÃOS O MESMO QUE OS JUDEUS LHES FIZERAM A ELES.”

Imaginemos a argumentação de que as primeiras epístolas de Paulo foram escritas primariamente aos Judeus, à luz de passagens das Escrituras como estas! É claro que estas citações dos Actos e das primeiras epístolas provam conclusivamente que o início do ministério de Paulo foi dirigido primeiramente aos Gentios e não primeiramente aos Judeus. É verdade que ele foi primeiramente ao Judeu, mas esse é um assunto completamente diferente. Eis aqui a solução para o problema do início do ministério de Paulo.

A SOLUÇÃO

Há um importante facto que tememos que os nossos irmãos “dois corpos” tenham olvidado.

Paulo foi primeiramente aos Judeus, *não* porque parecesse que Israel poderia ainda aceitar Cristo como seu Rei, mas simplesmente porque Deus não queria que ficassem com qualquer desculpa por rejeitarem o Messias.

Paulo confirmou a mensagem de Pedro e contendeu fortemente com os Judeus por toda a parte mostrando que *“Jesus é o Cristo.”* Os milagres também acompanharam este ministério de confirmação – na verdade, milagres maiores que os que Pedro realizou, porém, ao contrário de Pedro, *Paulo nunca ofereceu o reino a Israel.*

Como vimos, Paulo, à semelhança dos doze, teria iniciado o seu ministério em Jerusalém, a capital de Israel, mas o Senhor apareceu-lhe, e insistiu com ele para que deixasse Jerusalém de imediato. Nessa altura o Senhor proferiu duas declarações muito importantes a Paulo:

1. “(ELES) NÃO RECEBERÃO O TEU TESTEMUNHO ACERCA DE MIM.”

2. “HEI-DE ENVIAR-TE AOS GENTIOS DE LONGE.”

O que é que Deus estava a fazer aqui? Estava a sentenciar a incredulidade e desobediência de Israel e, mesmo naquela data bem inicial, a chamar Paulo para ministrar aos gentios.

A rebelião nacional tinha crescido em proporções tais que *“uma grande perseguição”* estava a ser empreendida contra a igreja em Jerusalém. Paulo, que tinha liderado a perseguição, pensava agora que talvez o seu testemunho pudesse inverter a corrente. (Act. 22:19-21). Mas Deus sabia melhor. Sabia que a crise na história de Israel tinha chegado. A persuasão seria inútil. A salvação agora seria enviada aos gentios, *não por instrumentalidade da nação de Israel, mas a despeito dela*, e o próprio Paulo é escolhido para este propósito.

Este incidente na experiência Cristã inicial de Paulo deveria ser visto à luz de três importantes versículos das Escrituras:

Rom. 11:15: “... SE A SUA (DE ISRAEL) REJEIÇÃO É A RECONCILIAÇÃO DO MUNDO ...”

Rom. 11:32: “... DEUS ENCERROU A TODOS DEBAIXO DA DESOBEDIÊNCIA, PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA.”

Efé. 2:16: “E PELA CRUZ RECONCILIAR AMBOS COM DEUS EM UM CORPO ...”

Certamente que o *propósito* gracioso de Deus em rejeitar Israel estava apenas em *processo* de se revelar à medida que Deus punha a nação *gradualmente* de parte. A *plenitude* disso não é patenteado antes das últimas epístolas, onde Paulo ora para que aos crentes seja dada sabedoria e entendimento espiritual para a compreender. Contudo a reconciliação com Deus de crentes Judeus e Gentios num corpo, a bênção dos Gentios por meio da *queda* de Israel, começou com toda a certeza consideravelmente antes do fim do livro dos Actos.

PEDRO, PAULO E ISRAEL

Há um facto que deveria ser aparente mesmo para o observador descuidado: o ministério de Pedro antecipava muito claramente a *aceitação* de Israel do Messias (Act. 1:6; 2:30,38-39; 3:17-26), mas o de Paulo assumia com muita clareza a *rejeição* continuada do Messias por parte de Israel. De facto, ele foi levantado por Deus *face à rejeição de Cristo por parte de Israel*, pois a resposta de Deus ao apedrejamento de Estêvão e à terrível perseguição de Actos 8.1-3 foi a salvação de Saulo, o principal perseguidor e o líder da rebelião. *Graça incomparável!*

Os que defendem o ponto de vista extremo acima referido, argumentam mais, dizendo que “a bênção dos gentios [em Actos] depende da realização da bênção prometida aos Judeus.”

Isso foi verdade com o ministério de Pedro, como Actos 3:25-26 indica, mas com o ministério de Paulo passou-se exactamente o contrário. Actos 13:46 é suficiente para resolver esta questão. Aqui, jamais poderemos concluir, sem forçar a interpretação, que os Gentios estavam a ser abençoados por meio da realização das bênçãos de

Israel. Pelo contrário, os Gentios estavam a ser abençoados porque os Judeus estavam a rejeitar a Palavra de Deus.

“.. VISTO QUE A REJEITAIS ... EIS QUE NOS VOLTAMOS PARA OS GENTIOS.”

Tudo isto prova o nosso argumento básico de que enquanto o ministério de Pedro tinha a ver com a bênção dos Gentios por meio do *levantamento* de Israel, o de Paulo tinha a ver com as bênçãos dos Gentios por meio da *queda* de Israel. Aquele é o tema da *profecia*, este é o tema do *mistério*.

Será correcto falar da “primazia” de Israel durante a última parte do período dos Actos? Romanos 11 torna claro que a sorte de Israel estava já estabelecida antes de Actos 28¹¹, mesmo apesar da sentença ainda não ter sido oficialmente pronunciada.

“O QUE ISRAEL BUSCAVA NÃO O ALCANÇOU; MAS OS ELEITOS O ALCANÇARAM, E OS OUTROS FORAM ENDURECIDOS ... SUA QUEDA ... A SUA QUEDA ... A SUA DIMINUIÇÃO ... PARA VER SE DE ALGUMA MANEIRA POSSO ... SALVAR ALGUNS DELES ... A SUA REJEIÇÃO ... O ENDURECIMENTO VEIO EM PARTE SOBRE ISRAEL, ATÉ QUE A PLENITUDE DOS GENTIOS HAJA ENTRADO ... SÃO INIMIGOS ... DEUS ENCERROU A TODOS DEBAIXO DA DESOBEDIÊNCIA ...” (ROM. 11:7-32).

Antes do martírio de Estêvão, Pedro prometeu o retorno de Cristo à terra sob a condição do arrependimento de Israel. Depois de Estêvão, Deus levantou Paulo *que nunca fez tal oferta*. O livro dos Actos é a história da queda de Israel, e o apedrejamento de Estêvão assinala o acometimento.

O JUDEU PRIMEIRO

Mas que diremos da famosa declaração de Paulo em Rom. 1:16?

¹¹ A carta aos Romanos foi escrita *antes* da jornada de Paulo para Roma (Rom. 1:10-15).

“PORQUE NÃO ME ENVERGONHO DO EVANGELHO DE CRISTO, POIS É O PODER DE DEUS PARA SALVAÇÃO DE TODO AQUELE QUE CRÊ; PRIMEIRO DO JUDEU, E TAMBÉM DO GREGO.”

Muitos têm falhado em ver o cerne desta passagem por retirarem este versículo do seu contexto. Têm-no transformado na defesa de Paulo ir primeiro aos judeus, quando na realidade, nesta passagem, ele defende o seu ministério entre os *Gentios*. Vejamos:

De acordo com o plano profético o nosso Senhor instruiu os apóstolos a fazerem discípulos de todas as nações *“começando por Jerusalém”* (Mat: 28.19, cf. Lucas 24.47).

Os doze apóstolos começaram ali a sua obra. Pedro declarou aos “homens Israelitas” no templo de Jerusalém:

“Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: NA TUA DESCENDÊNCIA SERÃO BENDITAS TODAS AS FAMÍLIAS DA TERRA.

“Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus, PRIMEIRO o enviou A VÓS, para que nisso vos abençoasse, a cada um de vós, das vossas maldades” (Actos 3:25,26).

Actos 11.19 clarifica isto ainda melhor, ao revelar que até Pedro ser enviado a Cornélio, os discípulos dispersos não pregavam a Palavra *“senão somente aos Judeus”*. Israel seria o canal de bênção para o mundo.

Os apóstolos procuraram afincadamente trazer a nação favorecida aos pés do Messias, mas –

“MAS PARA ISRAEL DIZ: TODO O DIA ESTENDI AS MINHAS MÃOS A UM POVO REBELDE E CONTRADIZENTE” (Rom: 10.21).

O Evangelho tinha ido primeiro aos Judeus e foi rejeitado, mas Deus não permitiria que Israel compromettesse a bênção dos *Gentios*, por isso começou a pôr Israel de parte, levantando Paulo para levar as boas novas aos *Gentios*.

Contrastemos o “primeiro ... a vós” em Jerusalém com o “a vós ... primeiro” de Paulo em Antioquia, onde ele diz aos Judeus:

“ERA MISTER QUE A VÓS SE VOS PREGASSE PRIMEIRO A PALAVRA DE DEUS; MAS, VISTO QUE A REJEITAIS, E NÃO VOS JULGAIS DIGNOS DA VIDA ETERNA, EIS QUE NOS VOLTAMOS PARA OS GENTIOS” (Actos 13.46).

Tudo isto derrama luz sobre Romanos 1:16.

Paulo de forma alguma defende aqui que o evangelho deva *continuar* a ser enviado primeiro aos Judeus, de outro modo Rom. 1:16 contradiria claramente Rom. 10:12,13, que diz:

“PORQUANTO NÃO HÁ DIFERENÇA ENTRE JUDEU E GREGO; PORQUE UM MESMO É O SENHOR DE TODOS, RICO PARA COM TODOS OS QUE O INVOCAM. PORQUE TODO AQUELE QUE INVOCAR O NOME DO SENHOR SERÁ SALVO.”

Rom. 11:7 e 25 deveriam chegar para nos convencer que nessa altura Paulo compreendia que Deus tinha rejeitado a nação e que uma sentença de cegueira espiritual já tinha sido passada sobre eles.

Por conseguinte, quando ele começa a sua epístola aos Romanos, ele indica a sua responsabilidade de *ir também aos Gentios*. Notemos com cuidado a ênfase colocada em toda a passagem:

“... PARA TAMBÉM TER ENTRE VÓS ALGUM FRUTO, COMO TAMBÉM ENTRE OS DEMAIS GENTIOS. EU SOU DEVEDOR, TANTO A GREGOS COMO A BÁRBAROS, TANTO A SÁBIOS COMO A IGNORANTES [ele nem sequer menciona aqui os Judeus]. E ASSIM, QUANTO ESTÁ EM MIM, ESTOU PRONTO PARA TAMBÉM VOS ANUNCIAR O EVANGELHO, A VÓS QUE ESTAIS EM ROMA. PORQUE NÃO ME ENVERGONHO DO EVANGELHO DE CRISTO, POIS É O PODER DE DEUS PARA SALVAÇÃO DE TODO AQUELE QUE CRÊ; PRIMEIRO DO JUDEU, E TAMBÉM DO GREGO (Rom. 1:13-16).

O seu argumento claro aqui é que ele não se envergonha de ir com o Evangelho *aos Gentios em Roma*, uma vez que é o poder de Deus para a salvação *de todo aquele que crê*.

As boas novas de Deus a respeito de Cristo *tinham sido* enviadas primeiro aos Judeus, mas agora, por meio de Paulo, também estavam a ser enviadas aos Gentios, e Paulo estava pronto, tanto quanto estivesse nele, a pregá-las *“também aos que estavam em Roma”*.

Quando Rom. 1:16 é assim considerado, à luz do seu contexto, de modo algum colide com o resto de Romanos. Os que usam esta passagem para ensinar a precedência judaica nos nossos dias, falham uma das lições básicas do livro de Romanos, a saber, que à vista de Deus, não há mais diferença entre Judeus e Gentios e que ambos têm que se aproximar de Deus do mesmo modo, como filhos de Adão decaídos.

O grande motivo para a obra missionária Judaica neste século da graça, é-nos dado, não em Rom. 1:16, mas em Rom. 11:30-33:

“PORQUE ASSIM COMO VÓS [GENTIOS] TAMBÉM ANTIGAMENTE FOSTES DESOBDIENTES A DEUS, MAS AGORA ALCANÇASTES MISERICÓRDIA PELA DESOBDIÊNCIA DELES [JUDEUS] ASSIM TAMBÉM ESTES AGORA FORAM DESOBDIENTES, PARA TAMBÉM ALCANÇAREM MISERICÓRDIA PELA MISERICÓRDIA A VÓS DEMONSTRADA. PORQUE DEUS ENCERROU A TODOS DEBAIXO DA DESOBDIÊNCIA, PARA COM TODOS USAR DE MISERICÓRDIA. “Ó PROFUNDIDADE DAS RIQUEZAS, TANTO DA SABEDORIA, COMO DA CIÊNCIA DE DEUS! QUÃO INSONDÁVEIS SÃO OS SEUS JUÍZOS, E QUÃO INESCRUTÁVEIS OS SEUS CAMINHOS!”

A REVELAÇÃO GRADUAL DO MISTÉRIO

A questão do princípio do ministério de Paulo é importante para a compreensão do mistério. Há alguns que vêem distinções por toda a parte, mas falham ao não verem o alcance, o progresso, o desenvolvimento da revelação do maravilhoso plano de Deus. Eles não vêem, quando parecia que o propósito profético tinha fracassado e os Gentios seriam privados da bênção devido à incredulidade de Israel, como é que Deus regeu a situação e revelou o Seu secreto propósito eterno de graça que ao mesmo tempo explicava como, e apenas como, o propósito profético podia ser e afinal seria realizado; de facto, apenas

como é que qualquer pecador seria, ou poderia ser, salvo. É esta a diferença entre “o Evangelho” e “o mistério [ou segredo] do Evangelho”. Quando vemos isto, exclamamos como o Salmista, “*Certamente a cólera do homem redundará em Teu louvor; o restante da cólera Tu o restringirás!*”

O mistério foi comunicado a Paulo numa única revelação ou numa série de revelações sucessivas? Vejamos o que as Escrituras têm a dizer quanto a isto:

Actos 26:16: “Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha **TANTO DAS COISAS QUE TENS VISTO COMO DAQUELAS PELAS QUAIS TE APARECEREI AINDA**”.

Actos 22:17,18: “E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim. E **VI AQUELE QUE ME DIZIA ...**”

II Cor. 12:1: “... **PASSAREI ÀS VISÕES E REVELAÇÕES DO SENHOR**”.

II Cor. 12:7: “E, para que não me exaltasse pela excelência das **REVELAÇÕES**, foi-me dado um espinho na carne ...”

Não há dúvida de que Paulo recebeu e comunicou *um* grande corpo de verdade *gradualmente*, caso contrário a *sua* expressão, “o meu Evangelho”¹² e a *nossa* expressão, “o ministério distinto de Paulo” seriam completamente enganadoras, no entanto foi tudo tornado conhecido pela “revelação de Jesus Cristo” a Paulo. Paulo viu o Senhor em cada caso.

Assim, o velho programa desapareceu gradualmente à medida que o novo tomava o seu lugar. Tanto na revelação dada a Paulo como na revelação histórica do propósito secreto de Deus, houve desenvolvimento. Deus levantou Paulo para **UM** grande propósito, para

¹² Esta expressão indica a relação vital entre o Evangelho da incircuncisão, a mensagem da reconciliação, etc. Provavelmente a expressão mais compreensiva para as boas novas que Paulo proclamava é a encontrada em Actos 20:24: “*o Evangelho da graça de Deus*”.

declarar progressivamente UMA grande mensagem nova, embora a sua mensagem confirmasse e de forma alguma contradissesse a mensagem de Pedro e dos onze a respeito de Cristo.

Houve tempo quando o autor via o mistério como um ponto de vista particular na pregação de Paulo, mas agora, graças a Deus, vê-a como uma grande e imensa mensagem, a compreensão da qual é inefavelmente preciosa.

Pedimos aos nossos irmãos “dois corpos” para que considerem a seguinte proposição:

Concordamos que Deus tinha um propósito *revelado, profetizado*. Concordamos que Ele tinha também um propósito *secreto, eterno*, que era a chave para a *realização* do propósito profetizado. Ele ainda tinha um outro propósito – uma espécie de *amortecedor* entre os dois? Ou tinha ele vários propósitos sem relação entre si? Qual era a mensagem de Paulo durante o início do seu ministério? Era o Evangelho do reino? Com toda a certeza que não. Era o Evangelho da circuncisão? Isso contradiria Gál. 2.7. Qual era então? Era “o *Evangelho da Incircuncisão*”, “o *Evangelho da graça de Deus*”, e estas não podem ser desligadas do mistério.

Ef. 3:1-3, “Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios; SE É QUE TENDES OUVIDO A DISPENSAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, QUE PARA CONVOSCO ME FOI DADA; COMO ME FOI ESTE MISTÉRIO MANIFESTADO PELA REVELAÇÃO ...”

É claro que seria inteiramente gratuito supor que durante o período dos Actos Paulo teve “um ministério temporário especial”, pois é *durante* o período dos Actos que ele expressa o desejo

“CONTANTO QUE CUMpra COM ALEGRIA A MINHA CARREIRA [Aqui ele olha para o fim do seu ministério], E O MINISTÉRIO QUE RECEBI DO SENHOR JESUS [Aqui ele olha para o princípio], PARA DAR TESTEMUNHO DO EVANGELHO DA GRAÇA DE DEUS” (Actos 20:24).

O que temos que reconhecer simplesmente é que Paulo foi salvo sob a velha economia da qual ele emergiu gradualmente. Por isso, para ele,

era correcto e consistente fazer certas coisas antes de Actos 28, que teriam sido contrárias à vontade de Deus depois de Actos 28.

Mas mais que gratuito – é uma positiva contradição das Escrituras – ensinar que Paulo recebeu a revelação do mistério na prisão em Roma e que esta suposta revelação invalidou as suas outras revelações e assinalou o começo histórico do corpo de Cristo do qual nós somos membros. Os factos que já considerámos, a saber, que tanto “o mistério” como “o corpo de Cristo” são referidos e tratados em extensão nas primeiras epístolas de Paulo, cunha este ensino como completamente anti-bíblico, como também o faz, o facto do apóstolo declarar enfaticamente nas suas epístolas *posteriores*, que está na prisão POR CAUSA do mistério (Efé. 6:20, Col. 4:3).

Um ultra-dispensacionista observou que em Actos 21 há dois grupos distintos – “os Judeus que crêem” e “os Gentios que crêem”, enquanto que no corpo de Cristo esta distinção desaparece.

Trata-se duma boa questão, pois revela que Deus ainda não tinha concluído os Seus tratos com Israel. No entanto deve ser notado que mesmo apesar de Deus *permitir* esta distinção *exteriormente*, Ele já estava a dizer, por meio de Paulo, que EM CRISTO *não há Judeu nem Genticio* (Ver I Cor. 12:13 e Gál. 3:27,28).

Alguns têm suposto que em Gál. 3:27,28 Paulo significava que no *corpo* de Cristo não havia nem Judeu nem Grego e que isto não se applicava aos Judeus sob Pedro e os doze. Certamente que isso violenta os termos da passagem que afirma claramente que foi *em Cristo* que as distinções desapareceram. Os crentes Judeus em Jerusalém estavam decerto em Cristo. Alguns tinham mesmo estado “em Cristo” antes de Paulo (Rom. 16.7). Mas *agora* todos em Cristo tinham-se tornado membros de *um só corpo*. Que Gál. 3:27,28 incluía os crentes Judeus em Jerusalém da mesma forma que os que tinham sido salvos pelo ministério de Paulo é confirmado por II Cor. 5.16,17: “Assim que DAQUI POR DIANTE a NINGUÉM conhecemos segundo a carne,... Assim que, se ALGUÉM está em Cristo, nova criatura é”. Até Pedro sabia isso e foi repreendido quando mais tarde regrediu relativamente à luz que tinha recebido (Actos 15:9; cf. Gál. 2:11,12).

QUESTIONÁRIO

1. Qual é o problema que baralha muitos estudiosos da Bíblia no que concerne ao princípio do ministério de Paulo? 2. Esta dificuldade tem levado alguns a concluírem que o mistério não estava revelado, e que o corpo de Cristo, a igreja desta dispensação, não começou senão quando? 3. Como é que as primeiras epístolas de Paulo reprovam esta controvérsia? 4. Apresente três passagens dos Actos que provem que o início (Actos) do ministério de Paulo foi primariamente para os Gentios. 5. Porque é que geralmente Paulo ia *primeiro* aos Judeus durante o início do seu ministério? 6. Apresente três passagens das *primeiras* epístolas de Paulo, que provem que elas foram escritas primariamente aos Gentios. 7. Paulo *ofereceu* o reino a Israel, tanto quanto dizem as Escrituras? 8. Explique como é que Paulo *confirmou* a mensagem de Pedro para os Judeus. 9. Apresente uma passagem bíblica que prove que Israel, como nação, tinha sido espiritualmente cega antes de Paulo ter partido para Roma. 10. Como é que reconcilia Rom. 1:16 (primeiro ao Judeu) com Rom. 10:12 (“não há diferença”? 11. Qual é a base bíblica para a obra missionária Judaica hoje? 12. Apresente dois textos bíblicos que provem que Paulo recebeu a sua mensagem através duma *série* de revelações. 13. Quem é que Paulo viu em cada uma daquelas revelações? 14. Qual a expressão compreensiva que ele usa para descrever as boas novas que ele proclamava? 15. Como é que responde à controvérsia de que Paulo recebeu a revelação do mistério na prisão em Roma? 16. Qual a passagem das suas últimas epístolas é que indica que “o Evangelho da graça de Deus” e “o mistério” são inseparáveis? 17. Explique a relação entre os dois. 18. Apresente três textos bíblicos que provem que os crentes Judeus e Gentios eram um *em Cristo* durante o *começo* do ministério de Paulo. 19. Que distinção existia entre eles nessa altura? 20. Quando é que essa distinção deixou de existir?

CAPÍTULO 14

A RELAÇÃO ENTRE A PROFECIA E O MISTÉRIO

Muito dano e perda tem advindo à igreja devido a “obreiros” que têm falhado em notar as distinções e as divisões existentes na Palavra da Verdade. Mas um prejuízo sério pode resultar e resulta se não se reconhecer a *unidade* do grande plano de Deus para os séculos; se não se observar, não apenas as distinções mas, as *relações*.

Os ultra-dispensacionalistas vêem muitas distinções nas Escrituras – até distinções que não existem! – mas não vêem algumas das relações mais importantes. E, é estranho que se diga, que ao procurarem estabelecer *distinções não-existentes* cometam o erro de cair no campo dos tradicionalistas deixando de igual forma notar algumas das *distinções mais básicas*!

Um exemplo disto é visto na controvérsia de que Paulo, quando escreveu as suas primeiras epístolas, não tinha ainda começado o seu ministério especial para com os Gentios; que nessa altura ele pregava praticamente a mesma mensagem que os doze; que então ele tratava primariamente com os Judeus; que as suas primeiras epístolas tinham sido dirigidas primeiramente aos Judeus e que durante esse tempo ele ofereceu o reino a Israel – mas que *depois* de Actos 28 o seu ministério *deixou de ter qualquer relação* com os doze!

O facto é que o *apostolado* de Paulo foi claramente separado e distinto do dos doze desde o início. Ele foi chamado e comissionado longe de Jerusalém, a caminho de Damasco. A sua designação foi “*não da parte dos homens, nem por homem algum*”, mas pelo próprio Senhor glorificado (Gál. 1:1). Além disso, ele foi, desde o início, chamado para um *ministério* diferente do dos doze: “*para dar testemunho do Evangelho da graça de Deus*”; para “*anunciar entre os gentios, por meio do Evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo*” (Actos 20:24; Efé. 3:8). Mas não se deve supor daqui que não houvesse, ao mesmo tempo, uma *relação* entre o ministério dos doze nos Actos e o ministério de Paulo nessa altura, ou mesmo entre o ministério dos doze nos Actos e o ministério de Paulo pós-Actos.

Para começar, Paulo representava *o mesmo Deus* que os doze, contra Quem Israel se estava agora a rebelar. Ele representava *o mesmo Cristo*, que Israel estava agora a rejeitar. E *“a salvação de Deus”*, que Israel tinha recusado, estava agora a ser *“enviada aos Gentios”* (Mat. 1:21, Actos 4:12, 13:26,46, cf. Actos 28:28).

Mais ainda, os apóstolos em Jerusalém cedo tomaram consciência de que devido a Israel estar agora a recusar o Cristo ressuscitado e glorificado, Deus escolhera Paulo para pregar a salvação aos Gentios por meio da queda de Israel e, num acordo solene, deram a Paulo e a Barnabé as destros da comunhão, concordando em restringir o seu ministério a Israel enquanto Paulo ia aos Gentios.

O ministério de Paulo não era meramente o início dum outro programa separado da igreja em Jerusalém. Era o passo seguinte no programa de Deus, e a menos que vejamos o *incremento* em todo o programa perderemos muito.

Este desenvolvimento é melhor demonstrado por algumas das passagens que os ultra-dispensacionalistas usam para provar que o ministério de Paulo nos Actos era “um ministério Judaico do reino” no cumprimento do programa profético. Abordaremos algumas delas nas páginas seguintes.

O SENHOR ASSIM NO-LO MANDOU

“Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e não vos julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os Gentios; PORQUE O SENHOR ASSIM NO-LO MANDOU: Eu te pus para luz dos Gentios, a fim de que sejas para salvação até os confins da terra” (Actos 13:46, 47).

Por causa das palavras de Paulo: *“porque o Senhor assim no-lo mandou”* e a citação que fez duma profecia do Velho Testamento, é dito que *este* ministério de Paulo para os Gentios ainda tinha o reino em vista e não estava de forma alguma relacionado com o mistério. Vejamos:

Quando os Judeus contradisseram e blasfemaram “o que Paulo falava” em Antioquia, da Pisídia, ele e Barnabé “usando de ousadia, disseram”:

“Era MISTER (NECESSÁRIO) que a vós se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus.”

Porque é que era isso *necessário*? A resposta é encontrada nas palavras de Pedro às multidões em Jerusalém:

“Vós sois os filhos dos profetas e DA ALIANÇA QUE DEUS FEZ COM NOSSOS PAIS, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus, PRIMEIRO o enviou A VÓS, para que nisso vos abençoasse, no apartar, a cada um de vós, das vossas maldades” (Actos 3:25, 26).

O grande Concerto Abraâmico garantia a bênção dos Gentios *por instrumentalidade* de Israel; portanto *Israel* teria de ser salva e abençoada *primeiro*. *Todo* o programa profético está fundado sobre este grande concerto.

Foi por isso que o Senhor disse à mulher Sirofenícia: “*Deixa primeiro saciar os filhos*” (Mar.7:27). Foi por isso que o Senhor disse à mulher Samaritana: “*A salvação vem dos Judeus*”. Foi por isso que Ele comissionou os onze para começarem o seu ministério em Jerusalém (Lucas 24:47, Actos 1:8). E notemos bem: Pedro declara explicitamente, em Actos 3:25,26, que Deus tinha enviado Cristo para abençoar Israel primeiro *por causa do concerto feito com Abraão*.

Como temos visto, Paulo foi aos Judeus primeiro, durante o princípio do seu ministério, confirmando o facto de que “Jesus é o Cristo” e procurando ganhar os seus ouvintes para a fé pessoal n’Ele. Ele fez isto porque Deus ainda não tinha adiado oficialmente o cumprimento do Concerto Abraâmico. Deus ainda estava a estender as mãos a um povo rebelde e contradizente. Ele não iria deixá-los com desculpa por terem rejeitado Cristo. Mas continuemos com a declaração de Paulo aos Judeus em Antioquia:

“Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a Palavra de Deus; MAS ...”

Este “mas” não indica que houve aqui um desvio no procedimento profético?

Todavia notemos que não se tratou duma infidelidade da parte de Deus, mas foi *a própria falta de vontade deles* em aceitar o cumprimento da promessa de Deus, que provocou esta mudança no programa – uma mudança que Deus, conhecendo de antemão todas as coisas, planejara em conformidade com os Seus conselhos eternos no Seu segredo.

“VISTO QUE A REJEITAIS, E NÃO VOS JULGAIS DIGNOS DA VIDA ETERNA, EIS QUE NOS VOLTAMOS PARA OS GENTIOS”.

Deixemos que aqui o leitor responda cuidadosa e francamente às seguintes questões: A salvação está aqui a ser enviada aos Gentios por causa da aceitação que Israel fizera de Cristo, ou devido à rejeição a que O tinham votado? Vai aos Gentios na base do Concerto Abraâmico ou por graça? Vai de acordo com a profecia ou segundo o mistério? Para cada uma destas questões não há senão uma resposta. Em Antioquia, da Pisídia, Paulo desviou-se do procedimento profético e começou a fazer algo *nunca alguma vez profetizado*, pois a salvação dos Gentios por meio da *rejeição* a que Cristo fora votado por Israel nunca é predita em parte alguma nas Escrituras proféticas (Ver Rom. 11:11,12,15,25).

Mas, pode ser perguntado, porque é que então Paulo acrescenta:

“PORQUE O SENHOR ASSIM NO-LO MANDOU: EU TE PUS PARA LUZ DOS GENTIOS, A FIM DE QUE SEJAS PARA SALVAÇÃO ATÉ OS CONFINS DA TERRA” (Actos 13:47).

Paulo não quer aqui dizer que os Gentios agora estão a receber a salvação de acordo com o programa resumido na profecia, pois já vimos que o oposto é o caso. A bênção dos Gentios *por meio de Israel* terá de esperar por um dia futuro.

O apóstolo simplesmente salienta aqui que Deus colocara Cristo como “luz para os Gentios” e “para salvação até os confins da terra”, e que Ele *o faria, não obstante Israel* ter fracassado. Uma vez que Israel recusou ser o canal de bênção para as nações, Deus agora abençoá-

las-ia directamente por meio de Cristo, aparte de Israel, e Paulo tinha recebido ordens para proclamar este facto.

NADA MAIS

“Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo NADA MAIS do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer” (Actos 26:22).

Os Ultra-dispensacionalistas têm provavelmente usado a passagem acima mais do que qualquer outra para provarem a sua teoria dos “dois corpos”. Esta passagem, na opinião deles, é a prova conclusiva de que até ao fim dos Actos, Paulo não tinha pregado *nada* que os profetas e Moisés não tivessem já predito, limitando totalmente o seu ministério à proclamação do propósito profético de Deus. Assim, com efeito, eles colocam Paulo a pregar “o Evangelho da circuncisão” que, de acordo com o seu próprio testemunho, foi confiado *não* a ele, mas a Pedro (Gál. 2:7).

É manifestamente contrário ao registo ensinar com base em Actos 26.22 que Paulo nada ensinou senão o que os profetas e Moisés tinham predito.

Como já vimos, nem os profetas nem Moisés tinham predito algo a respeito da salvação dos Gentios por meio da queda de Israel. Eles também nunca predisseram “o *Evangelho da graça de Deus*” no qual nem a circuncisão nem a lei teriam qualquer lugar. Nem sequer alguma vez insinuaram que Judeus e Gentios seriam baptizados pelo Espírito formando um corpo. Nem disseram nem sabiam algo dos crentes serem “arrebataados” ao céu pelo “próprio Senhor”. No entanto tudo isto foi proclamado por Paulo antes do fim do período dos Actos (Rom.11:11,12, Actos 20:24, I Cor. 12:13, I Tes. 4:16,17).

E Paulo não tinha falado claramente de “o mistério” e dos seus “mistérios” associados nas suas primeiras epístolas? (Rom. 11:25, 16:25, I Cor. 2:6,7, 4:1, 15:51). Será então que o *mistério* se encontra na *profecia* – estando “*oculto*” e mantido em “*segredo*” e tendo sido “*manifestado*”?

De facto, mesmo que admitamos que Paulo tenha proclamado o reino durante todo o seu ministério no período dos Actos, então ele teria ensinado ainda mais do que aquilo que “os profetas e Moisés disseram que devia acontecer”, pois mesmo sob o Evangelho do reino o Senhor proferiu coisas que tinham estado “*ocultas desde a fundação do mundo*» (Mat. 13:35); verdades que nem os profetas¹ nem Moisés tinham sequer conhecido.

Então o que é que Paulo quis dizer a Agripa quando afirmou que até à altura ele não tinha testemunhado “*nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer*”?

A resposta é simples quando continuamos com a leitura;

“Isto é, que o Cristo devia padecer, e sendo o primeiro da ressurreição dentre os mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos Gentios” (Actos 26:23).

Por outras palavras, o testemunho de Paulo de *que Cristo tinha morrido e ressuscitado, e que traria luz a Israel e aos Gentios*, não era nada que os profetas e Moisés não tivessem dito que aconteceria, e nós vemos no contexto *precedente* que foi porque Paulo tinha pregado o Cristo ressuscitado aos Judeus e “*depois aos Gentios*”, que os Judeus agora procuravam matá-lo.

A resposta é tão simples quanto isto, e a interpretação errada desta passagem simples revela quanta confusão e perda pode resultar dum versículo usado fora do seu contexto.

A ESPERANÇA DE ISRAEL

“...PELA ESPERANÇA DE ISRAEL ESTOU COM ESTA CADEIA” (Actos 28:20).

A passagem acima é uma outra que os ultra-dispensacionalistas usam frequentemente para provar que o ministério de Paulo nos Actos era primariamente para os Judeus e que “até ao fim dos Actos ele trata com o Evangelho do reino”.

Mas o que é que o apóstolo quer dizer com “a esperança de Israel”? Queria referir-se *ao que* Israel esperava (i.e., o reino), ou àquilo que lhe dava a *razão* da esperança (i.e., a ressurreição)? Referir-se-á ao *objecto* da sua expectativa ou à sua *base* para ela? Os que ensinam a teoria dos “dois corpos” têm concluído a favor do primeiro. Têm a certeza de que Paulo queria referir-se à promessa do reino quando falava da esperança de Israel.

Mas estão errados. Paulo não tinha sido preso por proclamar as promessas do reino de Israel. Os Judeus tinham-se oposto a ele tão amargamente devido a ele *pregar aos Gentios um Cristo ressuscitado que eles rejeitavam*, enquanto que Pedro, que representava as promessas do reino, e ainda procurava levar Israel aos pés do Messias, continuava livre em Jerusalém.

O cerne da declaração de Paulo aqui é que *a verdade da ressurreição de Cristo*, que os Judeus tanto temiam e odiavam, e que estava agora a firmar-se entre os Gentios, era de facto “*a esperança de Israel*”.

A esperança de Israel é a ressurreição de Cristo. Graças a Deus, por amor de Israel, que os Saduceus provaram estar completamente errados quando se procuravam convencer a si e aos outros que a ressurreição de Cristo era uma impossibilidade e uma ilusão; que Cristo estava morto.

Tivesse isso sido verdade, Israel teria ficado para sempre sem esperança. Com o Único que podia ser o seu Messias morto num sepulcro, como é que eles teriam sido melhores que os seguidores de Buda ou Maomé?

Que outra esperança haverá para Israel? Poderia agora um outro filho de David levantar-se e ser identificado? Poderia levantar-se a tempo de cumprir as profecias temporais do Velho Testamento? E se pudesse, isso significaria que ele teria ainda de ser “cortado” como Daniel predisse (Dan.9:26), antes de libertar o seu povo dos seus inimigos?

Para se ajustar às escrituras Hebraicas que se referem ao Messias, o tal teria que sofrer, morrer, ressuscitar e ascender ao céu antes de vir em poder e glória para reinar. Mas é demasiado tarde para falar acerca disso agora, pois nenhum messias *poderia* surgir no tempo predito, ou mesmo ser identificado como filho de David. Não, se o Cristo a Quem

Israel crucificou há dezanove séculos não ressuscitou e não está hoje vivo, então Israel está completa e eternamente sem esperança.

Que era isso que Paulo tinha em mente quando ele disse que estava ligado com uma cadeia pela esperança de Israel é claro noutras passagens sobre o assunto nos Actos.

Em Actos 5:31, por exemplo, encontramos Pedro a apontar para a ressurreição de Cristo como a esperança de Israel:

“Deus com a sua destra O elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados”.

É claro que Paulo teve uma revelação adicional acerca do Cristo ressuscitado, e proclamou-O como Salvador tanto dos Judeus como dos Gentios – como a esperança da humanidade decaída. É isto que fere os Judeus ciumentos. Todavia Paulo insistiu que o Cristo ressuscitado também era a esperança desta nação.

Em Actos 23:6 encontramos Paulo diante do concílio Hebraico:

“E Paulo, sabendo que uma parte era de Saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; NO TOCANTE À ESPERANÇA E RESSURREIÇÃO DOS MORTOS SOU JULGADO”

Notemos claramente que foi por causa da *“esperança e ressurreição dos mortos”* que ele foi *“julgado”*, e notemos a relação com a frase: *“pela esperança de Israel estou com esta cadeia”*.

Em Actos 24:14,15, a *ressurreição* é uma vez mais o *cerne da questão*:

“Mas confesso-te isto que, conforme aquele caminho que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas. TENDO ESPERANÇA EM DEUS, COMO ESTES MESMOS TAMBÉM ESPERAM, DE QUE HÁ DE HAVER RESSURREIÇÃO DE MORTOS, ASSIM DOS JUSTOS COMO DOS INJUSTOS”.

Em Actos 26:6-8 o argumento dele é de novo o mesmo. Ele surge ali diante de Agripa e cuidadosamente salienta a *razão* de estar a ser julgado:

“E agora PELA ESPERANÇA DA PROMESSA QUE POR DEUS FOI FEITA A NOSSOS PAIS ESTOU AQUI E SOU JULGADO. À qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. POR ESTA ESPERANÇA, Ó REI AGRIPA, EU SOU ACUSADO PELOS JUDEUS. POIS QUÊ? JULGASE COISA INCRÍVEL ENTRE VÓS QUE DEUS RESSUSCITE OS MORTOS?”

Notemos cuidadosamente aqui que a *promessa* referida era a da bênção do reino, enquanto que “a *esperança* da promessa” era a *ressurreição de Cristo*, que era o próprio fundamento da mensagem de Paulo. Por amor desta *esperança* Paulo era “acusado pelos Judeus”. Foi assim que o apóstolo pôde dizer aos líderes Judaicos em Roma: *“pela esperança de Israel estou com esta cadeia”*.

Que foi de facto por causa disto que Paulo foi “acusado” e “julgado” e preso, é confirmado até por Festo que informou Agripa que quando Paulo foi trazido perante ele os Judeus *“nenhuma coisa apontaram daquelas que eu suspeitava:*

“Tinham, porém, contra ele algumas questões acerca da sua superstição, e de um tal JESUS, MORTO, QUE PAULO AFIRMAVA VIVER” (Actos 25.18,19).

Assim, só no livro dos Actos temos provas esmagadoras da questão particular em causa entre Paulo e os que o prenderam. E a questão *não* era a sua proclamação das promessas do reino, mas a sua poderosa e distinta proclamação da *ressurreição de Cristo*, que, insistia ele, era a *esperança* de Israel. Se estes factos tivessem sido notados a tempo na redescoberta da mensagem Paulina muita da confusão de extremismo teria sido evitada.

COMO ESTÁ ESCRITO

Também deveria ser dada atenção, nesta altura, a Rom. 15.8-16 onde, depois de ser enfatizado que “*está escrito*” (Ver. 9), “*outra vez*” (Ver.

10), “e outra vez” (Ver. 11), e “outra vez” (Ver. 12), que os Gentios seriam salvos, o apóstolo salienta que Deus o designou “*ministro de Jesus Cristo para os Gentios*” (Ver. 16).

Mas aqui, como em Actos 13.46,47, nós simplesmente encontramos de novo a *relação* entre a profecia e o mistério.

Na verdade tinha sido profetizado que os gentios um dia regozijar-se-iam com o povo de Israel. Mas, como Paulo declara aos Romanos, a nação de Israel recusou Cristo. Como é que então os Gentios poderiam ser abençoados por meio dela? É por causa desta dificuldade que o apóstolo exorta os Gentios em Roma:

“ORA O DEUS DE ESPERANÇA VOS ENCHA DE TODO O GOZO E PAZ EM CRENÇA, PARA QUE ABUNDEIS EM ESPERANÇA PELA VIRTUDE DO ESPÍRITO SANTO”. (ROMANOS 15.13).

É então que o apóstolo fala ousadamente, não explicando as Escrituras que ele acabara de citar, mas declarando a sua autoridade como apóstolo de Jesus Cristo:

“Mas, irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como PARA VOS TRAZER OUTRA VEZ ISTO À MEMÓRIA, PELA GRAÇA QUE POR DEUS ME FOI DADA; QUE SEJA MINISTRO DE JESUS CRISTO PARA OS GENTIOS, MINISTRANDO O EVANGELHO DE DEUS, PARA QUE SEJA AGRADÁVEL A OFERTA DOS GENTIOS, SANTIFICADA PELO ESPÍRITO SANTO” (Romanos 15.15,16).

Aqui temos de novo Deus a enviar a salvação aos Gentios, *não* do modo prescrito na profecia, *mas mesmo assim enviando-a*. Poderíamos parafrasear o argumento do apóstolo assim:

“Que os gentios deveriam glorificar a Deus pela Sua misericórdia está escrito muitas e repetidas vezes. Tu dizes que Israel, através de quem a bênção deveria fluir, está a rejeitar Cristo? Então confia e regozija-te em Deus, e permite-me que fale ousadamente e te lembre da graça que me foi concedida, para que eu seja ministro de Jesus Cristo para os Gentios. E a minha oferta dos Gentios também é aceitável a Deus, pois está a ser santificada pelo Espírito Santo”.

Quão maravilhosa é esta passagem! Aqueles que compreendem o plano de Deus deveriam lê-la repetidas vezes até a bendita verdade dela ser completamente compreendida.

HERDEIROS SEGUNDO A PROMESSA

Uma palavra final nesta relação deveria ser escrita por causa daqueles que tropeçam em frases como “a semente de Abraão” e “herdeiros segundo a promessa”, aplicadas a crentes Gentios nos primeiros escritos de Paulo.

Cristo não é a semente de Abraão? Nós não somos membros de Cristo? Nós não somos n’Ele herdeiros de *todas as coisas*? De facto, tornámo-nos herdeiros por meio do segredo de Deus, o propósito eterno, quando a promessa *parecia* ter falhado, mas o facto permanece que nós, Gentios, *temo*-nos tornado herdeiros.²

Além do mais, temo-nos tornado herdeiros “segundo a promessa”, pois a promessa foi feita a Abraão e à sua semente e nós, estando *em Cristo*, somos na verdade semente de Abraão. Assim Israel, a quem a promessa pertencia (Rom. 9.4), não se tornou herdeira, enquanto que nós, os membros do segredo, do corpo não profetizado, temo-nos tornado herdeiros *em Cristo*. Contudo isto não anula as promessas feitas à nação, a semente natural de Abraão.

Aqueles que tropeçam em tais frases decerto que terão dificuldades com muitas frases nas epístolas que Paulo escreveu mais tarde, onde lemos que somos “selados com o Espírito Santo *da promessa*” e feitos “participantes *da promessa* em Cristo, pelo Evangelho” (Efé. 1:13, 3:6, cf. Gál. 3:14,22,29). No entanto estas passagens não são uma pedra de tropeço quando tomamos nota adequada da relação entre a profecia e o mistério.

¹ É verdade que o próprio Senhor era profeta, mas Paulo refere-se claramente aos profetas em que Agripa cria (Actos 26.27).

² Contudo não herdamos Cristo por causa das promessas, mas, pelo contrário, herdamos as promessas, e “*todas as coisas*” *por meio de Cristo*.

QUESTIONÁRIO

1. Apresente três indicações de que o apostolado de Paulo, desde o início, era *distinto* do dos doze.
2. Que *relação* havia entre os seus ministérios?
3. Em que acordo solene realizado entre os apóstolos de Jerusalém e Paulo, são enfatizadas tanto a sua distinção como a sua relação?
4. Cite três passagens das Escrituras muitas vezes usadas pelos ultra-dispensacionalistas para provarem que Paulo não começou a pregar o mistério antes de Actos 28.
5. Porque é que tinha sido “necessário” pregar a Palavra de Deus aos Judeus primeiro?
6. Como é que os Judeus em Antioquia, da Pisídia, reagiram quando Paulo lhes trouxe a Palavra de Deus a eles em primeiro lugar?
7. O que é que Paulo fez então?
8. Isso foi de acordo com a profecia ou de acordo com o mistério?
9. Cite três verdades *não* profetizadas proclamadas por Paulo.
10. O que é que ele pregou que estava em estrito acordo com o que os profetas e Moisés tinham dito que aconteceria?
11. O que é “a *esperança de Israel*”?
12. Explique a diferença entre “a *promessa* feita por Deus aos pais” e “a *esperança* da promessa ...”
13. Paulo foi preso por ter pregado a *promessa* ou a *esperança*?
14. A profecia do Velho Testamento predizia a salvação dos Gentios?
15. Predizia a salvação dos Gentios por meio da queda de Israel?
16. Deus enviou a salvação aos Gentios?
17. Enviou-a do modo prescrito na profecia?
18. Enviou-a por meio dos doze, sob a “grande comissão”?
19. Enviou-a em relação ao *levantamento* ou à *queda* de Israel?
20. Em que sentido é que os crentes hoje são semente de Abraão e herdeiros segundo a promessa?

CAPÍTULO 15

A CEIA DO SENHOR

Muitos crentes sinceros acham que para se ser consistente, os que clamam que o baptismo na água não é para o programa de Deus para esta época deveriam igualmente deixar de se reunir na ceia do Senhor.

Aqui os dispensacionalistas extremos, e os denominacionalistas e outros, juntam-se, diferenciando-se apenas no facto de que enquanto os primeiros crêem que *nem* a ceia do Senhor *nem* o baptismo na água devem ser observados durante esta dispensação, os últimos crêem que deveriam ser *ambos* observados.

UMA SUPOSIÇÃO CONTRÁRIA ÀS ESCRITURAS

Contudo ambos os grupos têm baseado os seus argumentos partindo duma suposição completamente contrária às Escrituras - que o baptismo na água e a ceia do Senhor andam de mãos dadas no programa de Deus. Isto é *pura tradição* e surpreende-nos que, de todos, pelo menos os dispensacionalistas extremos, aceitem isso como verdade.

Bem, nós lembramo-nos como uma surpreendente e chocante má interpretação de Col. 2:14 nos levou pela primeira vez ao estudo deste assunto. Determinado ensinador das Escrituras interpretou assim a referida passagem: “Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, *deixando-nos apenas duas, o baptismo e a ceia do Senhor ...!*” Quando começamos a pesquisar as Escrituras a este respeito descobrimos logo que o baptismo na água *era* uma ordenança, mas que a ceia do Senhor *nunca* foi uma ordenança, no sentido Bíblico do termo.

Temos que ser como os Bereanos e pesquisarmos nós mesmos as Escrituras para vermos se o baptismo na água e a ceia do Senhor se encontram associados como ordenanças quer em relação a Israel quer

em relação ao Corpo de Cristo, e se descobirmos que *não* se encontram associados clarifiquemos isso na nossa mente de uma vez para sempre, banindo tal suposição anti-bíblica.

De facto existem distinções definidas e até contrastes entre o baptismo e a ceia do Senhor.

O baptismo na água era uma ordenança do Velho Testamento.

A ceia do Senhor é uma celebração do Novo Testamento.

O baptismo na água, como todas as ordenanças, era “imposto”.

A ceia do Senhor nunca foi imposta.

O baptismo na água era um requisito para a salvação.

A ceia do Senhor, nunca!

O baptismo na água estava associado com a manifestação de nosso Senhor a Israel.

A ceia do Senhor está associada com a rejeição e ausência de nosso Senhor.

O baptismo na água denota uma obra não consumada.

A ceia do Senhor fala da obra consumada de Cristo.

O baptismo na água era um acto único.

A ceia do Senhor é celebrada repetidas vezes.

O baptismo na água não se encontrava incluído na comissão especial de Paulo.

A ceia do Senhor estava incluído na comissão especial de Paulo.

A CEIA DO SENHOR

UMA CELEBRAÇÃO NEO-TESTAMENTÁRIA

Como vimos na abordagem que fizemos ao baptismo na água, esse rito tratava-se claramente duma ordenança Velho-testamentária. Contudo, a ceia do Senhor é claramente *uma celebração Neo-testamentária*. Ficamos desapontados quando ouvimos alguns extremistas bem-intencionados chamarem à ceia do Senhor “a Páscoa”, pois Lucas 22:14-20 prova clara e conclusivamente que após a Páscoa o Senhor instituiu um “*memorial*” da Sua morte.

Quando Paulo relata o que o Senhor fez e disse na ceia do Senhor ele menciona apenas o pão e o vinho, ao passo que na Páscoa havia mais que isso.

A Páscoa, como o baptismo na água, era uma ordenança Velho-testamentária, porém a ceia do Senhor está claramente associada ao Novo Testamento.

“PORQUE ISTO É O MEU SANGUE, O SANGUE DO NOVO TESTAMENTO ...” (Mat. 26:28).

Como o baptismo na água, a Páscoa falava duma obra *não* consumada, pois é impossível que quer o sangue dos animais quer a lavagem da água tire os pecados. Ambos eram sombras do sangue e da água que jorraram do lado do Salvador.

Porque tantos tropeçam no facto do baptismo na água ter sido praticado mesmo *depois* da cruz, nós repetimos que os resultados plenos do Calvário não foram manifestados antes do “seu tempo” (1 Tim. 2:6), por meio do apóstolo Paulo. A circuncisão, os sábados e semelhantemente as festas Levíticas falavam todos duma obra *não* consumada, ainda assim e apesar disso foram todos observados depois da cruz. Isto deveu-se simplesmente porque ainda não tinha chegado o tempo para a revelação do propósito secreto de Deus e do Evangelho da graça de Deus com o levantamento de Paulo, e mesmo então a sua revelação e a suspensão da economia antiga foi gradual e progressiva.

PORÉM, enquanto a Páscoa e o batismo na água eram *ordenanças do Velho Testamento*, a ceia do Senhor é *uma celebração do Novo Testamento*.

A celebração da morte do Senhor nunca deveria ser classificada com as ordenanças, pois enquanto todas estas falavam duma obra *não consumada*, a ceia do Senhor é claramente uma *celebração da OBRA CONSUMADA* de Cristo.

As Escrituras declaram pelo menos três vezes que a ceia do Senhor é celebrada “*em memória*” da obra expiatória de nosso Senhor.

COMO O NOVO CONCERTO NOS DIZ RESPEITO

Porque o Novo Testamento, ou Concerto, foi feito especialmente com “*a casa de Israel e com a casa de Judá*” (Jer. 31:31), alguns têm concluído que não pode ter qualquer relação com os Gentios e que por conseguinte a ceia do Senhor não deveria ser praticada nos nossos dias.

Porém isso é um tremendo erro. Como o Novo Testamento, o velho foi feito com Israel, mas afecta vitalmente os Gentios. Notemos as palavras de Paulo em Romanos 3:19-20:

“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz, para que TODA A BOCA esteja fechada e TODO O MUNDO seja condenável diante de Deus.

“Por isso NENHUMA CARNE será justificada diante d’Ele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.”

Os Gentios nunca estiveram, e hoje também não estão, sob o concerto da lei, porém seria um erro argumentar dizendo que a lei não afecta os Gentios, pois ela foi dada para que todo o mundo fosse condenável diante de Deus.

Israel representava o mundo perante Deus. Israel era a única nação com a qual Deus ainda tinha relações depois de ter posto de parte os Gentios. Quando esta nação finalmente caiu, isso significava que todo o mundo caíra. Se Deus exigisse de *qualquer* grupo de pessoas os

justos requisitos do Velho Concerto (Êxo. 19:5-6), certamente que tal grupo seria condenado. Por isso é que o Novo Testamento se tornou necessário.

Depois que o fracasso de Israel sob o Velho Concerto se tornou cada vez mais aparente, Deus prometeu fazer um *novo concerto* com eles. Este Novo Concerto seria feito apenas com a nação favorecida. Jeremias declara muito claramente isso, com já vimos atrás.

E Deus fez este novo concerto com Israel e Judá - *no Calvário* (Mat. 26:28). Foi ali que Cristo procurou para o Seu povo do concerto o que eles não puderam conseguir sob a lei. Foi ali que se cumpriu a profecia de Isaías, que diz: “*Pela transgressão do Meu povo foi Ele atingido*” (Isa. 53:8).

Foi na base do Calvário e do sangue do Novo Concerto que a bênção do reino foi oferecida a Israel em Pentecostes, porém essa geração em Israel recusou a bênção e assim o Novo Concerto aguarda um cumprimento futuro.

Contudo não se segue daqui que o Novo Concerto não afecta os Gentios.

Se os Gentios se encontram sob a maldição do Velho Concerto, eles também podem ser participantes das bênçãos do Novo, pois, porque foi o sangue do Novo Concerto derramado se não para remover a maldição do velho?

Se pelo Velho Concerto com Israel Deus mostrou como todo o mundo se encontra condenado à Sua vista, então, pelo Novo Concerto com Israel Deus mostra como todos podem ser justificados à Sua vista.¹ Heb. 2:9-16 diz que Cristo “tomou sobre si a descendência de *Abraão*”. Mas porquê? “*Para que, pela graça de Deus, provasse a morte por TODOS*”.

No Calvário Deus condescendeu para com Israel por meio do seguinte *concerto* solene: “Perdoar-lhes-ei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados” (Jer. 31:34; cf. Mat. 26:28). Deus *não* efectuou um tal *concerto* com os Gentios, mas o que por *concerto* Ele *prometeu* a Israel, nós recebemos *por graça*.

O leitor deveria examinar cuidadosamente Jer. 31:31-34 e notar que as bênçãos do Novo Concerto são todas espirituais. ² Nada se fala ali acerca da terra, do reino ou do trono. Receberão os membros do Corpo de Cristo hoje todas as bênçãos ali resumidas? Sim, *todas* elas. Ele não escreveu a Sua lei nos *nossos* corações? Não é *nosso* desejo obedecer-Lhe? Não “conhecemos” *nós* “o Senhor”? Não é Ele *nosso* Deus? Não somos *nós* Seu povo? Não nos perdoou Ele as *nossas* maldades? Lembrar-se-á Ele dos *nossos* pecados?

Não nos devemos esquecer que nós “*temos a redenção pelo Seu sangue*” - o mesmo “*sangue do Novo Testamento*”. Esse sangue salvamos mesmo apesar de Israel se encontrar em cegueira às apalpadelas e cambaleante em incredulidade.

Contudo existem outras distinções importantes entre o batismo na água e a ceia do Senhor.

UMA CELEBRAÇÃO NA SUA AUSÊNCIA

O batismo na água está claramente associado com a *manifestação* de Cristo a Israel. Consideremos as palavras de João Baptista em João 1:31:

“E EU NÃO O CONHECIA; MAS PARA QUE ELE FOSSE MANIFESTADO A ISRAEL, VIM EU, POR ISSO, BAPTIZANDO COM ÁGUA.”

Em contraste com isto, a ceia do Senhor está associada com a *rejeição* de Cristo e foi dada primeiro aos Seus seguidores para a celebrarem na Sua ausência, até que Deus torne os Seus inimigos escabelo de Seus pés.

Foi por revelação que, depois disso, o apóstolo Paulo tornou conhecido o maravilhoso propósito de Deus de suspender e adiar o Juízo e de introduzir um período de graça. Ele declarou por revelação que o Senhor, em amor extremo para com os pecadores, permaneceria ausente, em Exílio, enviando nesse íterim embaixadores para oferecerem reconciliação por graça aos Seus inimigos, por meio da fé na Sua obra consumada (Ef. 3:1-4 e II Pedro 3:3, 4, 8, 9,15).

Hoje todos os crentes deveram ter nos seus corações e nos seus lábios a mensagem que Paulo proclamou tão fielmente, e que desde então a Igreja tem tão gravemente confundido e obscurecido:

“De sorte que somos EMBAIXADORES DA PARTE DE CRISTO, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos pois DA PARTE DE CRISTO que vos reconcilieis com Deus. ÀQUELE QUE NÃO CONHECEU PECADO, O FEZ PECADO POR NÓS; PARA QUE NELE FOSSEMOS FEITOS JUSTIÇA DE DEUS” (II Cor. 5:20-21).

Foi devido à ausência continuada de Cristo que Paulo, *por revelação*, “entregou” a ceia do Senhor como uma celebração da morte do Senhor “até que Ele venha” (I Cor. 11:23, 26).

A CEIA DO SENHOR E A SALVAÇÃO

Nós já vimos que o baptismo na água, tanto antes como depois da cruz, era requerido *para a remissão de pecados* (Mar. 1:4;16:15-16; Actos 2:38). Com a ceia do Senhor dá-se o oposto pois só os *já salvos* são convidados a participar dela.

Os nossos irmãos denominacionais, assim como semelhantemente outros, certamente que deveriam reconhecer esta distinção, pois apesar de eles fazerem do baptismo um pré-requisito para se conseguir a qualidade de membro na maioria das suas igrejas, raramente fazem da ceia do Senhor um pré-requisito. Pelo contrário, a ceia do Senhor é um *privilégio* estendido apenas aos salvos; de facto, algumas vezes apenas aos *membros* de igrejas particulares.

Como todas as outras ordenanças, *porque* o baptismo na água representava uma obra *não* consumada, ele era requerido para a salvação. Ninguém podia clamar salvação sem ele. Porém contrastemos isso com a ceia do Senhor.

“PORQUE ISTO É O MEU SANGUE, O SANGUE DO NOVO TESTAMENTO, QUE É DERRAMADO POR MUITOS, PARA A REMISSÃO DOS PECADOS” (Mat. 26:28).

Apesar das palavras do Senhor à mesa não fossem completamente compreendidas, assinalam no entanto uma distinção vital entre o baptismo e a ceia do Senhor.

A CEIA DO SENHOR NUNCA IMPOSTA

O baptismo na água era uma *ordenança*; um *jugo*. Era “*imposta*”.

Heb. 9:10: “Consistindo somente em manjares, e bebidas, e VÁRIAS ABLUÇÕES (Gr. BAPTISMOIS), E JUSTIFICAÇÕES da carne, IMPOSTAS ATÉ AO TEMPO DA CORRECÇÃO”-

É por isso que Col. 2:20 diz:

“Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, porque vos CARREGAM ainda de ordenanças ...?”

E é por isso que Col. 2:9-12 revela a nossa circuncisão e baptismo como tendo sido cumpridos a nosso favor por Cristo, acrescentando:

“HAVENDO RISCADO A CÉDULA QUE ERA CONTRA NÓS NAS SUAS ORDENANÇAS, A QUAL DE ALGUMA MANEIRA NOS ERA CONTRÁRIA, E A TIROU DO MEIO DE NÓS, CRAVANDO-A NA CRUZ” (Ver.14).

Muitos pregadores têm ensinado que os filhos de Deus dever-se-iam “submeter” ao baptismo na água, mas o leitor já alguma vez ouviu alguém insistir que nos deveríamos “submeter” à ceia do Senhor? A ceia do Senhor nunca pode ser classificada com as ordenanças do Velho Testamento. Nunca foi imposta ou requerida para se ser aceite por Deus. Pelo contrário, as Escrituras apresentam-na claramente como uma *celebração*, um “*memorial*”, em que é privilégio do crente participar “todas as vezes” que ele desejar (I Cor. 11:26), não obstante ser ponto assente o facto de que ele *desejará* lembrar-se desta forma do que o Senhor fez por Ele.

A CEIA DO SENHOR UM TESTEMUNHO

Uma outra distinção remarcante entre o baptismo na água e a ceia do Senhor é que enquanto o primeiro se administrava apenas uma vez, a última é para se celebrar repetidas vezes.

Sem um mínimo de evidência nem a menor prova bíblica, é afirmado por alguns que o propósito do baptismo na água é dar testemunho da nossa morte, sepultura e ressurreição com Cristo. Mas se é assim porque é que os crentes só são baptizados uma vez? Um único testemunho é suficiente? Apenas olhando para uma pessoa poderemos dizer se ela foi baptizada ou não? Se o baptismo na água tivesse em vista algum testemunho de que o crente foi crucificado, sepultado e ressuscitado com Cristo, deveríamos ser baptizados repetidas vezes, não apenas uma vez perante um grupo apenas de pessoas.

Contudo as Escrituras ensinam claramente que a ceia do Senhor tem em vista lembrar os crentes e o mundo da morte de Cristo.

“FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM” (I Cor.11:24).

“FAZEI ISTO ... EM MEMÓRIA DE MIM” (I Cor.11:25).

“PORQUE TODAS AS VEZES QUE COMERDES ESTE PÃO E BEBERDES ESTE CÁLICE ANUNCIAS A MORTE DO SENHOR, ATÉ QUE VENHA” (II Cor. 11:26).

A CEIA DO SENHOR E A COMISSÃO DE PAULO

O baptismo *não* estava incluído na comissão especial de Paulo.

“PORQUE CRISTO ENVIOU-ME, NÃO PARA BAPTIZAR, MAS PARA EVANGELIZAR ...” (I Cor. 1:17).

O contexto não altera este facto no que quer que seja. É verdade que os Coríntios estavam inchados e eram carnisais, e que por esta razão Paulo estava contente por não ter baptizado mais crentes ali. Todavia isto não modifica, pelo contrário enfatiza o facto de que ele não foi enviado a baptizar, e os que insistem que ele *foi* enviado a baptizar,

como João Baptista e os doze foram, deveriam apresentar provas bíblicas disso.

Os nossos irmãos denominacionais, e os outros como eles, podem provar facilmente que João Baptista foi comissionado a baptizar. Podem provar facilmente que os doze foram comissionados a baptizar, mas não conseguem apresentar qualquer prova bíblica em como o baptismo na água estava incluído na grande comissão que Paulo recebeu por revelação. Se I Cor. 1:17 significa alguma coisa, significa que o baptismo na água *não* estava incluído nessa comissão. Isto não significa que Paulo tivesse errado em baptizar antes de Israel ter sido posta de parte como nação. Lembremo-nos que ele operou semelhantemente milagres, falou línguas e confirmou a mensagem de Pedro como Palavra de Deus a Israel. ³

Porém a ceia do Senhor estava incluída na comissão especial de Paulo.

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei; que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão”. Estas são as palavras com que Paulo se serve para “entregar-lhes” a eles o memorial da morte do Senhor (! Cor. 11:23). Isto era parte da mensagem distinta de Paulo.

Paulo não possuía um certo número de Evangelhos *divergentes*. Os vários aspectos das boas novas que ele proclamava eram todos parte de uma única grande mensagem progressivamente desenvolvida nas suas epístolas e chamada repetidas vezes, “o meu Evangelho”, não “os meus Evangelhos”.

Isto não nega o facto de ele ter confirmado a mensagem de Pedro. Simplesmente salienta que até no início do seu ministério a sua grande mensagem não era “o Evangelho da circuncisão”, mas “o Evangelho da *incircuncisão*” (Gál. 2:7), e que a ceia do Senhor pertence à mensagem distintamente Paulina.

A CEIA DO SENHOR E A NOSSA POSIÇÃO CELESTIAL

Francamente, é-nos muito difícil seguir a “lógica” de alguns dos nossos irmãos extremistas que arrazoam dizendo que visto a nossa posição e

bênçãos serem celestiais, não deveríamos participar da ceia do Senhor porque se trata de uma celebração física.

Dizem eles: “Imaginem um morto a comer! Imaginem uma pessoa à dextra de Deus a participar duma ceia aqui em baixo!” Porém poderá esta “lógica” aplicar-se apenas à ceia do Senhor? Imaginemos um morto, ou uma pessoa nos celestiais a dizer mentiras! Imaginemo-los a roubar! Imaginemo-los a viajar ou encarcerados como prisioneiros! Todavia Paulo, nas suas *últimas* epístolas, exorta os irmãos, cuja posição é nos celestiais, a não mentirem e a não roubarem, e refere-se às suas próprias viagens e cadeias.

Os que apresentam os argumentos atrás aludidos contra a celebração da ceia do Senhor esquecem-se simplesmente de distinguir entre a nossa posição em Cristo e o nosso estado. O apóstolo avisa contra “as ordenanças carnis (físicas)” certamente porque o mistério foi completamente revelado, pois agora qualquer requisito dos que o foram em tempos, mesmo que acrescentados ou associados à fé, causariam reflexos seriamente graves sobre a obra consumada de Cristo.

Há muitos privilégios físicos que, quando correctamente usados, são traduzidos em bênçãos espirituais.

Nós podemos *comer e beber* para a glória de Deus (Cor. 10:31).

Podemos *curvar os nossos joelhos* perante o Pai (Ef. 3:14).

Podemos *estudar usando livros físicos e uma Bíblia física* (I Tim. 4:13; II Tim. 2:15).

Podemo-nos reunir com outros santos na terra, geralmente em edifícios (Heb. 10:25; Col. 4:15).

Podemo-nos reunir em volta de *uma mesa física* e lembrarmo-nos da morte de Cristo com *comida e bebida físicas*, sendo esta mesa chamada “a mesa do Senhor” (I Cor. 10:21; 11:23-26).

“NUNCA ME SENTI MOVIDO”

Recentemente alguém avançou com o argumento para nós de que a ceia do Senhor dificilmente poderia ser para esta dispensação uma vez, como disse literalmente: “Nunca me senti movido para a mesa do Senhor”.

Mas nós estamos aqui para andarmos pelos sentimentos ou por fé, pela vontade do homem ou pela Palavra de Deus?

Muitos testificam que *ficaram* cheios de alegria e de paz quando foram batizados com água. Será que isso provará que o batismo na água se encontra incluído no programa de Deus para esta dispensação? Muitos têm sido profundamente movidos pelas batinas, pelos cânticos, pelo rosário e pelas velas de Roma. Será que isso tornará essas coisas bíblicas ou agradáveis a Deus? Com toda a certeza que não. A fé jaz apenas na Palavra de Deus escrita.

Muitos não se sentem movidos para a mesa do Senhor porque o seu verdadeiro significado não é apreciado. As Escrituras são muito contra a forma legalista com que muitos dos irmãos observam a ceia do Senhor assim como são contra a prática do batismo na água nesta dispensação. A ceia do Senhor não é uma missa. É algo infinitamente mais precioso do que isso.

PORQUÊ A CEIA DO SENHOR

Hoje todo o crente instruído regozija-se no glorioso facto de ter sido batizado pelo Espírito Santo na morte, sepultura e ressurreição de Cristo - no próprio Cristo mesmo; de ter recebido *em Cristo* uma posição nos celestiais.

Mas já ocorreu alguma vez ao leitor que para cumprir isto, o nosso Senhor foi batizado na raça humana - ao tornar-se osso dos nossos ossos e carne da nossa carne - um conosco, um *de nós* mesmo? Antes de *podermos* ser batizados na Deidade, *Ele* teve de ser batizado na humanidade. Antes de *podermos* ser batizados na Sua morte, *Ele* teve de ser batizado na *nossa* morte (Lucas 12:50). Para nos elevar da terra ao céu, para nos abençoar com todas as bênçãos espirituais, Ele teve de tomar sobre si um corpo físico, para ser ferido e chicoteado e cuspidado e crucificado.

Deus quer que nos lembremos disso. Ele quer tornar-nos mais profundamente conscientes disso e mais sinceramente gratos por isso. Foi por isso que Ele nos deu um solene e precioso memorial do Calvário. Ele quer que nos lembremos repetidas vezes por meio deste modo tangível para que

“A vós também que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou.

“NO CORPO DA SUA CARNE, PELA MORTE, para perante Ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis” (Col. 1:21-22).

E Ele não quer que *nos lembremos* somente deste estupendo facto e vivamos à sua luz - Ele também quer que nós o manifestemos aos outros.

“FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM”

“PORQUE TODAS AS VEZES QUE COMERDES ESTE PÃO E BEBERDES ESTE CÁLICE ANUNCIAS A MORTE DO SENHOR, ATÉ QUE VENHA”.

¹ Nota: a *promessa* nua de que Deus faria um novo concerto (Jer. 31:31-34) não tornou isto completamente claro. De facto, não foi antes de algum tempo depois do sangue do Novo Concerto ter sido derramado que o seu significado plena foi revelado por Paulo, “um poderosos ministro do Novo Concerto”

² É por isso que Paulo nunca é chamado ministro dos Concertos Abraâmico, Mosaico, ou Davídico, mas unicamente do Novo Concerto (II Cor. 3:5-6).

³ Deveria, contudo, ser notado que nós temos registado nas Escrituras o baptismo dos que já se regozijavam na salvação, é verdade, mas só depois da conversão de Paulo, e desnecessário será dizer, Paulo não

podia proclamar, nem proclamou, o batismo para a remissão dos pecados, como Pedro fizera antes dele.

QUESTIONÁRIO

1. No que respeita à ceia do Senhor e ao baptismo na água, onde é que os denominacionalistas e os dispensacionalistas extremistas concordam e onde é que discordam? 2. Apresente três provas em como o baptismo na água e a ceia do Senhor não pertencem, bíblicamente, à mesma classe. 3. Prove pelas Escrituras que a ceia do Senhor não é a mesma coisa que a Páscoa. 4. Qual é a relação entre o Velho Concerto e o Novo? 5. Com quem foram efectuados estes concertos? 6. Como é que ambos afectam os Gentios? 7. Em que profecia é que Deus *prometeu fazer* o Novo Concerto? 8. Quando é que o Novo Concerto foi realmente *feito*? 9. Quando é que será cumprido? 10. De que natureza eram as promessas sob o Novo Concerto? 11. Como é que entramos nas bênçãos do Novo Concerto? 12. Mostre pelas Escrituras como o baptismo na água era uma ordenança, no sentido bíblico do termo. 13. Mostre como a ceia do Senhor *não* é uma ordenança. 14. João Baptista e os doze foram *enviados* a baptizar? 15. Paulo foi *enviado* a baptizar? Mostre pelas Escrituras. 16. A ceia do Senhor estava incluída na revelação e comissão especiais de Paulo? 17. Mostre pelas Escrituras como a ceia do Senhor visa ser um testemunho. 18. Como é que responderia ao argumento de que a ceia do Senhor não é compatível com a nossa posição nos celestiais? 19. Explique porque é que Deus nos deu este “memorial” físico. 20. Até quando é que os membros do Corpo de Cristo anunciam a morte do Senhor desta forma?

FIM

*Se este livro o ajudou a compreender
mais claramente a Palavra de Deus,
porque não o divulga e espalha entre
o povo de Deus?*